



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA

Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



FRANCIELI MOTTA DA SILVA BARBOSA NOGUEIRA

***TU E VOCÊ* NA REGIÃO NORTE A PARTIR DOS DADOS DO
PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Salvador
2021

FRANCIELI MOTTA DA SILVA BARBOSA NOGUEIRA

***TU E VOCÊ NA REGIÃO NORTE A PARTIR DOS DADOS DO
PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim

Salvador
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Nogueira, Francieli Motta da Silva Barbosa
TU E VOCÊ NA REGIÃO NORTE A PARTIR DOS DADOS DO
PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL / Francieli Motta
da Silva Barbosa Nogueira. -- Salvador, 2021.
220 f.

Orientadora: Marcela Mura Torres Paim.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras, 2021.

1. Variação. 2. Dialectologia. 3. Sociolinguística.
4. Língua Portuguesa. 5. Pronomes tu e você. I. Paim,
Marcela Mura Torres. II. Título.

FRANCIELI MOTTA DA SILVA BARBOSA NOGUEIRA

***TU E VOCÊ NA REGIÃO NORTE A PARTIR DOS DADOS
DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Aprovada em 21 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Marcela Moura Torres Paim

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim – Orientadora
Universidade Federal da Bahia – UFBA/Universidade Federal Rural de Pernambuco –
UFRPE

Profa. Dra. Josane Moreira Oliveira – Examinadora interna
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Gredson dos Santos – Examinador interno
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda - Examinadora externa
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves – Examinador externo
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Dedicatória

A meu esposo, David

A meus filhos Isabella e Rafael

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me sustentado em graça e sabedoria até aqui...

A meu esposo, David, pelo amor, companheirismo, incentivo, paciência e dedicação em todos os momentos.

A meus pais, Joel e Elizabete, por terem me ensinado a lutar por cada um de meus objetivos e por estarem sempre presentes, principalmente nos momentos de “sufoco” com relação à pesquisa aqui empreendida.

Às minhas irmãs, Adriana, Laiane e Laiara, pelo apoio e compreensão de longa data.

À minha querida orientadora, professora Dra. Marcela Moura Torres Paim, por seguir comigo desde o mestrado e ser, de fato, um exemplo de orientadora. Obrigada por ter sido sempre tão prestativa, atenciosa e incentivadora.

À professora Dra. Josane Moreira de Oliveira, pela colaboração valiosíssima acerca do uso do *GoldVarb 2001*. Obrigada pela oportunidade de participar do curso e pelas diversas dúvidas esclarecidas por e-mail.

À professora Dra. Jacyra Andrade Mota e ao professor Dr. Gredson dos Santos pelas valiosíssimas contribuições no Exame de Qualificação.

Às queridas amigas Mayane e Patrícia, pelas constantes palavras de incentivo.

Aos colegas do IFBA, *Campus* Jacobina, pela compreensão quanto aos ajustes necessários para que eu pudesse conciliar o trabalho com os estudos.

À querida Ana Rita, bolsista do ALiB, sempre disponível para auxiliar em tudo o que se refere ao Projeto.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, por todo o conhecimento compartilhado.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho fosse realizado.

Muitíssimo obrigada!

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo da variação das formas pronominais *tu* e *você* na função de sujeito no português oral da região Norte do Brasil, adotando-se os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 2000) e da Sociolinguística (WEINREICH; LAVOV; HERZOG, 2006[1968]). O objetivo geral da pesquisa é, a partir dos estudos já realizados sobre a variação *tu/você*, analisar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação desses pronomes no português falado na região Norte. Busca-se analisar de que modo eles estão distribuídos nos sete estados que compõem a região Norte do país (Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Tocantins) e observar a relevância das variáveis extralinguísticas (localidade, sexo, faixa etária e escolaridade) e linguísticas (tipo de referência, tipo de questionário, tempo verbal e paralelismo) no comportamento linguístico dos falantes. Além disso, objetiva-se representar, em cartas linguísticas, o uso dos pronomes *tu* e *você*, a fim de delinear a realidade dialetal da referida região. Pretende-se, com isso, contribuir para o conhecimento da realidade linguística do Brasil, objetivo precípua do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), ao qual se vincula esta pesquisa. Nesse sentido, investigam-se essas formas pronominais em amostras de fala de informantes de duas faixas etárias – faixa 1 (18 a 30 anos) e faixa 2 (50 a 65 anos), dois sexos – masculino e feminino e, apenas nas capitais, dois níveis de escolaridade – ensino universitário e ensino fundamental, totalizando 120 informantes. Para melhor tratamento dos dados, dividiu-se o *corpus* em duas amostras, assim denominadas: 1) amostra *Ensino Fundamental*, com os informantes dos 24 pontos da região Norte apenas com esse grau de ensino e 2) amostra *Capitais*, com os informantes apenas das capitais, estratificados em dois níveis de escolaridade. Foram ouvidas e transcritas ocorrências de *tu*, *você* e *cê* registradas nas gravações do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), das Questões de Prosódia (QP), Questionário Semântico-Lexical (QSL), Questionário Morfosintático (QMS), Questões de Pragmática (QPg), Temas para Discursos Semidirigidos (TDS) e Perguntas Metalinguísticas (PM) do Projeto ALiB. Por meio da análise variacionista, realizada com o *GoldVarb 2001*, observou-se que, de modo geral, o pronome *tu* é favorecido pelos fatores linguísticos paralelismo, tipo de referência, tipo de questionário e tempo verbal, além dos extralinguísticos: faixa etária, localidade, escolaridade e sexo.

Palavras-chave: Variação. Dialectologia. Sociolinguística. Língua Portuguesa. Pronomes *tu* e *você*.

ABSTRACT

This thesis presents a study of the variation of the pronominal forms *tu* and *você* in the function of subject in oral Portuguese in Northern Brazil, adopting the theoretical-methodological assumptions of Pluridimensional Dialectology (THUN, 2000) and Sociolinguistics (WEINREICH; LAVOV; HERZOG, 2006[1968]). The general objective of the research is, from the studies already made on the use of *tu/você* variation, to analyze the linguistic and social factors that condition the variation of these pronouns in the spoken Portuguese in the North region. It seeks to analyze how they are distributed in the seven states that make up the northern region of the country (Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia and Tocantins) and observe the relevance of extralinguistic variables (location, sex, age group and schooling) and linguistic (type of reference, type of questionnaire, tense and parallelism) in the linguistic behavior of the speakers. In addition, the objective is to represent, in linguistic maps, the use of the pronouns *tu* and *você*, in order to delineate the dialectal reality of that region. It is intended, with this, to contribute to the knowledge of the linguistic reality of Brazil, also the main goal of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB), to which this research is linked. In this sense, these pronoun forms are investigated in speech samples of informants of two age groups - age group 1 (18 to 30 years) and age group 2 (50 to 65 years), two sexes - male and female and, only in the capitals, two levels of education - university education and elementary education, totaling 120 informants. For better treatment of the data, the *corpus* was divided into two samples, so named: 1) Elementary Education sample, with informants from the 24 points in the North region only with this degree of education and 2) Capital sample, with informants only from capitals, stratified in two levels of education. Cases of *tu*, *você* and *cê* were heard and transcribed recorded in the recordings of the Phonetic-Phonological Questionnaire, Prosody Questions, Semantic-Lexical Questionnaire, Morphosyntactic Questionnaire, Pragmatic Questions, Themes for Semi-Directed Speeches and Metalinguistic Questions of the ALiB Project. Through the variational analysis, carried out with *GoldVarb 2001*, it was observed that, in general, the pronoun *tu* is favored by parallel linguistic factors, type of reference, type of questionnaire and verbal tense, in addition to extralinguistic factors: age group, location, education and sex.

Keywords: Variation. Dialectology. Sociolinguistics. Portuguese language. Pronoun forms.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Acre
ALAP	Atlas Linguístico do Estado do Amapá
ALE	<i>Atlas Linguarum Europae</i>
ALECE	Atlas Linguístico do Ceará
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
ALF	<i>Atlas Linguistique de la France</i>
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiR	<i>Atlas Linguistique Roman</i>
ALiSPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Pará
ALMS	Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
AM	Amazonas
AP	Amapá
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
BDI	Banco de Dados Interacionais
CIC	Comissão de Informática e Cartografia
DID	Diálogo entre Informante e Documentador
D2	Diálogo entre dois informantes
EALMG	Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais
EF	Eloquções Formais
FAMAC	Fala Manauara Culta
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF.	Informante
INQ.	Inquiridor
LANE	<i>Linguistic Atlas of New England</i>
NORPOFOR	Norma Oral do Português Popular de Fortaleza
NURC	Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta

PA	Pará
PEUL	Programa de Estudos sobre os Usos da Língua
PM	Perguntas Metalinguísticas
PORCUFORT	Português Culto de Fortaleza
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QMT	Questões Metalinguísticas
QP	Questões de Prosódia
QPg	Questões de Pragmática
QSL	Questionário Semântico-Lexical
RO	Rondônia
RR	Roraima
TDS	Temas para Discursos Semidirigidos
TO	Tocantins
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
VARBRUL	<i>Variable Rules Analysis</i>

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1:	Carta 12 do ALPR – designações para <i>estrela-d'alva</i>	33
Figura 2:	Carta 22 do EALMG – designações para <i>estrela cadente</i>	34
Figura 3:	Divisão dos subfalares brasileiros – Proposta de Antenor Nascentes (1953)	38
Figura 4:	Carta M02: Tratamento do interlocutor (com <i>tu</i> ou <i>você</i>) nas capitais	102
Figura 5:	Localização do município de Oiapoque, no estado do Amapá	108
Figura 6:	Localização do município de Macapá, no estado do Amapá	110
Figura 7:	Localização do município de Boa Vista, no estado de Roraima	111
Figura 8:	Localização do município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas	113
Figura 9:	Localização do município de Tefé, no Amazonas	114
Figura 10:	Localização do município de Manaus, no Amazonas	116
Figura 11:	Localização do município de Benjamin Constant, no Amazonas	117
Figura 12:	Localização do município de Humaitá, no Amazonas	118
Figura 13:	Localização do município de Soure, no Pará	119
Figura 14:	Localização do município de Óbidos, no Pará	120
Figura 15:	Localização do município de Almeirim, no Pará	122
Figura 16:	Localização do município de Belém, no Pará	123
Figura 17:	Localização do município de Bragança, no Pará	124
Figura 18:	Localização do município de Altamira, no Pará	126
Figura 19:	Localização do município de Marabá, no Pará	127
Figura 20:	Localização do município de Jacareacanga, no Pará	128
Figura 21:	Localização do município de Conceição do Araguaia, no Pará	129
Figura 22:	Localização do município de Itaituba, no Pará	130
Figura 23:	Localização do município de Cruzeiro do Sul, no Acre	132
Figura 24:	Localização do município de Rio Branco, no Acre	133
Figura 25:	Localização do município de Porto Velho, em Rondônia	134
Figura 26:	Localização do município de Guajará Mirim, em Rondônia	135
Figura 27:	Localização do município de Pedro Afonso, em Tocantins	137
Figura 28:	Localização do município de Natividade, em Tocantins	138
Figura 29:	Carta VI do Atlas Linguístico do Brasil: rede de pontos da Região Norte	145
Figura 30:	Distribuição dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> na região Norte: dados do	169

Projeto ALiB

Figura 31:	Distribuição dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> nas capitais da região Norte: dados do Projeto ALiB	188
Figura 32:	Seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa <i>você</i> e <i>tu</i> no português brasileiro	205
Figura 33:	Distribuição diatópica das variantes para o pronome sujeito na região Norte: dados do Projeto ALiB (<i>corpus</i> completo)	206
Quadro 1:	Formas de tratamento no século XX no Brasil	63
Quadro 2:	Distribuição dos informantes da região Norte, por célula social	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Totais de referência à segunda pessoa nos <i>corpora</i> analisados	76
Gráfico 2:	Variação <i>tu/você, cê, senhora(a)</i> em Guimarães (2014)	78
Gráfico 3:	Distribuição geral dos dados em Silva (2019)	82
Gráfico 4:	Totais de referência à segunda pessoa na região Norte – dados do Projeto ALiB: frequência geral (dados globais)	161
Gráfico 5:	Totais de referência à segunda pessoa considerados na análise: <i>tu x você</i>	162
Gráfico 6:	Totais de referência à segunda pessoa na região Norte: dados dos informantes apenas com Ensino Fundamental	164
Gráfico 7:	Percentuais obtidos para os pronomes <i>tu e você</i>	165
Gráfico 8:	Cidades da região Norte que favorecem o uso do pronome <i>tu</i> : dados do Projeto ALiB	166
Gráfico 9:	Cidades da região Norte que apresentam pesos baixos para o uso do pronome <i>tu</i> : dados do Projeto ALiB	167
Gráfico 10:	Cidades em que o pronome <i>tu</i> é favorecido pelos informantes das duas faixas etárias: dados do Projeto ALiB	173
Gráfico 11:	Cidades em que o pronome <i>tu</i> é favorecido apenas pelos informantes da faixa I: dados do Projeto ALiB	175
Gráfico 12:	Cidades em que o pronome <i>tu</i> é favorecido apenas pelos informantes da faixa II: dados do Projeto ALiB	175
Gráfico 13:	Cidades em que o pronome <i>tu</i> é desfavorecido pelos informantes das duas faixas etárias: dados do Projeto ALiB	176
Gráfico 14:	Totais de referência à segunda pessoa na região Norte: dados dos informantes das capitais	187
Gráfico 15:	Totais de referência à segunda pessoa na região Norte: dados das capitais	187
Gráfico 16:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo a faixa etária dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	180
Gráfico 17:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o nível de escolaridade dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	180
Gráfico 18:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o sexo dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Formas de tratamento entre pais e filhos em Belém – PA	67
Tabela 2:	Referências à segunda pessoa em Tefé, Martins (2010)	68
Tabela 3:	Uso do <i>tu</i> cruzando-se os grupos de fatores gênero/sexo e grau de intimidade do falante com o interlocutor em Martins (2010)	70
Tabela 4:	Resultados gerais de Herênio (2006)	72
Tabela 5:	Totais de referência à segunda pessoa em Alves (2012)	73
Tabela 6:	Ocorrências de <i>tu</i> de acordo com a localidade em Alves (2012)	74
Tabela 7:	Totais de referências à segunda pessoa em Salvador e em Feira de Santana – Ba	76
Tabela 8:	Totais de referência à segunda pessoa em Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010)	85
Tabela 9:	Efeito do tipo de relação entre os interlocutores sobre o uso do <i>tu</i> em Lucca (2005)	86
Tabela 10:	Sexo do falante e frequência de <i>tu</i> em Dias (2007) e Andrade (2010)	87
Tabela 11:	Distribuição dos pronomes de 2ª pessoa nos <i>corpora</i> investigados	89
Tabela 12:	Influência do fator sexo do informante no uso do pronome <i>tu</i>	89
Tabela 13:	Totais de ocorrências de <i>tu</i> e <i>você</i> em Modesto (2006)	91
Tabela 14:	Frequência e peso relativo das formas <i>tu</i> e <i>você</i> em função do fator monitoramento em Modesto (2006)	91
Tabela 15:	Detalhamento da amostra de Silva (2017)	94
Tabela 16:	Distribuição de <i>tu/você</i> por sexo e faixa etária nas capitais do Sul do Brasil: dados de Loregian-Penkall (2004)	96
Tabela 17:	Alternância <i>tu/você</i> por localidade em Loregian-Penkall (2004)	97
Tabela 18:	Síntese dos estudos realizados sobre a variação <i>tu/você</i> nas cinco regiões brasileiras	100
Tabela 19:	O uso do pronome <i>tu</i> na região Norte, segundo a distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB	165
Tabela 20:	O uso do pronome <i>tu</i> na região Norte, segundo o sexo dos informantes: dados do Projeto ALiB	171
Tabela 21:	O uso do pronome <i>tu</i> na região Norte, segundo a faixa etária dos informantes: dados do Projeto ALiB	172
Tabela 22:	O uso do pronome <i>tu</i> na região Norte, segundo a faixa etária dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	172
Tabela 23:	Influência do fator paralelismo sobre o uso do pronome <i>tu</i>	178
Tabela 24:	Influência do fator tipo de referência sobre o uso do pronome <i>tu</i>	180

Tabela 25:	Resultados da variável tipo de referência sobre o pronome <i>tu</i> em pesquisas sociolinguísticas	180
Tabela 26:	Influência do fator tipo de questionário sobre o uso do pronome <i>tu</i>	182
Tabela 27:	Uso do <i>tu</i> em gravações conscientes e ocultas em Tefé/AM	185
Tabela 28:	Distribuição dos dados em função do fator situação discursiva	185
Tabela 29:	Influência do fator tempo verbal sobre o uso do pronome <i>tu</i>	186
Tabela 30:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo a distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB	188
Tabela 31:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo a faixa etária dos informantes: dados do Projeto ALiB	190
Tabela 32:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo a faixa etária dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	191
Tabela 33:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o nível de escolaridade dos informantes: dados do Projeto ALiB	192
Tabela 34:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o nível de escolaridade dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	193
Tabela 35:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o sexo dos informantes: dados do Projeto ALiB	194
Tabela 36:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o sexo dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB	195
Tabela 37:	Uso de <i>tu</i> por sexo/gênero do falante	196
Tabela 38:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o fator paralelismo: dados do Projeto ALiB	197
Tabela 39:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o fator tipo de referência: dados do Projeto ALiB	190
Tabela 40:	O uso do pronome <i>tu</i> nas capitais da região Norte, segundo o tipo de questionário: dados do Projeto ALiB	191

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
1.1	A DIALETOLOGIA E A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA	22
1.1.1	Breve histórico da Dialectologia	22
1.1.2	Dialectologia e Geolinguística: algumas considerações	27
1.1.3	Estudos dialetais no Brasil	35
1.1.3.1	<i>Fases dos estudos dialetais</i>	36
1.1.3.2	<i>Atlas regionais já publicados</i>	40
1.2	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	47
1.2.1	O sistema entre a variação e a mudança linguística	47
1.2.2	Aspectos metodológicos da investigação Sociolinguística	53
1.2.3	Algumas considerações	56
2	PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS	58
2.1	PERCURSO HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAL	58
2.2	OS PRONOMES <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E GEOLINGUÍSTICOS	65
2.2.1	Região Norte	66
2.2.1.1	<i>Soares e Leal (1993)</i>	66
2.2.1.2	<i>Martins (2010)</i>	67
2.2.1.3	<i>Babilônia e Martins (2011)</i>	70
2.2.2	Região Nordeste	72
2.2.2.1	<i>Herênio (2006)</i>	72
2.2.2.2	<i>Alves (2012)</i>	73
2.2.2.3	<i>Nogueira (2013)</i>	75
2.2.2.4	<i>Guimarães (2014)</i>	77
2.2.2.5	<i>Vitório (2018)</i>	79
2.2.2.6	<i>Guimarães (2019)</i>	80
2.2.2.7	<i>Silva (2019)</i>	82
2.2.3	Região Centro-Oeste	84
2.2.3.1	<i>Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010)</i>	84
2.2.4	Região Sudeste	88
2.2.4.1	<i>Paredes Silva (2003)</i>	88
2.2.4.2	<i>Modesto (2006)</i>	90
2.2.4.3	<i>Mota (2008)</i>	92
2.2.4.4	<i>Silva (2017)</i>	93
2.2.5	Região Sul	95
2.2.5.1	<i>Loregian-Penkal (2004)</i>	95
2.2.5.2	<i>Franceschini (2011)</i>	98
2.2.6	Síntese dos estudos	99

3	AS LOCALIDADES INVESTIGADAS: VISÃO PANORÂMICA	105
3.1	A REGIÃO NORTE	105
3.2	AS LOCALIDADES	107
3.2.1	Amapá	107
3.2.1.1	<i>Oiapoque</i>	107
3.2.1.2	<i>Macapá</i>	108
3.2.2	Roraima	110
3.2.2.1	<i>Boa Vista</i>	110
3.2.3	Amazonas	112
3.2.3.1	<i>São Gabriel da Cachoeira</i>	112
3.2.3.2	<i>Tefé</i>	113
3.2.3.3	<i>Manaus</i>	115
3.2.3.4	<i>Benjamin Constant</i>	116
3.2.3.5	<i>Humaitá</i>	117
3.2.4	Pará	118
3.2.4.1	<i>Soure</i>	118
3.2.4.2	<i>Óbidos</i>	119
3.2.4.3	<i>Almeirim</i>	121
3.2.4.4	<i>Belém</i>	122
3.2.4.5	<i>Bragança</i>	124
3.2.4.6	<i>Altamira</i>	125
3.2.4.7	<i>Marabá</i>	126
3.2.4.8	<i>Jacareacanga</i>	127
3.2.4.9	<i>Conceição do Araguaia</i>	128
3.2.4.10	<i>Itaituba</i>	129
3.2.5	Acre	130
3.2.5.1	<i>Cruzeiro do Sul</i>	131
3.2.5.2	<i>Rio Branco</i>	132
3.2.6	Rondônia	133
3.2.6.1	<i>Porto Velho</i>	133
3.2.6.2	<i>Guajará Mirim</i>	134
3.2.7	Tocantins	135
3.2.7.1	<i>Pedro Afonso</i>	135
3.2.7.2	<i>Natividade</i>	137
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS GERAIS	139
4.1	BREVE HISTÓRICO E ORGANIZAÇÃO DO PROJETO ALiB	139
4.2	OBJETIVOS DO PROJETO ALiB E PANORAMA ATUAL	141
4.3	OS QUESTIONÁRIOS, OS INFORMANTES E A REDE DE PONTOS	142
4.4	O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	145
4.5	A COLETA DE DADOS	146
4.6	A VARIÁVEL DEPENDENTE	147
4.7	AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	147
4.7.1	As variáveis extralinguísticas	147

4.7.1.1	<i>Variável geolinguística: distribuição diatópica</i>	147
4.7.1.2	<i>Variáveis sociais</i>	148
4.7.1.2.1	Sexo	148
4.7.1.2.2	Faixa etária	149
4.7.1.2.3	Escolaridade	150
4.7.2	Variáveis linguísticas	151
4.7.2.1	<i>Tipo de referência</i>	151
4.7.2.2	<i>Tipo de questionário</i>	152
4.7.2.3	<i>Tempo verbal</i>	154
4.7.2.4	<i>Paralelismo linguístico</i>	155
4.7.3	O GoldVarb 2001 e a análise de regras variáveis	159
5	ANÁLISE DOS DADOS	161
5.1	OBSERVAÇÃO GERAL	161
5.1.1	Comentário sobre as rodadas estatísticas	162
5.2	AMOSTRA ENSINO FUNDAMENTAL	164
5.2.1	As variáveis extralinguísticas	165
5.2.1.1	<i>Distribuição diatópica</i>	165
5.2.1.2	<i>Sexo</i>	170
5.2.1.3	<i>Faixa etária</i>	171
5.2.2	As variáveis linguísticas	177
5.2.2.1	<i>Paralelismo linguístico</i>	177
5.2.2.2	<i>Tipo de referência</i>	180
5.2.2.3	<i>Tipo de questionário</i>	182
5.2.2.4	<i>Tempo verbal</i>	186
5.3	AMOSTRA CAPITAIS	186
5.3.1	As variáveis extralinguísticas	188
5.3.1.1	<i>Distribuição diatópica</i>	188
5.3.1.2	<i>Faixa etária</i>	189
5.3.1.3	<i>Escolaridade</i>	192
5.3.1.4	<i>Sexo</i>	194
5.3.2	As variáveis linguísticas	197
5.3.2.1	<i>Paralelismo linguístico</i>	197
5.3.2.2	<i>Tipo de referência</i>	200
5.3.2.3	<i>Tipo de questionário</i>	201
5.4	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	205
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
	REFERÊNCIAS	213

INTRODUÇÃO

A variação entre os pronomes de segunda pessoa tem sido estudada em todo o país e os resultados das pesquisas revelam que o falante do Português Brasileiro (doravante PB) conta com seis formas para se dirigir ao interlocutor, seja de forma direta (referência direta ou específica) ou de forma indireta (referência indefinida ou arbitrária): *você*, *ocê*, *cê*, *tu*, *o(a) senhor(a)* e a forma nula. Revelam, ainda, que a alternância entre os usos decorre de fatores espaciais e sociais, como o sexo, a faixa etária, o nível de escolaridade do falante, além de fatores linguísticos.

A depender da área geográfica, qualquer uma das seis formas *você*, *ocê*, *cê*, *tu*, *o(a) senhor(a)* e a forma nula pode ter emprego diferenciado. Segundo Scherre et al. (2015), o pronome *você* pleno e explícito tem uso sistematicamente mais generalizado que o pronome *tu* por ter um uso essencialmente não marcado. Sobre o *você*, os autores afirmam que pode apresentar pelo menos:

1. uso marcado, alternando com o pronome “*cê*” (a exemplo da região Sudeste, em Vitória/ES e em São Paulo/SP) e/ou com o pronome “*tu*” (a exemplo do Rio de Janeiro/RJ; e da variedade brasiliense, em processo de focalização dialetal, na região Centro-Oeste);
2. uso mais marcado, alternando com os pronomes “*cê*” ou “*ocê*” (a exemplo de algumas áreas do interior de Minas Gerais e Goiás ou com o pronome “*tu*” (a exemplo da região Nordeste);
3. uso como forma de contato, logo substituído pelo pronome “*tu*” com concordância baixa (a exemplo do interior do Amazonas, na cidade de Tefé, região Norte; e também no Rio de Janeiro);
4. uso estranho à comunidade local, em que predomina o uso natural do pronome “*tu*”, na maior parte das vezes sem concordância, que, por sua vez, pode alternar com o pronome “*tu*” com concordância em situação de mais formalidade, a exemplo do Rio Grande do Sul, na região Sul);
5. uso também estranho à comunidade local, em áreas rurais, com baixa frequência, em que predomina o uso do pronome “*cê*” (Vale do Gurutuba, no centro-norte de Minas Gerais; e Pombal, no centro de Goiás) ou dos pronomes “*cê*” e “*ocê*” (São Francisco, no norte de Minas Gerais; e Arcos, no Centro-oeste de Minas Gerais). (SCHERRE et al., 2015, p. 170)

O pronome *tu*, por sua vez, pode ser de uso extremamente natural, como marca identitária da comunidade, em inúmeras localidades, com possibilidade de concordância em maior ou menor grau, a depender da formalidade da interação, da escolaridade do falante, entre outros fatores.

Scherre et al. (2015) apresentam um mapeamento dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* no PB, por região e por estado, a partir de diversos estudos, em sua maioria sociolinguísticos, e propõem uma divisão em seis subsistemas:

1. Subsistema **só você**: uso exclusivo das formas “*você/ocê/cê*”;
2. Subsistema **mais tu com concordância baixa**: uso médio de “*tu*” acima de 60% com concordância abaixo de 10%;
3. Subsistema **mais tu com concordância alta**: uso médio de “*tu*” acima de 60% com concordância entre 40 e 60%;
4. Subsistema **tu/você com concordância baixa**: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%;
5. Subsistema **tu/você com concordância média**: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%;
6. Subsistema **você/tu**: “*tu*” de 1% a 90% sem concordância. (SCHERRE et al., 2015, p. 138)

No que se refere à região Norte, os estudos analisados revelam que o estado de Tocantins apresenta pelo menos dois subsistemas: subsistema **só você**, mais ao sul, na fronteira com Goiás; e **tu/você** com concordância baixa (menos de 10%), ao norte. O estado do Pará apresenta o subsistema **tu/você** com concordância alta (entre 40% e 60%), em Belém¹. Já o estado do Amazonas apresenta pelo menos dois subsistemas: a cidade de Tefé exhibe o subsistema **mais tu com concordância baixa** (menos de 10%) e Manaus, a capital, exhibe o subsistema **tu/você com concordância baixa** (entre 10% e 39%). Sobre os estados de Roraima e do Acre, afirmam ser representantes do subsistema **você/tu sem concordância**.

Apesar dos estudos relativos à região Norte sistematizados por Scherre et al. (2015)², percebe-se que ainda há muitas localidades dessa região a serem pesquisadas, e é o que esta pesquisa se propôs a fazer a partir do acervo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. O trabalho visa responder à seguinte questão: como os falantes dos sete estados que compõem a região Norte tratam o seu interlocutor?

Pautando-se nos princípios teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 2000) e da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), esta pesquisa apresenta uma descrição da fala dos estados que compõem a região Norte do Brasil, a fim de se obter um retrato sincrônico da variação entre os pronomes *tu* e *você*, tanto na sua distribuição espacial quanto social, analisando-se os aspectos diasssexuais, diageracionais e diastráticos, além dos aspectos linguísticos..

O cenário da pesquisa é um recorte da rede de pontos do Projeto ALiB, constituído pelos dados obtidos nas 24 localidades que compõem a região Norte, totalizando 120 informantes, distribuídos de forma equitativa entre ambos os sexos e duas faixas etárias (18 a

¹ Scherre et al. (2015) inserem esse dado como informação extra.

² Campos (2006), Alves (2010;2012), Babilônia e Martins (2011), Martins (2010).

30 anos e 50 a 65 anos), com distribuição regular entre dois níveis de escolaridade nas capitais. A fim de estabelecer um melhor tratamento dos dados e observar de forma mais acurada a atuação do fator grau de escolaridade, optou-se por separar a amostra da seguinte forma: 1) *Amostra Ensino Fundamental*, em que são analisados, primeiramente, os dados dos informantes das 24 localidades apenas do ensino fundamental (96 entrevistas); e 2) *Amostra Capitais* – são analisados os dados das capitais, com informantes com os dois graus de ensino: ensino fundamental e ensino universitário completo (48 entrevistas).

O objetivo geral da pesquisa é, a partir dos estudos já realizados sobre a variação *tu/você*, analisar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação desses pronomes no português falado na região Norte. Definiram-se, como norteadores da pesquisa, os seguintes objetivos específicos: descrever o uso das formas *tu* e *você* em todos os municípios da região Norte que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB; analisar a relevância das variáveis extralinguísticas, localidade, sexo, faixa etária e escolaridade, no comportamento linguístico dos falantes com relação ao uso dos pronomes *tu* e *você*; analisar a relevância das variáveis linguísticas tipo de referência, tipo de questionário, tempo verbal e paralelismo linguístico como favorecedoras, ou não, das formas *tu* e *você*; representar, em cartas linguísticas, o uso dos pronomes *tu* e *você*, a fim de delinear a realidade dialetal da região Norte; e analisar as ocorrências dos pronomes *tu* e *você*, por estado e por localidade, a fim de verificar quais subsistemas apresentam.

Tomando por base a heterogeneidade sociocultural brasileira, acredita-se que os usos dos pronomes em estudo se apresentam de modo diferenciado entre as localidades analisadas, tanto no que se refere à sua distribuição espacial, quanto no que tange aos aspectos diasssexuais, diastráticos e diageracionais.

A partir das pesquisas já desenvolvidas sobre a variação *tu/você* nas regiões Norte (MARTINS, 2010; BABILÔNIA e MARTINS, 2011), Nordeste (ALVES, 2010; NOGUEIRA, 2013; GUIMARÃES, 2014; GUIMARÃES, 2019; SILVA, 2019), Centro-Oeste (DIAS, 2007; ANDRADE, 2010), Sudeste (PAREDES SILVA, 2003; MODESTO, 2006; SILVA, 2017) e Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCESCHINI, 2011) e levando em consideração as especificidades do questionário do Projeto ALiB, estabeleceram-se as seguintes hipóteses: 1) as mulheres lideram o uso do pronome *tu*; 2) o pronome *tu* seria mais usual entre os falantes mais jovens; 3) informantes com nível universitário utilizariam mais a variante considerada padrão pelas gramáticas tradicionais e os falantes menos escolarizados liderariam o uso da variante *você*; 4) o pronome *tu* predomina nas referências específicas e o pronome *você*, nas genéricas; 5) o pronome *você* é favorecido pelo

questionários morfossintático, fonético-fonológico e pelas questões de pragmática e de prosódia, ao passo que o pronome *tu* seria mais frequente nas respostas elaboradas para os temas de discurso semidirigido e perguntas metalinguísticas; 6) o pronome *tu* é favorecido nos contextos cujos verbos não estejam no passado; 7) o pronome *tu* é favorecido por outro *tu* precedente.

Como expõe Paim (2019), a pesquisa geolinguística permite que se apontem características e tendências linguístico-culturais importantes para o registro e o resgate da identidade cultural, uma vez que a linguagem assume o papel de principal produto da cultura e, ao mesmo tempo, o principal instrumento de sua transmissão. Assim, este estudo tem como tarefa contribuir para o cumprimento do principal objetivo do Projeto ALiB, que é descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas.

Expostas as perspectivas que se desejam alcançar, explicitam-se, adiante, os conteúdos que este trabalho apresenta, bem como sua organização ao longo dos capítulos que se seguem.

O primeiro deles, *Bases teóricas para a investigação*, versa sobre os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa. Apresenta, brevemente, o histórico da Dialectologia e um panorama dos estudos dialetais desenvolvidos no Brasil, com informações acerca dos atlas regionais já publicados e, em seguida, trata da Sociolinguística Variacionista. Busca-se delimitar as disciplinas, trazendo dados acerca de seus históricos, objetivos e principais aspectos teórico-metodológicos.

O Capítulo 2, intitulado *Pronomes e formas de tratamento em português*, aborda um breve histórico das formas de tratamento, com o intuito de compreender a realidade pronominal de segunda pessoa do singular encontrada no PB atual. Em seguida, traça um panorama dos estudos sociolinguísticos e geolinguísticos já realizados sobre a referência à segunda pessoa em cada uma das regiões do país.

Em seguida, em *As localidades investigadas: visão panorâmica*, empreende-se uma contextualização histórico-geográfica da região estudada.

O quarto capítulo, *Aspectos metodológicos gerais*, trata dos procedimentos metodológicos adotados para a realização da investigação linguística. Apresentam-se os dados gerais do Projeto ALiB e descrevem-se: (i) o *corpus* da pesquisa, dando informações sobre os questionários utilizados; (ii) a rede de pontos; e (iii) os informantes. Além disso, expõem-se informações sobre o levantamento dos dados, definem-se as variantes e variáveis investigadas, e apresenta-se o suporte estatístico utilizado para a análise quantitativa dos dados.

O capítulo 5, *Análise dos dados*, volta-se à apresentação e à discussão dos resultados encontrados. Primeiramente, traz uma visão geral, de todos os dados em conjunto, com comentários acerca das rodadas estatísticas empreendidas e, em seguida, analisam-se os dados de maneira separada: em um primeiro momento, os dados dos informantes de todas as localidades apenas com ensino fundamental e, em seguida, os dados relativos aos informantes das capitais. Demonstrem-se, também, os resultados em cartogramas.

Por fim, seguem as considerações finais e a lista de referências utilizadas na pesquisa.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem como alvo principal os pressupostos teóricos que orientam a observação da variação dos pronomes *tu* e *você* na região Norte do Brasil.

Nesse sentido, traça, brevemente, históricos da Dialetoлогия e da Sociolinguística Variacionista, “ciências da variação”, apresentando seus objetivos, métodos e preocupações centrais.

1.1 A DIALETOLOGIA E A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA

1.1.1 Breve histórico da Dialetoлогия

É possível compreender a Dialetoлогия como ramo da Linguística que se ocupa, prioritariamente, da observação dos usos linguísticos concretos no eixo espacial. A fim de compreender seus objetivos e métodos, além de entender como se articulam, contemporaneamente, necessita-se retroceder a alguns momentos de sua trajetória.

A observação da diversidade de usos que as línguas apresentam perpassa a história das civilizações em diversos momentos, muito antes do início dos estudos dialetais e não constitui interesse apenas da ciência da linguagem, como expõem Chambers e Trudgill (1994):

Entre as observações mais superficiais que os seres humanos fazem diariamente estão aquelas que se referem às diferenças dialetais. [...] Entre os linguistas, as observações desse tipo são tão frequentes que, às vezes, impedem a comunicação normal em assuntos não linguísticos. Mas não são patrimônio apenas dos linguistas. De fato, é provável que as diferenças dialetais tenham sido temas de conversas desde que as pessoas começaram a se comunicar.³ (Tradução nossa).

No curso da história, diversos fatos atestam que atitudes extralinguísticas evidenciam, em alguns momentos, uma preocupação de natureza diatópica e, em outros, uma percepção da variação atrelada à diversidade sociocultural.

³ Entre las observaciones más típicas que los seres humanos hacen a diario se encuentran aquellas que se refieren a las diferencias dialectales. [...] Entre los lingüistas, son tan frecuentes las observaciones de este tipo que a veces impiden la comunicación normal sobre temas no lingüísticos. Pero no son sólo patrimonio de los lingüistas. De hecho, es probable que las diferencias dialectales hayan sido temas de conversación desde que la gente empezó a comunicarse. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 35)

Sobre isso, Cardoso (2010) destaca alguns textos bíblicos que, desprovidos de preocupação linguístico-científica, apresentam passagens que demonstram tanto o conhecimento da diversidade de línguas, como o da diversidade de usos. Em Gênesis 11:1, tem-se que “toda a terra tinha uma só língua, e servia-se das mesmas palavras”; mais adiante, afirma que as pessoas já não se compreendiam porque “[...] ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sobre a face de toda a terra”. Já no livro de Juízes, observa-se a percepção da diversidade de usos e a definição de uma variante, que depois é usada como instrumento de controle militar. A pronúncia da palavra *Chibólet* (espiga de milho) servia para identificar os efraimitas infiltrados entre os gaaladitas, como se registra em Juízes 12:5-6:

Galaad ocupou os vaus do Jordão, e cada vez que um fugitivo de Efraim queria passar, perguntavam-lhe: És tu efraimita? Ele respondia: Não. Pois bem, diziam eles então, dize: Chibólet. E ele dizia Sibólet, não podendo pronunciar corretamente. Prendiam-no logo e o degolavam junto dos vaus do Jordão.

Na perspectiva dos estudos linguísticos, a pluralidade de usos intrínseca às línguas foi observada em textos como o *Appendix Probi* (entre 200 e 320 d. C.) e a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira. O primeiro, composto por uma listagem de palavras no latim, informa como estas deveriam ser pronunciadas, recomendando o uso canônico, a despeito da variedade considerada desprestigiada. O segundo apresenta descrição das variedades do português no século XVI, destacando fatos geolinguísticos e sociolinguísticos, ou seja, já no século XVI Fernão de Oliveira reconhece a diversidade da língua portuguesa, relacionando-a a fatores sociais.

Embora o sentimento da diversidade já estivesse presente ao longo da história das civilizações, o desenvolvimento de uma disciplina voltada, prioritariamente, para as relações entre realidade linguística e espaço geográfico remonta a fins do século XVIII, bem como início do século XIX. Segundo Pop (1950, p. XVII), no final do século XVIII “os dialetos se tornaram, de maneira constante, objeto da atenção dos linguistas”, de modo que foram desenvolvidos inúmeros trabalhos⁴ voltados à descrição das línguas vernáculas.

Até a segunda metade do século XIX, as descrições de áreas dialetais eram “intuitivas e fortuitas [...] inadequadas diante dos grandes avanços da filologia e de outros estudos das

⁴ A título de ilustração, têm-se o *Glossarium Quiogothicum* (1769), de J. Ihre e uma enquete realizada na França pelo abade Grégoire (1790), a fim de conhecer os *patois*.

línguas” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 37) e, somente nos finais desse mesmo século, surge uma série de princípios metodológicos que vão orientar a geografia linguística.

Segundo Coseriu (1965),

[...] a expressão “geografia linguística” designa, exclusivamente, um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos e aos falantes estudados.⁵ (Tradução nossa).

A geografia linguística surge em resposta a uma afirmação teórica dos *neogramáticos*, cujas ideias foram propagadas no final do século XIX. Em oposição aos estudos histórico-comparativos, que buscavam estabelecer o parentesco das línguas, e à concepção de língua como “organismo vivo”, de Schleicher, esses linguistas visavam criar uma teoria geral da mudança linguística, a partir da formulação de leis rígidas para a explicação da mudança sonora. Para eles, as mudanças eram absolutamente regulares, “afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente, em todas as palavras, não admitindo exceções” (FARACO, 2011, p. 35). Caso houvesse alguma exceção, explicava-se que a regra ainda não havia sido encontrada, alegavam-se empréstimos vocabulares de outras línguas ou, ainda, lançava-se mão da analogia⁶.

A metodologia da geografia linguística entra em cena e, consoante Chambers e Trudgill (1994), seus resultados imediatos descartaram qualquer pressuposto sobre a ausência de exceções nas mudanças fonéticas, pois revelaram uma heterogeneidade anteriormente inimaginável. Diversos estudos empíricos mostraram que uma unidade sonora pode mudar de forma diferente de uma palavra para outra, demonstrando, assim, que “a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico, quanto no interior do vocabulário, sendo isso decorrência do fato de as condições de uso e que cada palavra se

⁵ [...] la expresión “geografía lingüística” designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo [...] que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados. (COSERIU, 1965, p. 5).

⁶ Entendida como “a alteração na forma fonética de certos elementos duma língua por interveniência de seus paradigmas gramaticais regulares” (FARACO, 2011, p. 35).

encontra não serem iguais” (FARACO, 2011, p. 38). Dessa forma, o fenômeno da variação linguística se mostrou muito mais complexo e dinâmico do que sugeriam os neogramáticos.

Embora o número de linguistas que teceram fortes críticas aos neogramáticos tenha sido grande, faz-se necessário destacar o austríaco Hugo Schuchardt, que abriu caminho para uma nova postura nos estudos das línguas românicas: “o estudo da variação linguística no espaço (dialetoлогия) e sua importância para a compreensão da mudança no tempo” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 32). Mattos e Silva (2008) afirma ainda que:

Schuchardt, partindo da fala e não mais da escrita, admite, contrariamente aos neogramáticos, que a mudança dos sons segue várias direções. Com isso, critica as abstrações generalizantes dos neogramáticos e admite que “cada palavra tem sua história”. Além disso, [...] vai introduzir na preocupação dos linguistas a observação do contato entre línguas diversas [...]. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 32, 33)

Os estudos dialetológicos propriamente ditos têm início em um momento em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada pelo incipiente desenvolvimento da rede de estradas e pela dificuldade de comunicação e interação à distância, com a tarefa de observar a fala de localidades mais isoladas e sujeitos pouco alfabetizados, por acreditar que assim se chegaria ao conhecimento de estágios anteriores da língua.

Destarte, é no final do século XIX que a Dialetoлогия dá seus primeiros passos, valendo-se da Geolinguística enquanto método para a coleta sistemática das diferentes realidades dialetais, com a pesquisa feita por Georg Wenker na Alemanha, vindo a se consolidar no início do século XX com a publicação do *Atlas Linguistique de la France – ALF*, de Jules Gilliéron e Edmond Edmont (1902-1910), expandindo-se em seguida no estudo de diferentes línguas.

Wenker documentou a realidade dos usos que se registravam na Alemanha a partir de dados linguísticos por correspondência. Enviou um questionário composto por 40 frases escritas em alemão *standard*⁷ aos professores do Norte da Alemanha, pedindo que lhe respondessem transcritas no dialeto local. Entre 1877 e 1887, enviou esse mesmo questionário a professores de todo o país, chegando a totalizar quase 50.000. Destes, obteve retorno de 44.251, correspondendo a dados de 40.736 localidades.

Ao empreender essa tarefa, Wenker não levou em consideração variáveis como faixa etária e sexo, o que reflete, segundo Cardoso (2010), as dificuldades decorrentes da

⁷ Língua de prestígio.

modalidade de coleta, sem, no entanto, diminuir o mérito do passo significativo para o avanço da Dialetoologia: a documentação de fatos passíveis de comparação.

A partir desses dados, foi publicado, no ano de 1881, em Estrasburgo, o primeiro atlas linguístico, sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, composto por seis cartas, duas fonéticas e quatro morfológicas. Embora tenha sido alvo de duras críticas por conta da lentidão com que se processou a pesquisa – somente após vinte anos de seu início é que houve a publicação dos dados – e da natureza dos materiais⁸, a obra de Wenker é considerada o marco inicial da geografia linguística na Alemanha.

Com seu trabalho, Wenker abre caminho para a pesquisa diatópica ampla, por permitir a intercomparação dos dados, mas a consolidação do método de recolha dos dialetos recai sobre Jules Gilliéron, a propósito da coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France – ALF*.

Diferentemente de Wenker, Gilliéron privilegiou a coleta de dados *in loco*. A partir de 1887 e com a ajuda de Edmond Edmont, comerciante francês, “dotado de uma grande inteligência natural e de uma excelente aptidão para captar a variação fonética dos sons e para transcrevê-las com uma exatidão espantosa” (POP, 1950, p. 116), inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France*. Edmont documentou a fala de 639 localidades a partir de um questionário elaborado por Gilliéron, composto, inicialmente, por aproximadamente 1500 frases e palavras usuais que dava o essencial dos sistemas lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos. As respostas transcritas eram rapidamente enviadas a Gilliéron, facilitando, assim, a publicação do material; os primeiros três fascículos foram publicados em 1902, e o décimo terceiro e último deles, em 1910.

Coube a Edmont a tarefa de selecionar os informantes a serem entrevistados e isso resultou em uma amostra “relativamente homogênea”, dos 700 informantes documentados, apenas sessenta eram mulheres e somente 200 não exerciam profissões típicas da população rural daquela época. Não havia, naquele momento, uma preocupação com o controle sistemático das variáveis sociais, no entanto Pop (1950, p. 126) reuniu os informantes com base na profissão que exerciam, seguindo a indicação das cartas, e os distribuiu em duas categorias sociais: aqueles cuja profissão supunha instrução secundária e os que tinham profissões que necessitavam apenas de instrução primária.

⁸ A transcrição fonética, fator de extrema importância no estudo da diversidade linguística, foi feita por professores que não tinham o domínio de um sistema adequado.

Finalizado o trabalho, o *Atlas Linguistique de la France* totalizou 1920 cartas que registram peculiaridades dos *patois*⁹ franceses, evidenciando, também, a variação linguística nos níveis fonético e lexical. Para Cardoso (2010, p. 44), apesar de a obra de Gilliéron ter sido recebida com reservas por alguns linguistas da época, “pôs na ordem do dia a discussão da complexidade do fenômeno linguístico tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica e teve o mérito de marcar o início da aplicação do método da geografia linguística com rigor científico”.

A diversidade linguística registrada e analisada por Gilliéron provou que as línguas passam por variações e mudanças no tempo e no espaço, relacionando-se com aspectos linguísticos e extralinguísticos. A partir desse momento, a Dialetoлогия consolida-se como a ciência que se dedica, prioritariamente, à variação diatópica, caracterizando áreas em função de traços linguísticos próprios, assumindo a Geolinguística como seu método principal¹⁰.

Após os dois principais trabalhos que deram início à sistematização do aparato teórico metodológico da Dialetoлогия (o de Wenker, na Alemanha e o de Gilliéron e Edmont, na França), destacam-se outros dois trabalhos, que também contribuíram para o progresso dos estudos dialetais, o atlas de Jud e Jaberg, publicado a partir de 1928, e o de Hans Kurath et al., de 1939-1943.

Essas obras acresceram o referencial teórico da Dialetoлогия, consagrando o já referido método da geografia linguística. O *Sprach – und Sachatlas Italiens und der Südschweiz (AIS)*, de Jud e Jaberg, inovou em relação ao atlas de Gilliéron por imprimir um cunho etnográfico ou antropogeográfico à obra. Já o *Linguistic Atlas of New England (LANE)*, de Kurath, apresenta como novidade o “estabelecimento de critérios para escolha dos informantes envolvendo o aspecto geográfico e o social” (CARDOSO, 2001, p. 30). Assim, a seleção dos informantes não apenas representava a área sob investigação mas também permitia que se estabelecessem relações entre os dados linguísticos e os socioculturais.

1.1.2 Dialetoлогия e Geolinguística: algumas considerações

⁹ Segundo Dubois (2006), *patois* (ou *patoás*) são falares típicos de uma comunidade, em geral, rurais. De acordo com Gomes (2015, p. 19), até o século XIX “[...] a língua regional, o *patois*, era a língua do cotidiano, enquanto o francês era a ‘língua do domingo’, dos atos solenes, da vida pública e das classes cultivadas”.

¹⁰ Somam-se aos atlas linguísticos, resultados dos estudos geolinguísticos, as monografias dialetais, “são trabalhos que aprofundam a análise do dialeto de uma ou mais localidades tornando mais conhecida a realidade lingüística do país” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 20).

A Dialetoologia é definida por Câmara Jr. (1986, p. 94) como “o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços lingüísticos dos dialetos”. Dubois (2006), no entanto, afirma que

O termo *dialetoologia*, usado às vezes como simples sinônimo de geografia lingüística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. (DUBOIS, 2006, p. 185).

Para Cardoso (2010), trata-se de uma vertente dos estudos lingüísticos que se propõe a identificar, descrever e situar as diferenças que uma língua apresenta, de acordo com sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Os objetivos da ciência dos dialetos são, segundo Cardoso (2016),

(i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e; (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas. (CARDOSO, 2016, p. 13)

Assim, no plano geográfico, a Dialetoologia descreve as variedades que uma língua apresenta, mostrando que, diatopicamente, os usos podem refletir diferenças regionais ou identidades existentes entre elas. Do ponto de vista social, atesta que uma variante em determinada localidade não está relacionada a fatores diatópicos, mas se associa a fatores sociais, que podem ser de natureza diageracional, diastrática, diassexual etc. Além disso, os dados possibilitam a verificação de seu percurso histórico, apesar do caráter eminentemente sincrônico das cartas lingüísticas.

Isso posto, pode-se afirmar que a Dialetoologia ocupa-se do estudo da variação inerente às línguas naturais e, para compreender melhor seu objeto de estudo, faz-se necessário retomar os conceitos de *língua*, *dialeto*, *diatopia* e *isoglossa*.

A primeira questão a considerar diz respeito ao conceito de língua. Alvar (*apud* BRANDÃO, 1991, p. 12) define língua como:

(...) sistema lingüístico de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelção, por ser veículo de importante tradução literária e, por ter-se imposto a sistemas lingüísticos de sua própria origem.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 11), por sua vez, afirmam que

Falar de língua portuguesa ou de qualquer outra é operar uma abstração e uma generalização consideráveis uma vez que sob essa denominação de língua há uma gama de variações, consequência direta da diversidade de seus usuários.

Segundo Cardoso (2016), a ideia de abstração se associa ao conceito de língua – entendida como um *sistema* – pelo fato de não haver nenhuma língua homogênea. Assim sendo, ela já se apresenta diversificada em cada ato de fala, com usos que variam de acordo com o momento, a circunstância da elocução e as características sociais do falante.

Essa diversidade de usos configura os diferentes dialetos de que se revestem determinada língua. Estes, por sua vez, se distribuem geograficamente, marcando as diferenças espaciais que podem ser encontradas, constituindo, assim, a diatopia da língua.

Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que, normalmente, uma língua histórica apresenta três tipos de diferenças internas: 1) *diferenças diatópicas*: relativas ao espaço geográfico; 2) *diferenças diastráticas*: referentes aos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática; e 3) *diferenças diafásicas*: referentes aos tipos de modalidade expressiva, de estilo, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala. Acrescentam-se, ainda, a esses três tipos as diferenças etárias, geracionais.

Assim sendo, falantes de uma mesma língua, mas de localidades diferentes, têm características linguísticas distintas. E mesmo que pertençam à mesma região, essas características também serão diversificadas, já que a diversidade sociocultural existente e a circunstância da comunicação influenciarão diretamente nos usos que fazem da língua. Verifica-se, dessa forma, a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação que ele apresenta.

A propósito do conceito de dialeto, Câmara Jr.(1986) afirma que

Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território. (CÂMARA JR.,1986, p. 95)

Nesse mesmo sentido, Ferreira e Cardoso (1994, p. 12) afirmam que dialeto é um “subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua”. Os dialetos podem ser identificados a partir de unidades linguísticas recorrentes, reunidas por um conjunto de traços linguísticos comuns a determinada comunidade linguística.

Dialeto pode ser conceituado também como um feixe de isoglossas, ou seja, “um conjunto de linhas imaginárias que unem pontos comuns, ou que separam áreas distintas, que se somam e exibem uma certa homogeneidade no seio de uma comunidade linguística em relação a outra” (CARDOSO, 2016, p. 16). As isoglossas são, assim, definidoras dos limites.

Segundo Chambers e Trudgill (1994), a determinação de isoglossas é uma das preocupações da Dialectologia:

Isoglossa significa literalmente “igual língua” (iso + glossa). Provavelmente quer expressar o fato de que uma linha traçada através de uma região mostrará duas áreas em cada uma das quais coincide algum aspecto do uso linguístico, mas que diferem uma da outra.¹¹ (Tradução nossa).

As linhas isoglóssicas servem para delinear contrastes e indicar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem delinear também contrastes e semelhanças linguísticas socioculturais (isoglossas diastráticas), ou ainda evidenciar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas). No que tange à natureza dos fatos linguísticos analisados, uma isoglossa pode ser lexical (isoléxica), fônica (isófona), morfológica (isomorfa), semântica ou sintática, estas últimas sem denominação específica.

Vale destacar que, embora sirvam para representar, em mapas, os limites entre os dialetos de determinada língua, ou de determinado fenômeno de língua que se está estudando e se quer demarcar geograficamente, as isoglossas não correspondem, necessariamente, aos limites político-geográficos existentes.

Feitas essas considerações, pode-se afirmar que os estudos dialetais objetivam identificar, descrever, interpretar e analisar os fatos linguísticos documentados na área investigada. Embora priorizem a variação diatópica, interessam-se também pelas diferenças sociais decorrentes da idade (diageracionais), de sexo (diassexuais) ou de nível sociocultural (diastráticas), entre outras¹².

A variação diatópica, central nos estudos dialetológicos, destaca a importância das vivências do falante quando em seu espaço geográfico, pois, como afirma Cardoso (2010),

¹¹ Isoglossa significa literalmente, igual <<lengua>> (iso + glosa). Presumiblemente quiere expresar el hecho de que una línea trazada através de una región mostrará dos áreas en cada una de las cuales coincide algún aspecto del uso lingüístico, pero que difieren una de la otra. (CHAMBERS; TRUDGILL 1994, p. 139).

¹² Segundo Cardoso (2002, p. 14), o controle das variáveis gênero, idade e escolaridade deve ser feito “sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais”.

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, 2010, p. 15)

Para cumprir a tarefa de detectar e descrever a variação, a Dialectologia recorre ao seu método por excelência, a *Geografia Linguística* ou *Geolinguística*, que tem por objetivo principal a cartografia de dados linguísticos distribuídos espacialmente.

Ferreira e Cardoso (1994) assinalam que

A dialectologia não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialectologia. Todavia, os atlas linguísticos sempre se constituíram em meta ou aspiração principal dos dialectólogos.[...] Na realidade, a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 19-20)

As autoras atestam a autenticidade dos atlas como fontes de registros linguísticos regionais e a eles acrescentam as monografias dialetais, trabalhos que proporcionam um aprofundamento da análise dos dialetos regionais e, por conseguinte, o conhecimento da realidade linguística do país.

Brandão (1991) conceitua atlas linguístico como

[...] um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Em outras palavras, é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares. (BRANDÃO, 1991, p. 24)

Desde que a documentação dialetal passou a ser baseada em atlas linguísticos até os dias de hoje, muito se modificou no que se refere à metodologia da pesquisa e ao tratamento cartográfico. Cardoso (2010) apresenta uma classificação para os atlas, levando em conta o espaço geográfico, a natureza e a cartografia dos dados.

Do ponto de vista geográfico, registram-se quatro tipos de atlas: *atlas nacionais*, *regionais*, *continentais* e *de grupo linguístico*. Os *atlas nacionais* representam as características linguísticas de um país, circunscrevendo-se a seus limites geopolíticos, a exemplo do *Atlas Linguístico da França* (ALF) e do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB).

Os *atlas regionais*, por sua vez, buscam detalhar o conhecimento de regiões específicas, como é o caso do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS*. Além dos atlas nacionais e regionais, pode-se construir *atlas de natureza estadual*¹³, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*.

Os *atlas continentais* visam um conhecimento mais amplo da realidade linguística, no que tange à distribuição geográfica. O único atlas continental concretizado até o momento é o *Atlas Linguarum Europae (ALE)* e sua importância vai além da metodologia de enfoque dialetal que introduz a partir da intercomparação de dados entre línguas diversas, por facilitar a retomada e a busca de projetos supranacionais já existentes e, nas palavras de Contini (1994, p. 98), “ter sido o trampolim para outros projetos consagrados ao estudo de família de línguas, em particular para o *Atlas Linguistique Roman*”.

Já os *atlas de grupo linguístico* visam descrever as famílias de línguas, delimitando os seus espaços políticos, com o intuito de esquematizar o perfil espacial do domínio da família que envolve localidades politicamente separadas. É o que ocorre com o *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, que analisa os caminhos das línguas românicas.

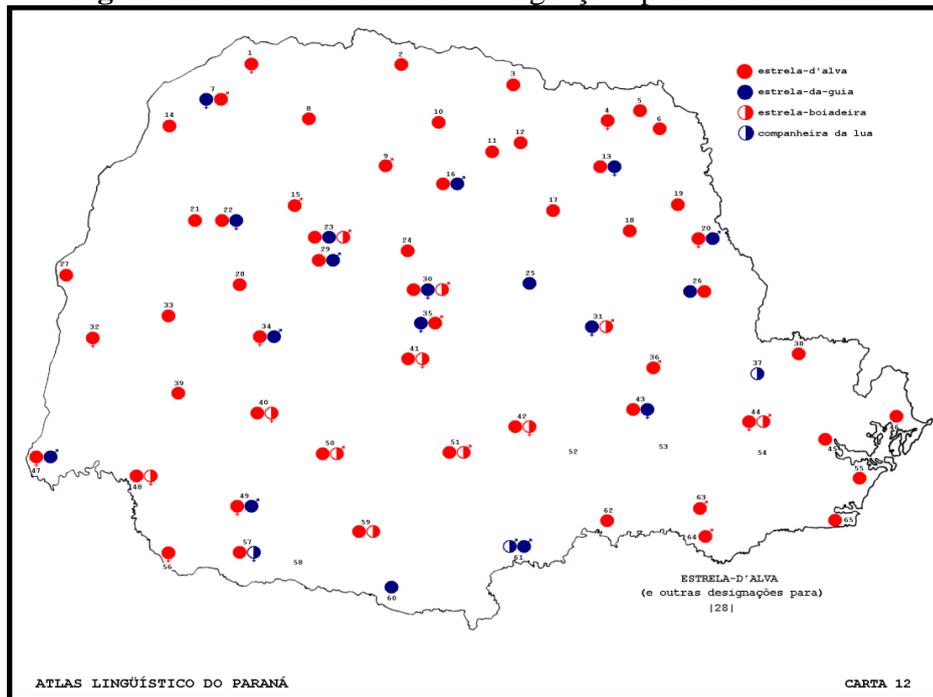
É importante destacar que os estudos dialetais voltam-se, inicialmente, para a realidade na perspectiva nacional, com a elaboração dos dois primeiros atlas linguísticos, o da Alemanha e o da França, a fim de demonstrar uma visão de conjunto de uma área específica. Em seguida, a fim de pormenorizar e ampliar as informações, passa-se à construção dos atlas regionais. Estes, por sua vez, não interferem na realização dos atlas nacionais, mas funcionam como instrumento de aprofundamento do conhecimento de cada região.

Se, por um lado, os espaços físicos estudados definem os tipos de atlas linguísticos, a maneira com que esses dados são registrados vai estabelecer, por outro lado, categorias distintas de resultados cartografados. Assim, os atlas podem ser classificados em três grupos: atlas de 1ª geração, atlas de 2ª geração ou atlas de 3ª geração.

Os atlas de 1ª geração expõem apenas os dados linguísticos sem apresentar a interpretação dos fenômenos registrados, a exemplo do *Atlas Lingüístico do Paraná*. A carta 12, a seguir, ilustra esse tipo de atlas.

¹³ Esses atlas também podem ser tratados como *regionais*.

Figura 1: Carta 12 do ALPR – designações para *estrela-d'alva*



Fonte: Aguilera (1994)

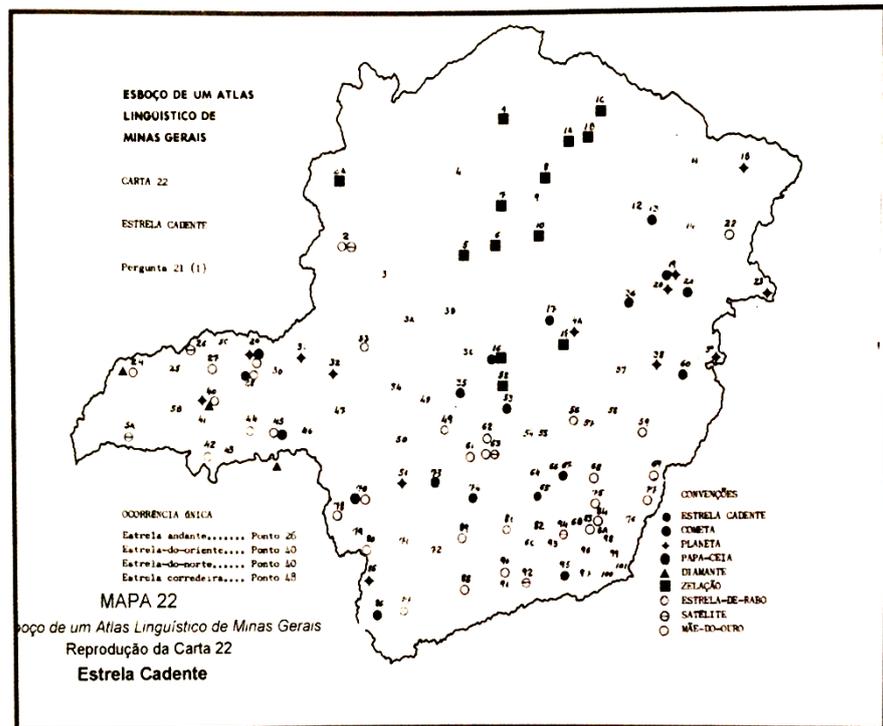
Os atlas de 2ª geração, por sua vez, expõem os dados espacialmente distribuídos, além de comentários interpretativos, que fornecem as principais considerações sobre os registros feitos. Exemplos desse tipo de atlas são os *Atlas Linguistique Roman* e *Atlas Linguarum Europae*.

Já os atlas de 3ª geração, ou *atlas parlants*, possibilitam a audição das falas documentadas pela cartografia. É o que ocorre com o *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará – ALISPA*.

Observando o percurso histórico da Geolinguística, verifica-se que os atlas diversificam-se também em relação à forma com que os dados são cartografados, seguindo as prioridades assumidas por cada época.

Assim, surgem, primeiramente, as cartas com indicação exclusiva da variação diatópica, ou seja, as ocorrências eram situadas por localidade, sem que se houvesse o controle do informante com relação às variáveis sociais e sem notas complementares às respostas. Essas cartas permitem o reconhecimento de áreas dialetais com o traçado de isoglossas, documentadas desde o início da geolinguística até os dias de hoje. A Figura 2, a seguir, exemplifica esse tipo de carta.

Figura 2: Carta 22 do EALMG – designações para *estrela cadente*



Fonte: Cardoso (2010, p. 85).

A partir do momento em que se reconhece a importância das informações complementares para a interpretação dos dados, passam-se a transcrever nas cartas comentários tanto dos informantes quanto dos inquiridores ou dos transcritores. Abrem-se, dessa forma, outras perspectivas de informações que vão orientar análises de natureza variada. Segundo Cardoso (2010), a visão de novos fatos se acrescenta à perspectiva diatópica:

- (i) o conhecimento de aspectos etnolinguísticos;
- (ii) a possibilidade de consideração, ainda que de forma assistemática porque esporádica e não ordenadamente buscada, de variáveis sociolinguísticas, tais como as decorrentes da diversidade etária ou sociocultural;
- (iii) a identificação, mesmo em cartas semântico-lexicais, de características morfossintáticas;
- (iv) a que se juntam fatos de natureza semântica e estilística. (CARDOSO, 2010, p. 83)

Destarte, com o advento da Geolinguística Pluridimensional, os atlas passam a registrar, além da informação espacial, indicadores de cunho social como idade, sexo, escolaridade. Acerca disso, Thun (2000, p. 408) afirma que

A nova Geolinguística se caracteriza pela ampliação de seu campo de observação e por um trabalho de maior profundidade. Passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica, para a do espaço linguístico

voltado para a consideração de outras dimensões como a diastrática e a diafásica.

Ela não emprega mais toda a sua energia na busca do dialeto rural puro, mas entra igualmente nas cidades, analisa os dialetos regionais, focaliza situações de contato, questiona também os grupos demograficamente móveis.¹⁴ (Tradução nossa).

Essa nova Geolinguística referida por Thun (2000) vai gerar cartas linguísticas que permitem ao leitor “não só saber onde se diz tal coisa, mas que tipo de falante - homem-mulher, jovem-velho, escolarizado-não escolarizado - responsável por aquele enunciado” (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 10).

Para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada, adotou-se uma abordagem dialetológica fundamentada justamente nos princípios da Geolinguística Pluridimensional.

1.1.3 Estudos dialetais no Brasil

Segundo Nascentes (1953), os estudos dialetais no Brasil têm como marco inicial o ano de 1826, ano em que Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, escreve um capítulo para o livro *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, apontando características da língua no “novo mundo”: “Trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil” (CARDOSO, 1999, p. 234). Segundo ele, a língua falada no Brasil refletia a doçura do clima e dos habitantes e havia sido “enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimo às línguas indígenas e inexistentes no português continental” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 37).

A partir desse momento, dá-se início à história dos estudos dialetais no Brasil, para a qual Nascentes (1953) estabelece duas fases (a primeira, de 1826 a 1920 e a segunda, de 1920 em diante) e, mais adiante, Ferreira e Cardoso (1994) propõem uma terceira.

A quarta fase, proposta por Cardoso e Mota (2006), começa a partir do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em 1996, em que se

¹⁴ La nouvelle géolinguistique se caractérise par l'élargissement de son champ d'observation et par un travail en profondeur plus poussé. Elle passe de l'analyse de la superficie, constituée par la dimension diatopique, à celle de l'espace linguistique formé par la prise en considération de variables comme la dimension diastratique, diaphasique ou d'autres.

Elle n'emploie plus toute son énergie à la recherche du dialecte pur rural mais elle entre également dans les villes, elle analyse des langues régionales, focalise des situations de contact, questionne aussi des gens démographiquement mobiles.

instituiu um Comitê Nacional direcionado à elaboração do atlas linguístico do Brasil. Nessa fase, há um destaque para a ampliação do campo de estudo, que era basicamente fonético-fonológico e lexical para aspectos morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, entre outros, além do crescimento na produção de atlas linguísticos estaduais e regionais. Essa fase se encerra em 2014, quando se publicam dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, (CARDOSO et al., 2014a; 2014b).

Recentemente, em tese de doutoramento, a professora e, também, membro da Comissão de Informática e Cartografia – CIC, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, Ana Regina Torres Ferreira Teles (em memória) propôs a definição de uma nova fase aos estudos dialetais no Brasil, a quinta. Para a autora, essa fase se inicia a contar da publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, segue até os dias atuais e sua principal característica é, sem dúvidas, os inúmeros trabalhos que têm sido produzidos a partir do conteúdo do atlas, que é de grande magnitude, por sua extensão alcançada e por seu caráter interinstitucional.

1.1.3.1 Fases dos estudos dialetais

A primeira fase se inicia em 1826, com a publicação do estudo de Domingos Borges de Barros na obra de Balbi (1826) e se estende até 1920, ano da publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral.

O trabalho do Visconde objetivou analisar a variação lexical existente entre o português brasileiro e o europeu, tanto em relação à sua estrutura morfológica, quanto em relação ao significado das lexias. Além disso, chegou a elaborar um dicionário Francês-Português e Português-Francês e outras obras poéticas e de memórias.

Essa fase é caracterizada pela produção de trabalhos voltados para o estudo do léxico e resultou na produção de dicionários, glossários e léxicos regionais. A título de ilustração, tem-se: o *Dicionário da língua brasileira*¹⁵, de Luís Maria Silva Pinto, publicado em 1832; o *Glossário paraense*¹⁶, de Vicente Chermont de Miranda, publicado em 1905; e o *Vocabulário popular*¹⁷, de P. H. Souza Pinto, publicado em 1912.

Ferreira e Cardoso (1994) destacam dessa época o primeiro estudo de natureza gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o Brasil (1879)*, de José Jorge

¹⁵ Dicionário do português com a introdução de nomes próprios do Brasil.

¹⁶ Apresenta vocábulos típicos da Amazônia e especialmente da Ilha de Marajó.

¹⁷ Apresenta regionalismos do Estado de Minas Gerais.

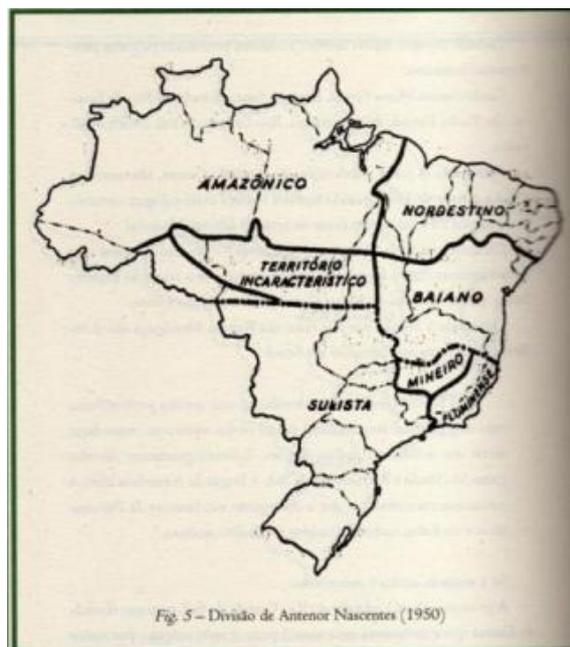
Paranhos da Silva. Nesse estudo, Paranhos da Silva trata de diferentes aspectos da variação entre o português do Brasil e o português de Portugal, apresenta, num primeiro momento, considerações acerca da pronúncia e, em seguida, trata de questões referentes ao léxico, à morfossintaxe e ao estilo.

A segunda fase tem início com a publicação de *O dialeto caipira* (1920), de Amadeu Amaral e se estende até 1952, ano da publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952. Caracteriza-se pela produção de estudos monográficos, em que se observa a realidade de áreas específicas, a fim de tratar da descrição dos fenômenos não apenas sob o ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático.

Destacam-se dessa época os estudos de Amaral, Nascentes e Marroquim, que buscam implantar uma nova metodologia de trabalho e apresentam dados nos diferentes níveis de enfoque da língua. Em *O dialeto caipira* (1920), tem-se a primeira tentativa de se descrever de modo mais abrangente um falar regional brasileiro (o falar caipira), levando-se em consideração os aspectos fonético, lexical, morfológico e sintático.

Em *O linguajar carioca em 1922*, obra que a partir da segunda edição passou a chamar-se simplesmente *O linguajar carioca* (1922), Nascentes apresenta uma descrição da língua falada pelos cariocas, recobrando aspectos da morfologia, da fonética, da sintaxe e do léxico da área descrita. A preocupação inicial do autor centra-se na definição do que entende por *falar brasileiro* e em situar o linguajar carioca no grupo desses falares. Ele apresenta a primeira proposta de divisão dialetal dos falares do Brasil, a que declara ter chegado depois de percorrer todo o Brasil, “do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá” (NASCENTES, 1953, p. 24), baseada em suas impressões sobre a realização das vogais médias pretônicas e da entoação.

Figura 3: Divisão dos subfalares brasileiros – Proposta de Antenor Nascentes (1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

A fim de facilitar a compreensão do falar brasileiro, o autor resolve dividi-lo em seis subfalares, como pode ser visualizado na Figura 3, organizados em dois grandes grupos de falares: o do Norte, que engloba os subfalares Amazônico e Nordestino e o do Sul, que engloba o Baiano, o Fluminense, o Mineiro e o Sulista. A proposta de Nascentes é completada com uma área definida por ele como território incaracterístico (região localizada entre a fronteira do Mato Grosso com o Pará e o Amazonas).

Motivado pela escassez de estudos de caráter regional, Marroquim publica, em 1934, *A língua do Nordeste* e afirma:

Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras e exige, antes da obra magistral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país. (MARROQUIM, 1934, p. 17)

Nessa obra, trata das características da linguagem do Nordeste brasileiro, com foco nos estados de Alagoas e Pernambuco, apresentando uma descrição da língua que recobre a fonética, a fonologia, a sintaxe, a morfologia e o léxico.

Somam-se às três obras destacadas outras que também caracterizam essa segunda fase e, segundo Ferreira e Cardoso (1994), distribuem-se em quatro grupos, de acordo com o enfoque

que as domina. No primeiro grupo, estão léxicos e glossários regionais; no segundo, encontram-se obras de caráter geral que tratam de questões numa perspectiva mais ampla e globalizante; no terceiro grupo, estão os estudos de caráter regional; e, por fim, um quarto grupo engloba os estudos específicos sobre a contribuição africana.

Ferreira e Cardoso (1994), ao proporem três fases para a Dialetologia no Brasil, reconhecem a pertinência das duas primeiras, propostas por Nascentes, e, a elas, acrescentam uma terceira, iniciada no ano de 1952. Dessa forma, a terceira fase tem início com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 e se estende até 1996, ano da retomada do projeto para elaboração de um atlas linguístico nacional – o Projeto ALiB.

Com o Decreto 30.643¹⁸, o governo brasileiro define as finalidades da Comissão de Filologia da recém-criada Casa de Rui Barbosa e determina como principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil; tem-se, assim, o marco dessa terceira fase.

Caracterizada pela produção de trabalhos com *corpus* constituído de forma sistemática, essa fase é marcada pelo início dos estudos de geografia linguística no Brasil e, como afirma Cardoso (2010, p. 141), “Não ficam, porém, ausentes, desse período, estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas”. Destacam-se nessa fase os dialetólogos Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, pelo empenho na defesa da questão dialetal e contribuição na implantação dos estudos de geografia linguística.

Antenor Nascentes sempre se interessou pelas questões de dialetologia brasileira, seja no campo da fonética, da morfologia, da sintaxe, ou do léxico, mas, além disso, entendia que para se conhecer de fato o português do Brasil seria necessário descrevê-lo em todo o território nacional. A partir desse entendimento, publica as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, obra em dois volumes, o primeiro publicado em 1958 e o segundo em 1961. Discute, nessa obra, as vantagens de um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, no entanto reconhece a impossibilidade dessa tarefa, dada a vastidão da extensão territorial, e recomenda que sejam feitos, inicialmente, atlas regionais onde já se tenham realizado sondagens. Além disso, apresenta diretrizes gerais para a escolha das localidades, dos informantes e para a elaboração do questionário linguístico. Apresenta, também, uma

¹⁸ Regulamentado pela portaria nº 536, de 26 de maio de 1952.

proposta de questionário, organizado por área semântica, e uma rede de pontos¹⁹ distribuídos pelos diferentes estados e territórios, que deverá ser “válida” pelo pesquisador da região.

Serafim da Silva Neto publica, em 1957, o *Guia para estudos dialetológicos*, obra em que defende a criação de uma “mentalidade dialetológica” e a necessidade e a urgência de se estudarem os falares brasileiros. O autor chegou, inclusive, a sugerir que as faculdades de Letras realizassem anualmente um curso de dialetologia brasileira. Vale destacar que ele também se fez presente na 2ª fase, momento em que produziu a *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, publicados em 1946 e reunidos, em 1950, na *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*.

Celso Cunha reafirmou a necessidade de se fazer um atlas linguístico do Brasil, no entanto também reconheceu que a impraticabilidade dessa tarefa conduzia à construção de atlas regionais. Trata-se de um incentivador da implantação da geografia linguística no Brasil e, além disso, de um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – o Projeto NURC.

Nelson Rossi figura como pioneiro na pesquisa Geolinguística no Brasil. Foi o responsável pela coordenação da pesquisa e pela publicação do primeiro trabalho em geografia linguística realizado no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, tendo como colaboradoras Dinah Isensee e Carlota Ferreira.

Consoante Cardoso (2010), a retomada da ideia de realização de um atlas de cunho nacional, que possibilitaria a visão de conjunto, e a concretização de um projeto específico com esse objetivo, em 1996, constituem o ponto de partida da quarta fase dos estudos dialetais no Brasil. Hoje, o Projeto ALiB conta com a documentação da fala de informantes, nativos de 250 localidades brasileiras e a publicação de dois volumes, em que constam cartas lexicais, fonéticas e morfossintáticas (CARDOSO et al., 2014a; CARDOSO et al., 2014b). Acerca de suas particularidades, objetivos e histórico, aborda-se mais detidamente no Capítulo 4, referente à metodologia desta tese.

1.1.3.2 *Atlas regionais*²⁰ já publicados

¹⁹ Nascentes sugere 606 pontos, distribuídos entre os 22 estados brasileiros já constituídos à época da publicação das *Bases*.

²⁰ Englobam-se tanto atlas estaduais como regionais.

De acordo com Romano (2020), até o momento, 14 estados brasileiros já têm seus atlas linguísticos concluídos: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Tocantins, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Amapá e Amazonas (inclusive dois deles possuem dois atlas, Paraná e Sergipe). Oito estados estão com seus atlas em andamento: Acre, Rondônia, Mato Grosso, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Piauí e Espírito Santo. Há, ainda, um estado em que o atlas foi iniciado, mas não concluído, São Paulo, e três estados que ainda não têm atlas linguístico: Goiás, Roraima e Rio de Janeiro.

Seguindo a ordem cronológica, apresentam-se, brevemente, características de cada um dos onze atlas regionais já publicados: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (1977), *Atlas Lingüístico da Paraíba* (1984), *Atlas Lingüístico de Sergipe* (1987), *Atlas Lingüístico do Paraná* (1994), *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul* (2002), *Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará* (2004), *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (2005), *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (2007), *Atlas Linguístico do Ceará* (2010), *Atlas Linguístico do Amapá* (2017).

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) foi feito e publicado entre 1960 e 1963 e se constitui em um marco não apenas por ter sido o primeiro a ser publicado, mas, sobretudo, pelo conhecimento do falar regional da Bahia e, por extensão, de grande parte do falar nordestino. Sob a coordenação do professor Nelson Rossi, contou com a colaboração de pesquisadores recém-formados pelos cursos de Letras e devidamente treinados para a aplicação dos questionários e para transcrição dos dados *in loco*²¹.

O atlas recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades e conta com um total de 100 informantes, 57 mulheres e 43 homens, analfabetos ou semianalfabetos, com idade variando entre 25 e 60 anos. O extrato de questionário continha 182 perguntas, divididas nas áreas semânticas *terra, vegetais, homem e animais*.

O APFB é composto por um total de 209 cartas, são 198 cartas linguísticas, das quais 44 são cartas-resumo, e 11 cartas introdutórias, que apresentam dados complementares com particularidades geográficas da Bahia e questões relativas ao próprio atlas. Essa obra visava mapear a área baiana dos falares baianos, que compreende, segundo a classificação de Antenor Nascentes, os estados da Bahia, Sergipe, norte de Minas, leste de Goiás e do atual Tocantins.

²¹ A coleta dos dados foi feita em base auditiva, sem auxílio de gravadores com os quais hoje se realizam os trabalhos de campo.

O *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), segundo atlas linguístico publicado no Brasil, teve como autores os professores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passio e Antônio Gaio. Concebido em quatro volumes, conta apenas com a publicação do primeiro, em 1977.

A fim de cartografar as particularidades linguísticas do Estado de Minas Gerais, o EALMG documentou dados de 116 localidades. Foram inquiridos 83 informantes, de faixa etária entre 30 e 50 anos e nível de instrução entre analfabeto a primário completo. O extrato de questionário utilizado contou com 415 perguntas, recobrando os campos semânticos *tempo e folguedos infantis*. Vale ressaltar que os dados colhidos *in loco* foram complementados por inquéritos realizados por correspondência, em 672 pontos. O atlas é composto por 78 cartas, são cinco de identificação, 21 léxicas, 24 fonéticas, três isófonas e 25 cartas isoléxicas.

Terceiro atlas regional publicado no Brasil (1984), o *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB), de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, contou com uma rede de 25 municípios, escolhidos como base, mais três municípios satélites por base, que serviram para controle dos dados obtidos.

A pesquisa cobriu todo o estado da Paraíba e documentou 107 informantes. Em cada ponto foram documentados um mínimo de três e um máximo de dez informantes, com idade variando entre 30 e 75 anos e com grau de instrução do analfabeto ao primário completo.

O questionário utilizado compunha-se de duas partes: uma geral, com 289 questões referentes aos campos semânticos *a terra, o homem, a família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais*, e uma específica, com 588 questões relativas aos cinco principais produtos agrícolas do estado: *mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi*.

Dos três volumes propostos, apenas dois encontram-se publicados. O primeiro apresenta uma parte introdutória referente à metodologia adotada, seguida das cartas léxicas (68) e fonéticas (81) do questionário geral. O segundo, além da metodologia, traz dados histórico-geográficos do estado, dados geoeconômicos e socioculturais das 25 localidades, a ficha do informante e a análise dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos observados, sistematizados sob a forma de um glossário.

Embora tivesse seus originais prontos desde 1973²², somente em 1987 o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS) foi publicado. De autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota,

²² Segundo atlas elaborado, seguindo-se ao *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB.

Judith Freitas, Nadia Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi, constitui-se num passo a mais no mapeamento linguístico da área dos falares baianos.

A pesquisa documentou dados de 15 localidades²³, cobrindo, assim, todo o estado, de onde foram inquiridos 30 informantes, dois de cada ponto, distribuídos em ambos os sexos, com idade variando entre 35 e 53 anos, analfabetos ou pouco alfabetizados. As questões recobriam as mesmas áreas semânticas do APFB: *terra, vegetais, homem e animais*.

Segundo Cardoso (2010), no que se refere à metodologia, o ALS apresenta algumas inovações: 1) aplicação de inquéritos preliminares, gravados, em todas as localidades; 2) maior amplitude do questionário, que contou com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que integraram o extrato de questionário da Bahia, acrescidas de outras formuladas a partir dos inquéritos preliminares; 3) registro por escrito, no próprio questionário, da forma de se perguntar sobre o item, a fim de garantir maior homogeneidade nos inquéritos e 4) inclusão informantes dos dois gêneros em cada localidade, devidamente identificados (informante feminino como “A” e masculino como “B”), o que permitiu o controle cartográfico dessa variável.

O ALS constitui-se de 180 cartas, são 11 introdutórias e 169 cartas léxicas com transcrição pormenorizada e numerosos dados etnográficos. Em cada uma delas, há a remissão à carta correspondente no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. O ALS conta também com uma série de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia, não apresentados no APFB.

O *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR), quinto atlas linguístico do país, foi apresentado inicialmente como tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera, em 1990, e publicado em dois volumes no ano de 1994. O primeiro volume apresenta a metodologia, a descrição das localidades, caracterização dos informantes, a apresentação das cartas e um glossário das cartas cartografadas e registradas em notas às cartas. O segundo apresenta as cartas linguísticas, num total de 191, sendo 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 apresentam traçados de isoglossas.

A rede de pontos perfaz um total de 65 localidades, distribuídas por todo o estado do Paraná. Em cada uma delas foram ouvidos dois informantes, homem e mulher, com idade variando entre 30 e 60 anos, analfabetos ou com o primário completo, que responderam um questionário composto por 325 perguntas referentes aos campos semânticos *terra e homem*.

²³ Destas, sete coincidem com a proposta de Nascentes.

No questionário, Aguilera inseriu perguntas comuns a outros atlas, a fim de possibilitar estudos comparativos entre eles, resultando, assim, na apresentação de diversas cartas coincidentes com as dos demais.

Além da documentação cartográfica da variação lexical, da variação fonética e a delimitação de isoglossas, o ALPR objetivou a organização de um glossário, no qual se registra todo vocabulário cuja forma e/ou sentido não pertence ao vocabulário ativo de um falante da norma padrão urbana.

O *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), sexto atlas brasileiro a ser publicado, é de autoria de Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Wilson Altenhofen. Iniciado em 1980, teve seus dois primeiros volumes publicados em 2002. Destaca-se por ter sido o primeiro a contemplar uma região político-geográfica do país. Abrange aspectos linguísticos e culturais referentes aos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A rede de pontos é constituída por 294 localidades, sendo 275 rurais (100 do Paraná, 80 de Santa Catarina e 95 do Rio Grande do Sul) e 19 urbanas (seis do Paraná, seis de Santa Catarina e sete do Rio Grande do Sul). Os informantes têm entre 28 e 58 anos e pouca escolaridade (analfabeto, semialfabetizado ou alfabetizado).

A composição do atlas tomou por base a aplicação de três tipos de questionários, que abrangem 735 perguntas: 50 no Questionário Fonético-fonológico (QFF), 75 no Questionário Morfossintático (QMS) e 610 no Questionário Semântico-lexical. Apresenta um total de 176 cartas, sendo 70 de fonética e fonologia, 104 de morfossintaxe e duas cartas auxiliares (microrregiões homogêneas e rede de pontos).

O *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará* (ALiSPA), sétimo atlas publicado no Brasil, é de autoria de Abdelhak Razky. Caracteriza-se por ser o primeiro atlas falante (sonoro) brasileiro e o primeiro a apresentar dados da região Norte. Caracteriza-se também por ser o primeiro atlas de terceira geração: além da exposição cartográfica dos dados, há a possibilidade de audição integral de todas as respostas dos falantes.

Os dados foram coletados a partir das 159 perguntas do Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB, aplicado a 40 informantes. Foram entrevistados quatro informantes por cidade, que tivessem cursado até a 4ª série, estratificados por sexo e faixa etária (faixa I: 19 a 33 anos e faixa II: 40 a 70 anos).

Inicialmente apresentado como tese de doutorado, o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (ALS II) é de autoria de Suzana Alice Marcelino Cardoso e foi publicado em 2005. Corresponde ao segundo volume do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) e contempla o *corpus*

não explorado no primeiro volume. Centrado na área semântica *homem*, constitui-se de um total de 108 cartas, sendo três cartas introdutórias e 105 semântico-lexicais.

A rede de pontos abrange 15 localidades, distribuídas por todas as microrregiões homogêneas do estado e cada ponto conta com dois informantes, identificados com A (mulher) e B (homem), não alfabetizados ou semialfabetizados, com afastamento nulo ou por pouco tempo do ponto de residência.

Esse atlas se caracteriza por seu aspecto bidimensional, além da variável diatópica há a informação sistemática do gênero do informante e gráficos que apresentam os percentuais de uso por gênero. Caracteriza-se também como atlas de segunda geração, apresenta um conjunto de comentários às cartas e um índice onomasiológico das formas documentadas, somando-se, ainda, um glossário semasiológico.

Primeiro atlas a apresentar dados da região Centro-Oeste, o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS) é o nono atlas publicado no Brasil. Organizado pelo Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, é composto de 207 cartas linguísticas, são 47 cartas fonéticas, 153 cartas semântico-lexicais e sete morfossintáticas.

Recobre uma rede de 32 pontos, onde foram documentados um total de 128 informantes, quatro por localidade. Todos eles foram estratificados segundo o sexo (homens e mulheres) e faixa etária (faixa I: 18 a 30 anos e faixa II: 40 a 70 anos), grau de instrução (rudimentar ou com escolaridade até 4ª série do ensino fundamental) e naturalidade (nascido no município ou nele residido desde os oito anos de idade). O extrato de questionário contou com 557 perguntas, subdividido em aspectos fonéticos e lexicais. O questionário morfossintático foi estudado a partir das narrativas feitas pelos informantes acerca de fatos que marcaram suas vidas.

O *Atlas Lingüístico do Ceará* (ALECE), publicado em 2010, é o décimo atlas publicado no Brasil e composto por dois volumes. O primeiro, Introdução, aborda os antecedentes históricos, aspectos teóricos e a metodologia seguida. O segundo, Cartogramas, traz as cartas (lexicais e fonéticos) e um glossário.

Coordenado por José Rogério Fontenele Bessa²⁴, o ALECE investiga particularidades linguísticas de 70 localidades valendo-se de um questionário composto por 306 questões relativas a 16 campos semânticos. Em cada localidade, foram documentados quatro

²⁴ Na sua origem, em 1978, foi coordenado por Alexandre F. Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari e por José Rogério Fontenele Bessa.

informantes, pertencentes a ambos os sexos, de escolaridade variando entre analfabetos e pessoas com 1º grau completo e idade variando entre 35 e 53 anos.

A mais recente publicação no âmbito da Geolinguística brasileira é o *Atlas Linguístico do Estado do Amapá* – ALAP. Publicado em 2017, por Abdelhak Razky, Romário Duarte Sanches e Celeste Ribeiro, objetiva identificar e mapear a variação linguística em dez localidades do estado, procurando evidenciar as variedades linguísticas mais e menos recorrentes, assim como as variações fonéticas e semântico-lexicais características de cada região.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados dez pontos de inquérito, os quais se constituem de dez municípios: Macapá, Santana, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Oiapoque, Calçoene, Amapá, Tartarugalzinho, Porto Grande e Mazagão. Em cada localidade, foram documentados quatro informantes, sendo duas mulheres e dois homens, com idade entre 18 a 30 anos e 50 a 70 anos, com nível de escolaridade fundamental incompleto; na capital, acrescentam-se mais quatro com o mesmo perfil, mas com escolaridade universitária completa.

Os dados desse atlas originaram-se das respostas dadas a dois questionários: o fonético-fonológico (QFF), com 159 questões, e o semântico-lexical (QSL), composto de 202 perguntas distribuídas em 14 campos semânticos, com perguntas abertas. A partir desses dados, foram elaboradas 16 cartas fonéticas, 73 cartas lexicais e 30 cartas estratificadas.

Reconhecida a importância dos estudos dialetais desenvolvidos no Brasil desde a elaboração do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, muitos outros têm sido desenvolvidos, seguindo a perspectiva metodológica da Geolinguística. Esses trabalhos, não necessariamente atlas linguísticos, têm sido projetados de Norte a Sul do país, sejam como monografias, dissertações ou teses, a fim de aprofundar a análise do dialeto de uma ou mais localidades, tornando cada vez mais conhecida a realidade linguística do país.

É importante destacar que a efetivação do Projeto ALiB influenciou o desenvolvimento de uma “mentalidade dialetológica”, tão preconizada por Serafim da Silva Neto, nas universidades brasileiras, sobretudo, devido ao incentivo de pesquisadores da área à elaboração de atlas de pequeno domínio. Em levantamento recente feito por Romano (2020), observa-se que entre os anos de 1987 a 2019 são 63 atlas de pequeno domínio concluídos (em formato de monografias, dissertações e teses) e 11 ainda em andamento. Esses trabalhos complementam as pesquisas de maior envergadura, revelando aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, de maneira mais pormenorizada, da língua falada em determinada região.

1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

1.2.1 O sistema entre a variação e a mudança linguística

A Sociolinguística é a vertente da Linguística Moderna que tem por objetivo observar os usos linguísticos concretos, seus encaixamentos na estrutura linguística e suas relações com a sociedade. Considera, nesse sentido, que a relação entre língua e sociedade são indissociáveis, portanto o estudo linguístico deve se pautar na língua efetivamente usada, apreendida das trocas linguísticas concretas, como afirma Labov (2008[1972]):

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social.[...] Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008[1972], p. 14)

Postular que os processos de variação e mudança linguísticas (resultantes da alteração de formas linguísticas no decorrer do tempo) são inerentes às línguas e responsáveis pela sua reestruturação de forma contínua nem sempre foi central nos estudos linguísticos. Pode-se dizer, com isso, que essas ideias representam uma virada epistemológica na ciência da linguagem como um todo, já que propõem novas formas de se compreender a língua, assim como os fenômenos de variação e mudança, estabelecendo novos procedimentos teórico-metodológicos para lidar com esses processos. A Sociolinguística inova justamente ao trazer à tona argumentos diacrônicos para fenômenos sincrônicos, ao associar a língua à mudança.

A Sociolinguística surge, então, como uma reação à ausência do componente social nos estudos linguísticos que tratavam da mudança linguística até então. Este modelo apresenta discordâncias aos princípios teóricos vigentes à época, os quais consideravam a língua como um sistema homogêneo:

Em seu projeto de organizar a linguística em torno da apreensão sistematizada da dimensão estrutural do fenômeno lingüístico – ou seja, para realizar **(i)** – Saussure responde a questão **(ii)** definindo a língua como um fato social. Isso gerou uma contradição insolúvel dentro dos marcos do estruturalismo, já que, para representar analiticamente a dimensão estrutural do fenômeno lingüístico, a língua era formalizada como um sistema homogêneo, unitário e invariante, o que nega totalmente o existir concreto da língua enquanto fato social, que, assim concebida, constitui a expressão da

dimensão sócio-histórica do fenômeno lingüístico, terreno, por excelência da variação e da mudança. (LUCCHESI, 2004, p. 218, grifos do autor)

O termo “Sociolinguística” surge em 1964, como título do trabalho apresentado por William Bright (*Sociolinguistics*) em um congresso realizado na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). Naquele momento, com a participação de outros linguistas interessados nos estudos das relações entre língua e sociedade, tais como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer, entre outros, define-se e caracteriza-se a área como aquela responsável por demonstrar justamente a covariação entre as variações linguísticas e sociais. Bright declara que uma das maiores tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação não ocorre de forma aleatória, mas decorre das diferenças sociais sistemáticas.

Bright chega a propor uma lista de dimensões da sociolinguística que permitem informar quais são os fatores que condicionam a diversidade linguística: a oposição sincronia/diacronia; os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos; a extensão da diversidade, com uma tríplice classificação: diferenças multidialetais, multilinguais ou multissociais; as aplicações da sociolinguística, com mais uma classificação em três partes: a sociolinguística como diagnóstico de estruturas sociais, como estudo do fator sócio-histórico e como auxílio ao planejamento.

No entanto foi William Labov que se ocupou definitivamente com estudos voltados para a relação entre língua e sociedade, com o intuito de sistematizar as variações existentes na língua falada por meio de pesquisas que consideram tanto fatores linguísticos como extralinguísticos. Seu objetivo era demonstrar a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem.

Embora existam estudos sociolinguísticos em períodos anteriores, tais como os de Gauchat, em 1905, Hermann, em 1929, é na década de 1960 que a Sociolinguística se consolida enquanto uma área de pesquisa com teoria e metodologia próprias. Mattos e Silva (2008) pontua que o texto fundador da Teoria da Variação e da Mudança é a comunicação apresentada no simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, em 1966, na Universidade do Texas, intitulado *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*²⁵, cujos autores são Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog. Sobre esse texto, Faraco (2006) afirma que

²⁵ Originalmente publicado em 1968 na coletânea organizada por W. Lehmann e Y. Malkiel.

Sua força enquanto texto renovador dos estudos de lingüística histórica e ordenador de toda uma linha de investigação emerge do rico enraizamento empírico; os autores tomaram como fundamento os estudos da variação e da mudança que haviam realizado até então. (FARACO, 2006, p. 10)

Esse modelo se consolida, principalmente, a partir dos estudos de William Labov sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard (1963) e a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966). Há, ainda, o texto de Herzog sobre a dialetologia do ídiche no norte da Polônia e o de Weinreich, *Language and Cultural Atlas os Ashkenakic Jewry*.

Ao iniciar seus trabalhos, Labov (2008[1972]) apresentava-se consciente das barreiras ideológicas que impediam o estudo empírico da mudança linguística, a saber:

a) primeira barreira: de acordo com Saussure (1949 apud LABOV, 2008 [1972], p.13), os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado deviam ser estudados separadamente.

b) segunda barreira: a mudança sonora, em princípio, não podia ser observada diretamente, Bloomfield (1933, apud LABOV, 2008 [1972], p.13) defendia que eram regulares, considerando as irregularidades apenas casos de empréstimos dialetais. Hocket (1958, apud LABOV, 2008 [1972], p. 14) atribui à velocidade das mudanças a impossibilidade de percebê-las, afirmando que, embora as mudanças sonoras fossem lentas demais para serem observadas, as mudanças estruturais eram rápidas demais.

c) terceira barreira – considerada por Labov como a mais importante: Bloomfield (1933, apud LABOV, 2008 [1972], p. 14) propôs que a variação é livre, não podendo ser condicionada.

Saussure (2006 [1916]) postulava que o enfoque linguístico deveria deter-se na *langue* (língua), por considerá-la um sistema social compartilhado por todos os membros de uma comunidade, em detrimento da *parole* (fala), manifestação individual e concreta do sistema. Assim, a fala não deveria ser objeto de estudo, pois, segundo ele, está associada a fatores externos à língua. Labov (2008 [1972], p. 18), por seu turno, propõe que o objeto da análise linguística seja a gramática da comunidade de fala, “o sistema de comunicação usado na interação social”, afirma ainda que uma comunidade de fala “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188).

O estruturalismo concebia a língua como um sistema homogêneo, unitário e autônomo, e tinha como principal tarefa descrever sua estruturação e seu funcionamento internos, desconsiderando a prática linguística concreta e o processo sócio histórico de constituição da língua. Superando a visão dos estruturalistas de que a “análise linguística se circunscrevia aos limites das relações internas ao sistema linguístico” (LUCCHESI, 2004, p. 167), a Sociolinguística afirma que “apenas a consideração desses fatores estruturais internos não é suficiente para construir uma explicação da mudança”. A partir de dados empíricos, considerando fatores estruturais (linguísticos) e sociais (extralinguísticos), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) rompem cada uma das barreiras impostas pelo estruturalismo.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), uma teoria que trata da mudança linguística deveria responder à seguinte questão: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade?”. Os autores destacam que a solução firma-se no abandono do axioma da homogeneidade, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade,

A chave para uma concepção racional da mudança lingüística – em realidade, da própria língua – é a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação em uma língua que serve a uma comunidade. Argumentaremos que o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo ou nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência lingüística monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 68)

Assim, a Sociolinguística estuda a língua em seu contexto de uso real, levando-se em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Parte do princípio de que a variação e a mudança linguística são inerentes às línguas humanas, por trás do aparente “caos” da comunicação, busca-se a regularidade e a sistematicidade. O grande avanço da Sociolinguística, segundo Mattos e Silva (2004), funda-se basicamente nessa conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores estruturais e sociais. Silva Corvalán (2001, p. 01) pontua que

Estes fatores sociais incluem: (a) os diferentes sistemas de organização política, econômica, social e geográfica de uma comunidade; (b) fatores

individuais que têm repercussões em geral na organização social, como a idade, a raça, o sexo e o nível de instrução; (c) aspectos históricos e étnico-culturais; (d) a situação imediata que cerca a interação; em uma palavra, o que se tem chamado de *contexto externo* em que ocorrem os fatos linguísticos.²⁶ (Tradução da autora).

A variação e a mudança linguística se configuram como os objetivos centrais da Sociolinguística, sendo operacionalizados pela teoria e pela metodologia. Os trabalhos desenvolvidos por Labov (1962, 1966) demonstraram ser completamente possível observar a mudança linguística em curso, entendendo-a como um processo. Assim, a mudança se dá: “(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 122)

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) afirmam, ainda, que “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.” Nesse modelo, as variantes correspondem a cada uma das formas de realização de um determinado elemento linguístico (variável), utilizado em uma comunidade. Essas formas linguísticas distintas são reveladoras de particularidades sociais, culturais e identitárias dos grupos e dos indivíduos que neles estão inseridos. Diante disso, os estudos sociolinguísticos se propõem a estudar como uma variante se implementa ou se extingue numa língua, uma vez que as variantes de uma determinada comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas.

No estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) formulam cinco questões teóricas centrais com as quais os linguistas terão que lidar: os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a sua implementação.

a) A questão dos *condicionamentos* (*the constraints problem*) remete ao fato de se estabelecer quais as condições que favorecem ou inibem as mudanças e, conseqüentemente, qual o conjunto das mudanças possíveis. As mudanças linguísticas são naturais, seguem princípios universais, mas para ocorrerem devem obedecer a determinados limitadores que podem ser sociais ou linguísticos, cabendo ao linguista identificá-los. Em resumo, é preciso

²⁶ Estos factores sociales incluyen: (a) los diferentes sistemas de organización política, económica, social y geográfica de una sociedad; (b) factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social en general, como la edad, la raza, el sexo y el nivel de instrucción; (c) aspectos históricos y étnico-culturales; (d) la situación inmediata que rodea la interacción; en una palabra, lo que se ha llamado el *contexto externo* en que ocurren los hechos lingüísticos.

responder à questão: *Quais os fatores gerais efetivos para a mudança que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança?*

b) O problema da *transição* (*the transition problem*) consiste em descobrir o caminho percorrido por uma variante linguística até ocorrer a mudança linguística de fato. Verifica-se, portanto, os estágios intermediários.

Ao considerar alguns subsistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/inovador, a teoria da língua pode observar a mudança linguística enquanto ocorre. Pela observação *in vivo*, podemos aprender coisas sobre a mudança linguística que estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 122).

O entendimento da transição passa por explicar qual a configuração da língua nos estágios intermediários e de que forma ela se diferencia do que era no ponto inicial e do que é, ou será, no ponto em que a mudança é estável. A questão sobre a transição seria: *Como e por quais caminhos a língua muda?*

c) O problema do encaixamento (*the embedding problem*) consiste no fato de se identificar a matriz social e a matriz linguística em que se observa a mudança linguística, ou seja, o encaixamento na estrutura social e na estrutura linguística. Este problema assinala que uma mudança linguística só poderá ser assimilada levando-se em consideração a sua inserção no sistema linguístico de uma dada comunidade que ela afeta. A questão a ser respondida é: *Como uma determinada mudança linguística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e linguísticas?*

d) O problema da avaliação (*the evaluation problem*) – nessa questão, cabe verificar o importante papel do indivíduo frente à mudança linguística e frente à própria língua. É mediante a avaliação do falante que as variantes linguísticas podem se apresentar dotadas de prestígio social ou serem estigmatizadas. As variantes inovadoras, geralmente, são as que sofrem estigma social, sendo consideradas não padrão. Por outro lado, as variantes canônicas/conservadoras são quase sempre aquelas dotadas de prestígio social, figurando como padrão. O problema da avaliação consiste, portanto, em apontar a apreciação ou depreciação que o falante faz diante das mudanças que ocorrem em sua própria língua. Sobre a avaliação, o questionamento poderia ser: *Como os membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança? Quais são os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si?*

e) O problema da implementação (*the actuation problem*) – cabe ao pesquisador indicar se a variação linguística passará desse estágio para uma mudança linguística e explicar o fato de uma mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em momentos distintos. Através desse problema pode-se observar se uma variante se estabelece ou não no sistema. Assim, é necessário explicar: *Por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?*

1.2.2 Aspectos metodológicos da investigação Sociolinguística

A Teoria da Variação Laboviana assume que a variação linguística é inerente às línguas e essa variação não é aleatória, mas sim ordenada, governada por um conjunto de regras tanto linguísticas, como sociais. Sendo assim, essas regras funcionam de modo a favorecer ou inibir o uso de determinada variante conforme o contexto situacional do falante. Ao inserir o componente social na análise linguística, essa teoria assume que seu objeto teórico é a variação linguística, mais especificamente a social. Trabalha, assim, com a gramática da comunidade de fala, ou seja, padrões coletivos de comportamento linguístico.

Tendo em vista a possibilidade de sistematizar a heterogeneidade linguística, Labov (2008[1972]) propôs uma metodologia em que, ao analisar amostras de fala de alguns membros da comunidade, é possível chegar a conclusões significativas sobre a língua da comunidade inteira. Seus estudos demonstraram ser completamente possível observar a mudança linguística em curso, entendendo-a como um processo.

Esses estudos estabeleceram como procedimento principal para a obtenção dos dados a serem analisados na pesquisa sociolinguística a observação direta dos dados de fala. Os instrumentos de coleta precisam ser estruturados de modo a obter dados da variável em análise e podem ser dos mais variados gêneros, a fim de garantir o registro de fala nas mais variadas formas de interação.

Deve-se destacar, contudo, que ao buscar estudar o vernáculo, ou “a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los.” (TARALLO, 2011, p. 19), o pesquisador se vê diante de um grande desafio, pois ao utilizar um gravador, por exemplo, o informante poderá se sentir inibido, passando a se preocupar com a forma com que utilizará a língua. A isso, Labov (2008[1972], p. 144) chamou de *paradoxo do observador*: “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados, por meio das observações sistemáticas.” Esse problema

pode ser superado, desde que o pesquisador utilize em sua entrevista uma variedade de estilos, tais como: narrativas que envolvam emoção, perigo de morte, interação com outros membros da comunidade etc., pois assim a presença do pesquisador e do gravador poderá ser neutralizada.

O conjunto de variantes é denominado “grupo de fatores” ou “variável linguística”. A variável linguística a ser analisada é chamada de “dependente” e as que a ela se associam, “variáveis independentes”. Fazem parte das variáveis internas os fatores que dizem respeito a características da língua em várias dimensões – de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais –, já no grupo de variáveis externas encontram-se os fatores inerentes ao indivíduo (etnia, idade e sexo), os propriamente sociais (escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (grau de formalidade, tensão discursiva).

Acerca da escolha dos informantes, Campoy e Almeida (2005, p. 59) afirmam que é mais qualificada quando baseada em uma amostra seletiva e porque se anula o risco de seleção desequilibrada e casual, não existindo, além disso, um consenso sobre o tamanho da mesma. Assim, deve prezar pela representatividade do perfil sociodemográfico das comunidades, tanto em relação à quantidade de sujeitos/informantes quanto às suas características.

Ao se enquadrar a variação nos limites da estrutura linguística e no meio social, os sociolinguistas desvinculam esse fenômeno da ideia de variação livre. Assim, para a Sociolinguística, todo processo de variação é concebido com “regra variável”, ou seja, a heterogeneidade existente não é aleatória e a ocorrência de uma ou outra variante depende de condições específicas que a favoreçam ou não. O grau de interferência de determinado fator na ocorrência de uma ou outra forma variante é estabelecido por métodos quantitativos. Sobre a análise de regras variáveis, Guy (2007) afirma:

A análise de regra variável foi desenvolvida na Linguística como uma forma de dar conta da variação estruturada, governada por regras de uso da língua. Trata-se da variação lingüística que realmente mostra taxas mais altas ou mais baixas de ocorrência em determinados ambientes, ou que regularmente predomina em determinados grupos sociais ou estilos de fala. (GUY, 2007, p. 48)

Diversos métodos estatísticos podem ser utilizados para análise das regras variáveis, a exemplo do pacote de programas VARBRUL (do inglês *Variable Rules Analysis*), do *GoldVarb 2001*, *Goldvarb X e R*. O uso desses métodos permite ao pesquisador identificar

com maior precisão a sistematicidade das regras variáveis e analisar qualitativamente os dados, de modo a observar se os resultados indicam um processo de variação estável ou de mudança em curso.

Duas são as situações admitidas como resultados da análise dos fenômenos variáveis pela metodologia sociolinguística: a *variação estável* entre as formas e a mudança em estado de mobilização, ou *mudança em curso*. A primeira delas motivada somente por condições linguísticas e a segunda, produto, também, da influência dos fatores sociais. Cezário e Votre (2015) detalham e exemplificam esses conceitos:

A variação estável consiste em diferenças linguísticas que caracterizam cada grupo social, cada cidade, região, cada canal (oral ou escrito). A variação está presente em todas as línguas num dado momento. Assim, por exemplo, podemos citar a variação entre [ŋ] (consoante velar) e [n] (consoante alveolar) para a terminação -ing dos verbos do inglês (*speaking* / “falando”, *walking* / “andando”, *watching* / “assistindo”), que é um caso de variação que permanece estável na língua inglesa há séculos. Essa variação é determinada pelo grau de escolaridade e pela classe social: falantes com grau alto de escolaridade usam a forma padrão [ŋ] e falantes com grau baixo de escolaridade e da classe baixa usam a forma não padrão [n]. [...] A mudança ocorre quando, após um período de variação de duas ou mais formas, a forma mais nova e de menos prestígio se espalha e substitui a forma antes mais usada. Podemos dar como exemplo a pronúncia do [l] pós-vocálico do português do Brasil, que passou a ser pronunciado como uma semivogal (sa[w], pape[w]) em todo o território brasileiro, exceto no Sul (que mantém a consoante). (CEZARIO; VOTRE, 2015, p. 151)

Um dos propósitos da análise Sociolinguística, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), era o de rever a ideia de que não se podia estudar diretamente a mudança linguística, mas sim apenas quando concluída. Para elucidar essa questão, Labov (1994) propõe que se estude a mudança em progresso, na variação observada na língua em um determinado momento. A esse recurso, Labov denominou estudo da mudança no tempo aparente. Dessa forma, “o estudo da mudança na análise sincrônica abria caminho para a definitiva superação da dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia” (LUCCHESI, 2004, p. 166).

Os estudos em *tempo aparente* investigam o padrão de comportamento linguístico de falantes em diversos grupos etários, num determinado momento do tempo. Se o uso da variante inovadora for mais frequente na fala dos jovens, decrescendo em relação aos mais idosos, pode indicar um caso de mudança em progresso. Labov (1994) adverte, no entanto, que este tipo de estudo pode não indicar uma mudança na comunidade inteira, tratando-se

apenas de uma *gradação etária*, ou seja, um padrão característico de determinada idade, que naturalmente se repete em cada geração. A *gradação etária* indica apenas um processo de *variação estável*. Para uma melhor compreensão dos casos de mudança, faz-se necessária a realização de estudos baseados em *tempo real*.

A pesquisa em *tempo real*, por seu turno, relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Labov (1994), há duas maneiras de se investigar um fenômeno de mudança em *tempo real*. O primeiro método consiste em procurar textos antigos que registrem as variantes em estudo e realizar uma comparação com os registros mais recentes. Ele recomenda que sejam utilizados textos escritos que reflitam a língua falada de um certo período de tempo, tais como cartas íntimas, diários, peças teatrais, gramáticas do passado etc. O segundo consiste no retorno do pesquisador à comunidade, após uns vinte anos, para repetir os mesmos estudos, realizando novas gravações. Este método, porém, apresenta-se muito dificultoso, dadas as limitações de encontrar os mesmos informantes, pois certamente muitos podem ter falecido ou viajado.

Diante do exposto, observa-se que a metodologia da teoria da variação constitui uma ferramenta que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas. É, portanto, mais um instrumento de que o linguista dispõe para o entendimento das línguas humanas.

1.2.3 Algumas considerações

Apresentados os aspectos das duas disciplinas que sustentam as perspectivas desta tese, salienta-se que embora sejam consideradas até certo ponto sinônimas, por tratarem da diversidade de usos da língua, torna-se evidente o caráter particular e individualizante que cada uma atribui ao tratamento de seu respectivo objeto de estudo. A distinção entre elas consiste na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos (CARDOSO, 2010).

Como esclarece Cardoso (2010):

A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se dessa forma como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais,

priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p. 26)

Pode-se afirmar que a Sociolinguística, ramo da linguística que se preocupa com a língua enquanto fenômeno social e cultural nasceu, de certa forma, dentro da Dialetologia. São, assim, Dialetologia e Sociolinguística duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas se encontram e se complementam em objetivos que lhes são comuns: fornecer fotografias e respostas sobre a língua falada por determinadas comunidades. (CALLOU, 2010).

Assim, com objetos teóricos bem delineados, cada vertente desenvolveu pressupostos teóricos e metodológicos próprios e consistentes que dão suporte à análise da variação linguística. Todo esse aparato teórico-metodológico tem servido de base para pesquisas em todo o Brasil, de modo a fornecer fotografias das variações existentes nesta sincronia, assim como tem proporcionado o conhecimento de mudanças em curso na língua.

Esta pesquisa realizou-se entre o limite tênue da Dialetologia e da Sociolinguística. Dos estudos dialetais, vem a compreensão da distribuição diatópica dos pronomes *tu* e *você*; vale-se do recurso da Geolinguística Pluridimensional, apresentando alguns dos resultados encontrados em mapas linguísticos, agregando à dimensão espacial a preocupação com os diferentes perfis sociais de informantes.

A Sociolinguística fornece todo o arcabouço quantitativo e a compreensão formalizada da língua como um sistema heterogêneo e dinâmico. Exploram-se, nesta pesquisa, os possíveis condicionamentos linguísticos e sociais para a o uso dos pronomes *tu* e *você* nas 24 localidades que integram a rede de pontos da região Norte do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Fazem-se, assim, a união e o aproveitamento desses saberes, a fim de fornecer mais respostas acerca de um fenômeno que caracteriza o português do Brasil e particulariza as suas comunidades de falantes.

2 PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS

O propósito desta seção é traçar um breve histórico das formas de tratamento, a fim de compreender a realidade pronominal de segunda pessoa do singular encontrada no PB atual, uma vez que a história dessas formas relaciona-se diretamente à história do próprio homem. Assim, o percurso histórico apoia-se em Biderman (1972), Cintra (1986), Menon (1995), Lopes e Duarte (2003) e Faraco (2017).

Em seguida, apresentam-se estudos sociolinguísticos e geolinguísticos já realizados sobre a referência à segunda pessoa em cada uma das regiões do país, com o intuito de apresentar um panorama geral da variação em estudo.

2.1 PERCURSO HISTÓRICO DAS FORMAS DE TRATAMENTO PRONOMINAL

O sistema pronominal do português do Brasil passou por diversas modificações ao longo do tempo, refletindo sempre a história da língua e da sociedade; uma das maiores mudanças refere-se à inserção do pronome *você* no quadro de pronomes pessoais. Todavia o que se percebe é que o quadro de pronomes pessoais que ainda vigora nas gramáticas tradicionais é estruturado apenas a partir das três pessoas do discurso (*eu/tu/ele*), com variação de número (*nós/vós/eles*) e, como afirma Lopes (2007, p. 106), está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do PB.

De acordo com Menon (1995, p. 93), as mudanças no sistema de representação da segunda pessoa começaram pela forma plural, por ser considerada a menos marcada. Até o século XIV, o pronome *vós* podia ser usado para referir-se a mais de um interlocutor (correspondendo à segunda pessoa do plural) como também a apenas um interlocutor de posição hierárquica superior, ou como uma forma de tratamento respeitoso, por motivos de idade. Este pronome denotava, assim, um tratamento respeitoso e poderia ser amplamente utilizado, já o pronome *tu* era usado entre iguais ou de superior para inferior, como uma forma bem *marcada*. Usar o pronome *tu* para se dirigir a alguém desconhecido implicava em violação das regras de conduta da sociedade da época. Essa oposição que se estabelecia basicamente entre *tu/vós* (plano da intimidade) *versus* *vós* (plano de cortesia ou distanciamento) continua ainda hoje em francês.

Consoante Cintra (1986), a forma *Vossa Mercê*, que aparece como tratamento próprio para o rei nos fins do século XIV, chegando a ser o tratamento mais usual para o monarca em 1460, deixa de sê-lo em 1490. Esta forma passa a ser utilizada para “duques e infantes, depois

para simples fidalgos, e já no início do século XVI, na época de Gil Vicente, para patrões burgueses” (CINTRA, 1986, p. 21).

Cintra (1986) destaca a publicação das “leis das cortesias” em 1586, na Espanha e em 1597, em Portugal. Essas leis estabeleciam como deveriam ser empregadas as formas de tratamento. Tal postura, de acordo com Lopes e Duarte (2003, p. 65), pode sugerir duas hipóteses: “1) havia uma grande flutuação no emprego dessas formas de tratamento entre as pessoas da época e 2) a sociedade tinha uma grande preocupação em determinar os papéis sociais desempenhados pelos membros que a constituíam”.

A expansão no uso da forma *Vossa Mercê* acarretou mudanças de ordem fonética na expressão. Vários autores já se ocuparam das diferentes formas da evolução *Vossa Mercê* > *você* (e por conseguinte *cê*, no PB) tanto no português do Brasil, quanto no de Portugal (NASCENTES, 1956; AMARAL, 1920; FARACO, 1982; PAIVA BOLÉO, 1946; entre outros). De acordo com Menon (1995), a forma *você*, proveniente de uma forma honorífica, seguiu uma trajetória de modificação de valor ao lado da modificação fonética, no entanto sempre foi uma forma usada para se dirigir ao interlocutor, a clássica segunda pessoa, passando de um tratamento não íntimo para um tratamento íntimo.

Menon (1995, p. 96) assinala que, com a inserção desse novo par *você/vocês*, a língua passa a ter uma assimetria no paradigma dos pronomes sujeito: “as novas formas passaram a co-ocorrer com a antiga oposição *tu/vós*, suplantando primeiro a forma *vós*, que se tornou arcaica”. Dessa forma, *vocês* se integrou completamente no paradigma, caracterizando, basicamente, o plural real da segunda pessoa. No que se refere ao singular, continua a haver a co-ocorrência e a concorrência das formas *tu/você*, com uma predominância no uso do *você*, salvo em algumas regiões do país.

Em seu texto clássico *O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica*, Faraco (2017) busca reconstituir aspectos do ambiente sociocultural que desencadeou a introdução de novas formas de tratamento do interlocutor em português e acompanhar o desenvolvimento destas até os dias atuais. Ao abordar a história das formas de tratamento, fornece um excelente exemplo de como fatos socioculturais podem desencadear mudanças linguísticas. Ele critica a postura dos gramáticos normativos, que ignoram as mudanças pelas quais o português passou ao longo de seis séculos e continuam a apresentar algumas realidades próprias do português arcaico como modelos a serem seguidos.

Ao tratar da evolução da forma de tratamento *Vossa Mercê*, Faraco (2017) afirma que no período Idade Média, em função das transformações ocorridas tanto na economia como na sociedade portuguesa, surgiram diversas formas de tratamento com a estrutura *Vossa + N*

(*Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Majestade*), usadas, a princípio, exclusivamente para o tratamento do rei. Segundo ele, *Vossa Senhoria* ocorreu pela primeira vez nos textos das Cortes, em 1434, *Vossa Majestade*, em 1442, *Vossa Alteza*, em 1450, e *Vossa Excelência*, em 1455.

Como criações tipicamente medievais *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* relacionavam-se a duas das mais importantes instituições da época: “a *mercê* do rei, relacionada particularmente com a distribuição da justiça e com a proteção real; e o *senhorio*, isto é, o poder feudal, relacionado com a posse de vastas extensões de terra e com o instituto da vassalagem” (FARACO, 2017, p. 118). Sobre a origem dessas duas formas, afirma que normalmente se assume que *Vossa Mercê* é de origem ibérica, enquanto *Vossa Senhoria* é de origem italiana, hipótese considerada razoável, quando considerados alguns fatos históricos e linguísticos.

Faraco (2017) afirma ainda que a rápida multiplicação das formas *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* em Portugal pode ser entendida pela progressiva alteração de seu valor social, resultante da expansão de seu uso. A difusão de *Vossa Mercê* fez com que essa forma adquirisse um uso social amplo no tratamento não íntimo, perdendo, assim, seu valor honorífico para a aristocracia. Em decorrência desse processo e da perda de sua força honorífica original, surgiu a necessidade de introduzir novas formas para manter um sistema diferenciado de tratamento do rei. Assim, *Vossa Alteza* se especializa como tratamento ao rei no século XV, sendo encontrado também ao longo de todo século XVI, até o reinado de Filipe II de Espanha, I de Portugal. *Vossa Senhoria*, que também se inicia como tratamento próprio para o rei, passa a ser utilizado para fidalgos da mais alta nobreza, fixando-se num nível superior ao de *Vossa Mercê*.

Depois da ampla expansão social, a forma *Vossa Mercê* evolui, segundo Faraco (2017), em duas direções:

- a) mantém sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana, mas vai arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua forma abreviada (*você*) estava se tornando dominante;
- b) é afetada por um rápido processo de simplificação fonética, tornando-se os pronomes *você/vocês* de uso corrente hoje, em especial no português brasileiro, no tratamento da segunda pessoa do discurso.

O processo de simplificação fonética gerou inúmeras formas paralelas, e alguns fatos sugerem que esse processo está correlacionado a aspectos da variação social e geográfica. O pronome *você*, por exemplo, com marca negativa em Portugal, sugere que sua origem tenha

sido urbana, advinda do estilo mais informal da pequena burguesia, enquanto a maioria das outras formas são caracteristicamente rurais.

No Brasil, diferentemente de Portugal, *você* é o pronome mais amplamente utilizado no tratamento íntimo, ao lado do pronome *tu*, restrito a algumas regiões. Faraco (2017) diz, ainda, que, embora não se tenham documentos que comprovem os motivos desse largo uso, alguns dados permitem a reconstrução hipotética de tais fatos. Primeiramente, destaca que quando os portugueses aqui chegaram o *vós* estava em processo de arcaização e o *Vossa Mercê*, em processo de simplificação fonética. A partir do final do século XV, observa-se em Portugal o uso generalizado de *Vossa Mercê* e suas variantes pela população não aristocrática, e foram justamente os membros dessa população aristocrática que vieram como colonos a partir da segunda metade do século XVI. Por conta disso, é possível pressupor que as formas predominantes no Brasil, desde o início da ocupação europeia, foram as diferentes variantes de *Vossa Mercê*.

Na opinião de Faraco (2017), devido à insuficiência de dados, é muito difícil reconstruir de forma precisa a evolução da forma *Vossa Mercê*, cujo estágio mais avançado é a forma *cê*, usada no Brasil em situações informais. É possível, no entanto, que muitos pontos dessa evolução possam ser estabelecidos por estudos dialetológicos e sociolinguísticos das áreas em que o português é falado, especialmente entre as populações rurais, mas esses estudos estão se tornando cada vez mais difíceis em virtude da urbanização e da migração dessas populações, causadas pelas mudanças no sistema tradicional da produção agrícola e da vida rural.

Lopes e Duarte (2003) analisam peças brasileiras e portuguesas escritas nos séculos XVIII e XIX a fim de delinear historicamente o processo de gramaticalização/pronominalização da forma *Vossa Mercê* nos dois territórios. Realizam, também, um levantamento das formas nominais e pronominais de tratamento mais frequentes nos séculos XVIII – XIX em português e identificam os fatores linguísticos e extralinguísticos que aceleraram o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* no português do Brasil, ocasionando sua inserção no sistema pronominal.

Com relação às peças portuguesas, na primeira fase do século XVIII, as autoras observam que há uma distribuição regular entre as formas utilizadas, com o predomínio de *tu* sobre as demais. Essa distribuição se polariza ainda mais na passagem do século XVIII para o XIX, com expressiva elevação no uso de *tu*.

No que se refere às peças brasileiras, observam que na primeira metade do século XVIII há uma distribuição regular entre as formas *Vossa Mercê* (33%), *tu* (29%), *vós* (25%) e que a partir da segunda metade o pronome *tu* tem seu uso elevado significativamente (63%). Na

primeira metade do século XIX, o uso deste pronome chega a 90%, quando começa a sofrer um declínio. No fim do século XIX, seu uso volta aos índices do final do século XVIII. O pronome *você* mantém-se de maneira estável ao longo dessas duas fases (10%), mas inicia sua implementação a partir da segunda metade do século XVIII, polarizando-se basicamente com o pronome *tu*.

Ainda sobre as peças brasileiras, afirmam que as formas *Vossa Mercê e vós* sofrem um declínio significativo do fim do XVIII em diante, com índices próximos de zero durante o século XIX. Além disso, outras formas nominais de tratamento concorrem com *você* no último período analisado.

Diferentemente da posição defendida por Faraco (2017) acerca do surgimento da forma *Vossa Mercê*, Lopes e Duarte (2003) datam o século XVIII como início do processo de pronominalização de *Vossa Mercê*, e o início do XIX como a efetiva gramaticalização de *você*. A partir do cruzamento dos fatores tempo e tipo de relação social, observam que as formas *Vossa Mercê* e *você* se alternam no início do século XVIII entre superior/inferior e inferior/superior. Já na segunda metade do século XIX, o uso de *Vossa Mercê* diminui e o *você* não expresso aumenta, o que indica, segundo as autoras, que este estava perdendo a autonomia sintático-discursiva de nome, na medida em que começa a se comportar como os outros pronomes numa língua ainda de sujeito nulo.

Na pesquisa empreendida, Lopes e Duarte (2003) destacam, ainda, que a partir do século XIX a forma *você* é amplamente utilizada, principalmente nas relações assimétricas de superior para inferior, além de apresentar índices elevados entre os membros das classes populares, o que poderia indicar o princípio da *especialização*, nos termos de Hopper (1991). Nesse contexto, o *Vossa Mercê* continuava denotando cortesia, com maior probabilidade de ocorrência nas relações inferior/superior.

Biderman (1972) investiga o problema das formas de tratamento, relacionando-as com as estruturas sociais nas sociedades latinas, particularmente na Península Ibérica e na América Latina, e apresenta pontos comuns entre os sistemas pronominais do espanhol, do português europeu e do português brasileiro. A autora defende que o *Vossa Mercê* foi importado da Espanha, a fim de ocupar a lacuna deixada pela forma *vós*, justamente no período em que Portugal estava sob o domínio espanhol, no final do século XVI e primeira metade do século XVII. O uso frequente de *vuestra merced*, nesse período, gera diversas mudanças fonéticas, resultando na forma espanhola *usted*.

Ao comparar as variantes espanholas *voaçed*, *vueçed*, *vassuncê*, *vuaçed*, *voazé*, *vuazé*, *vuezé*, Biderman (1972) destaca o fato de *vassuncê* (variante rural espanhola) também ser

encontrada nos meios rurais portugueses e brasileiros, fazendo par com *vosmecê e ocê*. Salienta, ainda, que “na sequência das etapas sucessivas o *usted* espanhol ficou como forma respeito, substituindo *vós*” (BIDERMAN, 1972, p. 363).

Ainda de acordo com Biderman (1972), *você* como tratamento intermediário entre *tu* e *Vossa Mercê* provavelmente só veio a acontecer no século XVIII. Com relação ao pronome *você*, ou substituiu a forma familiar *tu* (Brasil), ou ficou como intermediário entre a intimidade (*tu*) e o formalismo (*o senhor, V. Excia.*), em Portugal.

Os estudos de Biderman (1972) informam que até meados do século XIX, em Portugal e no Brasil, as formas de tratamento se classificavam de acordo com sua função social e o grau de intimidade com quem se falava. O pronome *você* estava circunscrito ao tratamento do superior ao inferior, seja por questões de idade, de posição social, para indicar relações assimétricas, ou entre iguais não íntimos. No Brasil, entre o século XIX e o XX, o *tu* é substituído pelo *você*, como forma de tratamento familiar e íntimo. A partir de seu estudo feito com cartas, Biderman (1972) observa que o escritor Machado de Assis, até os anos 1970, usava *tu* no trato com os íntimos, de modo geral. Já no final do século XIX e começo do XX, utiliza, de forma geral, o *você*.

Quadro 1: Formas de tratamento no século XX no Brasil

	Íntimo (I)	Não-Íntimo (I)	
Superior S	H o senhor	o senhor	
	M a senhora (1)	a senhora	
Igual IG	você	o senhor (2) H	você
		a senhora M	
Inferior S	você	você (3)	

Fonte: Biderman (1972, p. 366)

O Quadro 1 apresenta as formas de tratamento utilizadas no Brasil, no século XX. Nesse período, o tratamento de *o(a) senhor(a)*, a senhora dado a um íntimo (superior), como aos pais, já não é generalizado, podendo-se perceber em áreas urbanas das grandes cidades os jovens tratarem os pais de *você*. Por conta disso, Biderman (1972) verifica que, no Brasil, semelhantemente ao que ocorre em algumas culturas europeias, como a francesa, a italiana e a alemã (quando observadas por Brown e Gilman), as formas de tratamento são como uma extensão da semântica da solidariedade em detrimento da semântica do poder.

No que diz respeito à interação entre pessoas da mesma classe social e mesma faixa etária, o tratamento pode alternar entre as formas *o(a) senhor(a)* e *você*. No entanto o uso dessas formas não era aleatório, enquanto *o(a) senhor(a)* era mais usado por pessoas de educação mais conservadora em ambientes mais refinados, que necessitavam de um tratamento mais formal e menos familiar, o uso do *você* ocorria entre os considerados inferiores.

De modo geral, segundo Biderman (1972), é digna de nota a simplificação que ocorreu no Brasil, e não em Portugal, com relação às formas de tratamento. A tendência brasileira, segundo a autora, é para ampliar a área coberta por *você*. A discrepância entre os sistemas português e brasileiro pode ser, até certo ponto, assim explicada:

A sociedade brasileira pode ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. [...] a portuguesa é uma sociedade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades européias, mesmo no mundo latino mais conservador, em geral. [...] existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos. [...] A mera observação dos grandes centros brasileiros confrontados com as metrópoles portuguesas evidenciará a disparidade que ora mencionamos. (BIDERMAN, 1972, p. 367-368)

Para Menon (1995), no Brasil, diferentemente de Portugal, a forma *você(s)* passou a ser a forma de tratamento íntimo em quase todo o país, provavelmente em virtude de as formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa serem utilizadas desde o início da colonização. Sobre a concordância do verbo com o pronome *você*, a autora explica como se deu o processo e apresenta os motivos pelos quais não faz sentido dizer que o verbo está na terceira pessoa.

[...] a forma *você(s)* origina-se de uma *locução nominal* (constituída de um pronome possessivo mais um substantivo) e, nessa categoria passa a requerer o verbo na *terceira pessoa*. No entanto, durante o processo de modificação fonética e de valor social, a forma se pronominalizou, isto é, passou por um processo de *gramaticalização*, mudando a categoria: de *nome* (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um *nome* – substantivo ou adjetivo –, exercendo as mesmas funções gramaticais) para *pronome*. Este novo pronome é *de* segunda pessoa; logo, a forma verbal que o acompanha também passa a ser uma forma de segunda pessoa. Então, não faz sentido algum continuar a dizer que o verbo está na terceira pessoa com um pronome de segunda pessoa. (MENON, 1995, p. 96-97) (grifos da autora)

Assim, em virtude da modificação do pronome-sujeito, houve uma reestruturação no seu paradigma verbal, e a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas: o pronome *tu* ocorreria com o morfema tradicionalmente atribuído à 2ª pessoa do singular e o *você* teria a forma verbal portadora do morfema ϕ . No entanto, apesar de essas duas formas coexistirem para a expressão da segunda pessoa, a afirmação não é totalmente verdadeira, já que muitos trabalhos sincrônicos têm revelado que mesmo em localidades onde o pronome *tu* é o mais produzido, sua concordância canônica pouco ocorre.

Acerca disso, Menon (1995) assume a hipótese de que os falantes interiorizaram a forma verbal com morfema ϕ como a marca de segunda pessoa e a variação passa a recair simplesmente no uso do pronome. E o que reforça esta hipótese seria “a utilização, mesmo por falantes onde *tu* é a forma preferida no singular, da forma plural *vocês*. Como *vocês* é o plural de *tu*, basta subtrair da forma verbal o morfema de plural -m e se disporá da forma singular, à qual se adiciona o pronome *tu*” (MENON, 1995, p. 97).

Tentou-se, aqui, apresentar alguns estudos e investigações sobre a origem e evolução histórica das formas de tratamento, enfocando-se na evolução dos itens *Vossa Mercê*>*você*. A partir desse breve percurso histórico, pode-se observar que em português europeu o pronome *você* está em distribuição com *o(a)senhor(a)* e *tu*, segundo o grau de intimidade estabelecido entre os interlocutores, revelando, assim, que *você* ainda guarda traços de forma de tratamento. No que se refere ao português do Brasil, o pronome *você* já está perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais e chega a substituir o *tu* em grande parte do território nacional ou com ele convive sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada “segunda pessoa direta”.

Nota-se, por fim, que a mudança no comportamento das formas *tu* e *você* não ocorre apenas diacronicamente, mas também sincronicamente. A seguir, serão apresentadas algumas pesquisas que abordam o uso variável desses pronomes nas cinco regiões brasileiras.

2.2 OS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS E GEOLINGUÍSTICOS

A variação *tu/você* tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores em todo território nacional e os resultados têm demonstrado que a assertiva feita por Cunha e Cintra (2001, p. 292) de que o pronome *você* substituiu o *tu* em quase todo país, restringindo o uso deste “ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente demarcados” não é totalmente verdadeira.

Esta seção objetiva apresentar a variação dos pronomes *tu/você* no PB sob uma perspectiva diatópica. Embora haja uma vasta literatura que trate dos pronomes de segunda pessoa nas modalidades escrita e falada, por escolha metodológica, serão apresentados apenas estudos Sociolinguísticos e Geolinguísticos que envolvam *corpus* oral. Para tanto, foram selecionados alguns estudos de cada região²⁷.

2.2.1 Região Norte

Acerca da região Norte, destacam-se os trabalhos de Soares e Leal (1993), Martins (2010) e Babilônia e Martins (2011).

2.2.1.1 Soares e Leal (1993)

Soares e Leal (1993) realizaram uma pesquisa na Universidade Federal do Pará com a participação de dois grupos sociais: grupo A, constituído por professores, e grupo B, por funcionários. A linguagem de cada um dos grupos foi contrastada com a dos respectivos filhos, que foram distribuídos em duas faixas etárias, crianças de 8 a 10 anos e adolescentes de 12 a 14 anos. Foram feitas gravações de fala casual e foi realizado, também, um teste sociolinguístico junto aos informantes pais e filhos para avaliar a atitude de cada um em relação às variantes estudadas.

O objetivo do estudo era observar se estaria havendo uma mudança em curso nas formas de tratamento, principalmente de filhos para com os pais, na família belenense. Para tanto, a pesquisa explorou a relação entre os papéis familiares (pais e filhos), classe socioeconômica (o grupo A foi considerado socialmente privilegiado e o B considerado como o menos privilegiado), e a faixa etária dos filhos.

Segundo as autoras, as relações assimétricas de poder podem ser evidenciadas nas formas de tratamento e, devido a uma série de mudanças ocorridas nas relações de poder da sociedade ocidental, em especial no âmbito familiar, poderia estar havendo uma mudança nas formas de tratamento entre pais e filhos belenenses. Discutidos em detalhes por Brown e Gilman (1960), os pronomes chamados de *T* e *V* são usados para denominar as formas de tratamento de *familiaridade* e *formalidade*, respectivamente. As autoras ressaltam que, no

²⁷ Ressalta-se que não há a intenção de esgotá-los, dado o elevado número de estudos já realizados.

português brasileiro, o pronome *você* pode recobrir tanto o campo do “poder” (respeito, cortesia, autoridade), quanto o campo da “solidariedade” (familiaridade, intimidade, igualdade) e que o uso assimétrico ou não recíproco das formas de tratamento pode ocorrer com pelo menos três posições possíveis: *tu* versus *você* , *tu* versus *o(a) senhor(a)* , *você* versus *o(a) senhor(a)* .

Os resultados encontrados revelam que o pronome *tu* foi a forma mais utilizada pelos pais e pelos filhos. Dos 171 dados produzidos pelos filhos, 84 foram deste pronome e, dos 367 dados produzidos pelos pais, 282 referem-se ao pronome *tu* . A distribuição geral dos dados ficou de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1: Formas de tratamento entre pais e filhos em Belém – PA

GRUPO	DE FILHO PARA PAI						GRUPO	DE PAI PARA FILHO			
	Tu		Você		Senhor			Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%		N	%	N	%
Filho de prof.	44	67,70	13	20	8	12,30	Pai professor	96	74,42	33	25,58
Filho de func.	40	37,73	8	7,54	58	54,73	Pai funcionário	196	79,04	52	20,96
Filho adolesc.	39	39,80	20	20,4	39	39,80	Pai de adolesc.	168	86,16	27	13,84
Filho criança	45	61,66	01	1,36	27	36,98	Pai de criança	124	68,14	58	31,86
Total	84	49,13	21	12,28	66	38,59	Total	282	76,84	85	23,16

Fonte: Soares e Leal (1993, p. 51) (adaptada)

Os dados evidenciaram que o pronome *tu* é o mais usual para se dirigir aos pais, correspondendo a 49,13% das ocorrências. Segundo as autoras, há uma mudança se insinuando nos dados, já que nos questionários 75% dos informantes-pais declararam usar exclusivamente a forma *senhor* para se dirigir aos seus pais, diferentemente dos dados dos filhos, que corresponderam a apenas 38,59%. Além disso, o fator classe socioeconômica demonstrou exercer influência no uso da forma *senhor* , esta forma parece estar perdendo força entre os filhos dos professores, diferentemente do que ocorre com os filhos dos funcionários.

2.2.1.2 Martins (2010)

Em Tefé, no Amazonas, Martins (2010) analisa a alternância *tu/você/senhor* , tomando por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). O *corpus* é composto por 19 entrevistas (quatro entrevistas sem o conhecimento prévio dos informantes e 15 entrevistas nos moldes labovianos), totalizando 30

informantes (15 homens e 15 mulheres), divididos em três faixas etárias (de 7 a 10 anos, de 20 a 35 anos e de mais de 50 anos) e em dois níveis de escolaridade (fundamental e universitário).

Os resultados encontrados evidenciam a prevalência do pronome *tu* em Tefé, confirmando a hipótese assumida inicialmente pelo autor. Os dados podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2: Referências à segunda pessoa em Tefé, Martins (2010)

	TU	VOCÊ	SENHOR	TOTAL
N	520	286	60	865
%	60,1	33	6,9	100

Fonte: Martins (2010, p. 53) (adaptada)

Vale destacar que em apenas 3,7% dos dados o pronome *tu* foi utilizado com a concordância canônica de segunda pessoa. As variáveis estudadas nesta pesquisa foram: tipo de referência (específica e genérica), tipo de discurso (direto e relatado), paralelismo (formas isoladas, primeiras da série, “*tu*” precedido de “*tu*”, “*tu*” precedido de “*você/cê*”, “*tu*” precedido de “*senhor*”), gênero (masculino e feminino), escolaridade (Fundamental e Universitária), faixa etária (7 a 10 anos, 20 a 35 anos e mais de 50 anos), tipo de relação entre os interlocutores (simétrica e assimétrica), tipo de gravação (oculta e consciente) e grau de intimidade com o interlocutor (íntimo e não íntimo).

Das nove variáveis trabalhadas, foram descartadas apenas a escolaridade, o tipo de relação entre os interlocutores e o tipo de discurso, as outras seis foram selecionadas como estatisticamente relevantes para o uso do pronome *tu* pelo pacote de programas Varbrul, e na seguinte ordem: paralelismo, grau de intimidade com o interlocutor, tipo de gravação, faixa etária, gênero e tipo de referência.

De referência ao primeiro deles, os resultados revelam que as realizações das três formas pronominais foram fortemente favorecidas pela presença de uma forma pronominal igual precedente, apresentando os seguintes pesos relativos: *tu* (0,74), *você* (0,69) e *senhor* (0,90).

Para a análise do grau de intimidade com o interlocutor, o autor analisou como íntimos os familiares e amigos do interlocutor e como não íntimos os estranhos e conhecidos apenas de nome (característica comum em cidades com a população de Tefé). Na rodada binária, em que se considerou apenas o *tu x você*, os resultados demonstraram que a intimidade favorece o pronome *tu*, com peso relativo de 0,59 e com uma frequência de 80,9% dos dados. Já em

contexto não íntimo, seu uso é desfavorecido, com peso relativo de 0,39 e frequência de 45,7%.

A forma *senhor*, apesar de mais formal, também é usada nas relações íntimas entre pais e filhos, mas marcando sempre assimetria. Seu uso alterna com o *tu* no tratamento dado aos pais e neste ponto os resultados de Martins (2010) se assemelham aos encontrados por Soares e Leal (1993) em Belém.

Com relação ao tipo de gravação, os resultados revelaram que quando se trata de gravação consentida, o uso da forma *tu* corresponde a 56,8% dos dados e peso relativo de 0,41, ao passo que, em gravações ocultas, o percentual aumenta, correspondendo a 90,7% e peso relativo de 0,78. Apesar de o número de entrevistas ocultas ser bem menor que o de entrevistas consentidas, o percentual de ocorrências do pronome *tu* é muito mais elevado.

Martins (2010) verifica também que a faixa etária mais jovem (7-10 anos) apresenta efeito fortemente favorecedor sobre o uso da forma *tu*, com peso relativo de 0,95. De maneira oposta, a faixa 3 (mais de 50 anos) desfavorece fortemente o uso do *tu* (peso relativo de 0,36) em detrimento da forma *você*. Ainda em relação a isso, o autor destaca que a terceira faixa etária comportou-se de forma distinta de acordo com o tipo de gravação. Nas gravações conscientes, utilizou mais o *você* que o *tu*, enquanto nas ocultas seguiu a tendência das demais faixas, optando em maior frequência pelo uso de *tu*.

Diferentemente do esperado, o autor identificou uma mudança no sentido **tu** → **+tu**, ou seja, o *tu* está se intensificando na faixa etária mais jovem. Martins (2010), morador da cidade de Tefé desde 2001, observa²⁸ que “o pronome *tu* é a forma mais ouvida no dia a dia, mas, quando se trata de um estranho, nos primeiros contatos há a preferência pelo pronome *você* como se fora um *pronome de contato* para estas ocasiões” (p. 71).

Em relação ao fator gênero do informante, os resultados mostram a preferência das mulheres pelo pronome *tu*, com peso relativo de 0,58, seguindo a tendência apresentada por Loregian-Penkal (2004) em cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul²⁹. Ao cruzar os fatores sexo e grau de intimidade, pode-se perceber que independentemente do grau de intimidade as mulheres favorecem o uso da forma *tu*, já na fala dos homens os relacionamentos não íntimos desfavorecem esta variante. Os percentuais e pesos relativos podem ser observados na Tabela 3.

²⁸ Martins (2010) afirma ter observado a fala das pessoas em todas as esferas da sociedade Tefeense.

²⁹ Loregian-Penkal (2004) aponta a tendência de as mulheres usarem mais o *tu* que os homens, nas comunidades estudadas na Região Sul.

Tabela 3: Uso do *tu* cruzando-se os grupos de fatores gênero/sexo e grau de intimidade do falante com o interlocutor em Martins (2010)

	Íntimo			Não íntimo			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Mulheres	161	80,9	0,60	101	58,7	0,55	262	50,4
Homens	187	81	0,57	71	34,8	0,28	258	49,6
Total	348	66,9		172	33,1		520	100

Fonte: Martins (2010, p. 71) (adaptada)

Com relação ao fator tipo de referência, se específica ou genérica, os dados revelam que o *tu* é mais usado quando a referência é específica (74,7% dos dados), com peso relativo de 0,55. Já o percentual de ocorrências nas referências genéricas foi de 51,8% e peso relativo de 0,43.

2.2.1.3 Babilônia e Martins (2011)

Babilônia e Martins (2011) realizam uma análise do uso dos pronomes *tu/você* no falar urbano manauara, com o objetivo de descrever os fatores sociais que condicionam a variação em situações discursivas de elocuições formais (EF), dialógicas (D2) e entrevistas (DID). Os *corpora* pesquisados pertencem ao banco digital do Projeto Fala Manauara Culta (FAMAC) e constituem-se de 30 gravações.

São consideradas como variáveis sociais: gênero, faixa etária (20-35 anos, 36-55 e 56 em diante), escolaridade (ensino superior completo) e ser nascido e residente em Manaus há pelo menos vinte anos.

O estudo é feito seguindo os princípios da Sociolinguística Variacionista e a abordagem funcionalista. Os autores partem do estudo de Brown e Gilman (1960), que tratam das mudanças no uso das formas de tratamento a partir do latim e como essas mudanças se cristalizaram de modo diferente nas línguas, apesar de preservarem elementos comuns. Para Brown e Gilman (1960), essas mudanças podem ser analisadas na oposição entre poder e solidariedade, normalmente vinculada à oposição distanciamento e proximidade, respectivamente, e também sugerem a criação dos símbolos T/V, em que T (proveniente do *tu* latino) é o pronome da solidariedade, da familiaridade, e V (originário do *vos*) é o do poder, da formalidade.

Partindo disso, Babilônia e Martins (2011) buscaram observar se, na variedade pesquisada, a alternância entre *tu* e *você* forma um par do tipo T/V. Além disso, almejavam

mensurar e analisar a variação descrevendo os fatores sociais que a condicionam e os contextos em que ocorrem.

Os resultados gerais a que chegaram revelam que o pronome *você* é o mais usual na fala urbana manauara, representando 65% dos dados, enquanto o pronome *tu* teve um percentual de 35%. Ao considerarem, entretanto, apenas o fator *situação discursiva*, o predomínio de *você* ocorreu apenas em elocuições formais (90,7%) e entrevistas (96%). Já nos diálogos (D2), o pronome *tu* teve o uso mais abrangente (70,5%).

Apesar de não compreender uma amostra uniforme, dos quarenta participantes, vinte e quatro são mulheres e dezesseis homens, os autores observam que os falantes do sexo masculino apresentaram frequência de 32,2% para a forma *tu*, enquanto as mulheres 40,7%. Já no que se refere à forma *você*, os índices são de 68,8% entre homens e 59,3% entre mulheres. Os autores afirmam que não há entre os manauaras cultos uma negativização social para o pronome *tu*, o que se dá, em certa medida, por compreenderem (mesmo que inconscientemente) a existência de contextos de uso. Segundo eles, isso poderia explicar o fato de as mulheres usarem o pronome *tu* numa frequência maior que os homens.

No que tange ao fator faixa etária, os autores observam que não é possível observar uma mudança no que diz respeito aos pronomes, mas sim no que se refere à concordância verbo-sujeito (*tu*). Eles constataram que a concordância canônica vem sendo suprimida à medida que a idade dos informantes diminui, chegando a apresentar na primeira faixa etária um índice irrelevante.

Os autores verificaram que a forma *tu* mostrou-se mais frequente como indicador de + envolvimento, - monitoramento e + expressividade, enquanto o pronome *você* segue em direção contrária. Segundo eles, na variedade manauara culta, o *você*, com sua variável cliticizada *cê*, marca distanciamento social.

Observa-se, então, a partir desses estudos da região Norte, que a forma menos marcada é a variante *tu*, sendo utilizada com maior frequência em relações que denotam maior intimidade. O uso desse pronome ocorre de forma equilibrada entre homens e mulheres, sendo que as mulheres superam os homens quando envolvidas em situações comunicativas que envolvam um grau elevado de intimidade. Os falantes a utilizam independentemente do tipo de relação, se simétrica ou assimétrica, sendo seu uso favorecido também quando se trata de referência específica.

2.2.2 Região Nordeste

Sobre a região Nordeste, serão abordados os estudos de Herênio (2006), Alves (2012), Nogueira (2013), Guimarães (2014), Vítório (2018), Guimarães (2019) e Silva (2019).

2.2.2.1 Herênio (2006)

Herênio (2006) estuda a variação *tu/você* em duas regiões distintas do país, na cidade de Uberlândia (MG) – região Sudeste e na cidade de Imperatriz (MA) – região Nordeste. Amparada pela Sociolinguística, a pesquisa analisa um *corpus* constituído por 43 entrevistas realizadas em cada localidade e considera os seguintes fatores sociais: faixa etária (faixa I: 20 a 30 anos; faixa II: 31 a 45 anos; e faixa III: acima de 45 anos) e classe social³⁰. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 4.

Tabela 4: Resultados gerais de Herênio (2006)

	TU	VOCÊ
Imperatriz (MA)	27%	73%
Uberlândia (MG)	-	100%

Fonte: construída a partir de Herênio (2006)

Os dados revelam que em Imperatriz, segunda maior cidade do Maranhão, a forma mais usual é o pronome *você* (73%), mas também demonstra a produtividade do pronome *tu* (27%). Já em Uberlândia, houve apenas ocorrências da forma *você*.

Os resultados revelaram também que os correferentes *teu* e *tua* quando empregados com o pronome *tu* correspondem a 56% dos dados e os correferentes *te* e *ti* foram empregados em apenas 22% dos casos com o pronome *tu* e em 78% com o pronome *você*. Além disso, 92,3% das ocorrências do pronome *tu* foram com o verbo na terceira pessoa do singular, em apenas 7,7% dos dados o verbo seguiu a flexão canônica de segunda pessoa.

Segundo a autora, a classe alta foi a que mais utilizou o pronome *tu*, (20% de *tu* e 80% de *você*), seguida pela classe baixa (16% de *tu* e 84% de *você*). Na classe média, houve o predomínio do pronome *você*: 95% dos dados. No que tange ao fator faixa etária, a preferência pelo pronome *tu* recaiu na faixa etária I, os mais jovens, 18% das ocorrências,

³⁰ A autora utiliza o Critério Brasil do IBGE, que conta com uma tabela de bens de consumo e grau de escolaridade do chefe da família, a fim de fazer o levantamento socioeconômico dos informantes.

seguida pela faixa III, com uma frequência de 13%. A faixa intermediária foi a que menos utilizou esta forma, com uma frequência de apenas 7% dos dados.

2.2.2.2 Alves (2012)

Alves (2012) analisa a variação *tu/você* numa perspectiva geossociolinguística a partir do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, a fim de verificar a relevância das variáveis sociais e linguísticas no comportamento linguístico dos falantes. O *corpus* investigado resulta da aplicação de 28 entrevistas, realizadas com informantes de ambos os sexos, agrupados em duas faixas etárias (faixa I: 18 a 30 anos e faixa II: 50 a 65 anos), nos municípios de São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tuntum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (Mesorregião Sul). À exceção de São Luís, onde são considerados oito informantes, dos quais quatro possuem ensino universitário, nas demais localidades são considerados apenas quatro informantes escolarizados que cursaram, no máximo, até a sexta série do Ensino Fundamental.

Além dos dados resultantes da aplicação do Questionário Morfossintático (QMS), com ênfase nas questões de natureza morfossintática que tratam do uso dos pronomes pessoais, a autora também considera os dados referentes às questões metalinguísticas e aos discursos semidirigidos e, ainda, todo e qualquer relato que, de uma forma ou de outra, evidenciasse o uso das formas em estudo. Os fatores linguísticos considerados na análise foram: concordância verbal (concordância ou não concordância), tipo de referência (genérica ou específica) e tipo de relato (próprio ou de terceiros). A Tabela 5 apresenta os resultados gerais de Alves (2012).

Tabela 5: Totais de referência à segunda pessoa em Alves (2012)

	TU	VOCÊ/OCÊ/CÊ	TOTAL
N	126	202	328
%	38,4	61,6	100

Fonte: Alves (2012, p. 66) (adaptada)

Os resultados revelam que a forma *você* é a mais utilizada, representando 61,6% dos dados, enquanto o pronome *tu* obteve uma frequência de 38,4%, contrariando, assim, a hipótese geral formulada para a pesquisa: a de que o português falado no Maranhão apresenta uma difusão bastante maior do *tu* sobre o *você*.

O primeiro fator selecionado como estatisticamente relevante para o uso do pronome *tu* evidencia que é a faixa etária mais jovem que favorece seu uso, com peso relativo de 0,63. Já na faixa etária de 50-65 anos, o percentual de ocorrências do pronome *tu* foi de 30,2% e o peso relativo de 0,41. No cruzamento faixa etária e localidade, a autora observa que apenas em São Luís e Tuntum a ocorrência de *tu* na fala dos mais jovens apresenta percentuais altos, com 65% e 57%, respectivamente. Nas localidades de Pinheiro, Bacabal e Balsas os informantes das duas faixas etárias têm comportamento linguístico semelhante, demonstrando se tratar de um caso de variação estável.

Ao analisar o uso da variante *tu* de acordo com a localidade no ALiMA, Alves (2012) encontra os seguintes resultados:

Tabela 6: Ocorrências de *tu* de acordo com a localidade em Alves (2012)

Localidade	N	%	Peso relativo
Balsas	17/30	56,7	0,72
Bacabal	13/23	56,5	0,67
Pinheiro	31/84	36,9	0,54
São Luís	45/116	38,8	0,48
Tuntum	15/42	35,7	0,48
Alto Parnaíba	5/33	15,2	0,18
TOTAL	126/328		

Fonte: Alves (2012, p. 24) (adaptada)

A autora tinha como hipótese que a zona urbana, neste caso São Luís, apresentaria um número maior de ocorrências para o *você*, por conta do contato linguístico com pessoas vindas de outras localidades, e que a zona rural (os municípios mais distantes da capital) conservaria o *tu* como marca de identidade regional, principalmente na fala dos mais idosos. Essas hipóteses foram apenas em parte confirmadas. Alves (2012, p. 24) observa que, “quanto mais distante for o município da capital, maior a incidência de *tu*”, sendo o caso de Pinheiro, Bacabal e Balsas. Em contrapartida, Tuntum e Alto Parnaíba se distanciam desses resultados, esta com resultados semelhantes ao da capital, aquela com resultado muito distinto, descartando em parte a hipótese inicial.

O tipo de relato também se mostrou estatisticamente relevante na escolha da variante *tu*. Segundo a autora, os resultados confirmaram a hipótese inicial, de que o *tu* é favorecido pelo discurso relatado, uma vez que, ao relatar um acontecimento, o falante se afasta do fato narrado e, portanto, do seu envolvimento direto com o discurso. Menon e Loregian-Penkall (2002, p. 183) afirmam que “no discurso relatado de terceiros, ele [o falante] ‘culpabiliza’ o

outro na ocorrência do pronome; como ele reproduz a fala do outro, pode estar aí a consciência linguística da mudança, mas sempre na boca do outro, não na sua”. Os dados de Alves (2012) seguem essa tendência, quando reproduz a fala de terceiro, o falante opta pelo *tu*, com 61,1% dos dados, ao passo que na reprodução da fala própria opta pelo *tu* seguido de concordância, 33,9%.

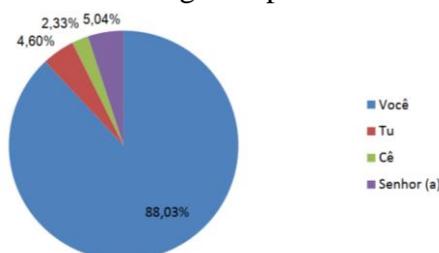
Alves (2012) acreditava que a capital São Luís favorecesse o uso de *tu* com concordância e que os demais municípios favorecessem a não concordância. Os dados, sobretudo, revelaram que, das 126 ocorrências de *tu*, apenas 14 foram seguidas de concordância. Destas, 13 correspondem a dados de falantes de São Luís e apenas uma ocorrência, à cidade de Pinheiro. As demais cidades apresentaram apenas o *tu* sem concordância. Esse fator não foi selecionado como estatisticamente relevante, mas permite afirmar que o uso de *tu* ocorre majoritariamente sem concordância no Maranhão.

Contrariando as hipóteses assumidas na pesquisa, Alves (2012) observa que nos dados do ALiMA os fatores escolaridade, sexo do informante, tipo de referência não exercem influência quanto ao uso do pronome *tu*.

2.2.2.3 Nogueira (2013)

Nogueira (2013) estuda a variação *tu/você* no português culto e popular das cidades de Feira de Santana e Salvador – Bahia. Adota, na composição dos *corpora*, o entendimento de *norma culta* como padrão de comportamento linguístico dos falantes com formação universitária e *norma popular* como padrão de comportamento linguístico dos falantes com ensino fundamental ou nenhuma escolaridade, preconizado por Lucchesi (1998).

Os *corpora* analisados são compostos por 48 entrevistas do tipo DID – Diálogos entre Informante e Documentador, 12 pertencentes ao *Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador* NURC/SSA, 12 pertencentes ao *Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado em Salvador* – PEPP, 24 pertencentes ao *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*. A amostra é estratificada segundo as variáveis sexo, faixa etária (faixa I: 25 a 35 anos; faixa II: 36 a 55 anos; e faixa III: 56 anos em diante) e escolaridade (ensino universitário completo e ensino fundamental). Os resultados encontrados nos *corpora* podem ser visualizados no Gráfico 1.

Gráfico 1: Totais de referência à segunda pessoa nos *corpora* analisados

Fonte: Nogueira (2013, p. 86)

Foram encontrados 1804 dados, sendo 1588 ocorrências do pronome *você*, 83 do pronome *tu*, 91 ocorrências de *senhor(a)* e apenas 42 ocorrências de *cê*. Os dados do pronome *você* foram acoplados aos de *cê* e os dados de *senhor(a)* foram retirados da análise, o que gerou um percentual de 95,15% de *você*, contra 4,85% do pronome *tu*. Ao se observar o comportamento linguístico dos informantes das duas localidades pesquisadas, separadamente, foram encontrados os seguintes resultados:

Tabela 7: Totais de referências à segunda pessoa em Salvador e em Feira de Santana – Ba

LOCALIDADE	VOCÊ	TU	TOTAL
Salvador	882/891 = 99%	09/891 = 1%	891
Feira de Santana	748/822 = 91%	74/822 = 9%	822
TOTAL			1713

Fonte: Nogueira (2013, p. 105) (adaptada)

Os resultados confirmaram a hipótese assumida inicialmente para a cidade de Salvador, a preferência dos informantes da capital baiana é o pronome *você*. Já no que se refere a Feira de Santana, segunda maior cidade do estado, a hipótese foi refutada, a autora acreditava que o pronome *tu* teria um uso mais elevado, já que a cidade é “marcada” entre as vizinhas pelo alto uso deste pronome.

No que diz respeito às variáveis analisadas, elas mostraram que nas duas localidades o pronome *você* teve percentual elevado na função de sujeito, já o pronome *tu* demonstrou ser favorecido pelas demais funções (não sujeito). Em Feira de Santana, as frases declarativas favorecem o *você*, enquanto as não declarativas demonstram favorecer o *tu*. Já em Salvador, as únicas ocorrências do pronome *tu* foram em frases declarativas.

O pronome *tu* também demonstrou ser favorecido pelo tempo verbal não passado em Feira de Santana, pelo discurso relatado e pela referência específica nas duas localidades. A autora destaca que não houve ocorrências de *tu* genérico nos *corpora*. Em Feira de Santana, foram os homens que usaram o *tu* com maior frequência; já em Salvador, este pronome foi

usado apenas por duas mulheres e um homem da amostra. O fator escolaridade não se mostrou relevante em Feira de Santana, houve um leve aumento na fala dos menos escolarizados (menos de 0,5%), enquanto as únicas ocorrências de *tu* em Salvador se deram na fala de informantes apenas com ensino fundamental.

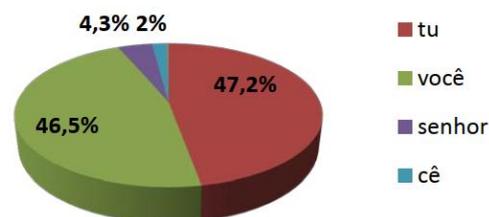
Ao correlacionar sexo e escolaridade, os resultados mostram que o *tu* revela indícios de favorecimento pelos homens com ensino universitário (Feira de Santana) e pelas mulheres com ensino fundamental das duas localidades. Os resultados da variável faixa etária sugerem que em Feira de Santana esteja ocorrendo um processo de gradação etária, o uso da variante *tu* decresce conforme aumenta a faixa etária. Na faixa I corresponde a 10,6% dos dados, na faixa II, 8,7% e, na faixa III, ocorre em apenas 5,1% dos dados.

Por acreditar que o gênero do discurso (entrevistas sociolinguísticas) tenha influenciado diretamente nas ocorrências (e não ocorrências) do pronome *tu* em Feira de Santana, foram realizadas sete gravações de conversas espontâneas. Nessas gravações, foram sistematizados os dados de fala referentes a sete mulheres e cinco homens, todos naturais da cidade de Feira de Santana. Os resultados confirmaram essa suspeita da autora, o pronome *tu* é muito mais produtivo do que os dados puderam revelar.

Nas conversas espontâneas, houve 85 dados de *você* (57,8%) e 62 dados de *tu* (42,2%). O pronome *tu* demonstrou ser favorecido pelas mulheres, 50,5% de ocorrências, contra 33,3% na fala dos homens; pela função *não sujeito* (76,9%); pelas frases não declarativas (78,6%); pelo tempo verbal passado (82,4%); pelo discurso direto (43,2%); e pela referência específica (64,6%). Esses resultados revelam que, de fato, o gênero do discurso interferiu na obtenção das ocorrências do pronome *tu*. Este pronome é muito mais usual na localidade estudada, que os dados das entrevistas puderam evidenciar.

2.2.2.4 Guimarães (2014)

Guimarães (2014) analisa as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *cê* e *o(a)senhor(a)* e as formas de tratamento nominais *macho*, *rapaz*, *mulher*, *minha filha*, *cara* e *meu amigo* no falar popular de Fortaleza (CE). Para tanto, selecionou 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e analisou apenas os inquéritos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes). Os informantes foram estratificados em função do gênero/sexo, da faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; a partir dos 50 anos) e da escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos).

Gráfico 2: Variação *tu/você, cê, senhora(a)* em Fortaleza (CE)

Fonte: Guimarães (2014, p. 132)

Os resultados gerais revelaram que houve 1679 ocorrências, distribuídas pelas cinco variantes analisadas: 792 ocorrências de *tu* (47,2%), 780 ocorrências de *você* (46,5%), 73 dados de *o(a) senhor(a)* (4,3%), 33 realizações de *cê* (2%) e apenas um dado de *ocê* (0,1%). A autora controlou a ocorrência do pronome *tu* com concordância, mas encontrou apenas três ocorrências, demonstrando que a concordância canônica inexistente na fala dos informantes fortalezenses.

A autora realizou diversas rodadas no programa *GoldVarb X*, das quais a mais relevante demonstrou ser a *tu x você*. Na rodada em questão, dos 17 grupos de fatores controlados, 12 foram selecionados pelo programa como relevantes no uso da variante *tu*: entonação, tipo de fala, tipo de referente, faixa etária, sexo/gênero, grau de interação no discurso, tipo de relato, tipo de verbo, função sintática, paralelismo formal, escolaridade e tempo verbal.

A variável entonação diz respeito tanto às frases interrogativas quanto às declarativas e/ou exclamativas. Os dados revelaram que o pronome *tu* é favorecido pelas frases interrogativas, com peso relativo de 0,701, enquanto as declarativas e/ou exclamativas desfavorecem seu uso. No que concerne ao tipo de fala, a autora confirma a hipótese assumida inicialmente, nos tipos de conversa onde há mais descontração ou em que questões emotivas estão em pauta, há um favorecimento do pronome *tu*. Foi o que ocorreu nos tipos categorizados como observações irônicas/brincadeiras, fofoca, conversa sobre relacionamento amoroso e recordações.

O pronome *tu* demonstrou ser discretamente favorecido quando usado de forma específica, com 53,3% de ocorrências e peso relativo de 0,529 e amplamente desfavorecido se empregado de forma genérica, com peso relativo de 0,110. A autora destaca que houve apenas sete ocorrências de *tu* genérico.

A análise do fator faixa etária demonstrou que são os mais jovens, da faixa etária I (15-25 anos), que favorecem o uso de *tu*. Já as faixas etárias II (26-49 anos) e III (a partir de 50 anos) desfavorecem seu uso, com pesos relativos de 0,460 e 0,341, respectivamente.

Guimarães (2014) considera que esses resultados são indícios de uma mudança em curso na comunidade de fala fortalezense.

No que tange à variável gênero/sexo, a hipótese inicial da autora foi refutada, são as mulheres que favorecem o *tu*, com peso relativo de 0,576, ao contrário dos homens, que o desfavorecem, com peso relativo de 0,419. Segundo a autora, em Fortaleza, o uso do *tu* não é uma forma estigmatizada, entretanto também não é a de prestígio e os usos de *tu/você* se alternam de forma que não há predominância de um em detrimento do outro nas falas onde há o baixo monitoramento e que, mesmo sem a concordância canônica, o uso do *tu* é bem aceito.

O pronome *tu* também foi favorecido em contextos que envolvem alto grau de intimidade (peso relativo de 0,525), quando ocorre em relato original (peso relativo de 0,516), com verbos *dicendi*, de ação, epistêmicos e em frases sem verbo (pesos relativos de 0,554, 0,547, 0,541 e 0,514, respectivamente), na função de sujeito (peso relativo de 0,516), quando está isolado (peso relativo de 0,541), pelos falantes de maior escolaridade (peso relativo de 0,546) e, majoritariamente³¹, pelo tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo (peso relativo de 0,663).

Na segunda parte da análise, Guimarães (2014) estuda o comportamento das formas nominais que só ocorreram como vocativo e encontra um total de 908 ocorrências. As frequências encontradas foram as seguintes: *macho* (39%), *mulher* (26,9%), *rapaz* (17%), *cara* (5,2%), *minha filha* (4,3%), *amiga* (3,3%), *meu amigo* (1,5%), *menina* (1,3%), *meu filho* (1,1%), *meu irmão* (0,2%) e *menino* (0,1%).

2.2.2.5 Vitória (2018)

Vitório (2018) analisa a variação *tu/você* na posição de sujeito na fala maceioense a partir de um *corpus* constituído de 72 entrevistas sociolinguísticas. Esses dados foram coletados no ano de 2010 e estratificados segundo as variáveis sexo/gênero (homens e mulheres); faixa etária – Faixa I (15-29 anos), Faixa II (30-44 anos) e Faixa III (acima de 44 anos); e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário).

³¹Outros tempos verbais também contribuem com o uso desse pronome: o futuro do indicativo (0,600), o pretérito perfeito do indicativo (0,579), as frases sem verbo (0,576) e o gerúndio (0,572). O presente do indicativo (0,506) se comportou de forma neutra sobre a regra, já os tempos presente do subjuntivo (0,120), imperativo (0,275), infinitivo pessoal (0,292), futuro do subjuntivo (0,324) e pretérito imperfeito do subjuntivo (0,401) não favorecem o *tu*.

Além disso, a autora elaborou um teste, que foi aplicado a 46 informantes, nascidos e criados em Maceió, com idades entre 20 e 44 anos. O teste abarcou nove situações hipotéticas ambientadas na cidade de Maceió/AL e vivenciadas por um personagem fictício chamado João, que é apresentado como um jovem estudante universitário. As situações representam três relações assimétricas descendentes, três relações assimétricas ascendentes e três relações simétricas.

Os dados das entrevistas sociolinguísticas totalizaram 404 ocorrências, sendo 398 do pronome *você* (98%) e apenas seis do pronome *tu* (2%). Esses resultados indicam que o *você* é o pronome preferido para representar a segunda pessoa do singular, evidenciando uma regra semicategórica nos termos de Labov (2003).

Nos testes de percepção houve 438 realizações de pronomes de segunda pessoa, distribuídos da seguinte forma: 65% de *você*, 16% de *tu*, 5% de *cê* e 14% de outras formas (*o/a senhor/a* e pronome zero). Esses dados revelaram também que o pronome *tu* é a forma preferida nas relações simétricas, representando 37% das ocorrências, indicando que seu uso representa [+intimidade] e [+familiaridade] entre os falantes maceioenses, o que não ocorreu na relação entrevistador/entrevistado da entrevista sociolinguística. Segundo a autora, o pronome *você* parece funcionar como um “coringa” no tratamento, apresentando percentuais de 51% nas relações simétricas, 90% nas relações assimétricas descendentes e 55% nas relações assimétricas ascendentes, dividindo aqui espaço com a forma *senhor (a)* e o pronome zero.

A autora afirma ainda que, apesar de *você* ser o pronome coringa no tratamento ao interlocutor na fala maceioense, é no contexto de [+intimidade] que o pronome *tu* é mais selecionado, revelando que tanto *tu* quanto *você* podem indicar [+proximidade] e [+intimidade] na fala maceioense.

2.2.2.6 Guimarães (2019)

Guimarães (2019) estuda a variação *tu/você* no português culto de Fortaleza (CE), a partir dos dados do Projeto PORCUFORT³² (Português Culto de Fortaleza) e também analisa a atitude e o comportamento linguístico dos falantes da amostra em relação a essa variação. O estudo baseia-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística, na Teoria do Poder e da

³² As entrevistas foram coletadas, segundo a autora, entre os anos de 1993 e 1995.

Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e nos Testes de Atitudes (LAMBERT, 1967). A amostra é constituída por 18 informantes, distribuídos em três faixas etárias (22 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos ou mais) e sexo/gênero (masculino; feminino). Para os testes de atitudes³³, 152 informantes responderam a um questionário.

Os resultados gerais encontrados pela autora no *corpus* PORCUFORT foram os seguintes: *tu* (16,1%), *você* (56,3%), *cê* (22,9%) e *o senhor* (4,7%). Para a análise binária no *GoldVarb X*, os dados de *você* foram amalgamados aos de *cê*: *tu* (17%) e *você* (83%). Sete grupos de fatores foram selecionados pelo programa, por ordem de relevância: sequência discursiva, entonação frasal, faixa etária, tipo de pronome, grau de simetria entre os informantes, paralelismo formal e sexo/gênero.

O pronome *tu* demonstrou ser favorecido pelas sequências discursivas narrativas (peso relativo de 0,746), dialogais (peso relativo de 0,667) e argumentativas (peso relativo de 0,585). Além disso, o tipo de frase atua de forma bastante expressiva, as frases interrogativas o favorecem, com peso relativo de 0,734, ao passo que as frases declarativas e/ou exclamativas inibem seu emprego, com peso relativo de 0,413.

No que diz respeito ao fator faixa etária, os dados revelaram que tanto os informantes da faixa I (22 a 35 anos) quanto os da faixa II (36 a 56 anos) exercem efeito favorecedor, com pesos relativos de 0,588 e 0,567, respectivamente. Já os mais velhos, da faixa etária III, aparecem como inibidores do pronome, com peso relativo de 0,322. A variante *tu* demonstra estar em crescente ascensão, apresentando indícios de uma mudança, semelhantemente ao que ocorre em Martins (2010), Alves (2012), Dias (2007).

Outro fator favorecedor do pronome *tu* foi o tipo de referência, o pronome específico favorece o *tu*, com peso relativo de 0,601, já o pronome genérico inibe fortemente o seu emprego, com peso relativo de 0,280. No que se refere à simetria entre os informantes, os dados revelaram que o fator totalmente simétrico atua como o mais forte aliado do uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,733. Já nas interações parcialmente simétricas, com idades diferentes, assim como nas totalmente assimétricas, isto é, quando os informantes apresentam a mesma idade e sexo/gênero diferente, ocorre inibição do uso do pronome *tu*, com pesos relativos de 0,422 e 0,389, respectivamente.

Sobre o fator paralelismo, o *tu* é favorecido quando precedido de *tu*, correspondendo a uma frequência de 76,9% dos dados (peso relativo de 0,861), e quando o pronome está

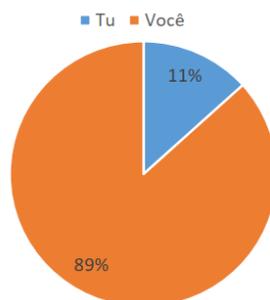
³³ Por escolha metodológica, os resultados não serão apresentados aqui.

isolado, com frequência de 22,3% e peso relativo de 0,589. Contrariando a hipótese assumida pela autora, o fator gênero/sexo revelou que na fala culta de Fortaleza são as mulheres que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,623, enquanto os homens inibem seu uso, com peso relativo de 0,397. Os resultados desta variável se assemelham aos de outras regiões do Brasil, como a região Norte (MARTINS, 2010; BABILÔNIA; MARTINS, 2011) e a região Sul (FRANCESCHINI, 2011; LOREGIAN-PENKAL, 2004).

2.2.2.7 Silva (2019)

Silva (2019) analisa a variação *tu/você/cê* na posição de sujeito na comunidade de fala de Coité do Nóia³⁴/AL, à luz da Sociolinguística e da Teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). A amostra constitui-se de 18 diálogos entre dois informantes (D2) e está estratificada de acordo com as variáveis sexo/gênero e faixa etária (faixa I: 18 a 35 anos e faixa 2: 40 a 55 anos), totalizando 36 informantes. Os resultados estão dispostos no Gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição geral dos dados em Coité da Nóia (AL)



Fonte: Silva (2019, p. 78)

Na amostra analisada, houve 520 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, sendo 57 realizações do pronome *tu* (11%) e 397 realizações do pronome *você/cê* (89%). A autora destaca que todas as ocorrências do pronome *tu* foram com o verbo na terceira pessoa do singular.

Os dados mostram que em Coité da Nóia (AL) o pronome *tu* é favorecido pelas relações jovem/jovem e adulto/adulto, com pesos relativos de 0,55 e 0,70, respectivamente. Esses resultados indicam que há uma tendência para que nas relações entre iguais (jovem/jovem ou

³⁴ Município localizado na região central do estado de Alagoas, a 130Km da capital Maceió.

adulto/adulto) ocorra o pronome *tu*, enquanto na relação jovem/adulto ocorra o pronome *você* (peso relativo de 0,83).

Seguindo a tendência já apontada por outros estudos acerca da variável paralelismo, os resultados mostram que a primeira forma pronominal escolhida condiciona as demais. O pronome *tu* é fortemente favorecido quando antecedido por *tu*, correspondendo a 80% das ocorrências, com peso relativo de 0,98 e o pronome *você* favorecido quando antecedido por *você* (frequência de 99% e peso relativo de 0,97). Além desse, outro contexto que se mostrou favorecedor do pronome *tu* é a realização isolada, com peso relativo de 0,64.

Ao analisar a relação entre sexos, a autora observa que o uso do pronome *tu* foi mais elevado em relações em que o gênero/sexo são iguais, apresentando peso relativo de 0,55 nas relações homem/homem e 0,66 nas relações mulher/mulher. Já o pronome *você* apresenta maior probabilidade de ocorrer nas relações entre sexos diferentes, caracterizado como uma relação assimétrica, com peso relativo de 0,74.

Por fim, a análise do fator faixa etária revelou que são os mais jovens que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,80 e, em sentido oposto, os mais velhos favorecem o uso do pronome *você*, com frequência de 97% e peso relativo de 0,97. Esses resultados revelam indícios de que o pronome *tu* esteja se implementando na comunidade de fala, revelando um processo de mudança em curso.

Em síntese, nos trabalhos consultados da região Nordeste, a prevalência é do pronome *você*, sendo que, em falas espontâneas, o pronome *tu* apresenta alta frequência de uso. Homens e mulheres apresentam comportamento semelhante quanto ao uso desses pronomes, com leve aumento na frequência do pronome *tu* na fala das mulheres e aumento também na frequência de *você* na fala dos homens. São os mais jovens que utilizam o *tu* com maior frequência, sendo esta variante liderada também pelos falantes com ensino fundamental.

De acordo com Scherre et al. (2015), no que se refere à região Nordeste, Salvador, a capital da Bahia, apresenta o subsistema **só você**. Já Feira de Santana, cidade vizinha a Salvador, e em localidades rurais mais distantes da capital, como Santo Antônio de Jesus, Sapé, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas, Santo Antônio e Poções, há a ocorrência também do pronome *tu*, apontando para o subsistema **você/tu sem concordância**. Com relação ao estado do Maranhão, os autores afirmam que exibe três subsistemas: 1) **tu/você com concordância baixa** (menos de 10%) em Imperatriz e em Pinheiro; 2) **tu/você com concordância média** (entre 10 e 39%) em São Luís; e 3) **você/tu sem concordância** em Bacabal, Tumtum, Balsas e Parnaíba. Já no que se refere aos estados do Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco, há a

presença do subsistema *tu/você* com concordância média (entre 10 e 39%) nas respectivas capitais.

2.2.3 Região Centro-Oeste

Acerca da região Centro-Oeste, destacam-se os trabalhos de Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010).

2.2.3.1 Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010)

Os estudos de Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010) fornecem uma fotografia da variação *tu/você* na fala brasiliense, cada um deles direcionado a determinada região administrativa.

Lucca (2005) optou por estudar um *corpus* em que acreditava ser mais favorável às ocorrências das formas de tratamento, a saber, conversas cotidianas entre rapazes que estabelecessem relações solidárias entre si. O *corpus* estudado consiste de amostras de fala de adolescentes de 15 a 19 anos, ainda cursando o ensino médio, pertencentes às três regiões administrativas mais populosas do Distrito Federal – Ceilândia, Taguatinga e Brasília. Por se tratar de gravações ocultas, foram incluídas também conversas entre falantes de gêneros/sexos opostos, possibilitando, assim, verificar o comportamento da variável gênero/sexo diante da variação *tu/você*. A autora toma a noção de solidariedade como “derivada de uma identificação entre os interlocutores que gera um sentimento de cooperação mútua, em um sentido lato” (LUCCA, 2005, p. 74) e pontua que na sociedade brasiliense o pronome *você* é a variante de prestígio, quando se trata de fala informal entre iguais, sendo preterido pelos jovens do gênero masculino, em detrimento de *tu*, que, no seu entender, marca solidariedade.

Dias (2007) também analisa a variação *tu/você* a partir de conversas espontâneas, diferindo de Lucca (2005) no que se refere ao consentimento dos participantes, todos eles consentiram-nas previamente. Objetivando verificar se no Plano Piloto de Brasília o uso do pronome *tu* configura um processo de mudança em curso ou de gradação etária, são analisadas amostras de fala de três faixas etárias – de 13 a 19 anos, de 20 a 29 anos e de mais de 30 anos. A autora acredita que o uso do pronome *tu* em Brasília, sem a concordância canônica de segunda pessoa, sofra o estigma de “linguagem incorreta”, por não seguir a norma prescritiva ensinada na escola.

Andrade (2010), por seu turno, analisa amostras de fala de crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos, objetivando verificar se as crianças, já nos primeiros anos, usam a forma inovadora *tu* e em que idade essa variante entra no repertório linguístico delas. São sistematizados os dados de 24 meninas e 18 meninos da região administrativa de Vila Planalto. A Tabela 8 apresenta os resultados gerais das três pesquisas.

Tabela 8: Totais de referência à segunda pessoa em Lucca (2005), Dias (2007) e Andrade (2010)

	TU	VOCÊ	CÊ
Lucca (2005) ³⁵	72%	28%	-
Dias (2007) ³⁶	12,8%	87,2%	-
Andrade (2010)	48%	26%	26%

Fonte: Lucca (2005, p. 76), Dias (2007, p. 64) e Andrade (2010, p. 79) (adaptada)

Diante dos resultados, destacam-se os da pesquisa de Dias (2007), que, segundo a autora, podem ter sido distorcidos em direção às variantes *cê* e *você*, pelo fato de os participantes terem ciência de que as conversas estavam sendo gravadas. Os resultados mostram também que, em relação à variante inovadora *tu*, aproximam-se os estudos de Lucca (2005) e Andrade (2010).

Em Lucca (2005), os fatores selecionados como estatisticamente relevantes para o uso de *tu* foram, nesta ordem: gênero/sexo, paralelismo (não primeiro precedido de *tu*, com peso relativo de 0,56 e *tu* como primeiro item da série, com peso relativo de 0,58), tipo de relação entre os interlocutores, familiaridade com o tema discursivo (tema familiar, peso relativo de 0,52), região administrativa do falante (apenas Ceilândia favorece, com peso relativo de 0,68) e tipo de estrutura (estrutura exclamativa, com peso relativo de 0,87 e interrogativa, com peso de 0,54).

Em Dias (2007), os fatores sociais selecionados como favorecedores do pronome *tu* foram: sexo, relacionamento com o interlocutor e faixa etária. Em Brasília, o uso do pronome *tu* decresce à medida que a faixa etária aumenta e, de igual forma, os pesos relativos: faixa I – peso de 0,76, faixa II, peso de 0,56 e faixa III, peso de 0,28. No que se refere aos fatores linguísticos, dos cinco que foram analisados, apenas o tipo de fala foi selecionado: as

³⁵ Analisa apenas a alternância *tu/você*.

³⁶ A autora opta por juntar os dados da variante *cê* aos da variante *você*.

modalidades mais relevantes foram brincadeira/ironia e conversa casual, com pesos relativos de 0,80 e 0,56, respectivamente.

Em Andrade (2010), o pronome *tu* demonstrou ser favorecido pelos fatores faixa etária, origem dos pais (ambos os pais nordestinos e pelo menos um dos pais nordestino, com pesos relativos de 0,57 e 0,60, respectivamente), sexo, tipo de referência (específica, com peso relativo de 0,54) e paralelismo (isolado na oração, primeiro item da série e precedido de *tu*, com pesos de 0,55, 0,52, 0,88, respectivamente). A autora pontua que, de maneira geral, há forte indício de que o *tu* na fala brasiliense seja proveniente do Nordeste, uma vez que o fator origem dos pais foi selecionado como estatisticamente relevante pelo programa de regras variáveis.

Esses estudos ora se aproximam, ora se distanciam, tendo em vista os fatores analisados em cada um. O primeiro fator que evidencia a aproximação entre eles é tipo de relacionamento com o interlocutor. Em Andrade (2010), o pronome *tu* prevalece nas relações com os pares, desde as relações entre crianças e adolescentes, comprovando a hipótese assumida inicialmente, de que a variante *tu* entra já em tenra idade na variedade brasiliense. Em seu estudo, crianças e adolescentes utilizam a variante *tu* majoritariamente em relações simétricas (58% das ocorrências), ao passo que tem o uso desfavorecido pela faixa etária que vai de 7 a 11 anos, em relações assimétricas (21% dos dados). Em Dias (2007), a frequência de uso da variante *tu* aumenta à medida que o grau de intimidade também aumenta. Quando se trata de amigo íntimo/familiar, a frequência de uso é de 17,1%, ao passo que quando se trata de apenas conhecido cai para 2,5%.

Segundo Lucca (2005), nas regiões administrativas de Ceilândia, Taguatinga e Brasília, o *tu* também é utilizado num estilo amplamente informal, típico de relação entre pares solidários e seu uso diminui conforme a necessidade de se prestar mais atenção à fala, situação em que o falante adequa sua fala à do interlocutor. Os resultados encontrados estão dispostos na Tabela 9.

Tabela 9: Efeito do tipo de relação entre os interlocutores sobre o uso do *tu* em Lucca (2005)

Relação entre os interlocutores	Frequência		Peso relativo
	N	%	
Pares em relação solidária	292/369	79	0,57
Não pares/poder inferior	2/4	50	0,34
Pares em relação não solidária	31/70	44	0,22
Não pares/poder superior	2/10	20	0,21
TOTAL	327/453	72	input: 0,77

Fonte: Lucca (2005, p. 87) (adaptada)

Os estudos de Dias (2007) e Andrade (2010) também se aproximam com relação ao fator sexo do interlocutor, os homens lideram o uso da variante *tu*. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 10.

Tabela 10: Sexo do falante e frequência de *tu* em Dias (2007) e Andrade (2010)

Gênero/sexo	Dias (2007)	Andrade (2010)
Masculino	65/436 = 14,9%	128/244 = 52%
Feminino	50/464 = 10,8%	145/330 = 44%

Fonte: Dias (2007, p. 75) e Andrade (2010, p. 97) (adaptada)

Os dados de Dias (2007) revelam que, apesar de o sexo masculino favorecer a ocorrência do pronome *tu*, o sexo feminino vem assinalando um crescimento em favor dessa variante. Lucca (2005) analisa esse fator juntamente com a variável tipo de fala, se real ou reproduzida e os dados confirmaram a hipótese assumida de que a ocorrência do pronome *tu* seria maior nas falas reais, enquanto que as falas retomadas tenderiam a apresentar maior ocorrência do pronome *você*. Quando se trata de falas reais masculinas, a frequência do pronome *tu* é de 78% e peso relativo de 0,55, já as falas masculinas retomadas por rapazes, as falas femininas retomadas por rapazes e as falas reais femininas desfavorecem o uso deste pronome.

Levando em conta depoimentos de falantes brasileiros que, em relação ao uso do *tu* sem a concordância, chegaram a afirmar “isso é feio”, “falar assim é errado”, Dias (2007) assume que em Brasília as opções menos marcadas para referência à segunda pessoa são as variantes *cê* e *você*. A não utilização da concordância canônica deixa o falante sujeito a estigmatização.

Com relação ao fator tipo de referência, se genérica ou específica, fica evidente o distanciamento entre os estudos. Lucca (2005) encontra percentuais idênticos em relação à variante *tu*, 72% de ocorrências, demonstrando assim o efeito neutro dessa variável. Diferentemente de Lucca (2005), os resultados de Dias (2007) mostram que as referências tanto específicas como genéricas favorecem a variante *você*, correspondendo a 85,2% e 93,6% das ocorrências, respectivamente. A variante *tu*, por sua vez, ocorre em maior frequência quando se trata de referência específica – 14,8%, sendo desfavorecida pela referência genérica – 3,7%.

Esses estudos revelam que o pronome *tu* surge no repertório linguístico dos falantes já na faixa etária mais jovem (crianças), é favorecido em estilo amplamente informal, denotando maior intimidade, típico de relação entre pares solidários, sendo utilizado majoritariamente pelos homens. O pronome *você* prevalece nas referências genéricas e em relações não solidárias.

Por fim, o mapeamento feito por Scherre et al. (2015) indica que na região Centro-Oeste predomina o subsistema **só você**. Segundo os autores, a Grande Brasília, no Distrito Federal, evidencia a entrada do subsistema *você/tu* sem concordância, provavelmente a partir da década de 2000.

2.2.4 Região Sudeste

Na região Sudeste, destacam-se os estudos de Paredes Silva (2003), Modesto (2006), Mota (2008) e Silva (2017).

2.2.4.1 Paredes Silva (2003)

Paredes Silva (2003) estuda a variação *tu/você* na fala carioca contemporânea. Em um primeiro momento, analisa amostras de fala pertencentes ao Projeto *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL/UFRJ*, que conta em seu acervo inicial com um conjunto de 64 entrevistas gravadas no início da década de 1980 que, por sua vez, constituíram o *Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro*. Interessante pontuar que, das 48 entrevistas utilizadas inicialmente³⁷, houve apenas 10 ocorrências do pronome *tu*, estando estas resumidas a apenas cinco informantes – 10% da amostra analisada. A autora arrola duas interpretações para o baixíssimo número de ocorrências do pronome *tu*: o material recolhido poderia representar os inícios dos anos 1980, quando o emprego poderia não estar tão difundido, ou o gênero do discurso (entrevistas sociolinguísticas) poderia estar interferindo diretamente.

Diante disso, a autora dirige a pesquisa para as gravações do Banco de Dados Interacionais – BDI, também pertencente ao acervo PEUL, com vistas a captar o comportamento linguístico dos participantes em situações reais de interação. Acontece que,

³⁷ No levantamento preliminar, a autora não inclui os informantes da primeira faixa etária (07-14 anos).

embora no estudo estivessem incluídas apenas pessoas que já eram amigas ou conhecidas, foram encontradas apenas cinco ocorrências da variante *tu*, em um total de seis entrevistas. A autora explica que parte desse material foi colhido com o conhecimento e autorização prévia dos participantes, o que pode tê-los inibido no uso de formas não padrão, como o pronome em questão.

Sendo assim, Paredes Silva (2003) constitui um novo *corpus*³⁸ e usa como estratégia um minigravador oculto a fim de gravar momentos de interação bastante espontâneos. O *corpus* restou constituído por oito gravações, mostrando-se bastante relevante para a comprovação do uso da forma *tu* em contextos mais informais. Os resultados encontrados nos três *corpora* são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11: Distribuição dos pronomes de 2ª pessoa nos *corpora* investigados

	Censo – PEUL	BDI – PEUL	Paredes 96
Você	644 = 94%	168 = 97%	133 = 35%
Tu	42 = 6%	5 = 3%	235 = 65%
Total	686	173	368

Fonte: Paredes Silva (2003, p. 164) (adaptada)

Observa-se, então, a clara disparidade no uso da variante não padrão *tu* nos três *corpora* pesquisados e a prevalência dessa forma no *corpus* constituído de gravações ocultas. O gênero do discurso, de acordo com a autora e evidenciado nos resultados, mostra-se um fator determinante no uso das variantes nessa comunidade; quando se trata de entrevista ou gravações conscientes, prevalece o *você* em detrimento de *tu*.

Ao estabelecer uma comparação entre os dados coletados na década de 1980 e os coletados em 1996, quanto ao fator sexo, observa-se que os homens lideram o uso da variante *tu*. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 12.

Tabela 12: Influência do fator sexo do informante no uso do pronome *tu*

	Censo – PEUL	Paredes 96
Homens	37/399 = 11%	132/192 = 69%
Mulheres	5/347 = 1%	103/176 = 59%
Total	42/686	235/368

Fonte: Paredes Silva (2003, p. 165) (adaptada)

³⁸ Denominado pela autora Paredes 96.

A faixa etária foi outro fator social selecionado pelo Varbrul como estatisticamente relevante para o uso do pronome *tu* nas amostras estudadas. No *corpus* Censo, os informantes mais jovens (faixas etárias de 7 a 14 anos e 15 a 25 anos) apresentaram mesmo valor de peso relativo para o uso do pronome *tu*: 0,61. Já a terceira faixa considerada (26 a 49 anos), demonstrou desfavorecer o uso deste pronome, com peso relativo de 0,36. No *corpus* denominado Paredes 96, os mais jovens (10-19 anos e 20-19 anos) apresentaram os maiores valores de pesos relativos, 0,50 e 0,60, respectivamente, enquanto a faixa etária de 30 a 30 anos apresentou peso relativo desfavorecedor, de 0,28.

Paredes Silva (2003) salienta que nos dados de 1996 o uso da forma *tu* se dá apenas com verbo na terceira pessoa. Destaca também que o predomínio do pronome *tu* na fala dos jovens, nos dois *corpora*, é compatível com um processo de mudança em direção a uma forma não padrão.

2.2.4.2 Modesto (2006)

Modesto (2006) analisa as formas de tratamento *tu* e *você* em Santos, cidade do litoral do estado de São Paulo, levando em conta aspectos sociolinguísticos e pragmático-discursivos, que atuam na alternância destas formas. Com o suporte da metodologia da Sociolinguística, busca explicitar até que ponto as diferentes situações interacionais levam o falante a escolher uma ou outra forma pronominal.

O *corpus* é constituído por 20 inquéritos (10 gravações ocultas e 10 gravações consentidas previamente). As variáveis sociais consideradas foram sexo, faixa etária (primeira: de 15 a 20 anos e segunda: 21 anos ou mais), escolaridade (ensino médio³⁹ ou superior⁴⁰) e as linguístico-discursivas: função sintática (objetiva ou subjetiva), referenciação (referência direta, indireta e indeterminada), monitoramento (gravações secretas e não secretas), expressividade do ato comunicativo (maior e menor expressividade). Destas, o *GoldVarb 2001* selecionou apenas os fatores: monitoramento, expressividade, função sintática, referenciação e escolaridade, nesta ordem. Os resultados gerais podem ser observados na Tabela 13.

³⁹ O autor considerou estudantes ou concluintes.

⁴⁰ O autor considerou universitários e graduados.

Tabela 13: Totais de ocorrências de *tu* e *você* em Santos (SP)⁴¹ (2006)

	TU	VOCÊ	TOTAL
N	232	476	708
%	32	67	99

Fonte: Modesto (2006, p. 83)

Diferentemente dos resultados de Paredes Silva (2003), em Modesto (2006), o pronome *você* é o mais usual, correspondendo a 67% dos dados. Os resultados revelam também que o fator sexo não se mostrou estatisticamente relevante, homens e mulheres preferem a forma *você* não havendo, em termos percentuais, grande diferença de uso de uma ou outra forma.

Paredes Silva (2003) e Modesto (2006) se assemelham em relação ao fator monitoramento da fala. Nas gravações secretas, o *tu* surge espontaneamente. Já nas gravações não secretas, os falantes evitam seu uso a fim de não cometerem o “erro” de concordância verbal *tu* + 3ª p. s. De forma semelhante a Lucca (2005), o autor considera o pronome *tu* uma forma de tratamento solidária, favorecido em situações de fala em que envolvam um menor grau de monitoramento por parte dos interlocutores.

Tabela 14: Frequência e peso relativo das formas *tu* e *você* em função do fator monitoramento em Santos – SP

Pronomes	[+] monitoramento		[-] monitoramento	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
Você	275/333=82%	0,62	201/375=53%	0,38
Tu	58/333=17%	0,37	174/375=46%	0,61
Total	333		375	

Fonte: Modesto (2006, p. 89) (adaptada)

Modesto (2006) ressalta que, em Santos – SP, o uso de *tu* passa por “certo grau de inconsciência entre os falantes quanto ao seu uso cotidiano” (p. 90). Ao questionar alguns falantes acerca do uso deste pronome, informa que, em um primeiro momento, muitos deles afirmaram não fazer parte de seu repertório linguístico, mas depois admitiram – muitas vezes impressionados – usá-lo entre seus amigos e pessoas próximas. Outros disseram jamais usar a forma *tu* para tratar os pais por considerarem uma falta de respeito. Como em Paredes Silva

⁴¹ O autor destaca que o programa *GoldVarb 2001* gerou, por vezes, alguns percentuais do uso de *tu* cuja soma com os percentuais complementares para o uso de *você* não resultou em 100%, mas em 99%. Sendo assim, optou por manter os valores produzidos por confiar ao programa a obtenção de tais resultados.

(2003), em Modesto (2006), não houve ocorrências do pronome *tu* com a forma verbal canônica.

A frequência de uso do pronome *tu* em contextos menos expressivos demonstrou ser notadamente menor que em contextos de maior expressividade: apenas 20% de frequência e peso relativo de 0,39, contra 79% de usos de *você*. Já os contextos que envolvem maior expressividade favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,65.

Os resultados evidenciam que o pronome *tu* é a forma mais usada como referência direta ao interlocutor, com peso relativo de 0,61, enquanto as referências diretas e indeterminadas o desfavorecem, com pesos relativos de 0,47 e 0,32, respectivamente. Além disso, a função objetiva da forma *tu* prevalece sobre as demais, com peso relativo de 0,77, enquanto o pronome *você* apresenta uma frequência maior de uso na função subjetiva, com peso relativo de 0,54.

No que tange à escolaridade, os dados revelam que falantes com maior escolaridade tendem a usar menos a forma *tu* (29%), enquanto os de menor escolaridade a utilizam com maior frequência (40%) e peso relativo de 0,60. O autor afirma que o uso do pronome *tu* em Santos (SP) é fortemente relacionado ao valor social a ele atribuído, seu uso de um lado denota intimidade, informalidade, mas, por outro, denota “erro”, algo que deve ser evitado.

2.2.4.3 Mota (2008)

Mota (2008) analisa a variação pronominal entre *tu* e *você* no português oral do Norte de Minas Gerais, na cidade de São João da Ponte, a partir de 24 entrevistas sociolinguísticas, com o objetivo de investigar os fatores que condicionam a variação *tu/você* nesta comunidade. Além das entrevistas, foram feitos testes de produção a fim de que fossem criadas situações naturais de fala e que possibilitassem enriquecer o *corpus*. Os informantes, apenas com ensino fundamental, foram estratificados da seguinte forma: 12 homens e 12 mulheres e agrupados de forma equitativa em quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos acima).

Diferentemente do Rio de Janeiro (PAREDES SILVA, 2003), em Santos (MODESTO, 2006) e em São João da Ponte (MG), o pronome mais utilizado foi o *você*, correspondendo a 89% dos dados. Apesar de o pronome *tu* apresentar baixo índice de ocorrências (10%), segundo a autora, esta se mostra uma informação bastante relevante, pois aponta para a existência desse pronome, cuja presença era considerada inexistente no dialeto mineiro.

O primeiro fator considerado como estatisticamente relevante para o uso do pronome *tu* foi o grau de intimidade, o maior grau de intimidade exerce efeito fortemente favorecedor, com peso relativo de 0,81. De forma semelhante a Modesto (2006), o pronome *tu* prevalece na função objetiva, com peso relativo de 0,91, enquanto o *você* ocorre predominantemente na função subjetiva.

No que se refere ao fator faixa etária, são os falantes mais jovens que usam o *tu* com maior frequência, o uso deste pronome é fortemente favorecido pela faixa que vai de 15 a 25 anos, apresentando peso relativo 0,72. A autora destaca que o uso de *tu* na região estudada é considerado como uso reservado e estigmatizado e que o favorecimento da faixa etária dos jovens poderia estar relacionado à construção de identidade desse grupo.

Nos testes de produção realizados por Mota (2008), o percentual de ocorrências da variante *tu* foi superior ao das entrevistas, correspondendo a 25% do total. Chama a atenção o resultado referente ao fator área geográfica de atuação profissional, selecionado como estatisticamente relevante, em que 10% das ocorrências do pronome *tu* são de falantes que atuam na zona urbana e 74% são de falantes que atuam na zona rural. O peso relativo (0,96) indica que trabalhar na zona rural favorece o uso da variante *tu*.

A faixa etária selecionada como favorecedora da variante *tu* nos testes foi a mesma que favoreceu o *tu* nas entrevistas – 15 a 25 anos. A autora conclui que a variante *tu*, em São João da Ponte (MG), além de ser uma marca do grupo de faixa etária de 15 a 25 anos é também um fenômeno da zona rural. Apesar dos municípios vizinhos, mais urbanizados, que deixaram de utilizar a variante *tu*, em São João da Ponte (MG), seu uso seria um vestígio de um modo de falar rural.

2.2.4.4 Silva (2017)

Silva (2017) analisa a variação *tu/você* no município de Ressaquinha-MG, à luz da Sociolinguística, com o objetivo de investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação. O *corpus* estudado consiste de 24 entrevistas sociolinguísticas guiadas por um roteiro de perguntas com variadas temáticas, além de narrativas de fatos pessoais e alheios. A amostra foi estratificada da seguinte forma: 12 falantes do sexo masculino (seis da zona rural e seis da zona urbana), 12 falantes do sexo feminino (seis da zona rural e seis da zona urbana), distribuídos nas faixas etárias: 20 a 35 anos, 36 a 50 anos e 51 anos ou mais.

Para a análise dos dados, as formas *você*, *ocê* e *cê* foram acopladas e consideradas apenas uma variante linguística: *você*. Os resultados gerais da amostra foram os seguintes: houve um total de 579 ocorrências das formas pronominais de segunda pessoa, sendo 61,5% delas correspondentes ao pronome *você* e 31,5% correspondentes ao pronome *tu*. Esses dados mostram que o *você* é a forma predominante, semelhantemente aos dados de São João da Ponte-MG (MOTA, 2008) e revelam que o pronome *tu* é bastante produtivo, diferente do que se tinha notícia até então a partir de outros estudos realizados na região (COELHO, 1999; HERÊNIO, 2006; GONÇALVES, 2008). Os resultados encontrados podem ser visualizados na Tabela 15.

Tabela 15: Detalhamento da amostra de Silva (2017)

PRONOMES	OCORRÊNCIAS	%
TU	223/579	38,50
VOCÊ	58/579	10,00
OCÊ	99/579	17,10
CÊ	199/579	34,40
TOTAL	579/579	100

Fonte: Silva (2017, p. 78) (adaptada)

A partir desse detalhamento, pode-se perceber que o uso do pronome *tu* é percentualmente maior que as formas *você*, *ocê* e *cê*, isoladamente. Observa-se que o *cê* é o segundo pronome mais utilizado pelos falantes, com 34,5% dos dados. Essa alta produtividade do pronome *cê* também se confirma nos estudos de Coelho (1999) e Gonçalves (2008), no estado mineiro.

Os fatores linguísticos considerados na análise foram: tipo de referência (específica e genérica), tipo de discurso (direto e relatado), contexto sintático (sujeito, complemento com preposição e complemento sem preposição) e contexto frasal (afirmativa, interrogativa e negativa), dos quais o *GoldVarb X* não selecionou apenas o contexto frasal. Dos fatores sociais considerados, sexo, área geográfica e faixa etária, o programa considerou como estatisticamente relevante para o uso do pronome *tu* apenas a faixa etária.

O tipo de referência foi o primeiro grupo de fator selecionado e mostrou que o *tu* é favorecido quando usado de forma específica, com frequência de 45,4% e peso relativo de 0,602. Por outro lado, é desfavorecido quando empregado como referência genérica, com peso relativo de 0,216. No que concerne ao contexto sintático, os dados revelam que o sujeito é o que mais favorece o *tu*, com peso relativo de 0,544 e frequência de 40,8%.

Além disso, o discurso direto é o que mais favorece o uso de *tu*, com peso relativo de 0,548, ao passo que o discurso relatado o desfavorece, com peso relativo de 0,367. Com relação à faixa etária, os resultados mostraram que o pronome *tu* é favorecido na faixa etária dos mais jovens (20 a 35 anos), com peso relativo de 0,623. Em seguida, pelos adultos (36 a 50 anos), com peso relativo de 0,523, e depois, pelos informantes da faixa etária de 50 anos ou mais, com peso relativo de 0,453.

Em síntese, pode-se dizer que, nos estudos da região Sudeste, o comportamento das variantes é, por vezes, distinto. Diferentemente dos dados do Rio de Janeiro-RJ (PAREDES SILVA, 2003), em Santos-SP (MODESTO, 2006), em São João da Ponte-MG (MOTA, 2008) e em Ressaquinha-MG (SILVA, 2017), a prevalência é do pronome *você*. O pronome *tu* é fortemente favorecido por referências diretas, em estilos menos monitorados e pela função objetiva⁴². Este pronome é favorecido também pela faixa etária mais jovem e pelos menos escolarizados. O pronome *você* ocorre com maior frequência em estilos mais monitorados e em referências genéricas.

Os estudos de Mota (2008) e Silva (2017) são extremamente relevantes, pois dão notícias da presença e produtividade do pronome *tu* no estado de Minas Gerais. Até então, os estudos de Gonçalves (2008) e Coelho (1999) apontavam para a ocorrência apenas das formas *você*, *ocê* e *cê*.

Consoante Scherre et al. (2015), a região Sudeste exhibe comportamento semelhante à região Centro-Oeste, por apresentar o subsistema **só você**. Além disso, exhibe também o subsistema **você/tu sem concordância** na cidade do Rio de Janeiro e com presença também, mesmo que marginal, na cidade de São João da Ponte-MG.

2.2.5 Região Sul

Destacam-se, da região Sul do país, os estudos de Loregian-Penkall (2004) e Franceschini (2011).

2.2.5.1 Loregian-Penkall (2004)

⁴² Exceto em Silva (2017), em que o *tu* é favorecido pela função subjetiva.

Em seu estudo, Loregian-Penkhal (2004) analisa como se dá a alternância pronominal *tu/você* no *corpus* VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, deste estado, analisa também informantes da localidade Ribeirão da Ilha (*corpus* BRESCANCINI⁴³). O objetivo da pesquisa é verificar se o pronome *tu* está sendo substituído pelo *você* no Sul do Brasil. Além disso, a autora faz uma (re)análise de Loregian (1996), estudo em que observa a concordância verbal com o pronome *tu* nas localidades de Florianópolis - SC, Porto Alegre -RS e Ribeirão da Ilha - SC, às quais foram acrescentadas três cidades do interior de Santa Catarina – Chapecó, Blumenau e Lages – e três cidades do interior do Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

O *corpus*, constituído de 24 entrevistas de cada cidade de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e 11 entrevistas de Ribeirão da Ilha – SC, totalizou 203 informantes, distribuídos em duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos), três níveis de escolaridade (primário, ginásio e colegial) e sexo (masculino e feminino). As variáveis linguísticas consideradas para a análise da alternância *tu/você* foram as seguintes: tipo de interlocução, determinação do discurso, gênero de discurso, explicitação do pronome, alternância dos pronomes *tu/você* no mesmo período/turno e tempo verbal.

A autora analisa primeiramente a variação no indivíduo e observa que na amostra geral, apenas com dados das capitais, o pronome *você* teve o uso categórico em Curitiba-PR. Porto Alegre-RS e Florianópolis-SC apresentam comportamento semelhante: 14 informantes em Porto Alegre-RS usam apenas o *tu*, e 13 em Florianópolis-SC. Os resultados gerais podem ser conferidos na Tabela 16.

Tabela 16: Distribuição de *tu/você* por sexo e faixa etária nas capitais do Sul do Brasil: dados de Loregian-Penkhal (2004)

INFORMANTE	PORTO ALEGRE			FLORIANÓPOLIS			CURITIBA		
	tu	você	T + V	tu	você	T + V	tu	você	T + V
FA	05	-	01	05	-	01	-	06	-
FB	05	-	01	02	-	04	-	06	-
SUBTOTAL	10	-	02	07	-	05	-	12	-
MA	02	01	03	04	-	02	-	06	-
MB	02	-	04	02	01	03	-	06	-
SUBTOTAL	04	01	07	06	01	05	-	12	-
TOTAL	14	01	09	13	01	10	-	24	-

⁴³ Cláudia Brescancini coletou uma amostra com 25 entrevistas no Ribeirão da Ilha em 1995/96 para efetuar sua dissertação de mestrado. Destas, Loregian-Penkhal utilizou apenas 11 entrevistas, por possuírem as mesmas características sociais do VARSUL.

Fonte: Loregian-Penkal (2004, p. 121) (adaptada)

Esses dados também revelam que as mulheres têm um comportamento diferenciado dos homens: nenhuma mulher em Porto Alegre-RS e Florianópolis-SC utilizou apenas o pronome *você*. Já no que se refere ao uso de *tu*, 10 mulheres em Porto Alegre-RS e sete em Florianópolis-SC foram categóricas. No que se refere aos homens, os dados revelam que há uma distribuição mais equilibrada entre *tu/você*, o que sugere que eles seriam os maiores responsáveis pela entrada do pronome *você* nessas comunidades.

De modo geral, a autora observa que em todas as localidades há informantes categóricos no uso de *tu* e o número de informantes que usa só o pronome *você* é o menor da amostra. Além disso, à exceção de Curitiba-PR, em todas as localidades há informantes que fazem a alternância *tu/você*.

Para observar a variação em cada comunidade, Loregian-Penkal (2004) retirou da análise os dados relativos aos informantes que foram categóricos, aqueles que usaram apenas o *tu* ou o *você*. Os resultados gerais estão dispostos na Tabela 17.

Tabela 17: Alternância *tu/você* por localidade em Loregian-Penkal (2004)

FATORES	APL./TOTAL	%	P. R.
Rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha			
Florianópolis	585/767	76%	0,32
Porto Alegre	764/819	93%	0,61
Ribeirão da Ilha	445/462	96%	0,78
Total	1794/2048	87%	
Rodada geral com Flores da Cunha, Panambi e São Borja			
Panambi	395/467	84%	0,30
Flores da Cunha	654/784	83%	0,37
São Borja	663/701	94%	0,76
Total	1712/1952	89%	
Rodada geral com Chapecó, Blumenau e Lages			
Lages	189/1225	15%	0,30
Blumenau	134/490	27%	0,61
Chapecó	261/519	51%	0,82
Total	584/2234	26%	

Fonte: Loregian-Penkal (2004, p. 133) (adaptada)

Destaca-se, nesses resultados, o favorecimento do pronome *tu* pela capital Porto Alegre-RS e por Ribeirão da Ilha-SC, com pesos relativos de 0,61 e 0,78, respectivamente. Com relação às três cidades do interior do Rio Grande do Sul-RS, destaca-se a cidade de São Borja, com peso relativo de 0,76. Segundo a autora, pelo fato de São Borja ser região de fronteira com a Argentina, os falantes precisam marcar-se como gaúchos *versus* estrangeiros e o fazem

também através do uso maciço do pronome *tu*. Já nas três cidades do interior de Santa Catarina-SC, o pronome *tu* foi favorecido por Blumenau e Chapecó e fortemente desfavorecido em Lages, com peso relativo de 0,30.

Os resultados também revelaram que as mulheres de todas as localidades lideraram o uso do pronome *tu*. O fator faixa etária também apresentou comportamento semelhante, em todas as localidades da amostra foram os informantes da primeira faixa etária (25 a 49 anos) que apresentaram peso relativo e percentual maior para o uso de *tu*. Segundo a autora, os dados sugerem que o uso do pronome *tu* pode estar relacionado a uma menor formalidade, ou a uma intimidade, e os falantes mais velhos da amostra seriam, portanto, mais formais. Além disso, os dados não apontam indícios de uma mudança em progresso em direção ao uso de “só você”. Apenas na rodada das capitais e do Ribeirão da Ilha-SC a variável escolaridade foi selecionada pelo Varbrul, indicando que há uma nítida progressão no uso do pronome *tu*, à medida que aumentam os anos de contato com a escola.

Em algumas localidades, o *tu* foi favorecido pelo gênero do discurso (argumentativo), pela explicitação do pronome (sem pronome explícito) e pela alternância de pronomes (pronome *você* usado anteriormente ao *tu* no mesmo período). Quando se trata de referente determinado, o *tu* é favorecido em todas as cidades da amostra.

2.2.5.2 Franceschini (2011)

Franceschini (2011) analisa o uso dos pronomes *tu/você* na posição de sujeito em Concórdia-SC, seguindo a Sociolinguística Quantitativa, a fim de observar os grupos de fatores linguísticos e sociais que estariam atuando na escolha deles. A amostra utilizada constitui-se de 12 entrevistas (diálogo entre informante e entrevistador), realizadas entre os anos de 2008 e 2010 e distribuídas por sexo, duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (Fundamental I, Fundamental II e Médio).

Os resultados demonstram que o *tu* predomina nos dados e a variante inovadora *você* chega a apresentar uma frequência bastante significativa. Das 392 ocorrências obtidas, 204 correspondem ao pronome *tu* (52%) e 188 ao pronome *você* (48%). Foram selecionados como estatisticamente relevantes os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: 1) Faixa etária; 2) Escolaridade; 3) Determinação do referente; e 4) Tipo de verbo.

Com relação à faixa etária, os resultados mostram que os mais jovens favorecem o uso da forma inovadora *você*, com peso relativo de 0,65 (64% das ocorrências), o que poderia indicar, segundo a autora, uma mudança em curso. Já os mais velhos (50 anos ou mais)

favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,65 (69% dos dados). O pronome *tu* é favorecido também pelos falantes com nível fundamental I e II, com pesos relativos de 0,81 e 0,57, respectivamente. Já no nível médio, de maior escolaridade, o pronome *você* predomina, com peso relativo de 0,61.

No que se refere à determinação do referente, os dados mostram que o pronome *tu* é favorecido em contextos em que o referente é determinado, com peso relativo de 0,70. Já o pronome *você* é usado principalmente com referente indeterminado, com peso relativo de 0,61. A autora observa também um favorecimento do *você* com os verbos *dicendi* (peso relativo de 0,65) e de ação (peso relativo de 0,59). O pronome *tu*, por sua vez, foi favorecido pelos verbos epistêmicos e de estado, com pesos relativos de 0,68 e 0,53, respectivamente. Segundo a autora, o fato de o pronome *tu* ser o mais usado nas situações de maior intimidade pode estar influenciando seu uso com esses verbos, pois tanto os verbos de estado quanto os epistêmicos parecem induzir o falante a uma maior proximidade com o interlocutor envolvido na situação de enunciação.

Esses trabalhos consultados referentes à região Sul demonstram que a prevalência é do pronome *tu*, sendo este fortemente favorecido pela faixa etária mais jovem. Os homens lideram o uso do *você*, variante inovadora nessa região, já as mulheres mantêm uma postura mais conservadora, usando em maior frequência o pronome *tu*. Quando a referência é determinada, o pronome *tu* ocorre com maior frequência e, em sentido oposto, o *você* prevalece quando a referência é específica.

De acordo com Scherre et al. (2015), a região Sul apresenta diversos subsistemas. O Paraná apresenta o subsistema **só você**; o Rio Grande do Sul, apresenta o subsistema **mais tu com concordância baixa** (menos de 10%) em Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Pelotas. Santa Catarina apresenta diversos subsistemas: 1) **subsistema mais tu com concordância alta** (entre 40 e 60%), em Florianópolis; 2) **subsistema tu/você com concordância baixa** (menos de 10%), em Chapecó; e 3) **subsistema tu/você com concordância média** (entre 10% e 39%), em Blumenau e Lages.

2.2.6 Síntese dos estudos

A fim de melhor visualizar a variação *tu/você* nas pesquisas aqui apresentadas, apresenta-se, na Tabela 18, a síntese dos resultados.

Tabela 18: Síntese dos estudos realizados sobre a variação *tu/você* nas cinco regiões brasileiras

REGIÃO	AUTOR(A)/ANO	LOCAL	TU	VOCÊ
NORTE	Soares e Leal (1993)	Belém/PA	76,84%	23,16%
	Martins ⁴⁴ (2010)	Tefé/AM	60,1%	33%
	Babilônia e Martins ⁴⁵ (2011)	Manaus/AM	35%	65%
NORDESTE	Herênio (2006)	Imperatriz/MA	27%	73%
	Alves (2010)	São Luís/MA	38,8%	61,2%
		Alto Parnaíba/MA	15,2%	84,8%
		Balsas/MA	56,7%	43,3%
		Bacabal/MA	56,5%	43,5%
		Pinheiro/MA	36,9%	63,1%
		Tuntum/MA	35,7%	64,3%
	Nogueira (2013)	Feira de Santana ⁴⁷ /BA	9%	91%
		Feira de Santana ⁴⁸ /BA	42,2%	57,8%
		Salvador/BA	1%	99%
	Guimarães ⁴⁶ (2014)	Fortaleza/CE	47,2%	46,5%
Guimarães (2019)	Fortaleza/CE	17%	63%	
Vitório (2018)	Maceió/AL	2%	98%	
Silva (2019)	Coité da Nóia/AL	17%	83%	
CENTRO-OESTE	Lucca (2005)	Ceilândia, Taguatinga e Brasília/DF	72%	28%
	Dias (2007)	Plano Piloto de Brasília	12,8%	87,2%
	Andrade ⁴⁹ (2010)	Região administrativa de Vila Planalto -	48%	26%

⁴⁴ Houve também 6,9% de ocorrências de *senhor(a)*.

⁴⁵ Quando separados por situação discursiva, a distribuição foi a seguinte: elocuições formais – você (90,7%) e *tu* (9,3%); entrevistas – você (96%) e *tu* (4%) e nos diálogos (D2) – você (29,5%) e *tu* (70,5%).

⁴⁶ A autora analisa também as variantes *cê* (2%) e *senhor* (4,3%).

⁴⁷ *Corpus* constituído pelos dados do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*.

⁴⁸ *Corpus* constituído por gravações espontâneas.

⁴⁹ A autora analisa separadamente a variante *cê* (26%).

		Brasília/DF		
SUDESTE	Paredes Silva ⁵⁰ (2003)	Rio de Janeiro/RJ	65%	35%
	Modesto (2006)	Santos/SP	32%	67%
	Herênio (2006)	Uberlândia/MG	-	100%
	Mota (2008)	São João da Ponte/MG	10%	89%
	Silva (2017)	Ressaquinha/MG	31,5%	61,5%
SUL	Loregian-Penkal (2004)	Florianópolis/SC	76%	24%
		Ribeirão da Ilha/SC	96%	4%
		Lages/SC	15%	85%
		Blumenau/SC	27%	73%
		Chapecó/SC	51%	49%
		Porto Alegre/RS	93%	7%
		Panambi/RS	84%	16%
		Flores da Cunha/RS	83%	17%
		São Borja/RS	94%	6%
	Franceschini (2011)	Concórdia/SC	52%	48%

Fonte: Elaborada pela autora.

A síntese dos estudos realizados permite observar que a distribuição *tu/você* é, de fato, bastante variada em todo o território nacional. Na região Norte (SOARES E LEAL, 1993; MARTINS, 2010; BABILÔNIA e MARTINS, 2011), nos estados do Amazonas e Pará, o pronome *tu* demonstra ser o mais frequente e fortemente condicionado pela forma como os dados foram coletados. Se considerados apenas os dados referentes aos diálogos (D2) na pesquisa de Babilônia e Martins (2011), o pronome *tu* foi o mais produtivo, representando 75% das ocorrências, em detrimento de *você*, com apenas 25%.

No que se refere à região Nordeste, os estudos de Herênio (2006), Alves (2012), Nogueira (2013), Guimarães (2014), Vitória (2018), Guimarães (2019) e Silva (2019) dão notícias da variação *tu/você* nos estados do Maranhão, Bahia, Ceará e Alagoas. No estado do Maranhão, a predominância é do pronome *você*, mas o pronome *tu* também se mostra presente em algumas localidades, como em Balsas (ao sul) e Bacabal (parte central). Em

⁵⁰ Resultados do *corpus* Paredes 96.

Salvador, capital da Bahia, e Feira de Santana, segunda maior cidade do estado, o pronome *você* predomina, mas o tipo de *corpus* demonstrou também atuar fortemente na inibição do pronome *tu* nos dados de Feira de Santana. Em Fortaleza, o pronome *tu* foi o mais utilizados pelos informantes com menor escolaridade (GUIMARÃES, 2014), ao passo que os informantes mais escolarizados utilizaram mais o *você*. No estado do Alagoas, tanto na capital quanto em Coité da Nóia, o pronome *você* é o mais usual, mas já se pode perceber a presença do pronome *tu*.

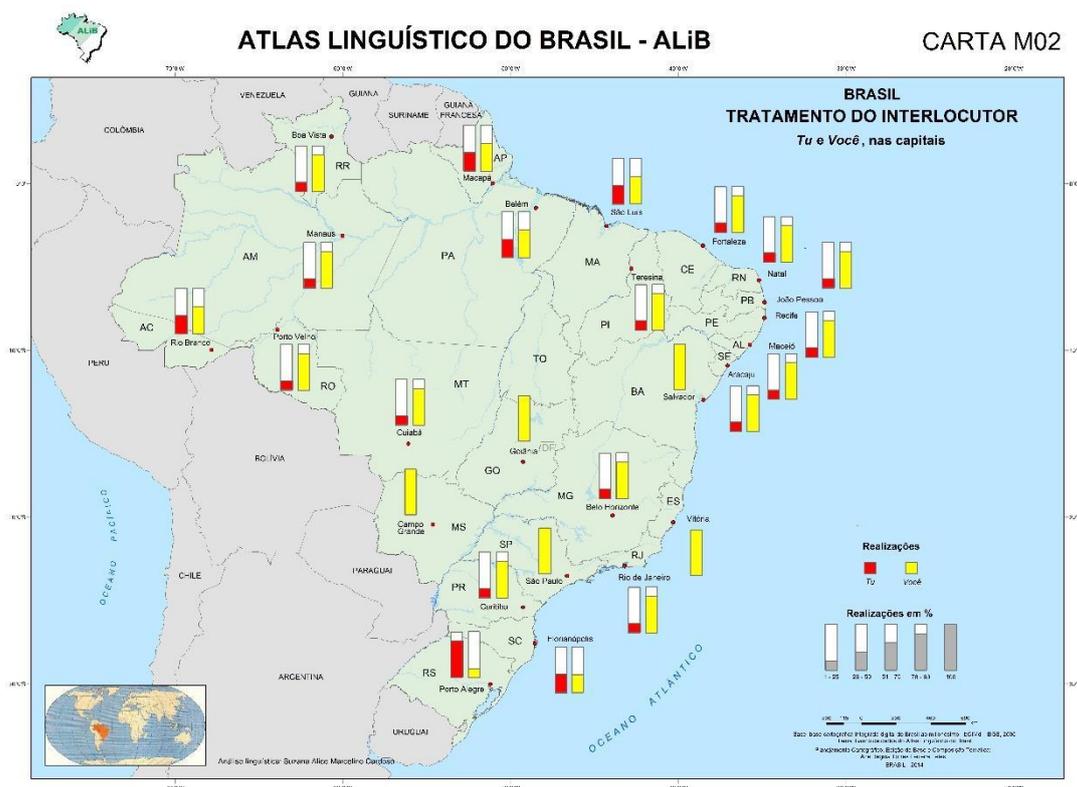
Na região Centro-Oeste (LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010), prevalecem as ocorrências de *você/cê*, mas o pronome *tu* se mostrou bastante produtivo desde a menor faixa etária, a das crianças.

Os estudos da região Sudeste (PAREDES SILVA, 2003; MODESTO, 2006; HERÊNIO, 2006; MOTA, 2008; SILVA, 2017), por sua vez, apresentam uma predominância do *você* nos dados de São Paulo e Minas Gerais e o predomínio do *tu* no Rio de Janeiro.

Os estudos da região Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004; FRANCESCHINI, 2011) mostram que o pronome *tu* predomina no estado do Rio Grande do Sul. Já no estado de Santa Catarina, os pronomes têm seu uso variável, em Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó e Concórdia prevalece o *tu* e em Lages e Blumenau, prevalece o *você*.

Além dos estudos relacionados, Cardoso et al. (2014) apresentam os resultados da variação *tu/você* nas capitais a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Figura 4: Carta M02: Tratamento do interlocutor (com *tu* ou *você*) nas capitais



Os resultados apresentados na carta muito se assemelham aos resultados dos estudos sistematizados, mostram a prevalência de uso do pronome *você*, destacando-se algumas regiões de domínio do pronome *tu*. Na região Norte, há o predomínio do *você*, mas em todas as capitais há, também, ocorrências do pronome *tu*. Na região Nordeste, destaca-se a capital do estado do Maranhão, com mais ocorrências de *tu* que os demais e a capital da Bahia, onde só houve ocorrências de *você*. Na região Centro-Oeste, apenas a capital do Mato Grosso apresenta dados de *tu*.

A região Sudeste, por sua vez, além de ter o predomínio do pronome *você*, apresenta dados de *tu* apenas em duas capitais, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. No que se refere à região Sul, observa-se que a capital do Rio Grande do Sul figura como a de maior percentual de ocorrências de *tu*, destacando-se também a capital de Santa Catarina com percentuais de *tu/você* semelhantes. Nessa carta linguística chama muito a atenção a semelhança dos resultados do pronome *tu* em regiões bem opostas, como as capitais da região Sul, três capitais do Norte (Rio Branco, Macapá e Belém) e a capital do Maranhão, no Nordeste.

Apesar desses e outros estudos já realizados sobre os usos dos pronomes *tu* e *você* no português brasileiro, é fácil perceber a escassez de trabalhos sobre a região Norte. Este

trabalho visa, justamente, apresentar uma fotografia sociolinguística acerca dos usos desses pronomes na maior região do país, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

3 AS LOCALIDADES INVESTIGADAS: VISÃO PANORÂMICA

Busca-se, neste capítulo, apresentar brevemente um panorama com as características sociais e históricas das 24 localidades investigadas nesta tese. Tem-se como objetivo abordar esses aspectos a fim de contribuir para a interpretação dos resultados, uma vez que a análise desenvolvida parte da premissa de que a relação entre língua, cultura e sociedade é intrínseca. Assim, abordam-se, primeiramente, alguns aspectos sobre a história do povoamento da região Norte, de forma geral. Em seguida, elencam-se informações atinentes a cada localidade, de forma específica.

Para a obtenção de tais informações foram consultadas variadas páginas na *Internet*, as quais incluem o banco de dados *IBGE Cidades*, os *sites* oficiais das prefeituras locais, *blogs* mantidos por historiadores nativos das localidades, entre outras. Além disso, foram consultados também artigos publicados em periódicos nacionais por historiadores e geógrafos, por se entender a importância de lidar com informações dispostas em fontes fidedignas.

3.1 A REGIÃO NORTE

A região Norte é a maior região do País em extensão territorial, com aproximadamente 3,9 milhões de Km², e possui sete estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Por conta de sua grande extensão, faz fronteira com alguns países, sendo eles: Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, atingiu em 2020 um total de 18,7 milhões de habitantes⁵¹, o qual correspondeu a 8,8 % da população residente no país. É, também, a região que possui a menor concentração populacional.

O processo histórico da região Norte apresenta diversos períodos de ocupação demográfica e econômica. As primeiras expedições à região datam de 1540, depois da assinatura do Tratado de Tordesilhas. Com a descoberta do território amazônico por parte dos colonizadores portugueses, estes trataram de garantir a expulsão dos demais grupos europeus que tentavam se estabelecer na região. Juntamente com os portugueses, vieram os missionários católicos, com o objetivo de catequizar os indígenas, primeiros

⁵¹ De acordo com a estimativa, a região Norte apresentou em 2020 18.672.591 habitantes. A data de referência foi 1º de julho de 2020.

habitantes da região. Estes eram reunidos pelos missionários em aldeias, chamadas de missões, muitas delas chegaram a dar origem a várias cidades. De acordo com Brasil (1997, p. 61), “a partir do momento em que os portugueses tiveram a posse definitiva da região, a mesma passou a ser considerada apenas como reservatório de produtos florestais e das *‘drogas do sertão’*”. Cumpre destacar que o processo de colonização gerou inúmeras mudanças, principalmente no que diz respeito à redução da população indígena, aumento da identidade cabocla, mestiçagem entre brancos, negros e indígenas.

Durante o período imperial, a economia baseou-se, principalmente, na coleta de espécies florestais, passando do ciclo das drogas do sertão para o ciclo da borracha. Por conta da exploração da borracha, no período que vai da segunda metade do século XIX até 1920, a região alcançou um crescimento econômico considerável, o que gerou uma intensa demanda de mão de obra e, por sua vez, uma grande migração de nordestinos, principalmente cearenses, fugindo das secas.

Brasil (1997) afirma que a chegada dos migrantes impulsiona o surgimento de um grande número de novos povoados, vilas e cidades a fim de comercializar a produção gomífera e fornecer alimentos aos extratores. Destacam-se, nesse momento, as cidades de Belém e Manaus como os principais centros de distribuição e comercialização da produção que era enviada para os mercados externos. Com a decadência do ciclo da borracha, houve outras atividades extrativas (como, por exemplo, a castanha), porém mais localizadas no que tange aos efeitos demográficos e econômicos.

A partir da década de 1960 ocorrem profundas modificações na a região Norte como um todo, pois são implantadas diversas políticas governamentais (a Operação Amazônia e, posteriormente, o Programa de Integração Nacional) com o objetivo de desenvolver e povoar a região Norte e promover, de forma definitiva, sua integração à economia brasileira. É a partir dessa década que se podem perceber, de forma mais nítida, novas tendências demográficas na região, destacando-se a migração de nordestinos e sulistas e a maior urbanização. As políticas públicas de incentivo ao povoamento e integração da região ao restante do país também puderam ser percebidas nas décadas seguintes e atuaram nos mais diversos setores, como no incentivo aos grandes projetos agropecuários e minerais, à colonização dirigida, à construção de estradas de rodagem e à criação da Zona Franca de Manaus, por exemplo. Nessa perspectiva, nota-se a importância do ciclo da borracha e das diversas correntes migratórias na composição do perfil da população da região Norte.

3.2 AS LOCALIDADES

3.2.1 Amapá

O estado do Amapá limita-se com o Suriname, a Guinana Francesa e com o estado do Pará, do qual se originou. Possui uma área de 142.470,762 km² e, segundo o IBGE, a população estimada em 2020 foi de 861.773 habitantes. Dos 16 municípios pertencentes ao estado, apenas dois fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB: Oiapoque e a capital do estado, Macapá.

3.2.1.1 Oiapoque

Gentílico – Oiapoqueense.

Topônimo – A palavra Oiapoque tem origem tupi, sendo uma derivação do termo *oiap-oca*, que significa casa dos Waiãpi, que são os povos indígenas primitivos dessa região.

População estimada em 2020 – 27.906 habitantes, com densidade demográfica de 0,91 hab/km².

Economia – Pecuária e agricultura, no setor primário. Mineração (ouro e cassiterita) e artesanato, no secundário. Comércio, no setor terciário.

Educação – 60 escolas de Ensino Fundamental e 40 de Ensino Médio. Algumas universidades, em sua maioria, à distância.

Aspectos histórico-geográficos – Situado no extremo norte do Amapá, a 590 quilômetros da capital, Macapá, o município originou-se da morada de um mestiço, Emile Martinic, que foi o primeiro não-indígena na região. Por conta disso, o local ficou conhecido inicialmente como “Vila de Martinica” e é possível se ouvir essa denominação ainda hoje pelos mais antigos.

No ano de 1907, o Governo Federal criou o Primeiro Destacamento Militar do município, que servia de abrigo a presos políticos. Anos depois, esse destacamento foi transferido para Santo Antônio, atual distrito de Clevelândia do Norte, com a denominação de Colônia Militar. A fim de consolidar a soberania nacional sobre as áreas limítrofes, face ao contestado franco-brasileiro, foi, então, erguido um monumento à pátria, indicativo do marco inicial do território brasileiro. Apenas em 23 de maio de 1945 foi elevada a município, pelo Decreto-lei Federal n.º 7.578.

Ao norte, o município faz fronteira com a Guiana Francesa, ao sul com os municípios de Calçoene, Serra do Navio e Pedra Branca do Amapari. Ao leste é banhado pelo Oceano

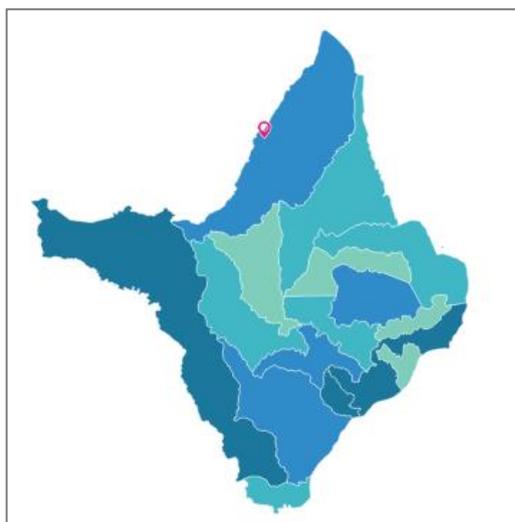
Atlântico e a oeste faz fronteira com o município de Laranjal do Jari.

Atualmente, Oiapoque é a quarta maior cidade do estado do Amapá e pode-se dizer que “participa de uma cultura caribenho-amazônica pautada em suas raízes sócio-históricas, fatores estes que, no mínimo, se distinguem em muitos aspectos de sua capital Macapá, dominada e povoada por portugueses a partir do século XVII” (ALMEIDA; RAUBER, 2017, p. 480).

O município brasileiro mais próximo, Calçoene, fica a pouco mais de 200 quilômetros de distância. Apesar disso, segundo Almeida e Rauber (2017), Calçoene está inserido no contexto de influência da região metropolitana de Macapá, diferentemente de Oiapoque. Dessa forma, “a região de Oiapoque é constituída muito mais pelas relações transfronteiriças com o Platô das Guianas do que com a área de influência de Macapá” (ALMEIDA; RAUBER, 2017, p. 476).

A Figura 5 apresenta a localização desse município no estado do Amapá.

Figura 5: Localização do município de Oiapoque, no estado do Amapá



Fonte: IBGE Cidades

3.2.1.2 Macapá

Gentílico – Macapaense.

Topônimo – A toponímia é de origem tupi, como uma variação de “macapaba“, que quer dizer lugar de muitas bacabas, uma palmeira nativa da região.

População estimada em 2020 – 512.902 habitantes, com densidade demográfica de 62,14 hab/km².

Economia - Extrativismo, agricultura e indústria.

Educação – 332 escolas de Ensino Fundamental, 196 de Ensino Médio e pelo menos três universidades públicas, sendo um importante centro educacional do estado do Amapá.

Aspectos histórico-geográficos – Situado na região sudeste do estado, é a única capital brasileira cortada pela Linha do Equador e também a única capital que não possui interligação por rodovia a outras capitais.

O município originou-se de um destacamento militar fixado no mesmo local das ruínas da antiga Fortaleza de Santo Antônio, a partir de 1740. Esse destacamento surgiu em razão de constantes pedidos feitos pelo governo da Província do Grão Pará e Maranhão (a quem as terras do Amapá estavam juridicamente anexadas), João de Abreu Castelo Branco, que, desde 1738, sentindo o estado de abandono em que se encontrava a Fortaleza, solicitava à Coroa portuguesa providências urgentes.

Em 1740, o rei português D. João autorizou o governador do Pará a construir um fortim no mesmo local das ruínas da fortaleza de Santo Antônio e enviou, também, um projeto de construção de um pequeno forte idealizado pelo sargento-mor Manuel de Azevedo Fortes e pelo engenheiro-mor do reino, Miguel Luís Alves. Macapá originou-se desse forte.

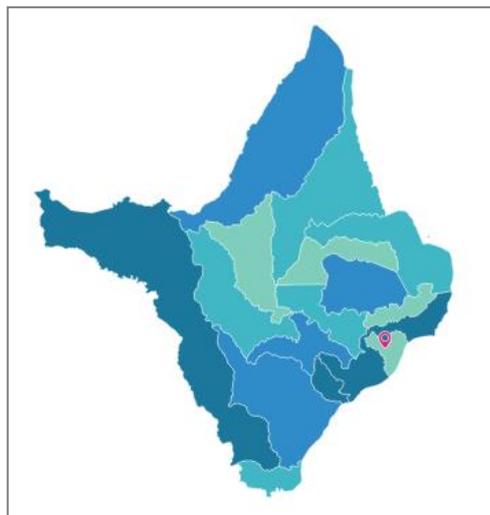
Depois da assunção de D. José I no trono português, o Marquês de Pombal assumiu o ministério real e nomeou, em seguida, seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado para o comando das Armas da Província do Pará, assim como para a presidência da própria província, gozando de plenos poderes para promover a fundação e colonização de vilas na Amazônia Setentrional. Nessa época Macapá assiste à chegada dos colonos dos Açores.

Em 2 de fevereiro de 1758, Mendonça Furtado instalou os poderes Legislativo e Judiciário da vila, e em 4 de fevereiro, dois dias depois, elevou o povoado à categoria de vila. A emancipação de Macapá despertou a cobiça de holandeses, ingleses e franceses que ameaçavam a todo custo invadir a vila.

A grande fortaleza foi inaugurada apenas em 19 de março de 1782, 18 anos depois de iniciados os trabalhos. Pode-se dizer que Macapá cresceu à sombra dessa fortaleza, testemunho do esforço luso-brasileiro na conquista, colonização e manutenção da Amazônia e representa a mais vigorosa afirmação do domínio português no Território do Amapá. Foi elevada à condição de cidade com a denominação de Macapá em 06-09-1856, pela Lei n.º 281. Atualmente, o município concentra a maior parte da população do estado, em torno de 60%.

A Figura 6 apresenta a localização desse município no estado do Amapá.

Figura 6: Localização do município de Macapá, no estado do Amapá



Fonte: IBGE Cidades

3.2.2 Roraima

O estado de Roraima tem como limites a Venezuela, ao norte e noroeste; Guiana, ao leste; Pará, ao sudeste; e Amazonas, ao sul e oeste. Com uma área de 223.644,527 km² e população estimada de 631.181 pessoas no ano de 2020, é o estado menos populoso do país e também o que apresenta menor densidade demográfica (2,01 hab/km²). De seus 15 municípios, apenas a capital Boa Vista faz parte da rede de pontos do ALiB.

3.2.2.1 Boa Vista

Gentílico – Boa-vistense.

Topônimo – A cidade de Boa Vista se originou da sede de uma fazenda estabelecida no local no século XIX, chamada Boa Vista do Rio Branco.

População estimada em 2020 – 419.652 habitantes, com densidade demográfica de 49,99 hab/km².

Economia – A economia da cidade está baseada na agricultura, pecuária e o extrativismo animal, vegetal e mineral. A capital é ponto de partida para os vários roteiros de ecoturismo pela selva amazônica, atividade de destaque da região.

Educação – 162 escolas de Ensino Fundamental, 221 escolas de Ensino Médio e pelo menos quatro universidades públicas.

Aspectos histórico-geográficos – Situada na porção centro-oriental do estado, à margem direita do rio Branco, é a única capital localizada totalmente ao norte da linha do Equador e concentra cerca de dois terços dos habitantes do estado.

A história da cidade de Boa Vista se confunde com a do próprio estado de Roraima, pois foi o primeiro povoamento caracteristicamente urbano do estado.

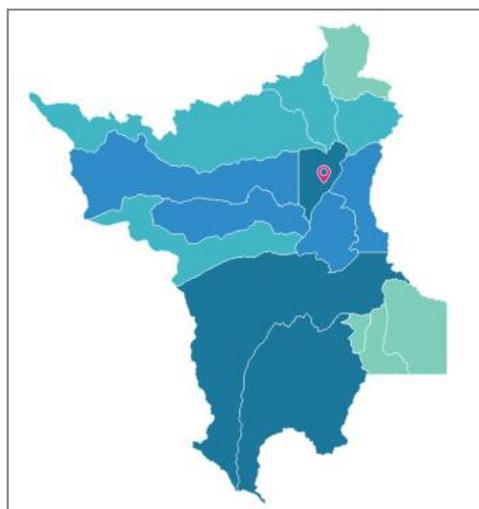
Segundo Galdino, Silva e Gorayeb (2017), a Fazenda de Boa Vista foi fundada em 1830, pelo então oficial do forte de São Joaquim, Inácio Lopes Magalhães. Com o intuito de obter um maior controle administrativo da região por conta da presença de forças inglesas na área, o pequeno povoado passou a ser sede da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, em 09 de novembro de 1958, passando a receber essa denominação.

Foi elevada à categoria de vila em 1890, com a denominação de Vila de Boa Vista do Rio Branco. Em divisão administrativa no ano de 1911, a vila foi constituída do distrito sede e elevada à condição de cidade com a denominação de Boa Vista do Rio Branco, em 1926.

Em 1943, a cidade se tornou capital do então Território Federal do Rio Branco. Esse território passou a denominar-se Território Federal de Roraima a partir de 1962, sendo elevado à condição de Estado apenas em 1988. Atualmente, Boa Vista é o município mais populoso do estado de Roraima, chegando a concentrar cerca de dois terços dos roraimenses.

A Figura 7 apresenta a localização desse município no estado de Roraima.

Figura 7: Localização do município de Boa Vista, no estado de Roraima



Fonte: IBGE Cidades

3.2.3 Amazonas

O estado do Amazonas é o maior estado do país em extensão territorial, com uma área de 1.559.167,889 km², mas com um dos menores índices de densidade demográfica, de apenas 2,23 hab/km². Faz divisa com o estado do Pará, ao leste; Mato Grosso, ao sudeste; Rondônia e Acre, ao sul e sudoeste; Roraima, ao norte; além da Venezuela, Colômbia e Peru ao norte, noroeste e oeste, respectivamente. Possui 62 municípios e cinco deles fazem parte da rede de pontos do ALiB.

3.2.3.1 São Gabriel da Cachoeira

Gentílico – São-gabrielense ou gabrieliense.

Topônimo – Recebeu este nome entre 1759 e 1760, por causa da construção do Forte de São Gabriel.

População estimada em 2020 – 46.303 habitantes, com densidade demográfica de 0,35 hab/km².

Economia – Por ser uma região de maioria indígena, sua economia baseia-se, principalmente, na agricultura de subsistência.

Educação – 572 escolas de Ensino Fundamental, 16 escolas de Ensino Médio e algumas universidades particulares, a maioria à distância.

Aspectos histórico-geográficos – Situado no extremo noroeste do país, a 852 quilômetros de Manaus, o município faz fronteira com dois países sul-americanos. Ao norte, limita-se com a Colômbia e a Venezuela, ao sul e ao leste com o município de Santa Isabel do Rio Negro e ao sul com Japurá.

O município é considerado o mais indígena do Brasil, com uma predominância de mais de 70% de povos tradicionais de diferentes etnias indígenas, como, por exemplo, os Arapaço, Baniwa, Barasana, Baré, Desana, Hupda, Karapanã, Kubeo, Kuripako, Makuna, Miriti-tapuya, Nadob, Pira-tapuya, Siriano, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wanana, Werekena e Yanomami. A língua oficial é o português, e este convive com outros três idiomas que foram aprovados por lei municipal (145/2002), o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa (línguas tradicionais faladas pela maioria dos habitantes).

Datam de 1657 os primeiros registros de povoamento do Alto Rio Negro, quando os jesuítas fundaram, na foz do rio Tarumã, um aldeamento de índios. Com a expulsão dos jesuítas da Amazônia, a aldeia ficou abandonada.

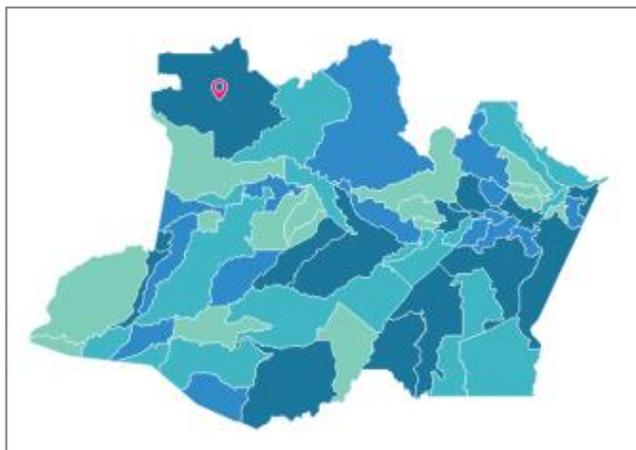
Em 1668, o Franciscano Frei Teodósio e o Capitão Pedro da Costa Favela fundaram nova povoação à margem do Rio Negro, nas proximidades da foz do rio Aruím. Nos últimos anos do séc. XVII vários outros povoados foram criados pelos religiosos que catequizavam os índios. Por volta de 1695, chegaram os missionários carmelitas ao Rio Negro, onde criaram vários povoados.

Entre os anos de 1759-60, estabeleceu-se na região um destacamento militar, que construiu um forte, chamado de São Gabriel, e em torno dele formou-se uma povoação reconhecida em 1833 com o nome de São Gabriel. No mesmo ano, a povoação foi elevada à sede de Freguesia.

Localizado no morro da Fortaleza, à margem esquerda do alto rio Negro, afluente da margem esquerda do rio Amazonas, o Forte de São Gabriel da Cachoeira foi construído inicialmente para fins defensivos pela coroa portuguesa.

São Gabriel recebeu status de vila apenas em 10 de março de 1891. Extinto em 1931, o município foi recriado em 1935 e foi elevado à condição de cidade pelo Decreto-Lei Estadual nº 68 de 31 de março de 1938. Sua localização pode ser visualizada na Figura 8.

Figura 8: Localização do município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas



Fonte: IBGE Cidades

3.2.3.2 Tefé

Gentílico – Tefeense.

Topônimo – O termo tem origem nheengatu e significa “profundo”.

População estimada em 2020 – 59.547 habitantes, com densidade demográfica de 2,59 hab/km².

Economia – A principal renda local advém da agricultura, pecuária, a pesca, o extrativismo vegetal e o comércio.

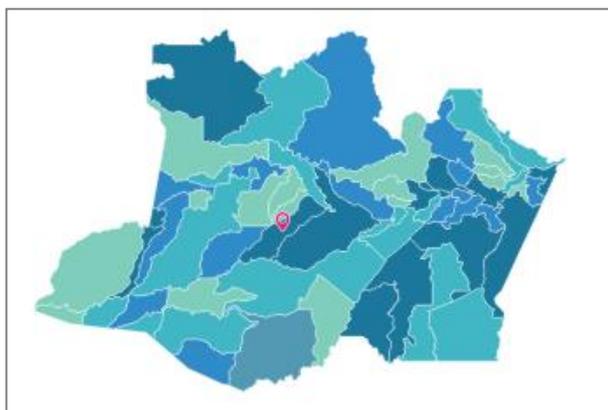
Educação – 94 escolas de Ensino Fundamental, 16 escolas de Ensino Médio e três universidades públicas.

Aspectos histórico-geográficos – Situada a 523 quilômetros da capital, a cidade tem uma característica peculiar, que é não possuir ligação via estrada com outros municípios, o acesso se dá apenas por vias fluviais ou aéreas. Isso porque fica às margens do lago Tefé (formado pelo alargamento do rio de mesmo nome nas proximidades de sua foz), que é um dos afluentes do Rio Solimões, na sua margem direita.

Os povos primitivos da região eram Nuruagues, Cauixanas, Jumanas, Passés, Uainumas, Catuquinas, Jamamadis, Pamanas, Juris, Jurimaguas, Tupebas ou Tupibàs. Eles dividiam a terra até a invasão europeia. De acordo com Porto (2011, p. 25), a conquista de Tefé inicia “com as missões espanholas no século XVII, consolidadas com o trabalho do padre jesuíta Samuel Fritz, que em 1688 fundou a missão Santa Teresa D’Ávila dos Auxiaris, na barra do rio Tapi (Tefé)”. Em seguida, chegaram os carmelitas portugueses a fim de disputar o território com os espanhóis e conseguiram assumir o controle da região. Os remanescentes dos conflitos foram reunidos pelo Frei André da Costa e levados para o local que hoje é Tefé.

Em 1759 foi elevado à categoria de vila com a denominação Vila de Ega, pertencente à Capitania de São José do Rio Negro. Ela pertenceu à Província do Grão-Pará, até 1850, quando o Amazonas foi desmembrado dela e passou à categoria de Província. Tefé passou, então, à Província do Amazonas que, em 1855, foi elevada à categoria de cidade. Atualmente, Tefé concentra boa parte da economia do Médio Solimões, funcionando como um polo comercial da região. A localização desse município pode ser visualizada na Figura 9.

Figura 9: Localização do município de Tefé, no Amazonas



Fonte: IBGE Cidades

3.2.3.3 Manaus

Gentílico – Manauara.

Topônimo – O nome provém da tribo dos manaós, habitantes da região dos rios Negro e Solimões. Na língua indígena, Manaus é a variação de Manaos, que significa “mãe dos deuses”.

População estimada em 2020 – 2.219.580 habitantes, com densidade demográfica de 158,06 hab/km².

Economia – A economia manauara é composta por polos agropecuários, indústrias bem como o setor terciário, que é responsável pela metade da economia do estado, baseado em atividades comerciais, bens e serviços.

Educação – 750 escolas de Ensino Fundamental, 174 escolas de Ensino Médio e duas universidades públicas.

Aspectos histórico-geográficos – Localizada no centro da maior floresta tropical do mundo, na confluência dos rios Negro e Solimões, Manaus é a cidade mais populosa de toda a região Norte e a segunda maior capital estadual no Brasil em área territorial.

O povoado que originou a cidade de Manaus foi fundado em 1669, à margem esquerda do Rio Negro, a partir do Forte São José da Barra do Rio Negro. A construção do forte teve por objetivo resguardar a entrada da Amazônia das invasões estrangeiras e garantir o domínio da Coroa Portuguesa na região.

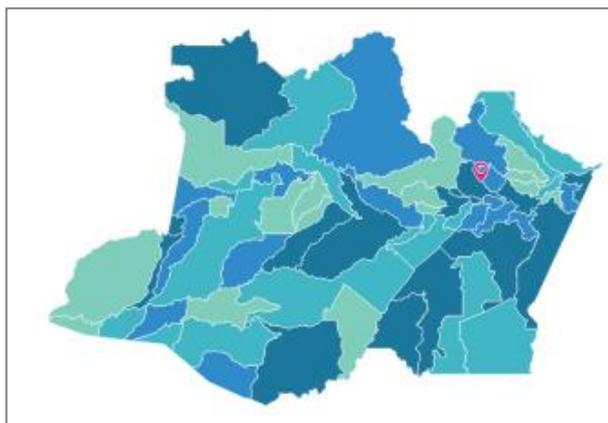
De acordo com o site da prefeitura de Manaus, em torno do Forte de São José do Rio Negro se desenvolveu o povoado do Lugar da Barra, que por conta da sua posição geográfica passou a ser sede da Comarca do São José do Rio Negro. No ano de 1755, por meio de Carta régia, a antiga missão de Mariuá foi escolhida como capital, passando a se chamar vila de Barcelos. Anos mais tarde a sede foi transferida para o Lugar da Barra, que em 1832 tornou-se Vila da Barra e em 24 de outubro de 1848 a Cidade da Barra de São José do Rio Negro.

Em 1850, a Comarca foi elevada à categoria de Província do Amazonas, da qual Manaus, com o nome oficializado em 04 de setembro de 1856, tornou-se a sede, independente do Estado do Grão-Pará.

Manaus viveu, a partir de 1890, o surto da economia gomífera, que se encerrou em 1913, por conta da perda do mercado mundial para a borracha asiática. Assim, a cidade retornou a um novo período de isolamento até o advento da Zona Franca de Manaus, em 1970, quando passou a atuar como um dos maiores centros industriais do país.

A localização de Manaus pode ser visualizada na Figura 10.

Figura 10: Localização do município de Manaus, no Amazonas



Fonte: IBGE Cidades

3.2.3.4 Benjamin Constant

Gentílico – Benjamin-constantense.

Topônimo – O nome do município foi dado em homenagem ao general Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um incentivador do movimento de 15 de novembro de 1889.

População estimada em 2020 – 43.935 habitantes, com densidade demográfica de 3,80 hab/km².

Economia – A economia baseia-se na piscicultura, na agricultura e no comércio.

Educação – 58 escolas de Ensino Fundamental, três escolas de Ensino Médio e uma universidade pública.

Aspectos histórico-geográficos – Localizado no sudoeste amazonense, à margem direita do Rio Javari, na mesoregião do Alto Solimões, o município fica a 1.118 km da capital do estado.

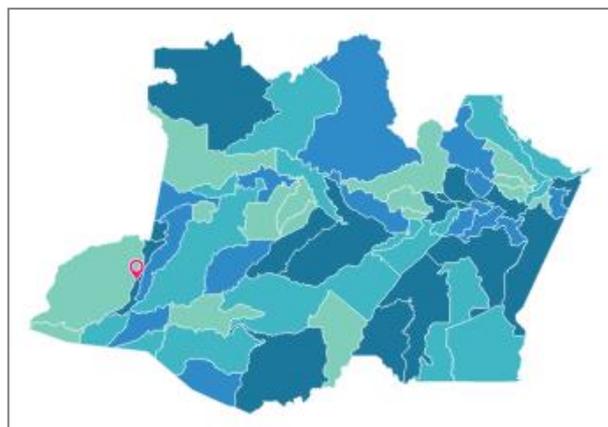
O povoamento do território atual remonta às primeiras décadas do século XVIII. Por volta de 1750, próximo à foz do rio Javari, havia uma pequena comunidade: a aldeia de Javari, fundada por padres jesuítas que estavam em missão pelo local, o assentamento servia como ponto de catequização para os índios Ticunas, uma das principais etnias amazônicas que ainda vivem na cidade.

Em 29 de janeiro de 1898, o território do atual município de Benjamim Constant foi desmembrado do Município de São Paulo de Olivença. Constituíam-se de um só distrito, Remate de Males, que ficou sendo a sede municipal. Três anos depois, no dia 4 de janeiro de 1901, suas terras voltaram a pertencer a São Paulo de Olivença para em 2 de setembro de

1904 ganhar de novo autonomia. Segundo o Plano de Integração Nacional, a cidade seria o ponto final da Transamazônica, porém o trecho que ligaria Lábrea até Benjamin Constant sequer fora desmatado.

A localização de Benjamin Constant pode ser conferida na Figura 11.

Figura 11: Localização do município de Benjamin Constant, no Amazonas



Fonte: IBGE Cidades

3.2.3.5 Humaitá

Gentílico – Humaitaense.

Topônimo – A palavra vem do Tupi, que significa A pedra agora é negra (Hu = negro, ma = agora, itá = pedra).

População estimada em 2020 – 56.144 habitantes, com densidade demográfica de 1,34 hab/km².

Economia – Baseia-se na agropecuária, extrativismo vegetal e indústria, principalmente a madeireira.

Educação – 86 escolas de Ensino Fundamental, 10 escolas de Ensino Médio e duas universidades públicas.

Aspectos histórico-geográficos – Situada no entroncamento entre as rodovias Transamazônica e Manaus-Porto Velho e banhada pelo Rio Madeira, é considerada uma das principais cidades da hidrovia Humaitá. Faz parte, também, do chamado Arco Norte Amazônico, com grande potencial agropecuário e logístico.

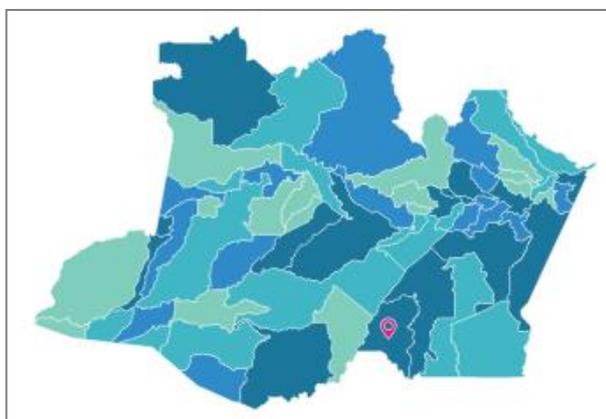
Os primeiros habitantes do lugar foram os indígenas que viviam em economia de subsistência, as principais etnias viviam às margens do Rio Maici (Torá), Rio Marmelo (Tenharim) e Rio Madeira (Parintintin, Pama, Arara e Mura). Humaitá remonta suas origens

ao ano de 1693, com a fundação da Missão de São Francisco, fundada pelos jesuítas no rio Preto, afluente do rio Madeira. Por conta dos ataques constantes dos índios, a sede da Freguesia foi transferida para o lugar onde hoje está a cidade de Humaitá, em 1888, com o nome Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Belém de Humaitá.

Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Humaitá, pelo Decreto n.º 31, de 04-02-1890, desmembrada do município de Manicoré e mantida como município pela Lei n.º 33, de 04-11-1892. Foi elevado à condição de cidade em 1894, no auge do Ciclo da Borracha.

A localização de Humaitá pode ser conferida na Figura 12.

Figura 12: Localização do município de Humaitá, no Amazonas



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4 Pará

O estado do Pará é o segundo maior estado do país em extensão territorial, com uma área de 1.245.870,798 km². Faz divisa com o Suriname e o Amapá, Oceano Atlântico, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, Guiana e Roraima. Possui 144 municípios e 10 deles fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB.

3.2.4.1 Soure

Gentílico – Sourense.

Topônimo – O topônimo tem origem na localidade portuguesa de Soure, uma antiga vila concelhia do distrito de Coimbra, que no tempo dos romanos se chamou Saurium, em latim, lagarto.

População estimada em 2020 – 25.565 habitantes, com densidade demográfica de 1,34

hab/km².

Economia – Agricultura, pecuária e extrativismo vegetal.

Educação – 21 escolas de Ensino Fundamental, três escolas de Ensino Médio e duas universidades públicas.

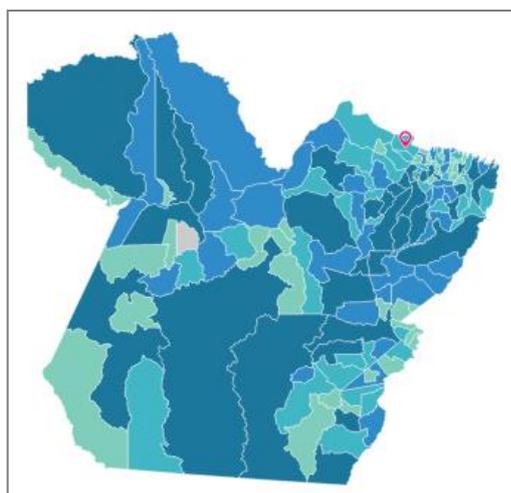
Aspectos histórico-geográficos – Localizado na zona fisiográfica de Marajó e ilhas, a 80 quilômetros da capital do estado, foi habitado pelos índios Muruanazes e Mundis, da tribo Aruãs, que se misturaram aos missionários, nos tempos coloniais.

Em meados do século XVIII, se constituía a freguesia de Menino Deus. Em 1757, Francisco Xavier de Mendonça Furtado chegou para governar o estado, com o objetivo de criar um município no interior da Amazônia, o que fez com que a localidade fosse elevada à categoria de Vila com a denominação de Soure. Assim, foi-lhe dada autonomia municipal, com a qual entrou para a independência.

Em 1833, a vila foi extinta, sendo novamente criada em 1847. Entretanto o seu território permaneceu anexado ao do município de Monsarás até 1859, quando ocorreu a instalação do município de Soure. Após a proclamação da República, em 1890, foi criado o Conselho de Intendência Municipal. Nesse mesmo ano, Soure foi elevada à categoria de cidade.

A Figura 13 apresenta a localização de Soure, no estado do Pará.

Figura 13: Localização do município de Soure, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.2 Óbidos

Gentílico – Obidense.

Topônimo – Óbidos deriva do termo latino *ópido*, que significa cidadela, cidade fortificada.

População estimada em 2020 – 52.306 habitantes, com densidade demográfica de 1,76 hab/km².

Economia – Pecuária, extração vegetal e pesca.

Educação – 103 escolas de Ensino Fundamental, três escolas de Ensino Médio e uma universidade pública.

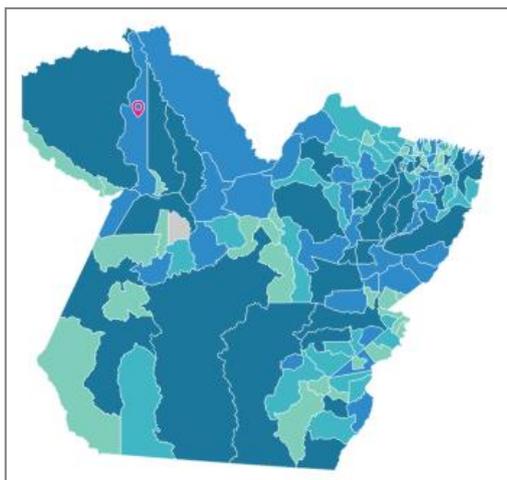
Aspectos históricos – O município está localizado a 1100 quilômetros da capital, Belém. A partir das primeiras explorações do rio Amazonas, os portugueses já perceberam a necessidade de fortificar a região, pois havia a relativa diminuição de secção do grande rio naquela paragem.

O desenvolvimento da catequese também contribuiu em grande parte para a escolha do local da atual sede, de um dos maiores municípios do Estado do Pará. A Missão dos Pauxis, encabeçada pelos jesuítas, foi iniciada no início do século XVIII, numa área mais próxima da foz do rio Trombetas. Somente anos mais tarde é que os religiosos moveram a missão para o Lugar Estreito, que então ficou conhecido como Forte de Santo Antônio dos Pauxis de Óbidos.

O forte, no entanto, só foi construído depois que o Capitão-General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho subiu o rio Amazonas, em 1697, com destino ao Rio Negro, e passou no estreito canal do grande rio. Ele verificou que a situação da margem esquerda era muito favorável para um posto fortificado e determinou a Manuel da Mota e Siqueira que deixasse de mão a ideia de construir um forte no Ituqui e fosse edificá-lo acima do rio Tapajós, onde hoje se localiza a cidade de Óbidos. Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Óbidos em 1755 e a vila foi elevada à condição de cidade, com a denominação de Óbidos, em 1854.

A localização desse município pode ser visualizada na Figura 14.

Figura 14: Localização do município de Óbidos, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.3 Almeirim

Gentílico – Almeiriense.

Topônimo – O nome Almeirim é herança de uma cidade portuguesa com o mesmo nome que, por sua vez, pode ter tido a sua origem no nome de uma planta, o almeirão.

População estimada em 2020 – 34.076 habitantes, com densidade demográfica de 0,46 hab/km².

Economia – Indústria de celulose, prestação de serviços e agropecuária.

Educação – 70 escolas de Ensino Fundamental, três escolas de Ensino Médio e uma universidade pública.

Aspectos históricos – Almeirim está situado a 478 quilômetros da capital do estado e pertence à Mesorregião do Baixo Amazonas.

Na zona fisiográfica do Baixo Amazonas, os frades capuchos de Santo Antônio, juntamente com os índios descidos do centro, lançaram os fundamentos da cidade de Almeirim, ao fundarem a Aldeia do Paru. Objetivando defender o território, Manoel da Mota e Siqueira construiu à margem esquerda do Rio Amazonas, no local onde se encontra a Sede Municipal, um forte de pedra e barro, denominado forte do Paru. Essa iniciativa foi um dos principais fatores do desenvolvimento do povoado Aldeia do Paru.

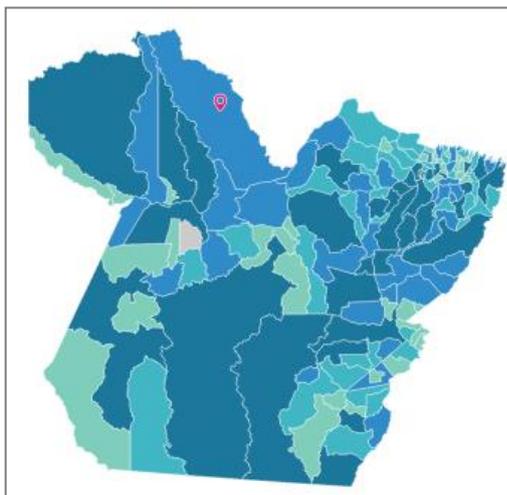
Em 1758, por ato do Governador e Capitão-General, Francisco Xavier de Mendonça Furtado adquiriu categoria de Vila, passando a chamar-se Almerim. Entretanto, na época da Independência, veio a ser extinta, em virtude da preocupação do Governo da Capitania de alargar os domínios coloniais portugueses para o Alto Amazonas. Em 1835, Almerim foi

palco da Cabanagem, que assolou o interior da Província.

Com o advento da República, em 1889, readquiriu categoria de Vila e também de município. Porém, em 1930, o então município foi extinto, sendo seu território anexado ao de Prainha, onde se restabeleceu no mesmo ano.

A localização de Almeirim pode ser visualizada na Figura 15.

Figura 15: Localização do município de Almeirim, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.4 Belém

Gentílico – Belenense.

Topônimo – Inicialmente o município foi denominado em 1616 de Santa Maria de Belém do Pará ou Nossa Senhora de Belém do Grão Pará, a mando de Filipe II da Espanha, em referência ao dia de natal. O topônimo Belém tem origem em hebraico transcrito *Beit Lehem*, que significa Casa do Pão.

População estimada em 2020 – 1.499.641 habitantes, com densidade demográfica de 1.315,26 hab/km².

Economia – Atividades do comércio, serviços e turismo, além de atividade industrial, mesmo que em menor escala.

Educação – 544 escolas de Ensino Fundamental, 171 escolas de Ensino Médio e pelo menos seis universidades públicas.

Aspectos históricos – Segundo dados do IBGE, Belém é o município mais populoso do Pará e o segundo mais populoso da região Norte.

A colonização de Belém teve início na primeira metade do século XVII. Fundada por

Francisco Caldeira Castelo Branco em 12 de janeiro de 1616, “com a finalidade de garantir a posse e o domínio português – se expandiu a partir do Forte do Presépio, marco de sua fundação” (PEREIRA; LIMA, 2007, p. 3). O antigo forte do Presépio, hoje Forte do Castelo, tinha em seu interior uma capela, consagrada a Nossa Senhora da Graça. Ao redor do forte, começou a formar-se o povoado, que recebeu então a denominação de Feliz Lusitânia, sob a invocação de Nossa Senhora de Belém.

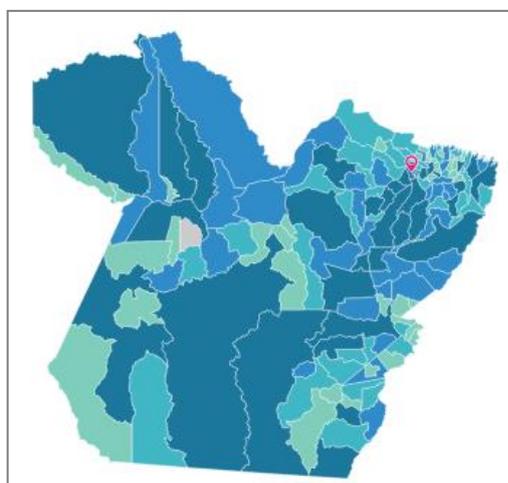
Houve intensas guerras nesse período, em decorrência do processo de colonização através da escravização das tribos indígenas Tupinambás e Pacajás e da invasão dos holandeses, ingleses e franceses. Vencidas as lutas com os invasores, a cidade perdeu a denominação de Feliz Lusitânia, passando a ser Nossa Senhora de Belém do Grão Pará. Em 1751, Belém já era considerada o maior entreposto comercial da região, após a instalação da “Casa de haver o peso”, em 1625, tanto para aos mercados locais e internacionais, funcionando como ponto de chegada dos produtos europeus.

Assim, em 1772, o nome do Estado mudou para Estado do Grão Pará e Maranhão, com sede transferida para Belém, tornando-se a primeira capital da Amazônia. A Revolta da Cabanagem, que durou cerca de cinco anos, deixou um saldo de 40 mil mortos e a expansão dos negros para o interior, favorecendo a formação de quilombos e dos grupos indígenas se envolverem com a extração de borracha, que durou mais ou menos entre 1879 a 1912.

Em suma, a estrutura belenense atual se sustenta na mistura da cultura trazida da África, com os escravos, do índio exterminado e escravizado e do europeu colonizador.

A localização da cidade de Belém pode ser visualizada na Figura 16.

Figura 16: Localização do município de Belém, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.5 Bragança

Gentílico – Bragantino.

Topônimo – De origem portuguesa, o topônimo, segundo Xavier Fernandes, deriva-se de Brigância e, segundo outros, de beneguereança.

População estimada em 2020 – 128.914 habitantes, com densidade demográfica de 54,13 hab/km².

Economia – Principalmente a piscicultura, mas também a pecuária, a agricultura e o extrativismo de caranguejos.

Educação – 161 escolas de Ensino Fundamental, 19 escolas de Ensino Médio e, pelo menos, três universidades públicas.

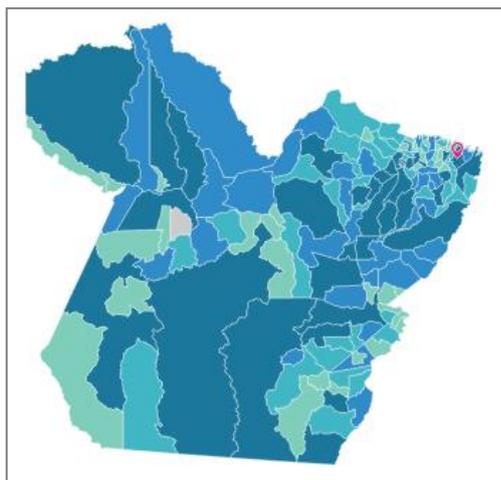
Aspectos históricos – O município está localizado a 220 quilômetros da capital e faz divisa com Tracuateua e Augusto Corrêa, também no Pará.

Inicialmente habitada pelos índios apotiângas da nação dos tupinambás, recebeu seus primeiros visitantes em 1613, com a entrada dos franceses da expedição de Lavandière no Amazonas. O município bragantino fazia parte da capitania do Gurupi. Esse local foi doado por Felipe III, da Espanha, para Gaspar de Souza, Governador-Geral do Brasil, através de carta de 9 de fevereiro de 1622.

Em 1633, Francisco Coelho de Carvalho deu ao seu filho Feliciano Coelho de Carvalho a mesma capitania. Essa doação foi reprovada pela coroa espanhola, em virtude da reclamação de Álvaro de Souza, filho de Gaspar de Souza, à Corte de Madri. Álvaro de Sousa procurou desenvolver e impulsionar a sua capitania, fundando o povoado, à margem direita do rio Caeté. Ao governador e capitão general do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, deve o município atual a sua criação, cuja sede ficou desde 1753 com a denominação de Bragança.

A Figura 17 apresenta a localização de Bragança no estado do Pará.

Figura 17: Localização do município de Bragança, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.6 Altamira

Gentílico – Altamirense.

Topônimo – Altamira vem do espanhol e, provavelmente, sua origem não está relacionada com o verbo *mirar*, mas tem uma origem pré-romana, com o elemento hidronímico *mira* e o elemento inicial *al-t*, o que poderia corresponder à raiz indo-europeia *al* (elevado, esplêndido), próximo do latim *altus*.

População estimada em 2020 – 115.969 habitantes, com densidade demográfica de 0,62 hab/km².

Economia – Agricultura, extrativismo vegetal e pecuária.

Educação – 120 escolas de Ensino Fundamental, 12 escolas de Ensino Médio e duas universidades públicas.

Aspectos históricos – Situado a 816 quilômetros da capital, figura como o município mais extenso do Brasil, com área de 159.533,306 km².

De acordo com o professor e historiador Ubirajara Marques Umbuzeiro, a origem oficial esteve diretamente ligada à colonização das missões jesuítas na primeira metade do século XVIII e à extração de borracha que perdurou até a metade do século XX. Seus povos primitivos eram índios e o primeiro homem branco a subir no rio Xingu, ultrapassando o trecho encachoeirado da Volta Grande, no século XVII, foi o jesuíta Roque de Hundefund, que fundou uma missão no médio Xingu, próximo à foz do igarapé Panelas.

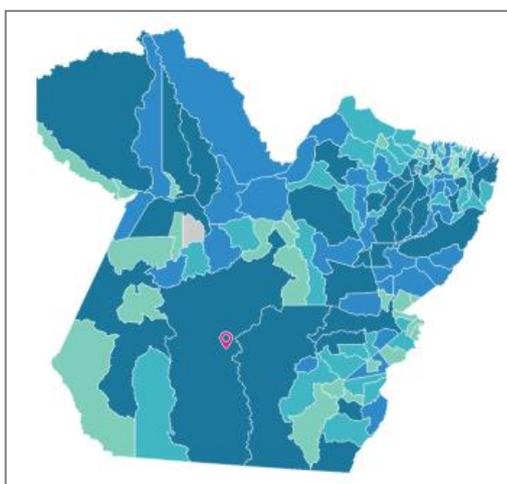
Finalizadas as missões jesuíticas, em 1841 o padre Antônio Torquato de Souza tentou reabrir o caminho que dava acesso ao Xingu, mas foi surpreendido pela Lei Áurea e obrigado a parar. Em 1880, o Agrário Cavagante retomou os trabalhos do Cel. Gayoso, retificando o

traçado da estrada, partindo do local onde se encontra hoje a sede do município de Vitória do Xingu e chegando à foz do igarapé Ambé, ali construindo um Forte que recebeu sua denominação.

Foi elevado à condição de cidade com a denominação de Altamira em 27-09-1917. Pela Lei Estadual nº 8, de 31-10-1935, Altamira passou a denominar-se Xingu e três anos depois, em 31-03-1938, voltou a denominar-se Altamira.

A localização desse município pode ser visualizada na Figura 18.

Figura 18: Localização do município de Altamira, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.7 Marabá

Gentílico – Marabaense

Topônimo – A etimologia da palavra Marabá é de um vocábulo indígena *mayr-abá*, que significa filho do estrangeiro com a índia ou, ainda, fruto da índia com o branco.

População estimada em 2020 – 283.542 habitantes, com densidade demográfica de 15,45 hab/km².

Economia – Agricultura, pecuária, extrativismo, indústria e mineração.

Educação – 199 escolas de Ensino Fundamental, 35 escolas de Ensino Médio e pelo menos uma universidade pública.

Aspectos histórico-geográficos – Localizado no sudeste do estado do Pará, é o município sede da Região Metropolitana de Marabá, estando situado a cerca de 500 quilômetros ao sul da capital. É, também, é o quarto município mais populoso do estado e sua localização tem por referência o ponto de encontro entre dois grandes rios, Tocantins e Itacaiúnas.

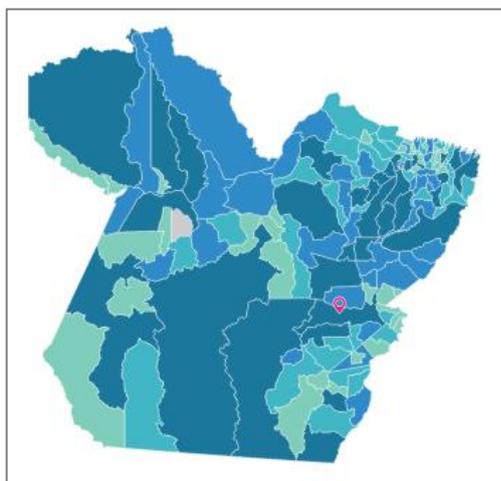
As primeiras “expedições” no território do atual município de Marabá devem-se a

Carlos Leitão, chefe político em Boa Vista. Depois de ser vencido em lutas políticas em seu estado de origem, Goiás, resolveu procurar refúgio no Pará. Na companhia de sua família e de uma dezena de partidários fiéis, estabeleceu-se próximo da foz do rio Itacaiúnas, numa elevação onde fundou uma colônia agrícola.

Em 1897, Francisco Coelho da Silva, maranhense residente em Grajaú, acreditando poder enriquecer com o comércio do caucho, transferiu-se para a colônia e se estabeleceu no mesmo lugar. Um ano depois, intrigando-se com o dirigente da colônia, foi estabelecer-se na própria foz do Itacaiúnas. Ao local deu o nome de Marabá e, pouco tempo depois, surgiu em torno desta um pequeno arraial, que constituiu o núcleo de onde se originou o município. Marabá foi elevado à condição de cidade em 27-10-1923.

A Figura 19 apresenta a localização do município de Marabá.

Figura 19: Localização do município de Marabá, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.8 Jacareacanga

Gentílico – Jacareacanguense.

Topônimo – O nome Jacareacanga é devido aos índios que habitavam a região, que observavam próxima à antiga vila uma elevação com formato que lembrava um jacaré, com uma saliência no dorso que se assemelhava a uma “canga”. Esse nome é proveniente do tupi, união dos termos îakaré (jacaré) e akanga (cabeça), formando cabeça de jacaré.

População estimada em 2020 – 41.487 habitantes, com densidade demográfica de 0,26 hab/km².

Economia – Agropecuária e mineração.

Educação – 57 escolas de Ensino Fundamental, uma escola de Ensino Médio e algumas universidades particulares, a maioria à distância.

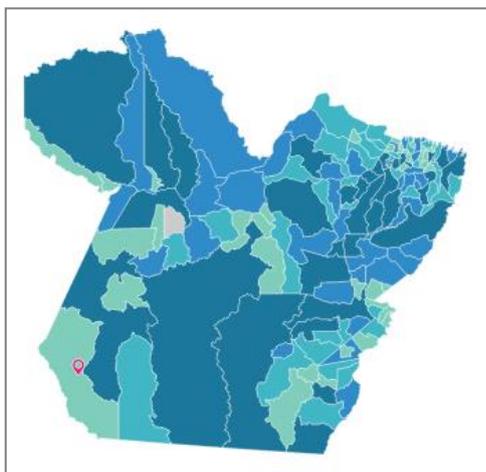
Aspectos histórico-geográficos – Localizado a cerca de 2000 quilômetros da capital, possui uma das maiores populações indígenas do estado do Pará.

A história do município coincide com a de Itaituba e da conquista do rio Tapajós, com destaque especial a partir da década de 1950 quando o então presidente da república, Getúlio Vargas, estabeleceu uma estratégia de ocupação da região, chamada de “Marcha para o Oeste”, que objetivava consolidar a soberania nacional. No fim dessa década, iniciou-se a garimpagem de ouro, o que provocou um forte movimento migratório, gerando uma ocupação desordenada e o estabelecimento de uma dependência econômica, vigente até os dias atuais.

Jacareacanga conseguiu sua emancipação a partir da mobilização dos moradores, a partir do final da década de 80. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Jacareacanga apenas em 13-12-1991.

A localização desse município pode ser visualizada na Figura 20.

Figura 20: Localização do município de Jacareacanga, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.9 Conceição do Araguaia

Gentílico – Araguaiano.

Topônimo – O nome da cidade é uma homenagem à padroeira da localidade original, Nossa Senhora da Conceição, e ao rio que banha a margem esquerda dessa terra, o Araguaia, que na língua tupi significa rio do vale dos papagaios.

População estimada em 2020 – 47.991 habitantes, com densidade demográfica de 7,81 hab/km².

Economia – Agricultura, pecuária e extrativismo vegetal.

Educação – 27 escolas de Ensino Fundamental, oito escolas de Ensino Médio e pelo menos duas universidades públicas.

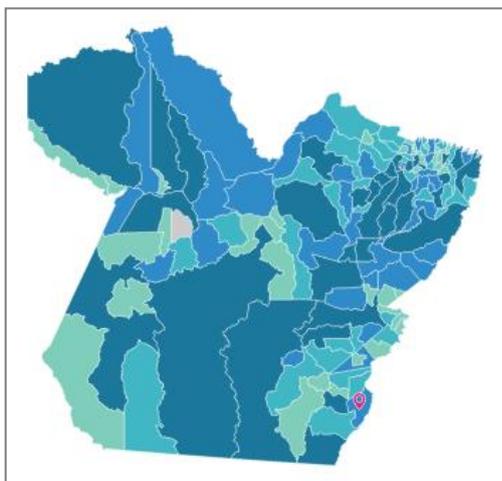
Aspectos histórico-geográficos – Situado à margem esquerda do Rio Araguaia, fica a aproximadamente 1000 quilômetros da capital.

A história do município data dos tempos coloniais, ele deriva do extenso território de Baião. No ano de 1897, Frei Gil de Vila Nova fundou, no território de Baião, um arraial com o nome de Conceição do Araguaia, que passou à freguesia, em 14 de abril de 1900. O religioso francês chegou ao local com o objetivo de catequizar os índios Kaiapó.

A Revolução de 1930 provocou a queda do comércio da borracha e a extinção do município, que, por sua vez, reconquistou autonomia política três anos depois, em 1933. Houve, então, o desmembramento do vasto território em cinco municípios: Santana do Araguaia (1961), Redenção, Rio Maria e Xinguara (1982) e Floresta do Araguaia (1993).

A localização desse município pode ser conferida na Figura 21.

Figura 21: Localização do município de Conceição do Araguaia, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.4.10 Itaituba

Gentílico – Itaitubense.

Topônimo – O topônimo Itaituba é originário do termo tupi itá'imtyba, que significa ajuntamento de pedrinhas. Itá = pedra + 'im = diminutivo + tyba = ajuntamento.

População estimada em 2020 – 101.395 habitantes, com densidade demográfica de 1,57 hab/km².

Economia – Agricultura, pecuária e extrativismo vegetal, bem como mineração de ouro no Vale do Rio Tapajós.

Educação – 109 escolas de Ensino Fundamental, 14 escolas de Ensino Médio e, pelo menos, duas universidades públicas.

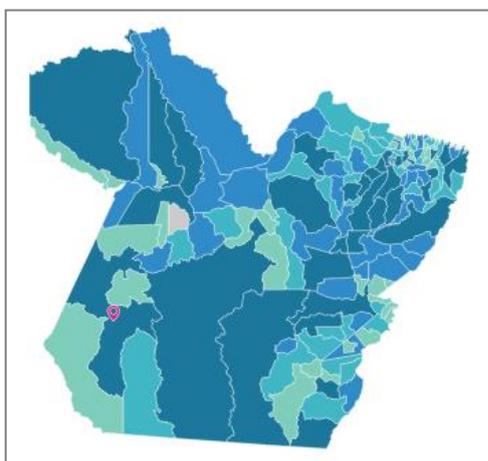
Aspectos histórico-geográficos – Considerado de médio porte e localizado a 1626 quilômetros da capital, Itaituba é o décimo quarto município mais populoso do estado e um dos principais centros econômicos do oeste paraense.

A região era ocupada pelos índios Mundurucus antes da chegada dos europeus à região, no século XVII. A história do município está ligada à conquista dos portugueses, que chegaram à região em torno de 1626. Somente depois deles é que chegaram os jesuítas e ali fundaram diversos aldeamentos que se desenvolveram, mas o governador, Xavier de Mendonça Furtado, com medo de perder o poderio para os jesuítas, os afastou da direção das aldeias e as elevou à categoria de vila, em 1854, denominada Santarém da Aldeia dos Tapajós.

Com o ato do governador, o vale do rio Tapajós ficou sob o domínio do Grão-Pará e em 23-03-1900 foi elevado à condição de cidade, com a denominação de Itaituba.

A localização de Itaituba pode ser visualizada na Figura 22.

Figura 22: Localização do município de Itaituba, no Pará



Fonte: IBGE Cidades

3.2.5 Acre

O estado do Acre faz divisa com os estados do Amazonas, ao norte e Rondônia, a leste. Faz, também, fronteira com a Bolívia, a sudeste e o Peru, ao sul e a oeste. Conta com uma

extensão territorial de 164.173,431 km² e possui 144 municípios, dos quais dois fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB.

3.2.5.1 *Cruzeiro do Sul*

Gentílico – Cruzeirense.

Topônimo – Esse nome tem por inspiração a constelação do Cruzeiro do Sul.

População estimada em 2020 – 89.072 habitantes, com densidade demográfica de 8,94 hab/km².

Economia – Extrativismo da borracha e exploração da madeira são as principais atividades econômicas do município, mas ele também apresenta atividades extrativistas e agropecuárias.

Educação – 148 escolas de Ensino Fundamental, 22 escolas de Ensino Médio e algumas universidades particulares, a maioria delas a distância.

Aspectos histórico-geográficos – Localiza-se na região noroeste do estado do Acre, na margem esquerda do rio Juruá e faz divisa com o estado do Amazonas (norte), o município de Porto Walter (ao sul), com Tarauacá (a leste) e com os municípios de Mâncio Lima, Rodrigues Alves e com o Peru (a oeste). Situada a 635 quilômetros da capital, e também conhecida como Capital do Juruá, Cruzeiro do Sul é a segunda maior cidade do estado e o mais importante polo turístico e econômico do interior do Acre.

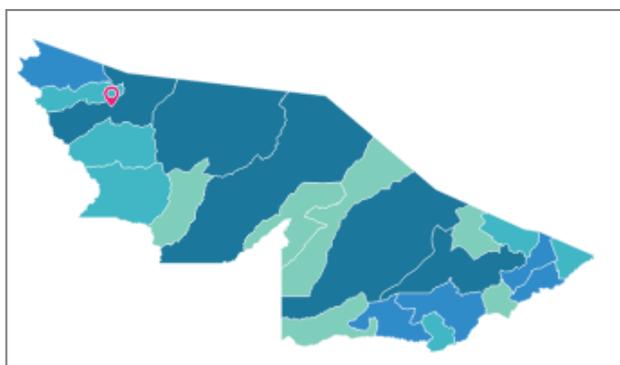
A região onde hoje está localizado o município de Cruzeiro do Sul era habitada por 49 tribos indígenas do tronco Arawak ou Aruak, divididas nos seguintes grupos: Ararauas, Catukinas, Curimas, etc. Foram encontradas, também, na época das explorações, as tribos dos Náuas, Amahuacas, Jamináuas, Capanáuas, Caxinauás, entre outros.

As expedições para o alto Juruá iniciaram-se em 1857, quando o chefe de índios João da Cunha Correia chegou à foz do rio Juruá-Mirim. Várias expedições foram realizadas, proporcionando o início do povoamento da região. A imigração de nordestinos em virtude do fenômeno das secas, nos anos de 1877 a 1879, impulsionou a formação de seringais. O seringal denominado Centro Brasileiro foi explorado por volta de 1890 e passou a congregar grande número de brasileiros e, mais tarde, caucheiros peruanos.

Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Cruzeiro do Sul (ex-povoado de Centro Brasileiro), em 28-09-1904, com sede no antigo Departamento do Alto Juruá. Pouco tempo depois, em 31-05-1906, foi elevado à condição de cidade, com a denominação de Cruzeiro do Sul.

A localização desse município pode ser visualizada na Figura 23.

Figura 23: Localização do município de Cruzeiro do Sul, no Acre



Fonte: IBGE Cidades

3.2.5.2 Rio Branco

Gentílico – Rio-branquense.

Topônimo – A capital ganhou este nome em homenagem a José Maria da Silva Paranhos Júnior, que se tornou amplamente conhecido pelo seu título nobiliárquico: Barão do Rio Branco e foi o responsável por anexar o Acre ao Brasil.

População estimada em 2020 – 413.418 habitantes, com densidade demográfica de 38,03 hab/km².

Economia – Extrativismo vegetal, sobretudo na exploração da borracha. Hoje, observa-se a extração de madeira, produção de castanha-do-pará, açaí e óleo da copaíba.

Educação – 198 escolas de Ensino Fundamental, 60 escolas de ensino Médio e, pelo menos, uma universidade pública.

Aspectos histórico-geográficos – Localizada às margens do rio Acre, é também chamada de Capital Natureza.

A cidade, antes ocupada pelas tribos indígenas Aquiris, Canamaris e Maneteris, surgiu a partir de um seringal fundado em 28 de dezembro de 1882, pelo seringalista cearense Neutel Maia. Os principais responsáveis pelo povoamento dessa região foram os nordestinos, ainda no início do século XIX, por conta do Ciclo da borracha.

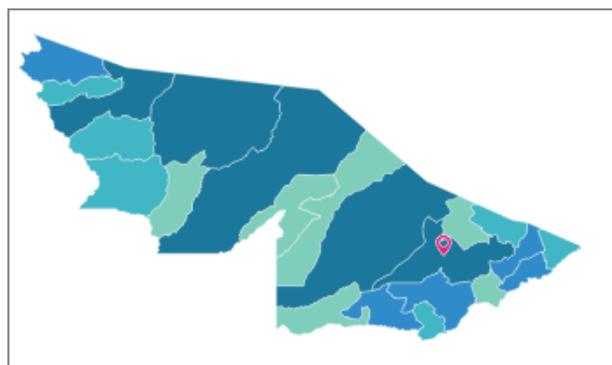
Anos depois, a região foi testemunha dos combates travados entre os revolucionários acreanos e as tropas bolivianas, durante o crítico período da Revolução Acreana, que tornou o Acre parte do Brasil, no início do Século XX.

Com o fim da Revolução Acreana, após a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, o Acre foi anexado definitivamente ao Brasil e Rio Branco foi elevada à

categoria de vila, tornando-se sede do Departamento do Alto Acre. No ano seguinte, em 07-09-1904, foi levado à condição de cidade e sede municipal com a denominação de Rio Branco.

A Figura 24, a seguir, apresenta a localização desse município no estado do Acre.

Figura 24: Localização do município de Rio Branco, no Acre



Fonte: IBGE Cidades

3.2.6 Rondônia

O estado de Rondônia faz divisa com os estados do Mato Grosso a leste, Amazonas a norte, Acre a oeste e a República da Bolívia a oeste e sul. Conta com uma extensão territorial de 237.765,347 km² e possui 52 municípios, dois dos quais fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB.

3.2.6.1 Porto Velho

Gentílico – Porto-velhense.

Topônimo – O nome Porto Velho é uma referência ao antigo Porto Velho dos Militares que serviu de apoio durante a Guerra do Paraguai, mas, como não atracava grandes embarcações, as obras tiveram que ser mudadas para outro local.

População estimada em 2020 – 539.354 habitantes, com densidade demográfica de 12,57 hab/km².

Economia – Serviços, indústria e agropecuária.

Educação – 232 escolas de Ensino Fundamental, 59 escolas de Ensino Médio e, pelo menos, duas universidades públicas.

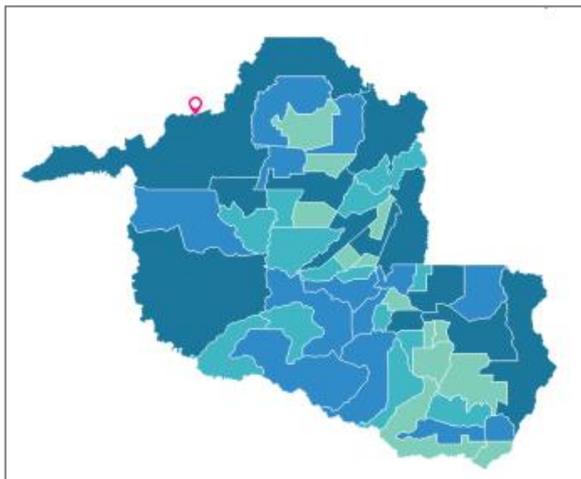
Aspectos histórico-geográficos – Situado na margem leste do Rio Madeira, maior afluente da margem direita do rio Amazonas, é o terceiro município mais populoso da região Norte.

Porto Velho surgiu com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), por volta de 1907. Após a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, o Brasil ficou com o compromisso de construir uma estrada que se estenderia de Mamoré, então território boliviano e atual município de Guajará Mirim, até as cabeceiras do rio Madeira, território brasileiro e atual Porto Velho.

Concluída a obra da EFMM, em 1912, e retirados os operários, a população local era de cerca de 1.000 pessoas. As moradias existentes abrigavam principalmente trabalhadores negros oriundos das Ilhas Britânicas do Caribe, os barbadianos, que vieram com suas famílias, já que nas residências construídas pela ferrovia para os trabalhadores só podiam morar solteiros. Com o passar do tempo, passou a abrigar moradores de diversas nacionalidades de trabalhadores que para lá foram. Essas frágeis e quase insalubres aglomerações, associadas às construções da Madeira-Mamoré, foram a origem da cidade de Porto Velho, criada em 02 de outubro de 1914.

A localização de Porto Velho pode ser visualizada na Figura 25.

Figura 25: Localização do município de Porto Velho, em Rondônia



Fonte: IBGE Cidades

3.2.6.2 Guajará Mirim

Gentílico – Guajará-mirense.

Topônimo – Em tupi significa “cachoeira pequena”.

População estimada em 2020 – 46.556 habitantes, com densidade demográfica de 1,68 hab/km².

Economia – Serviços, agropecuária e indústria.

Educação – 59 escolas de Ensino Fundamental, seis escolas de Ensino Médio e, pelo menos, uma universidade pública.

Aspectos histórico-geográficos – Localizado a uma distância de 372 quilômetros da capital, é o segundo maior município do estado em extensão territorial e o oitavo em população.

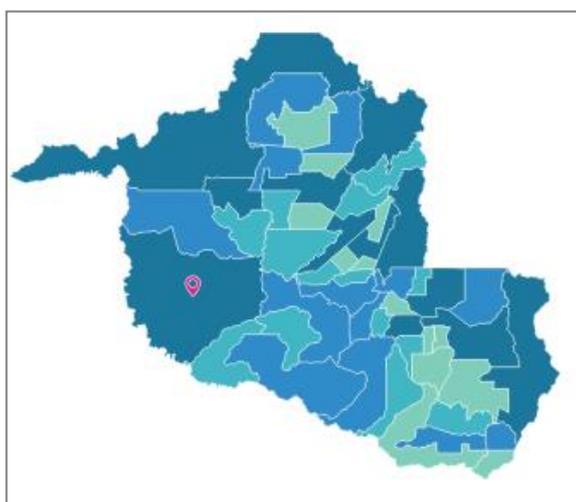
Sua história está intimamente ligada à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Habitada pelos grupos e subgrupos dos Jauis, Tupis, Hauris e outros, até o início do século XIX, Guajará-Mirim era apenas uma indicação geográfica para designar o ponto brasileiro à povoação boliviana de Guayaramerin. Naquela época, a povoação era conhecida como Esperidião Marques.

Fatores importantes na estruturação do município foram a extração do látex, durante o ciclo da borracha, e a construção do transporte ferroviário (Estrada de Ferro Madeira-Mamoré), que acelerou não só o povoamento local, contribuindo para o incremento da agricultura, como também o extrativismo vegetal proporcionado pela vasta e rica vegetação natural existente.

Em abril de 1917, o Capitão Manoel Teófilo da Costa Pinheiro chegou à região e encontrou apenas algumas poucas centenas de seringueiros trabalhando nos barracões da Guaporé Ruber Company, empresa que monopolizava a compra e exportação da borracha produzida na região. Foi elevado à categoria de município com a denominação de Guajará Mirim, em 12-07-1928.

A localização de Guajará Mirim pode ser visualizada na Figura 26.

Figura 26: Localização do município de Guajará Mirim, em Rondônia



Fonte: IBGE Cidades

3.2.7 Tocantins

O estado do Tocantins faz divisa com os estados de Goiás ao sul, Mato Grosso a oeste e sudoeste, Pará a oeste e noroeste, Maranhão a norte, nordeste e leste, Piauí a leste e Bahia a leste e sudeste. Conta com uma extensão territorial de 277.423,630 km² e possui 139 municípios, dois dos quais fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB.

3.2.7.1 Pedro Afonso

Gentílico – Pedro afonsino.

Topônimo – Seu nome originou-se de uma homenagem do frei Rafael Taggia, missionário da ordem de São Francisco e fundador da cidade, ao príncipe D. Pedro Afonso de Orleans e Bragança.

População estimada em 2020 – 13.773 habitantes, com densidade demográfica de 5,74 hab/km².

Economia – Agronegócio (exportação de soja e indústria açucalcoleira), ecoturismo.

Educação – 10 escolas de Ensino Fundamental, três escolas de Ensino Médio e, pelo menos, uma universidade pública.

Aspectos histórico-geográficos – Situado a 215 quilômetros da capital, o município de Pedro Afonso é uma espécie de bifurcação, pois fica no encontro de dois grandes rios do estado do Tocantins: o rio Tocantins do lado esquerdo do município e o rio Sono, que fica do lado direito.

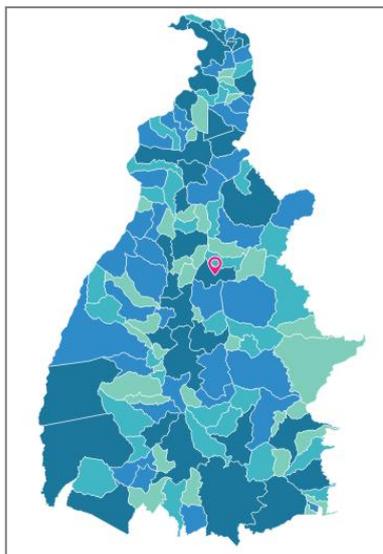
A região de Pedro Afonso era, até o início do século XIX, habitada pelos indígenas, com destaque para os xavantes, e conhecida por “Travessia dos Gentíós”, em virtude das correrias que ali se faziam.

Em 1845, chegou ao local o Frei Rafael Taggia, com a missão de catequisar os índios, e favorece a formação da vila. Por conta da revolta dos indígenas contra o rigor da instrução religiosa, Frei Rafael retornou ao arraial em formação, que, em 1875, tornou-se distrito de paz.

Depois de um longo período de percalços, alcançou-se a pacificação dos indígenas, aos quais se juntaram mais 5.000 outros, vindos de Riachão-MA, por apelo do missionário, impulsionando consideravelmente o progresso do arraial. Foi elevado à categoria de Vila em 1903 e, conseqüentemente, a município, em 1937, com o nome de “Vila de Pedro Afonso”.

A Figura 27 apresenta a localização de Pedro Afonso no estado do Tocantins.

Figura 27: Localização do município de Pedro Afonso, em Tocantins



Fonte: IBGE Cidades

3.2.7.2 Natividade

Gentílico – Nativitano.

Topônimo – Natividade é considerada a “Mãe do Tocantins”, um lugar onde os homens fixaram raízes há quase 300 anos e começaram a formatar um estado e a escrever a história do Tocantins.

População estimada em 2020 – 9.250 habitantes, com densidade demográfica de 2,78 hab/km².

Economia – Mineração e ecoturismo.

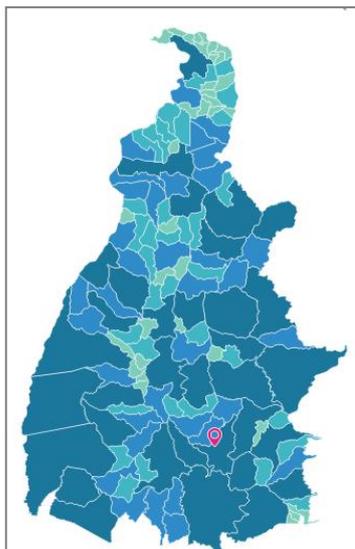
Educação – Nove escolas de Ensino Fundamental, uma escola de Ensino Médio e algumas universidades particulares.

Aspectos histórico-geográficos – O município de Natividade está situado a 218 quilômetros da capital e sua origem remonta ao século XVIII, a partir da chegada de imigrantes portugueses nessa região à procura de ouro.

Em 1734, o Arraial denominado São Luiz foi edificado no topo da Serra, pelas mãos dos escravos, e fundado por Antônio Ferraz de Araújo. A partir de 1770, quando o ouro do lugar já não atendia mais à demanda, os moradores desceram a serra, vindo formar um novo Arraial chamado de Natividade. Este nome foi dado graças à devoção dos moradores por Nossa Senhora de Natividade. Somente no ano de 1891 foi elevado à condição de cidade.

A localização desse município pode ser visualizada na Figura 28.

Figura 28: Localização do município de Natividade, em Tocantins



Fonte: IBGE Cidades

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS GERAIS

Este capítulo é direcionado à descrição dos procedimentos metodológicos adotados em todas as etapas, pertinentes à observação das ocorrências dos pronomes *tu* e *você* na região Norte do país.

Dessa forma, inicia-se com a apresentação de um breve histórico do Projeto ALiB, que fornece a base de dados linguísticos para esta pesquisa e ao qual se vincula, expõem-se, também, seus objetivos e o seu panorama atual. Depois, apresentam-se as características das entrevistas que compõem seu banco de dados e dos questionários utilizados, informações sobre o perfil dos informantes inquiridos e os critérios para a seleção de sua rede de pontos.

Em seguida, trata-se do levantamento dos dados relativos à referência de segunda pessoa, explicitando os procedimentos adotados bem com as restrições. Expõem-se, também, informações acerca das variáveis controladas na análise geossociolinguística, aspectos sobre a codificação dos dados e sua submissão ao tratamento estatístico.

4.1 BREVE HISTÓRICO E ORGANIZAÇÃO DO PROJETO ALiB

Sabe-se que um atlas linguístico proporciona, não só aos pesquisadores mas à sociedade de forma geral, um retrato de aspectos geográficos e, principalmente, da língua falada em um determinado espaço bem como de suas variantes e dos aspectos que denotam o seu caráter diverso. Partindo da ideia de que as variações linguísticas refletem as particularidades das comunidades de falantes, um atlas também fornece informações acerca das diferenças sociais.

A elaboração de um atlas linguístico do Brasil, que proporcione tais compreensões acerca da língua portuguesa, vem sendo almejada há muito tempo pelos pesquisadores da área e remonta à década de 1950. O primeiro movimento começa com a elaboração de trabalhos monográficos isolados e tem como marco o Decreto de número 30.643, de 20 de março de 1952, que determina como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Segundo Ferreira e Cardoso (1994),

Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio de 1952, que, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico do Brasil.

Apesar do que fora proposto no Decreto, diversos fatores fizeram com que a tarefa não fosse realizada à época e, a partir das orientações de importantes dialetólogos brasileiros, como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes, os trabalhos de mapeamento linguístico do Brasil iniciaram-se pela realização de atlas estaduais e regionais.

No ano de 1996, depois de já publicados cinco atlas regionais, realiza-se, na Universidade Federal da Bahia, o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Nesse momento, é retomada a ideia de construção de um atlas linguístico nacional e constitui-se um Comitê Nacional para coordená-lo, com a participação de autores dos atlas linguísticos brasileiros já publicados e de um representante dos atlas em andamento.

Dessa forma, a partir de 1996, o Projeto ALiB ganha corpo e assume a tarefa de mapear o português falado em 250 localidades brasileiras, abarcando capitais e cidades interioranas. Para dar conta dessa empreitada, houve a integração de instituições de ensino superior públicas e privadas, além da união dos conhecimentos geolinguísticos, geográficos, computacionais, entre outros.

Atualmente, o Projeto é coordenado por um Comitê Diretor Nacional, responsável por gerenciar as atividades desenvolvidas, tendo como uma de suas metas manter a unidade teórico-metodológica⁵² e garantir a execução das atividades de modo conjunto e coordenado. Integram o Comitê Nacional do Projeto ALiB⁵³: Jacyra Andrade Mota – UFBA (Diretora Presidente), Silvana Soares Costa Ribeiro – UFBA (Diretora Executiva); e onze Diretores Científicos: Abdelhak Razky (UnB/UFPA); Aparecida Negri Isquerdo (UFMS); Conceição Maria de Araújo (UFMA); Fabiane Cristina Altino (UEL); Felício Wessling Margotti (UFSC); Marcela Moura Torres Paim (UFRPE/UFBA); Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFCE); Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA); Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS); Valter Romano (UFSC); e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

⁵² Anualmente realizam-se reuniões na forma de *Workshops* a fim de manter a integração das equipes, discutir questões teórico-metodológicas, realizar treinamento de pessoal, avaliar estágio da pesquisa e definir diretrizes para o Projeto.

⁵³ Fonte: <https://alib.ufba.br/>. De 1996 a abril de 2018, o projeto foi presidido pela professora Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso (falecida em 02 de maio de 2018).

4.2 OBJETIVOS DO PROJETO ALiB E PANORAMA ATUAL

Desenvolvido no campo da Dialetoologia, o Projeto ALiB segue os parâmetros da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, contemplando, além da diatopia, as variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade (apenas nas capitais: nível fundamental e nível universitário). Essa metodologia tem por objetivo principal cartografar os fatos de língua e sua produção de maior relevância se apresenta nos atlas linguísticos.

O objetivo geral do Projeto ALiB, segundo Cardoso (2012, p. 859), é “fornecer dados empíricos, sistematicamente recolhidos e analisados, para o conhecimento do português do Brasil”. Somam-se a esse objetivo, os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
3. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
4. Oferecer, aos interessados nos estudos lingüísticos, um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade lingüística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
5. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.16)

A implementação do Projeto ALiB notadamente estabeleceu novos rumos para a Dialetoologia brasileira. Do ponto de vista metodológico, passou a incorporar princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 1960, abandonando, assim, a visão monodimensional (monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica etc.), predominante na geolinguística “tradicional”. Assim, a fala de diversos informantes é documentada em contextos de elocução específicos, que envolvem conversa com perguntas e

respostas, relatos de situações pessoais e leitura de texto, a fim de que se possa permitir o estudo das variações diafásica, diageracional, diagenérica e diastrática.

Os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil foram publicados em outubro de 2014, pela EDUEL; o lançamento ocorreu durante o *III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística* (III CIDS), realizado em Londrina, em homenagem às professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota. O primeiro volume, o de *Introdução*, aborda parte significativa da história do projeto, apresenta a metodologia, a rede de pontos, os questionários, os informantes e informações sobre a cartografia dos dados. O segundo apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado, no que tange a alguns aspectos fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais; os próximos volumes darão conta dos resultados das 225 localidades restantes, além de trazer resultados para as capitais de outros fenômenos linguísticos que não estão no volume 2.

4.3 OS QUESTIONÁRIOS, OS INFORMANTES E A REDE DE PONTOS

No que tange à metodologia seguida pelo Projeto ALiB, decidiu-se destacar aqui o que, nas palavras de Cardoso (2010), consiste no tripé básico que fundamenta a pesquisa dialetal: a rede de pontos, os informantes e os questionários.

Para a constituição do *corpus* do ALiB, incluíram-se nos questionários questões de ordem fonético-fonológica, semântico-lexical, morfossintática, questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e texto para leitura. Sua elaboração levou em consideração os atlas publicados até 1996, os questionários dos atlas que ainda estavam em andamento e os questionários do ALiR – Atlas Linguistique Roman e do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza.

Após serem testadas em inquéritos iniciais, as versões preliminares dos questionários foram amplamente discutidas nos *Workshops* e em reuniões do Comitê Nacional, desde setembro de 1999. Essa fase de refinamento e ajustes foi extremamente importante e necessária e gerou a versão definitiva, publicada em 2001.

Os *Questionários 2001* estão assim organizados:

1. QFF – *Questionário Fonético-Fonológico* (constituído de 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia);
2. QSL – *Questionário Semântico-Lexical* (contém 202 perguntas, distribuídas em 14 áreas semânticas: Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Ciclos da vida; Convívio e

- comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário e acessórios; Vida urbana.);
3. QMS – *Questionário Morfossintático* (49 perguntas);
 4. QP – *Questões de Pragmática* (04 perguntas);
 5. TDS – *Temas para Discursos Semidirigidos* (04 temas: relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal);
 6. PM – *Perguntas Metalinguísticas* (06 perguntas); e
 7. *Texto para Leitura* (“Parábola dos sete vimes”).

Essa diversidade de questionários possibilita a observação de diferentes níveis de análise do sistema linguístico bem como distintos contextos de elocução. Nesta pesquisa, para a obtenção dos dados relativos aos pronomes *tu* e *você*, foram levados em consideração todos os questionários que integram a entrevista do Projeto, acima elencados, excetuando-se apenas o texto para leitura: a Parábola dos sete vimes.

Como expresso anteriormente, na geolinguística pluridimensional contemporânea, além do parâmetro diatópico, que continua a ser primordial em trabalhos dessa natureza, passa a se interessar por outros tipos de variação, como a diasssexual, diastrática, diageracional, entre outras. Para tanto, em lugar do tradicional “homem adulto, rurícola, analfabeto e sedentário” – o HARAS, como o identifica Zágari (1998, p. 36) ou NORM (“nonmobile, older, rural, males”⁵⁴), segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 57), passa-se a incluir informantes dos dois sexos, de diferentes estratos sociais e de mais de uma faixa etária. Assim sendo, os informantes do Projeto ALiB foram estratificados segundo o sexo e a faixa etária.

Para dar conta dos objetivos propostos, o Projeto conta com um total de 1100 informantes, distribuídos igualmente nos dois sexos, 550 homens e 550 mulheres, sendo dois homens e duas mulheres do interior. Nas capitais, onde o número de informantes se eleva para oito, são 04 homens e 04 mulheres. Do ponto de vista geracional, o Projeto ALiB contempla, em cada localidade, duas faixas etárias, uma mais nova (Faixa I), que vai de 18 a 30 anos, e uma mais velha (Faixa II), de 50 a 65 anos.

Com relação à escolaridade, todos os informantes são alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até o nono ano do ensino fundamental. Exceção a essa regra são as capitais, nas quais foram entrevistados oito informantes, incluindo-se na amostra, em distribuição equitativa, os que cursaram o nível universitário.

⁵⁴ Sedentário, mais velho, rurícola, homem.

Segundo Cardoso (2012, p. 861), a escolha desses informantes levou em consideração os seguintes critérios: “ser natural da localidade, onde deve ter passado 2/3 de sua vida e filho de pessoas naturais da mesma área linguística”. Além disso, não deveriam ter se ausentado da localidade nos primeiros anos de vida (fase de aquisição da linguagem) nem nos anos imediatamente anteriores ao da realização do inquérito.

Tendo em vista que o ALiB assumiu a proposta de documentar todo o país, como diz Nascentes “do Oiapoque ao Chuí”, a definição de sua rede de pontos levou em conta, inicialmente, a necessidade de representar a diversidade linguística existente em seu território, que compreende uma área de 8.515.767,049 km². A rede de pontos inclui todas as capitais, excetuando-se Brasília (capital do País) e Palmas (capital do Estado de Tocantins), por não atenderem aos requisitos para a seleção dos informantes do Projeto. Como foram fundadas nos anos de 1960 e 1989, respectivamente, não dispunham de informantes da segunda faixa etária considerada (50 a 65 anos) que fossem naturais da localidade cujos pais tivessem também nascido nessas localidades.

A seleção das localidades que integrariam a rede de pontos levou em consideração a extensão de cada região, aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento. Além disso, foram analisados os pontos sugeridos por Antenor Nascentes e mantidos quando pertinentes aos objetivos do trabalho. Para o estabelecimento dos pontos em cada estado, foram adotados os seguintes critérios:

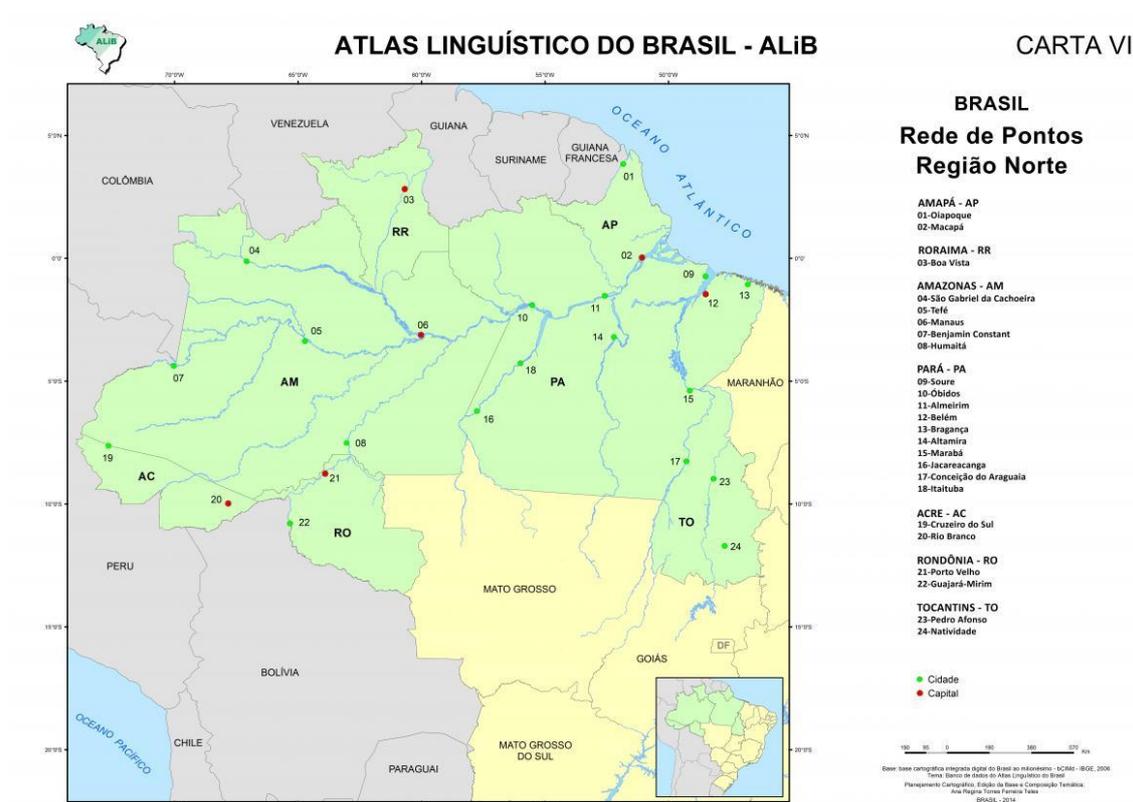
- a) as localidades apresentadas por Antenor Nascentes, em 1958, em *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*; b) densidade demográfica; c) zonas dialetais definidas por meio de pesquisas anteriores, por pesquisadores da área; d) a distribuição espacial das localidades, para que um ponto não ficasse demasiadamente próximo de outro e se mantivesse, em cada estado, um distanciamento mais ou menos homogêneo – procurou-se, nesse caso, conjugar o critério de equidistância ao de densidade demográfica e, por fim, e) a importância da localidade para o levantamento de bilinguismo e/ou diglossia, se localizada em zona fronteira de limites internacionais ou se em zona limítrofe interestadual. (ISQUERDO; TELES, p. 39)

Levando em consideração a realidade brasileira atual e os objetivos do Projeto, foram mantidas 163 localidades, das 602 sugeridas pelo dialetólogo Antenor Nascentes. Assim, a rede de pontos do Projeto perfaz um total de 250 localidades, distribuídas em todas as Unidades Federativas.

4.4 O CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* aqui analisado corresponde aos dados obtidos pelo Projeto ALiB na região Norte, que dispõe de 24 pontos, totalizando 120 informantes. A rede de pontos pode ser conferida na carta VI, do Atlas Linguístico do Brasil.

Figura 29: Carta VI do Atlas Linguístico do Brasil: rede de pontos da região Norte



Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>

É importante lembrar que em apenas seis, das sete capitais da região Norte, foram feitas entrevistas a informantes com nível universitário, uma vez que Palmas (capital do Estado de Tocantins), à época, não atendeu aos requisitos para a seleção dos informantes⁵⁵. O Quadro 2 apresenta a distribuição dos informantes por célula social.

⁵⁵ Como mencionado, Palmas foi fundada em 1989 e não dispunha de informantes da segunda faixa etária considerada (50 a 65 anos) que fossem naturais da localidade e cujos pais tivessem também nascido nessa localidade.

Quadro 2: Distribuição dos informantes da região Norte, por célula social

ESCOLARIDADE	ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO UNIVERSITÁRIO		Subtotal (por sexo e faixa etária)
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Sexo \ Faixa etária					
Faixa I (18 a 30 anos)	24	24	6	6	60
Faixa II (50 a 65 anos)	24	24	6	6	60
Subtotal (por sexo e escolaridade)	48	48	12	12	Total geral: 120 informantes

Fonte: Elaborado pela autora.

No que concerne aos questionários, como já dito, foram levados em consideração nesta pesquisa todos os que integram a entrevista do Projeto, a saber: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), as questões de prosódia (QP), Questionário Semântico-Lexical (QSL), Questionário Morfossintático (QMS), Questões de Pragmática (QPg), Temas para Discursos Semidirigidos (TDS), Perguntas Metalinguísticas (PM), excetuando-se apenas o texto para leitura: a Parábola dos sete vimes.

4.5 A COLETA DE DADOS

Os dados considerados para esta pesquisa foram levantados, diretamente, a partir da audição dos inquiridos referentes aos 120 informantes da região Norte. As sentenças foram transcritas e, em seguida, codificadas e revisadas para serem submetidas ao programa *GoldVarb 2001*.

Das 120 entrevistas, apenas duas estavam incompletas. A gravação da entrevista com a informante da faixa etária II, com ensino fundamental, do ponto 07 (Benjamin Constant) vai até a questão 42 do questionário morfossintático (1h41min48s). Ficaram de fora as questões 43 a 49 desse questionário, as questões de pragmática, as perguntas metalinguísticas e o discurso semidirigido. A segunda refere-se ao ponto 21 (Porto Velho), informante mulher, faixa I, nível universitário: no arquivo não constam as questões de Prosódia.

Por uma questão metodológica, optou-se por não considerar as ocorrências dos pronomes em estudo quando estes vinham repetidos na fala, como nos exemplos que seguem. Nesses casos, consideramos apenas a segunda ocorrência. Houve dezoito repetições do pronome *você* e apenas duas do pronome *tu*.

(i) INQ. – E daqui vai muita gente lá pra Caiena?

INF. – Muito.

INQ. – Vai e volta...

INF. – Hoje e todo santo dia. **Você**... **Você** atravessa ali... Ali São Jorge hoje lá na beira debaixo de uma mangueira tá cheio de brasileiro sentado lá, só esperando o carro pra...

(Homem, faixa II, ensino fundamental, Oiapoque – AP)

(ii) INQ. – Então, quando você vê um amigo com uma mala na mão e quer saber pra onde ele vai, você pergunta como?

INF. – Um amigo? *Tu* vai pra onde? **Tu**... **Tu** vai pra onde?

(Homem, faixa I, ensino universitário, Boa Vista – RR)

4.6 A VARIÁVEL DEPENDENTE

Embora as pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional indiquem que o português brasileiro oferece pelo menos seis formas para o falante se dirigir à segunda pessoa (seja de forma direta ou indireta): “*você*”, “*cê*”, “*ocê*”, “*tu*”, “*o senhor/a senhora*” e a forma nula, a análise aqui empreendida estabeleceu como variável dependente *a realização do pronome tu ou você* na posição de sujeito.

4.7 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

4.7.1 Variáveis extralinguísticas

Tendo em vista as peculiaridades dos informantes e do recorte proposto por este trabalho, controlam-se quatro variáveis de natureza extralinguística.

4.7.1.1 Variável geolinguística: distribuição diatópica

Consoante os objetivos e as hipóteses traçados para esta pesquisa, considera-se a distribuição diatópica como uma das variáveis independentes a serem investigadas, a fim de verificar como os pronomes *tu* e *você* se distribuem nos estados da região Norte. Assim, foram definidos como fatores de variação as 24 localidades estudadas.

4.7.1.2 Variáveis sociais

4.7.1.2.1 Sexo

Muitos estudos têm mostrado que homens e mulheres têm comportamentos linguísticos distintos. Acerca disso, Labov (2008[1972]) assinala que, em contextos de maior monitoramento, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e, dessa forma, seriam mais sensíveis que eles aos padrões prestigiados socialmente.

De forma semelhante, Trudgill (1991, p. 78) afirma que

[...] mesmo levando em conta outras variáveis tais como: idade, a educação e a classe social, as mulheres produzem de modo consistente formas linguísticas mais próximas da linguagem padrão (norma padrão) ou mais prestigiosa que as dos homens.

Acerca da variação *tu/você*, Paredes Silva (2003) observou, por exemplo, que, no Rio de Janeiro, a ocorrência de *tu*, sem a concordância canônica, é mais frequente na fala dos homens, demonstrando a tendência apontada por Labov (2008[1972]) e Trudgill (1991). Apesar disso, Paiva (2008) chama atenção para o fato de que o conservadorismo feminino não deve ser generalizado, devendo-se sempre levar em conta os aspectos da organização sociocultural de cada comunidade. Ela pontua que “ainda que os padrões de correlação possam diferir, eles refletem mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres” (PAIVA, 2008, p. 35).

Chambers e Trudgill (1994) afirmam que nas mudanças em que se deixa de lado o uso da variante considerada padrão, o processo tende a ser liderado pelos homens, enquanto as mulheres lideram as mudanças em direção às variedades de prestígio. Todavia, de acordo com Paiva (2008), ao se correlacionar a variável *sexo* com processos de mudança linguística, é importante considerar a avaliação que se faz da forma linguística na comunidade, a fim de se definir com maior clareza a atuação dessa variável.

Estudos já realizados sobre a variação *tu/você* no Brasil mostram que o fator sexo/gênero quase sempre é apontado como relevante, mas em direções distintas. Enquanto nas regiões Norte (MARTINS, 2010), Nordeste (GUIMARÃES, 2014) e Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004), nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, são as mulheres que

tendem a usar mais o pronome *tu* que os homens, nas regiões Sudeste (PAREDES SILVA, 2003) e Centro-Oeste (LUCCA, 2005; DIAS, 2007; ANDRADE, 2010) são os homens que lideram seu uso.

Scherre e Yacovenco (2011) realizaram uma síntese de diversos estudos sobre a variação pronominal e mostraram a distribuição destes pronomes, por região brasileira, em função do comportamento de cada sexo/gênero e do que isso representa do ponto de vista sociolinguístico, e sintetizaram da seguinte forma:

Associamos o uso mais frequente de TU por parte das mulheres (caso das localidades das regiões Sul, Nordeste e Norte), quando esse pronome for um traço mais geral ou de fácil registro e marcar a identidade geográfica dos falantes. Por outro lado, associamos o uso menos frequente de TU por parte das mulheres (caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste), quando esse pronome for um traço menos geral ou de difícil registro e não marcar a identidade geográfica dos falantes, mas, sim, essencialmente, interação solidária ou de maior proximidade entre os falantes (logo, os homens estão à frente, quando esse pronome for um traço mais específico, marcando relações solidárias entre grupos mais coesos). (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 135)

Observa-se, assim, que o pronome *tu* pode ocorrer pelo traço mais genérico, ou como marcador de identidade geográfica. Nota-se que as duas formas são aceitas, mas a população de cada localidade é que adotará uma como a de prestígio ou marca identitária. Segundo as autoras, isso se dará, preferencialmente, através da fala das mulheres.

Acerca desse fator social, assumiu-se como hipótese que as mulheres utilizariam com maior frequência o pronome *tu* que os homens, por acreditar que o pronome *tu* seja de uso mais geral nessas localidades. Somam-se a isso os resultados encontrados por Martins (2010) para este fator em Tefé/AM, mesma região da pesquisa.

4.7.1.2.2 Faixa etária

A partir da análise desta variável, pode-se verificar se o estágio de desenvolvimento de determinada variação corresponde a uma variação estável ou mudança em progresso, tanto em pesquisas em *tempo aparente* como em *tempo real*. Embora a variação observada sincronicamente em um determinado ponto da estrutura linguística de uma comunidade de fala possa refletir um processo de mudança em curso na língua no plano diacrônico, esse recurso constitui, de acordo com Labov (2008[1972]), uma espécie de projeção. Segundo

Tarallo (2011, p. 70) “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente, deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”.

Vale pontuar que nem sempre as diferenças etárias indicam uma mudança em curso, elas podem indicar características próprias de grupos etários, ou seja, apenas traços que se repetem na fala de jovens e adultos. Muitas características da fala dos jovens, por exemplo, podem desaparecer ao entrarem na vida adulta, configurando, assim, apenas um fenômeno de gradação etária.

Para a análise deste fator, seguiu-se a distribuição de faixa etária estabelecida pelo Projeto ALiB, a saber: faixa I – 18 a 30 anos – e faixa II – 50 a 65 anos. A hipótese aventada para este fator foi a de que o pronome *tu* seria mais usual entre os falantes mais jovens das localidades pesquisadas. Acreditava-se que os dados seguiriam a tendência apontada por outros estudos sobre a referência à segunda pessoa, em que são os mais jovens que lideram o uso desse pronome. Destacam-se acerca disso os trabalhos de Paredes Silva (2003), Loregian-Penkall (2004), Dias (2007), Alves (2010), Guimarães (2014) e, principalmente o de Martins (2010), que estudou a alternância entre *tu/você/senhora* na cidade de Tefé, no estado do Amazonas.

4.7.1.2.3 Escolaridade

O estudo desta variável permite observar a possível atuação dos anos de escolarização e do tipo de instrução recebida nas escolhas linguísticas realizadas pelos indivíduos.

A escola, ao longo dos anos, tem atuado no sentido de proporcionar aos sujeitos nela inseridos um maior contato com as variedades detentoras de prestígio social, disseminando, assim, os padrões linguísticos e culturais. Além disso, também atua no sentido de refrear mudanças em direção a variantes populares.

Por conta disso, pressupõe-se que os falantes dotados de maior instrução formal façam uso das variantes com maior prestígio social, em detrimento daqueles com menor grau de instrução, o que vem sendo provado por diversos estudos sociolinguísticos.

Embora as formas variantes tenham o mesmo valor, do ponto de vista linguístico, nota-se que, em todas as línguas, há formas socialmente prestigiadas e formas estigmatizadas, resultantes de um julgamento dos grupos sociais, pautado em critérios políticos, sociais e ideológicos. Votré (2008) esclarece que essa distinção focaliza o prestígio social dos usuários. Os grupos socioeconomicamente prestigiados são os usuários das formas de prestígio e, em

contrapartida, as formas sem prestígio, julgadas como inferiores, são associadas aos grupos menos favorecidos economicamente.

Assim, a observação das prováveis interferências do nível de escolaridade se configura como de fundamental importância, uma vez que ainda existe uma forte relação entre acesso à escola, estratificação social e domínio das variedades de prestígio.

No que se refere às variantes *tu* e *você*, os estudos de Modesto (2006), Franceschini (2011) e Loregian-Penkall (2004) mostram que o fator escolaridade atua fortemente. Nessas pesquisas, o *tu* é favorecido pelos falantes com menor grau de escolaridade, ao passo que a forma inovadora *você* é favorecida pelos informantes com maior grau.

Essa variável não foi selecionada como relevante para o uso do *tu* em Tefé/AM (MARTINS, 2010), os resultados obtidos para o ensino fundamental e ensino universitário foram baixos e semelhantes, pesos relativos de 0,51 e 0,49, respectivamente. Na pesquisa, o autor observou que o percentual de *tu* com concordância foi de apenas 3,7%, demonstrando que a escola não teria muita influência nos usos que os falantes fazem desses pronomes.

Salienta-se, mais uma vez, que o fator escolaridade foi analisado apenas nas capitais da região Norte. A hipótese assumida foi a de que os falantes mais escolarizados utilizariam numa frequência maior a variante *tu*, ao passo que os menos escolarizados utilizariam mais a forma inovadora *você*.

4.7.2 Variáveis linguísticas

4.7.2.1 Tipo de referência

A variável tipo de referência é amplamente estudada nas pesquisas que tratam da variação *tu/você*. Destacam-se aqui os trabalhos de Martins (2010), Andrade (2010), Modesto (2006), Franceschini (2011) e Silva (2017), que tiveram essa variável selecionada como estatisticamente relevante. Esses estudos têm em comum o fato de mostrarem que o *você* foi favorecido pela referência genérica e o *tu* pela referência específica.

Para testar essa variável, seguiu-se a tendência dos resultados obtidos nessas pesquisas, partindo da hipótese de que o pronome *tu* predomina quando a referência é específica e que o pronome *você* predomina quando a referência é genérica. Como exemplos, tem-se:

a) Referência específica

INQ. – E se você quer saber se alguém vai sair hoje, como é que você faz essa pergunta?

INF. – Eu falo: ei, **tu** vai sair hoje?

(Mulher, faixa I, ensino fundamental, Guajará Mirim – RO)

INQ. – Mas a correnteza é essa água que vem girando em círculo assim?

INF. – É... **você** já viu aí?

INQ. – Como? Mas a correnteza ela é o quê? Explica pra mim.

INF. – A correnteza... **você** não viu aí? A correnteza é aquela água que... braba que corre pra baixo...

(Mulher, faixa I, ensino fundamental, Oiapoque – AP)

b) Referência genérica

INQ. – E como é o manja pega?

INF. – O manja pega tem esse de **você** só ir correndo atrás... pode ser assim... mas tem um que **você** tem dois times na verdade... [...]

(Homem, faixa I, ensino universitário, Manaus – AM)

INQ. – E como é feito o cigarro de tabaco?

INF. – É assim: **tu** planta, vai ali pra terra, planta a semente, aí nasce o pezinho... depois dá uma lagarta, **tu** vai lá e tira a lagarta todinha, depois quando a folha tá madura, **tu** vai lá, tira a folha e pendura na casa de... de... [...]

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco – AC)

4.7.2.2 Tipo de questionário

A inserção dessa variável teve por objetivo verificar qual tipo de questionário favorece ou não o uso dos pronomes em estudo, se em contextos de maior ou menor grau de monitoramento. Acredita-se que nos contextos correspondentes às respostas dos informantes ao questionário morfossintático, às questões de pragmática, às de prosódia e ao questionário fonético-fonológico o indivíduo dispense maior atenção à forma como elabora seu discurso.

Acredita-se também que nas respostas elaboradas para os temas de discurso semidirigido e para as questões metalinguísticas o falante utilize uma fala mais próxima ao

seu vernáculo, por estar mais à vontade nesses contextos da entrevista. Como exemplos, tem-se os excertos de cada modalidade:

a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

DOC. – E pra andar a cavalo, é preciso do quê?

INF. – Precisa montar... Botar a sela, apertar bem, senão **você** cai, aí **você** monta, bota o pé... o peso que **você** bota num pé aqui, bota no outro aqui... já andei muito de cavalo.

(Homem, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco – AC)

b) Questões de Prosódia (QP)

INQ. – [...] oh, vamos supor que eu sou sua amiga, aí como é que você faria essa pergunta pra mim? Você vai oferecer... aí você quer saber se eu prefiro vinho ou cerveja. Como é que você faria essa pergunta? Vamos supor que eu sou sua amiga.

INF. – Na moral mesmo, eu perguntava: e aí, **tu** quer tomar o quê, vinho ou um gela?

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Porto Velho – RO)

c) Questionário Semântico-Lexical (QSL)

DOC. – E como é o mortal?

INF. – O mortal é... **tu**... cai de... pra trás, né? Joga teu corpo rodando pra trás e tem um mortal de frente que **tu** joga o teu corpo jogando de frente assim e cai sentado...

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Macapá – AP)

d) Questionário Morfossintático (QMS)

INQ. – Você vê um amigo assim com uma mala e quer perguntar se ele vai viajar, como que você pergunta?

INF. – Pergunto: **você** vai viajar? (QMS 24)

(Homem, faixa I, ensino universitário, Macapá – AP)

e) Questões de Pragmática (QPg)

INQ. – Agora são questões assim de situação também. Uma chave cai do bolso de um rapaz jovem e ele não viu, como é que um outro rapaz jovem vai avisar?

INF. – Meu, **tu** deixou cair a chave.

(Homem, faixa II, ensino universitário, Boa Vista – RR)

f) Temas para Discursos Semidirigidos (TDS)

INQ. – Você poderia contar pra mim uma coisa que foi marcante na sua vida, pode ser alguma coisa boa, que te deixou muito feliz, ou então alguma coisa que te deixou muito triste...

INF. – Uma coisa boa? Assim, a maior emoção que eu tive... eu digo até hoje, não foi ter filhos.

INQ. – Não?

INF. – Não, foi passar no vestibular. (risos)

INQ. – Ah, é?

INF. – Foi sim. Eu acho que se não existiu, não sei se ainda, né, vai existir... eu... Foi passar no vestibular... assim... porque *tu* tá concorrendo com... com um monte de gente que *tu* não conhece, mas que sabe que tem muita gente que tá estudando... aí é que a gente tem que ser melhor que muita gente, não tem que saber, tem que ser melhor que muita gente... (...)

(Mulher, faixa I, ensino universitário, Macapá – AP)

g) Perguntas Metalinguísticas (PM)

INQ. – Você poderia dar um exemplo de como essas pessoas falam diferente?

INF. – De como? Ai... tem a minha... a minha cunhada, ela chama fia. Aí até eu brinco com ela, eu digo: menina, *tu* tá fiando o quê? [ININT] chama fia e ela quer dizer filha, né?

(Mulher, faixa I, ensino fundamental, Boa Vista – RR)

4.7.2.3 Tempo verbal

O controle desta variável faz-se necessário para observar sua influência na escolha das variantes em competição. Em Nogueira (2013), o uso do pronome *tu* na cidade de Feira de Santana demonstrou ser favorecido nas sentenças em que o verbo não está no passado, já o *você* foi favorecido pelo tempo passado, com 97,9% dos dados. Em sentido oposto, Alves (2015) observa nas rodadas binárias que a variável tempo verbal não exerce influência na escolha do pronome *você*, resultado esperado pela autora, por considerar que este pronome vem seguido de formas verbais típicas de terceira pessoa. Assumiu-se como hipótese que o pronome *tu* seria favorecido nos contextos cujos verbos não estejam no passado.

a) Passado

INQ. – Que diferença o senhor nota?

INF. – Aqui os bairros tudo era pequeno, era coisa pequena, era sossegado, *você* podia ficar... dormir na... na rua, *você* ficava... amanhecia na beira da rua, *você* não era perseguido nem nada...

(Homem, faixa II, ensino fundamental, Macapá – AP)

INQ. – Vamos supor que a senhora toma conhecimento que uma amiga da... da senhora tenha casado. Quando a senhora encontra com essa amiga, como é que a senhora comenta?

INF. – Eu digo: poxa, fulana, *tu* casou, *tu* nem me avisou, né? Nem me convidou...

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Humaitá – AM)

b) Não passado

INQ. – Como faz?

INF. – *Tu* corta o cupuaçu, ou então já compra cortado, bota no liquidificador o bolinho de cupuaçu, aí bota a metade da lata de leite e a metade da lata de creme e bate... aí quando bater bem batidinho, aí *você* bota numa travessa... se *você* gostar de açúcar, *você* bota açúcar, se *você* não gostar, deixa sem açúcar mesmo que o leite condensado vai adoçar... aí, se gostar muito doce, bota uma colher de açúcar... aí *tu* faz... pega o restante do cupuaçu e bota de novo...

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco – AC)

4.7.2.4 Paralelismo linguístico

O paralelismo linguístico consiste na tendência de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980; SCHERRE, 1998). Segundo Scherre (1998, p. 30), do ponto de vista metodológico, é a tendência de “repetição das variantes de uma mesma variável dependente”. Assim, assume-se a hipótese de que o emprego do pronome *tu* levaria a outra ocorrência do mesmo pronome e, de igual forma, ocorreria com o pronome *você*.

De acordo com Oliveira (2006, p. 119),

A ocorrência de formas em cadeia pode acontecer no discurso do próprio locutor ou pode ocorrer que uma forma apareça depois de outra emitida pelo

interlocutor, fenômeno também conhecido como “efeito gatilho”. Neste último caso, a forma presente na fala do interlocutor “engatilha” um uso que pode ou não ser repetido pelo informante.

Assim, a análise desta variável leva em conta a posição dos pronomes nas orações, em cada turno de fala, a fim de testar a hipótese de que a forma pronominal anterior (*tu* ou *você*) favorece a mesma forma na(s) oração(ões) seguinte(s). Além disso, analisa-se, também, se o “efeito gatilho” atua na escolha do mesmo pronome por parte do informante.

Seguem exemplos, com ambas as variantes, dos contextos possíveis controlados.

a) Isolado ⁵⁶

INQ. – O senhor quer saber se ela vai sair hoje, como é que o senhor pergunta pra ela?

INF. – Não, às vezes eu nem... nesse tipo assim, sempre ela que sai, sempre ela diz pra mim: olha, eu vou sair, né? Ela que fala pra mim... às vezes eu fico em casa, que é difícil eu sair assim com ela, né... Aí tem vez quando ela já pro... programa às vezes assim a janta da terceira idade, né, aí quando chega na véspera, eu digo: R... o nome dela é R... R, **tu** vai sair hoje?

(Homem, faixa II, ensino fundamental, Macapá – AP)

b) Ocorrência única após gatilho idêntico

INQ. – Alguém chegou na tua casa e *tu* tens suco ou café, aí *tu* quer saber o que que ele prefere, por exemplo, o A... A. chegou lá na tua casa e *tu* vai oferecer pra ele... suco ou café... como é que *tu* pergunta pra ele? A...

INF. – **Tu** vai querer suco ou café?

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Belém – PA)

INQ. – Agora ele tá mexendo com a tesoura e *você* não quer que ele mexa nisso. Como é que *você* diz pra ele?

INF. – Não, D., deixe a tesoura, que **você** pode se cortar.

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Oiapoque – AP)

c) Ocorrência única após gatilho diferente

⁵⁶ Levamos em conta os pronomes que não foram precedidos pelas formas *tu* e *você*, apenas. Como não controlamos as formas *senhor(a)*, optamos por agrupá-las aqui.

INQ. – É um brinquedo parecido com o que *você* disse antes, também feito de papel, mas sem vareta... Ele não tem vareta.

INF. – A vareta que *tu* fala é o quê?

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Macapá – AP)

INQ. – Faz de conta que estais falando com o A., que seja teu amigo e que estais falando com ele... como *tu* te dirigirias pra perguntar se ele vai sair hoje?

INF. – *Você* vai a algum lugar hoje?

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Belém – PA)

d) Primeiro da série sem gatilho

INQ. – Imagine que o senhor alugou uma casa e o cidadão não paga o aluguel, nem quer desocupar a casa, aí o senhor vai lá dizer... dar uma ordem pra ele, pra ele sair hoje. Como é que o senhor diz pra ele?

INF. – Olha, rapaz, *tu* tá atrasado com teu aluguel e eu tô precisando da casa, eu quero que *você* saia hoje daqui.

(Homem, faixa II, ensino fundamental, Óbidos – PA)

DOC. – E pra andar a cavalo, é preciso do quê?

INF. – Precisa montar... Botar a sela, apertar bem, senão *você* cai, aí *você* monta, bota o pé... O peso que *você* bota num pé aqui, bota no outro aqui... já andei muito de cavalo...

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco – AC)

e) Primeiro da série com gatilho idêntico

DOC. – E como é o outro que *tu* falaste lá, o palhaço?

INF. – Palhaço é aquele que *tu* vai, mas só que tu... quando *tu* pula de costa, *tu* encosta as duas mãos, entendeu?

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Macapá – AP)

INQ. – (...) Como é que *você* se dirige a ele e dá uma ordem para que ele saia hoje?

INF. – Eu quero que *você* vá... Eu quero que *você* vá pra casa da mãe hoje e agora...

(Mulher, faixa I, ensino fundamental, Porto Velho – RO)

f) Primeiro da série com gatilho diferente

INQ. – *Você* usava chá de hortelã?

INF. – Também não. Porque assim.. tinha algumas coisas que... a gente diz muito que as crianças têm cólica, tem... eu não sei se **tu** conheces assim, dizem que não pode espremer a fralda do bebê porque dá dor no corpo, né... pega a fralda do bebê e **tu** não podes espremer, tem que pegar e apertar.

(*Mulher, faixa I, ensino universitário, Macapá – AP*)

g) Precedido de forma idêntica após gatilho idêntico

INQ. – (...) Como é que *você* se dirige a ele e dá uma ordem para que ele saia hoje?

INF. – Eu quero que *você* vá... Eu quero que **você** vá pra casa da mãe hoje e agora...

(*Mulher, faixa I, ensino fundamental, Porto Velho – RO*)

h) Precedido de forma idêntica sem gatilho

INQ. – Se a senhora vê um amigo ou uma amiga na rua com uma mala, o quê que a senhora pergunta pra essa pessoa?

INF. – Oi, fulana, tu tá viajando? **Tu** tá viajando ou **tu** tá chegando de viagem?

(*Mulher, faixa II, ensino fundamental, Humaitá – AM*)

i) Precedido de forma idêntica após gatilho diferente

INQ. – *Você* usava chá de hortelã?

INF. – Também não. Porque assim.. tinha algumas coisas que... a gente diz muito que as crianças têm cólica, tem... eu não sei se **tu** conheces assim, dizem que não pode espremer a fralda do bebê porque dá dor no corpo, né... pega a fralda do bebê e **tu** não podes espremer, tem que pegar e apertar.

(*Mulher, faixa I, ensino universitário, Macapá – AP*)

j) Precedido de forma diferente sem gatilho

INQ. – Como faz?

INF. – *Tu* corta o cupuaçu, ou então já compra cortado, bota no liquidificador o bolinho de cupuaçu, aí bota a metade da lata de leite e a metade da lata de creme e bate... aí quando bater bem batidinho, aí **você** bota numa travessa... se *você* gostar de açúcar, *você* bota açúcar, se *você* não gostar, deixa sem açúcar mesmo que o leite condensado vai

adoçar... aí, se gostar muito doce, bota uma colher de açúcar... aí *tu* faz... pega o restante do cupuaçu e bota de novo...

(*Mulher, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco – AC*)

4.7.3 O *GoldVarb 2001* e a análise de regras variáveis

A Sociolinguística Laboviana tem em sua base a análise quantitativa de dados, fato que levou o modelo a ser conhecido como *sociolinguística quantitativa*. Parte da concepção de que a língua é heterogênea e estruturada, ou seja, a heterogeneidade não é aleatória e a ocorrência de uma ou outra variante depende de fatores internos ou externos à língua. Os métodos quantitativos demonstram o grau de interferência de determinado fator na ocorrência de uma ou outra variante. Sobre a análise de regras variáveis, Guy (2007) afirma:

A análise de regra variável foi desenvolvida na lingüística como uma forma de dar conta da variação estruturada, governada por regras, no uso da língua. Trata-se da variação lingüística que regularmente mostra taxas mais altas ou mais baixas de ocorrência em determinados ambientes; ou que regularmente predomina em determinados grupos sociais ou estilos de fala. (GUY, 2007, p. 48)

A fim de compreender como a variação e a mudança operam, o suporte estatístico tem servido de base para o estudo de inúmeros fenômenos lingüísticos. Vale destacar, no entanto, que o principal responsável pela análise e interpretação dos dados gerados é o linguista, não o suporte estatístico, como assinalam Guy e Zilles (2007, p. 65):

[...] o trabalho quantitativo não é um substituto, mas apenas um acessório para a análise lingüística. O programa Varbrul apenas realiza manipulações matemáticas sobre um conjunto de dados. Ele não nos diz o que os números significam, muito menos faz lingüística por nós. Se estamos perguntando: “Qual seria a melhor generalização Lingüística?”, a resposta vem de nossa teoria lingüística, não de um programa estatístico.

Assim, o recurso estatístico não deve ser usado como lei para a compreensão dos fenômenos lingüísticos, mas sim como um importantíssimo auxílio.

Nesta pesquisa, adotou-se o *GoldVarb 2001* (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), uma das versões do pacote de programas Varbrul, que fornece os mesmos resultados, mas com maior praticidade de manuseio, pois é situado no ambiente computacional *Windows*. Ele funciona a partir da formulação de regras variáveis, “um tipo de análise multivariada”, que tem como propósito “separar, quantificar e testar a significância

dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY, ZILLES, 2007, p. 33-34).

Em um primeiro momento, o programa fornece os valores globais e percentuais de ocorrências das variáveis em questão, em função das variáveis independentes e seus respectivos fatores, controlados na análise. Nesse momento, o pesquisador pode se defrontar com casos de ausência de variação ou *nocautes*: 0% ou 100% de ocorrência de uma das variantes em estudo, em determinado contexto, o que revela um uso categórico do traço linguístico em observação. Nessas situações, é preciso adotar procedimentos com relação aos fatores controlados, no sentido de uni-los a outros ou excluí-los da análise.

Em seguida, são realizadas rodadas de análises multivariadas, em duas etapas: *step-up*, em que as variáveis vão sendo acrescentadas e contrastadas entre si; e *step-down*, em que os grupos vão sendo retirados da análise, restando apenas aqueles considerados como estatisticamente relevantes. Após esse processo, o programa aponta qual foi a melhor rodada, fornece os pesos relativos, que medem os efeitos do fator sobre a variante em estudo, e indica, também, a significância estatística da rodada e o *input*, que corresponde à média global de uso de um valor da variável dependente e “[...] funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, e o efeito de cada fator pode ser interpretado como uma medida do desvio deste ponto de referência associado ao fator” (SCHERRE; NARO, 2008, p. 165).

O valor dos pesos relativos estará sempre no intervalo entre zero e um e indica “em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra” (GUY, 2007, p.41). Valores acima de 0,5 indicam que o fator favorece a aplicação da regra, valores abaixo de 0,5 indicam que o fator desfavorece a regra. Já o valor igual a 0,5 (ponto neutro) indica que a influência do fator é nula.

Na análise apresentada no capítulo seguinte, estabeleceu-se como fator de aplicação da regra a variante *tu*. Embora a variante inovadora seja o pronome *você*, busca-se observar os contextos em que o pronome *tu* ainda resiste, justamente por se tratar de uma forma marcada regional ou socialmente.

5 ANÁLISE DOS DADOS

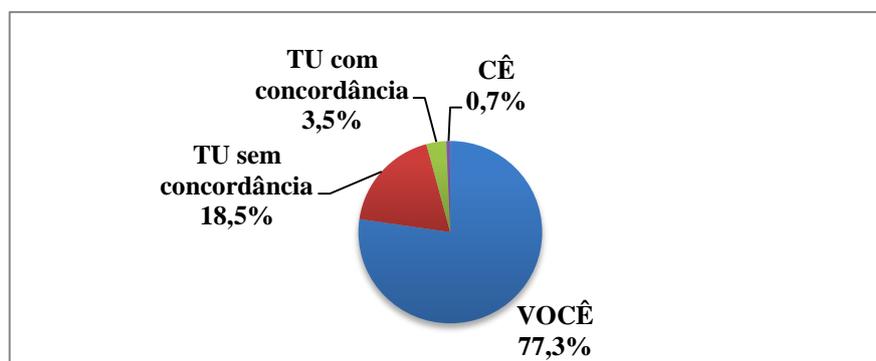
Apresenta-se, neste capítulo, uma fotografia dos dados obtidos sob as perspectivas da Sociolinguística e da Dialetologia. Busca-se descrever e discutir os registros levantados a partir das entrevistas realizadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil nas 24 cidades que constituem sua rede de pontos na região Norte.

Primeiramente, expõe-se uma visão geral, de todos os dados em conjunto, tece-se comentário acerca das rodadas estatísticas empreendidas e, em seguida, analisam-se os dados de maneira separada. Em um primeiro momento, são abordados os dados dos informantes de todas as localidades apenas com ensino fundamental e, em seguida, os dados relativos aos informantes das capitais.

5.1 OBSERVAÇÃO GERAL

Inicialmente, para o *corpus* das 24 localidades estudadas, considerando os dados dos 120 informantes⁵⁷, foi obtida uma amostra de 3378 ocorrências de pronomes de segunda pessoa. Dessas, 2612 equivalem aos casos de *você*, 22 à forma reduzida *cê*, 120 ocorrências do pronome *tu* com a concordância de segunda pessoa do singular e 624 do pronome *tu* sem concordância (622 ocorrências com verbo na terceira pessoa do singular e 02 ocorrências com verbo na segunda pessoa do plural), como se ilustra no Gráfico 4.

Gráfico 4: Totais de referência à segunda pessoa na região Norte – dados do Projeto ALiB: frequência geral (dados globais)

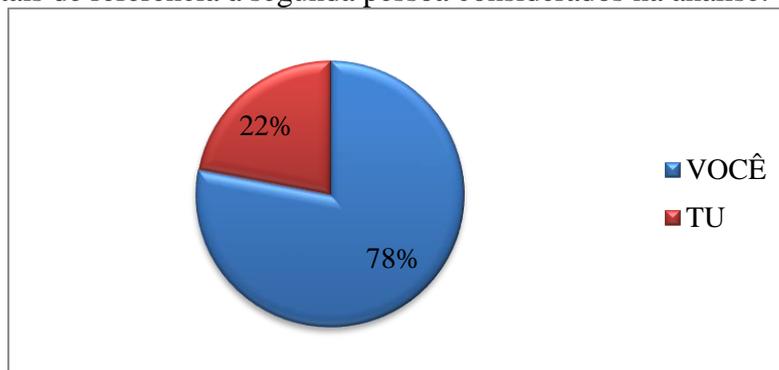


Fonte: Elaborado pela autora.

⁵⁷ Salienta-se que houve dois áudios incompletos, como já mencionado, mas isso não atrapalhou a análise aqui apresentada.

Considerando que a pesquisa direciona o enfoque para a ocorrência dos pronomes *tu/você*, agrupamos os dados de *cê* aos de *você* e agrupamos também os dados de *tu* com concordância aos dados de *tu* sem concordância. Os percentuais ficaram, então, da seguinte forma:

Gráfico 5: Totais de referência à segunda pessoa considerados na análise: *tu* x *você*



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora a variante inovadora seja o pronome *você* e no cômputo geral dos dados a frequência do pronome *tu* seja relativamente baixa, decidiu-se averiguar os fatores intra e extralinguísticos que favorecem este pronome, a fim de compreender os contextos em que ele ocorre. Salienta-se, assim, que o uso do pronome *tu* foi definido como *aplicação de regra* em todas as rodadas estatísticas.

Para melhor tratamento dos dados, a análise foi dividida em duas partes. Na primeira, constam os dados de todos os informantes dos 24 pontos, apenas com ensino fundamental (96); na segunda, são analisados os dados referentes às seis capitais da região Norte⁵⁸ (48 informantes).

5.1.1 Comentário sobre as rodadas estatísticas

Primeiramente, foi realizada uma rodada com os dados relativos aos 96 informantes apenas com ensino fundamental. Os resultados dessa rodada mostraram que não houve variação em Natividade (TO), pois os informantes usaram apenas o pronome *você*. Dessa forma, decidiu-se retirar essa localidade.

⁵⁸ A capital do Tocantins não entrou por questões metodológicas do Projeto ALiB, como já mencionado.

Concluídos os ajustes, o *GoldVarb 2001* selecionou como estatisticamente relevantes, na nova rodada, seis das sete variáveis independentes controladas, tendo sido considerada como estatisticamente irrelevante a variável sexo do informante. A ordem de seleção apresentada foi a seguinte:

- (1) paralelismo;
- (2) faixa etária;
- (3) localidade;
- (4) tipo de referência;
- (5) tipo de questionário;
- (6) tempo verbal.

A fim de melhor observar as realidades sociais de cada localidade, optou-se por realizar nova rodada estatística, amalgamando o grupo referente à variável distribuição diatópica com o grupo pertinente à faixa etária dos informantes. A partir dessa estratégia, foi possível observar cada localidade, em particular, assim como estabelecer um confronto com as demais.

Na segunda parte da análise, foram considerados apenas os dados dos informantes das capitais (48). Realizou-se, então, uma rodada com todos os dados e, apenas no que se refere à variável *paralelismo*, houve a necessidade de retirar alguns fatores para eliminar os casos de efeito categórico, o que será apresentado em momento oportuno.

Nesta rodada, o programa selecionou como estatisticamente relevantes os seguintes fatores, nesta ordem:

- (1) paralelismo;
- (2) tipo de referência;
- (3) localidade;
- (4) faixa etária;
- (5) tipo de questionário;
- (6) escolaridade;
- (7) sexo.

Em seguida, foram realizadas novas rodadas estatísticas, amalgamando o grupo referente à variável distribuição diatópica com os grupos pertinentes à faixa etária, ao sexo e à escolaridade dos informantes. Compuseram-se, assim, fatores do tipo *localidade + fator social*. Dessa forma, foi possível observar o comportamento de cada localidade, em particular, e estabelecer uma comparação com as demais.

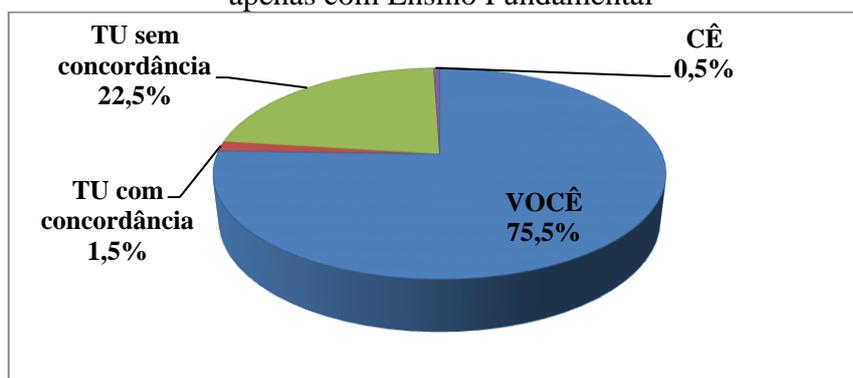
A apresentação dos dados será feita separando as variáveis extralinguísticas das linguísticas. No tratamento das variáveis extralinguísticas, abordaremos primeiramente a

variável geolinguística e, em seguida, as variáveis sociais. As variáveis linguísticas serão apresentadas de acordo com a ordem de seleção do *GoldVarb 2001*.

5.2 AMOSTRA ENSINO FUNDAMENTAL

Considerando os dados referentes aos informantes da região Norte apenas com ensino fundamental, foi obtido um total de 2275 ocorrências de pronomes de segunda pessoa. Dessas, 1717 equivalem aos casos de *você*, 12 à forma reduzida *cê*, 33 ocorrências do pronome *tu* com a concordância de segunda pessoa do singular e 513 ocorrências do pronome *tu* sem concordância, como se observa no Gráfico 6.

Gráfico 6: Totais de referência à segunda pessoa na região Norte: dados dos informantes apenas com Ensino Fundamental



Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se que as ocorrências de pronome *tu* na amostra são, em sua maioria, sem a concordância prescrita pelas gramáticas tradicionais. Houve ocorrências desse pronome com a concordância em apenas oito das 24 localidades pesquisadas: Macapá-AP, Boa Vista-AC, Humaitá-AM, Óbidos-PA, Almeirim-PA, Belém-PA, Bragança-PA e Guajará Mirim-RO.

Importante destacar que diversos estudos no Brasil sobre o pronome *tu* (tanto a alternância com *você* como a concordância verbal), a exemplo de Herênio (2006), Alves (2012), Vitória (2018), Paredes Silva (2003), revelam que, de modo geral, esse pronome vem seguido do verbo sem a marca de segunda pessoa.

Tendo em vista que a análise aqui empreendida enfoca a variação *tu/você*, os dados de *você* foram agrupados aos de *cê* e os dados de *tu* com concordância aos de *tu* sem concordância. A amostra ficou, então, da seguinte forma:

Gráfico 7: Percentuais obtidos para os pronomes *tu* e *você*

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se, claramente, a predominância do pronome *você*, variante bastante difundida em todo o território nacional, representando 76% das ocorrências, enquanto o pronome *tu* tem o uso mais limitado, correspondendo a apenas 24% dos dados. Apesar disso, estabeleceu-se como regra de aplicação a variante *tu*, a fim de melhor averiguar os contextos em que ela ocorre. A seguir, apresentam-se os resultados das rodadas estatísticas.

5.2.1 As variáveis extralinguísticas

5.2.1.1 Distribuição diatópica

A partir dos resultados obtidos para a variável diatopia, em primeiro lugar, busca-se observar de que maneira os pronomes *tu* e *você* estão distribuídos nas 24 localidades pesquisadas. Procura-se identificar, também, áreas mais ou menos proeminentes quanto ao uso do pronome *tu*. Apresentam-se, na Tabela 19, os resultados obtidos para essa variável.

Tabela 19: O uso do pronome *tu* na região Norte, segundo a distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB

LOCALIDADE	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Oiapoque (AP)	3/90	3,3	0,10
Macapá (AP)	56/131	42,7	0,83
Boa Vista (RR)	15/81	18,5	0,40
São Gabriel da Cachoeira (AM)	7/31	22,6	0,75
Tefé (AM)	4/49	8,2	0,16
Manaus (AM)	28/111	25,2	0,52
Benjamin Constant (AM)	26/34	76,5	0,58
Humaitá (AM)	31/93	33,3	0,67
Soure (PA)	13/81	16	0,35

LOCALIDADE	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Óbidos (PA)	25/75	33,3	0,78
Almeirim (PA)	5/66	7,6	0,26
Belém (PA)	31/95	32,6	0,62
Bragança (PA)	44/106	41,5	0,74
Altamira (PA)	9/66	13,6	0,33
Marabá (PA)	17/74	23	0,67
Jacareacanga (PA)	10/52	19,2	0,60
Conceição do Araguaia (PA)	13/30	43,3	0,73
Itaituba (PA)	1/83	1,2	0,05
Cruzeiro do Sul (AC)	24/70	34,3	0,69
Rio Branco (AC)	87/272	32	0,72
Porto Velho (RO)	28/84	33,3	0,55
Guajará Mirim (RO)	61/310	19,7	0,48
Pedro Afonso (TO)	8/119	5,4	0,05
Natividade ⁵⁹ (TO)	0/72	-	-

Input: 0,155; Significance: 0,000

Fonte: Elaborada pela autora.

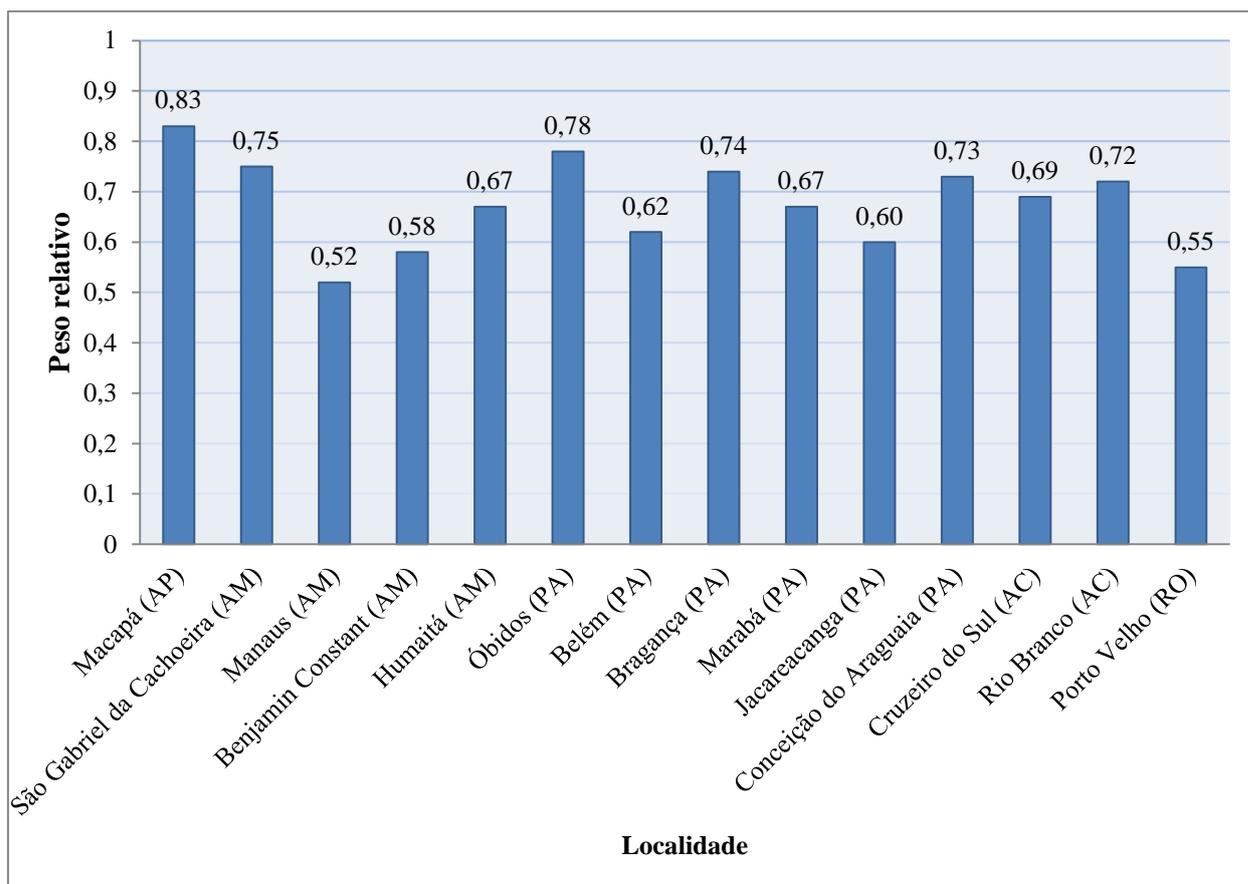
Em atenção aos dados dispostos na Tabela 19, pode-se perceber que os percentuais de aplicação da regra, em sua maioria, são baixos. Excetuando-se Benjamin Constant (76,5%), nenhuma das demais localidades alcança a marca dos 50%. Observa-se, também, que os pesos relativos e as frequências seguem em dimensões semelhantes de grandeza.

A análise dos pesos relativos demonstra que as localidades se comportam de modo bastante distinto, havendo aquelas em que o uso do pronome *tu* é favorecido e aquelas em que ele é bastante restringido, como em Pedro Afonso-TO e Itaituba-PA. Assim, resolveu-se agrupá-las em duas categorias para melhor visualização daquelas que têm comportamentos linguísticos semelhantes.

- (1) Cidades da região Norte que apresentam pesos relativos favoráveis ao uso do pronome *tu* – Macapá, São Gabriel da Cachoeira, Manaus, Benjamin Constant, Humaitá, Óbidos, Belém, Bragança, Marabá, Jacareacanga, Conceição do Araguaia, Cruzeiro do Sul, Rio Branco e Porto Velho.

Gráfico 8: Cidades da região Norte que favorecem o uso do pronome *tu*: dados do Projeto ALiB

⁵⁹ Em Natividade (TO) os quatro informantes utilizaram apenas o pronome *ocê* (72 ocorrências), não apresentando variação, razão pela qual esta localidade foi excluída da rodada seguinte do *GoldVarb 2001*.

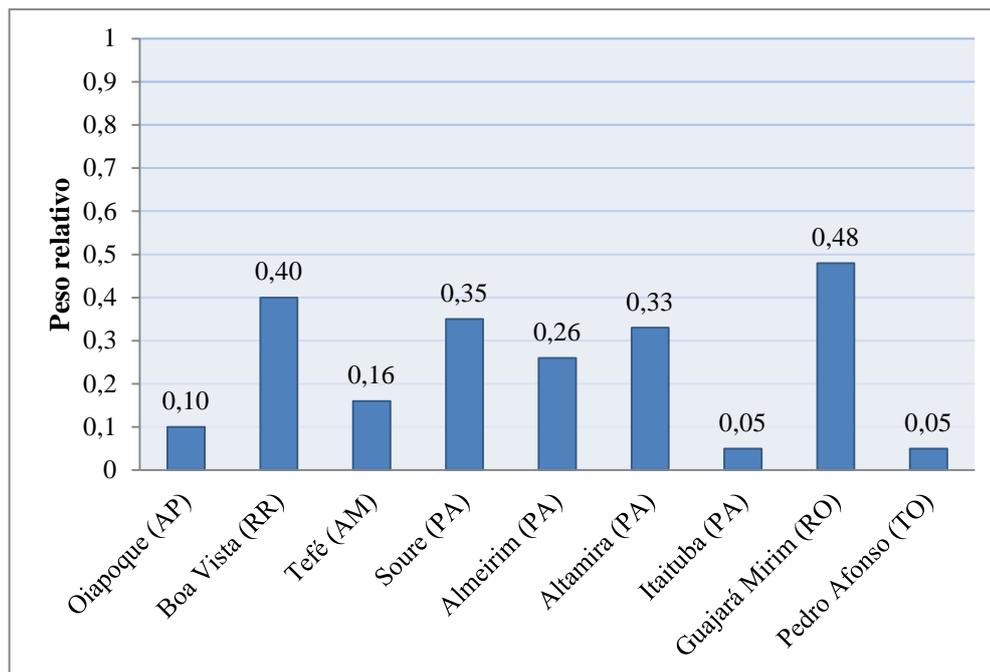


Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto, percebe-se que a cidade de Macapá, no Amapá, apresenta o peso relativo mais expressivo com relação ao uso do pronome *tu*. Além disso, outras 13, das 23 localidades consideradas, também apresentam pesos favoráveis. Esses resultados demonstram que o pronome *tu* é favorecido por localidades de cinco estados (Amapá, Amazonas, Pará, Acre e Rondônia) e desfavorecido em dois (Roraima e Tocantins).

- (2) Cidades da região Norte que apresentam pesos baixos para o uso do pronome *tu* – Oiapoque, Boa Vista, São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Soure, Almeirim, Altamira, Itaituba, Guajará Mirim e Pedro Afonso.

Gráfico 9: Cidades da região Norte que apresentam pesos baixos para o uso do pronome *tu*: dados do Projeto ALiB



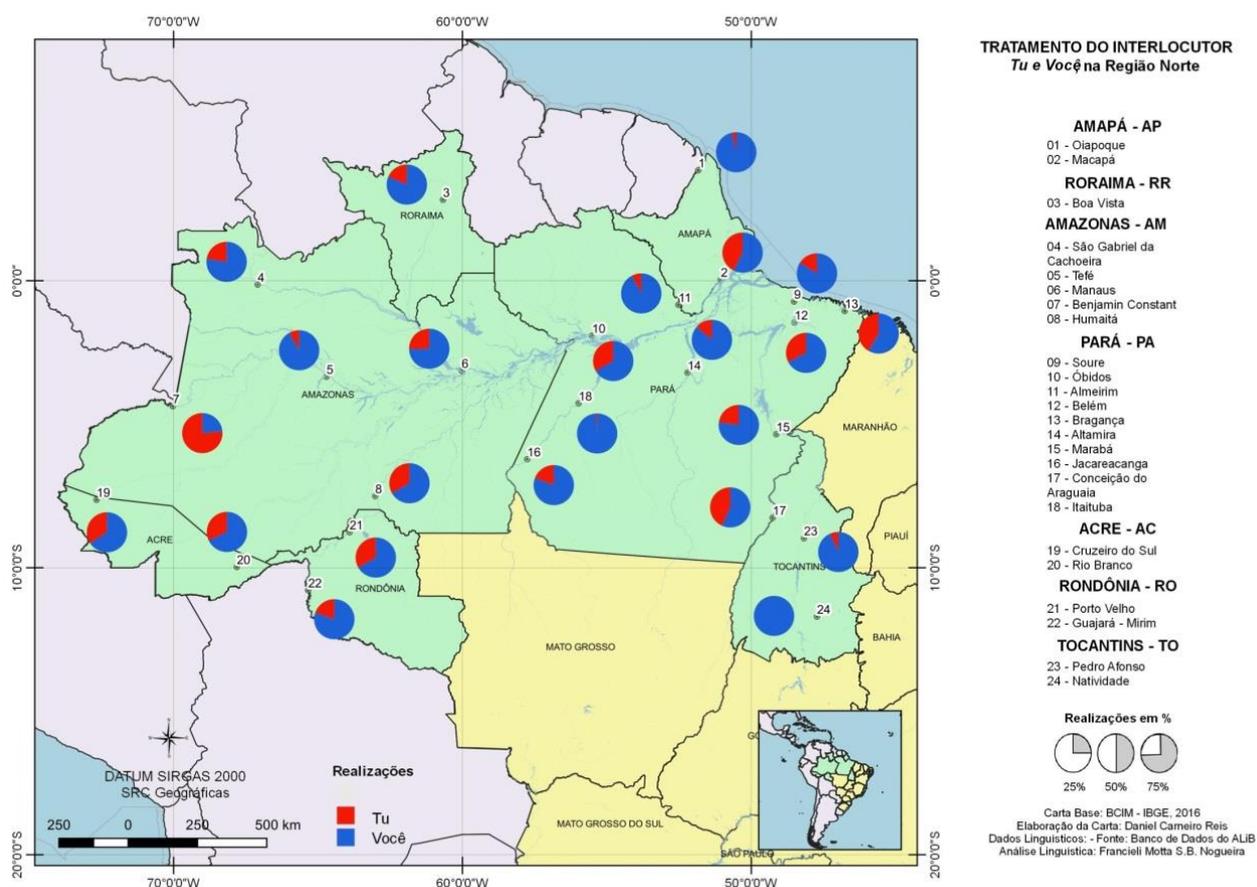
Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse grupo estão nove localidades que se caracterizam por pesos baixos para o uso do pronome *tu*, sendo que apenas uma delas apresenta peso próximo à neutralidade, Guajará Mirim-RO. Nesta localidade o pronome *tu* não é favorecido nem fortemente restringido pelos informantes. Destacam-se as cidades de Oiapoque, Tefé, Itaituba e Pedro Afonso, com os menores pesos relativos, (0,10, 0,16, 0,05 e 0,05, respectivamente). Nessas localidades, o uso do pronome *você* parece ser a regra.

Destacam-se, nesse momento, as duas cidades do estado do Acre (Cruzeiro do Sul e Rio Branco) como favorecedoras do pronome *tu* e as duas cidades do Tocantins (Pedro Afonso e Natividade) como favorecedoras do pronome *você*. Nas localidades dos demais estados houve variação de forma mais equilibrada entre os dois pronomes.

A Figura 30, a seguir, apresenta a distribuição diatópica dos pronomes *tu* e *você* (após o agrupamento dos dados) nos 24 pontos da região Norte.

Figura 30: Distribuição dos pronomes *tu* e *você* na região Norte: dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados do Projeto ALiB

A Figura 30 ilustra todas as ocorrências de segunda pessoa, por localidade, na região Norte. Buscou-se demonstrar de que forma os pronomes *tu* e *você* estão distribuídos nesse espaço geográfico.

Sobre a região Norte, alguns aspectos históricos merecem destaque: a colonização começa efetivamente 100 anos depois do restante do Brasil. Além disso, as três localidades de colonização mais antiga (Bragança, Belém e Manaus) começam a se formar no século XVII, entre 1613 e 1670. As demais localidades investigadas, se estabelecem no final do século XVIII, exatamente na fase de ampla implementação do pronome *você* na gramática do PB. Diante disso, talvez seja possível supor que a forma *você* já fosse de amplo uso e foi introduzida logo quando essas localidades começaram a se estabelecer em vilas e cidades. Acredita-se que esses aspectos, dentre outros, podem justificar o uso majoritário do pronome *você* nas 24 localidades pesquisadas.

Ademais, apesar de o pronome *você* ser o mais utilizado na maioria das localidades estudadas, excetuando-se apenas em Benjamin Constant-AM, como demonstrado na Figura

30, o pronome *tu* foi favorecido por treze delas. Foi possível notar também, em algumas delas, a alternância entre os pronomes *tu* e *você*, como pode ser visualizado nos excertos:

INQ. – Você trabalha como mecânico de motocicleta, né, você poderia falar um pouco do seu trabalho, quais são os tipos de problemas mais comuns que você tem de dar jeito lá...

INF. – Rapaz... é difícil...

INQ. – Porque essas estradinhas aqui...

INF. – É difícil... porque a mecânica ela precisa assim de uma coisa muito... ela exige muito de ti, sabe, porque assim *tu* precisa tá bem atento, *tu* precisa tá bem concentrado... Porque a mecânica ela é tipo a matemática, ela é exata, sabe? Não pode tá nada errado, ela tem que... As medidas são milimétricas, principalmente de motor, quando *você* tá mexendo no motor, é muito difícil...

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Guajará Mirim – RO)

INQ. – Imagine que o senhor alugou uma casa e o cidadão não paga o aluguel, nem quer desocupar a casa, aí o senhor vai lá dizer... dar uma ordem pra ele, pra ele sair hoje. Como é que o senhor diz pra ele?

INF. – Olha, rapaz, *tu* tá atrasado com teu aluguel e eu tô precisando da casa, eu quero que *você* saia hoje daqui.

(Homem, faixa II, ensino fundamental, Óbidos – PA)

5.2.1.2 Sexo

A partir do controle da variável sexo do informante, buscou-se observar se o uso do pronome *tu* estaria estratificado na fala de homens e mulheres, a fim de perceber indicativos das implicações sociais de seu uso na amostra analisada. Assumiu-se como hipótese que as mulheres utilizariam com maior frequência o pronome *tu* que os homens, por acreditar que esse pronome seria de uso mais geral nessas localidades. Além disso, os resultados encontrados por Martins (2010) para este fator em Tefé/AM, mesma região da pesquisa, revelam que o percentual feminino de uso do pronome *tu* é mais alto que o dos homens, seguindo a tendência encontrada no sul do país (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Cumpra destacar que essa variável não foi considerada como estatisticamente relevante. A Tabela 20 demonstra que tanto o número de ocorrências gerais consideradas para cada grupo, quanto o percentual são similares.

Tabela 20: O uso do pronome *tu* na região Norte, segundo o sexo dos informantes: dados do Projeto ALiB

HOMENS		MULHERES	
APLIC./TOTAL	%	APLIC./TOTAL	%
282/1279	22	264/996	26,5

Fonte: Elaborada pela autora.

Esses dados revelam que homens e mulheres nativos das 24 localidades estudadas apresentam percentuais de aplicação da regra próximos e pouco expressivos, o que justifica a não seleção dessa variável pelo *GoldVarb 2001*.

5.2.1.3 Faixa etária

Controlar a variável faixa etária dos informantes teve por objetivo verificar se o uso do pronome *tu* é característico da fala dos jovens ou dos mais velhos e, se de alguma forma, demonstra reforçar identidade social de faixa etária. Além disso, intentou-se observar em que medida é possível observar indícios de processos de mudança em curso. Sabe-se que o estudo de processos de mudança a partir dos dados do Projeto ALiB precisa ser feito com ressalvas, dada a lacuna temporal existente entre os indivíduos das duas faixas etárias e o baixo número de informantes por célula social. Todavia os resultados encontrados por esta pesquisa possibilitam que se apontem indícios no que se refere à situação das localidades estudadas.

A hipótese assumida para este grupo, baseada em outros estudos sobre os pronomes de segunda pessoa (PAREDES SILVA, 2003; DIAS, 2007; MARTINS, 2010; ALVES, 2010; GUIMARÃES, 2014), foi a de que os mais jovens liderariam o uso do pronome *tu* na região Norte. Esses estudos revelam um movimento de retorno do pronome *tu* à fala brasileira, nos termos de Paredes Silva (2003), e esse retorno tem se dado justamente a partir dos falantes mais jovens. Em sua pesquisa, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão, Alves (2010) informa que o fator faixa etária se mostrou o mais relevante e a faixa etária dos mais jovens foi a que favoreceu o pronome *tu*, com peso relativo de 0,63.

Para a amostra estudada, neste trabalho, a variável faixa etária dos informantes foi a segunda variável selecionada pelo *GoldVarb 2001*. Os valores encontrados estão arrolados na Tabela 21.

Tabela 21: O uso do pronome *tu* na região Norte, segundo a faixa etária dos informantes: dados do Projeto ALiB

FAIXA ETÁRIA	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Faixa I (18 a 30 anos)	273/842	32,4	0,68
Faixa II (50 a 65 anos)	273/1433	19,1	0,39

Input: 0,155; *Significance:* 0,000

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dos resultados, pode-se perceber que a hipótese assumida inicialmente foi confirmada, são os mais jovens que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,68. Em seguida, realizou-se nova rodada, em que foram cruzados os fatores faixa etária e localidade, a fim de observar se essa tendência se aplicaria a todas as localidades.

Na nova rodada, observou-se que em duas localidades, Oiapoque e Tefé, os falantes da faixa I utilizaram apenas o pronome *você*, resultando em *nocaute*, enquanto em outras duas, Itaituba e Porto Velho, foram os informantes da faixa II que utilizaram apenas o *você*. Por conta disso, decidiu-se retirar essas localidades para observar o comportamento das demais por meio dos pesos relativos. Apesar de retirá-las da rodada, decidiu-se por mantê-las na tabela para uma melhor visualização de seus comportamentos linguísticos.

Tabela 22: O uso do pronome *tu* na região Norte, segundo a faixa etária dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB

LOCALIDADE	FAIXA I			FAIXA II		
	APLIC./TOTAL	%	P.R.	APLIC./TOTAL	%	P.R.
Oiapoque (AP)	0/19	-	-	3/71	4,2	-
Macapá (AP)	40/54	74,1	0,99	16/77	20,8	0,47
Boa Vista (RR)	6/52	11,5	0,45	9/29	31	0,60
São Gabriel da Cachoeira (AM)	6/9	66,7	0,99	1/22	4,5	0,06
Tefé (AM)	0/18	-	-	4/31	12,9	-
Manaus (AM)	16/37	43,2	0,87	12/74	3,3	0,32
Benjamin Constant (AM)	13/20	65	0,46	13/14	92,9	0,65
Humaitá (AM)	22/34	64,7	0,94	9/59	15,3	0,46
Soure (PA)	4/57	2,5	0,17	9/24	37,5	0,69
Óbidos (PA)	6/31	19,4	0,67	19/44	43,2	0,79
Almeirim (PA)	3/27	11,1	0,32	2/39	5,1	0,27

Belém (PA)	14/43	32,6	0,61	17/52	32,7	0,58
Bragança (PA)	15/43	34,9	0,09	29/63	46	0,77
Altamira (PA)	7/34	20,6	0,55	2/32	6,2	0,25
Marabá (PA)	2/31	6,5	0,31	15/43	34,9	0,71
Jacareacanga (PA)	5/23	21,7	0,63	5/29	17,2	0,65
Conceição do Araguaia (PA)	6/13	46,2	0,53	7/17	41,2	0,71
Itaituba (PA)	1/33	3	-	0/50	-	-
Cruzeiro do Sul (AC)	17/36	47,2	0,89	7/34	20,6	0,51
Rio Branco (AC)	22/55	40	0,67	65/217	30	0,70
Porto Velho (RO)	28/49	57,1	-	0/35	-	-
Guajará Mirim (RO)	36/87	41,4	0,79	25/223	11,2	0,32
Pedro Afonso (TO)	4/23	17,4	0,001	4/96	4,2	0,17
Natividade (TO)	-	-	-	-	-	-

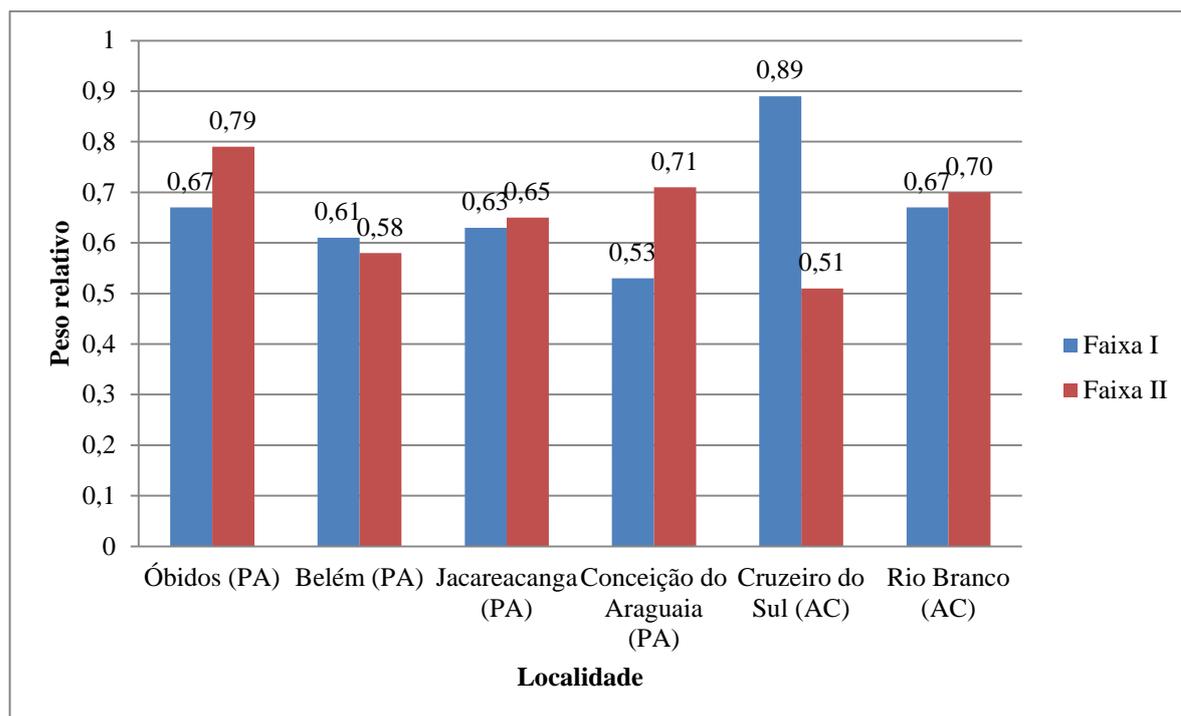
Input: 0,143; Significance: 0,009

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dos dados da Tabela 22, percebe-se que as cidades se comportam de maneiras distintas em relação à faixa etária dos informantes. A fim de observar melhor essas situações, decidiu-se agrupá-las em categorias distintas.

- (1) Cidades em que o pronome *tu* é favorecido pelos informantes das duas faixas etárias – Óbidos, Belém, Jacareacanga, Conceição do Araguaia, Cruzeiro do Sul e Rio Branco.

Gráfico 10: Cidades em que o pronome *tu* é favorecido pelos informantes das duas faixas etárias: dados do Projeto ALiB



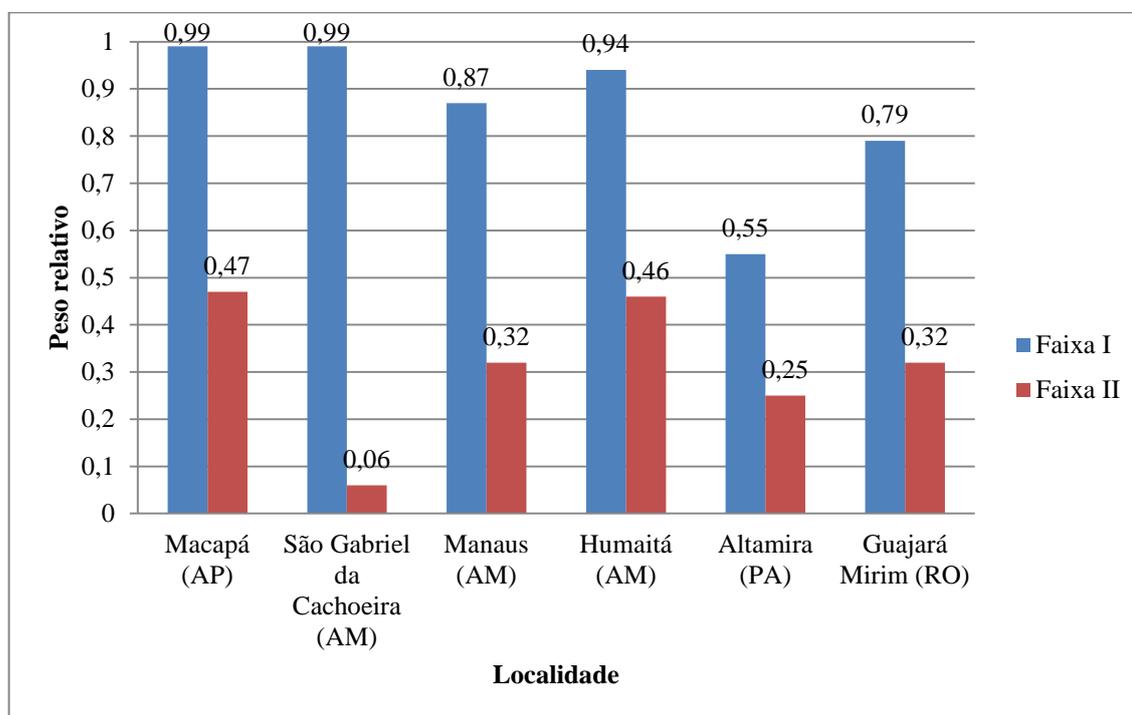
Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse primeiro grupo, encontram-se seis cidades em que o pronome *tu* é favorecido tanto pelos informantes mais jovens, da faixa I, quanto pelos informantes mais velhos, da faixa II. No entanto notam-se relações diferenciadas entre os valores obtidos. No que se refere ao comportamento geral, todas elas apresentaram peso relativo favorável ao uso de *tu*.

Em Belém-PA, Jacareacanga-PA e no Rio Branco-AC nota-se que o comportamento linguístico das duas faixas etárias é bem semelhante; na primeira, os indivíduos da faixa I apresentam comportamento ligeiramente mais favorável ao uso de *tu*, enquanto nas outras duas, são os informantes mais velhos que lideram. Em outras duas cidades, Óbidos-PA e Conceição do Araguaia-PA, os mais velhos, da faixa etária II, estão mais à frente que os mais jovens no que se refere ao uso do pronome *tu* e, diferentemente do que ocorre nas outras localidades, em Cruzeiro do Sul-AC, são os informantes mais jovens que sobressaem quanto ao uso de *tu*.

- (2) Cidades em que o pronome *tu* é favorecido apenas pelos informantes da faixa I – Macapá, São Gabriel da Cachoeira, Manaus, Humaitá, Altamira e Guajará Mirim.

Gráfico 11: Cidades em que o pronome *tu* é favorecido apenas pelos informantes da faixa I: dados do Projeto ALiB

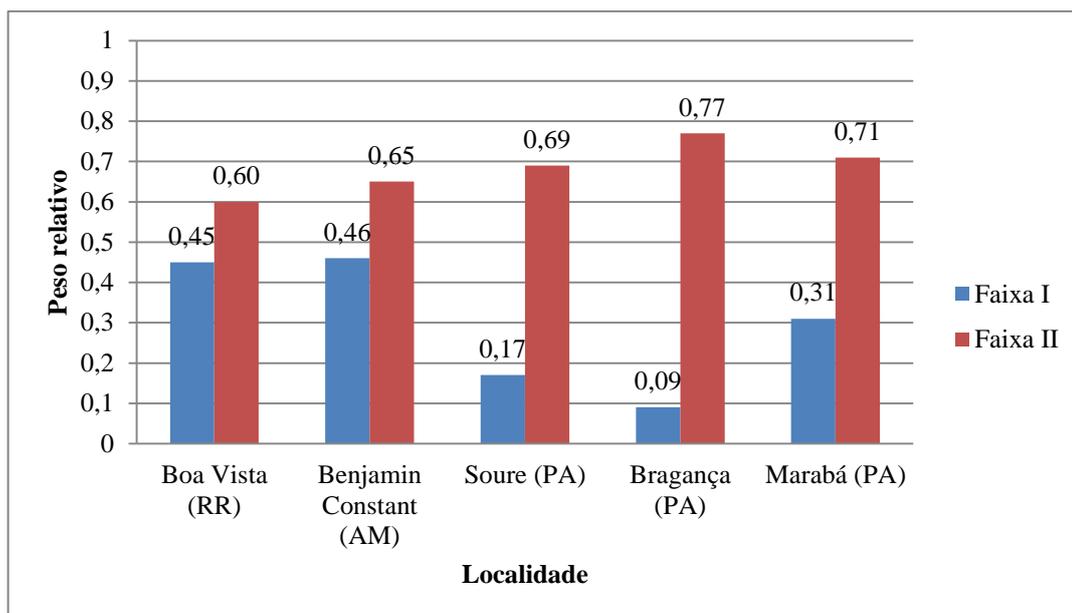


Fonte: Elaborado pela autora.

Os pesos relativos obtidos para o grupo demonstram que, nas seis localidades apresentadas, apenas os informantes mais jovens favorecem o uso da variante *tu*. No que tange ao comportamento geral, há quatro cidades em que o uso do pronome *tu* é favorecido (Macapá, São Gabriel da Cachoeira, Manaus e Humaitá). Essas cidades se destacam por apresentarem os maiores pesos relativos para a faixa etária I.

- (3) Cidades em que o pronome *tu* é favorecido apenas pelos informantes da faixa II – Boa Vista, Benjamin Constant, Soure, Bragança e Marabá.

Gráfico 12: Cidades em que o pronome *tu* é favorecido apenas pelos informantes da faixa II: dados do Projeto ALiB

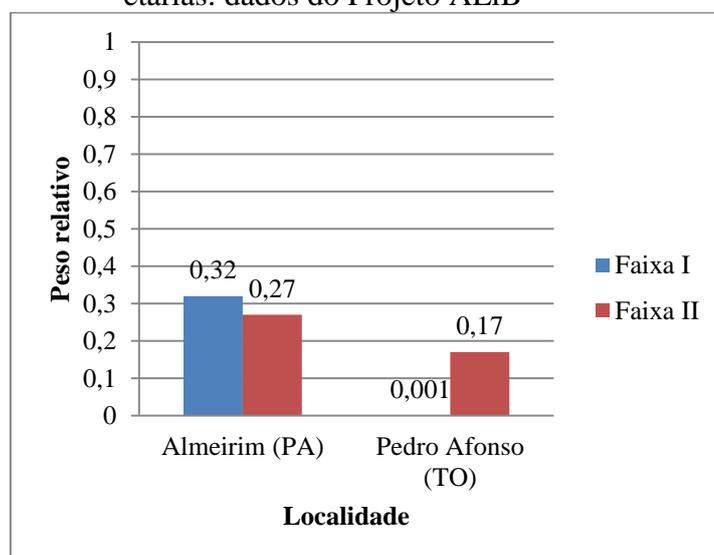


Fonte: Elaborado pela autora.

No penúltimo grupo estabelecido estão cinco cidades que apresentaram pesos relativos favoráveis ao uso do pronome *tu* apenas por parte dos informantes mais velhos. Os pesos relativos atribuídos aos jovens em Soure-PA, Bragança-PA e Marabá-PA demonstram que eles fogem do uso desse pronome.

- (4) Cidades em que o pronome *tu* é desfavorecido pelos informantes das duas faixas etárias – Almeirim e Pedro Afonso.

Gráfico 13: Cidades em que o pronome *tu* é desfavorecido pelos informantes das duas faixas etárias: dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse último grupo, estão as duas localidades em que o pronome *tu* é amplamente restringido pelos informantes das duas faixas etárias. Salienta-se que, no que se refere ao comportamento geral, ambas desfavorecem fortemente o uso de *tu*, com pesos relativos de 0,26 e 0,05, respectivamente. Destaca-se a cidade de Pedro Afonso, no estado do Tocantins, em que o uso do pronome *tu* é praticamente nulo entre os mais jovens.

Diante dos resultados, observa-se que as localidades que favorecem o uso do pronome *tu* se comportam de duas formas: 1) os falantes das duas faixas etárias favorecem seu uso, como é o caso de Óbidos, Belém, Jacareacanga, Conceição do Araguaia, Cruzeiro do Sul e Rio Branco; 2) os falantes mais jovens lideram seu uso, em Macapá, São Gabriel da Cachoeira, Manaus, Humaitá e Porto Velho⁶⁰. A única exceção é a cidade de Marabá, onde o pronome *tu* foi favorecido pela faixa etária II.

5.2.2 As variáveis linguísticas

5.2.2.1 Paralelismo linguístico

O paralelismo tem se mostrado uma variável muito importante para a seleção entre os pronomes *tu* e *você*, como atestam Andrade (2010), Martins, (2010), Guimarães (2014, 2019), Silva (2019), dentre outros. Essa variável parte do princípio de que o falante tende a repetir, em uma sequência discursiva, uma forma previamente empregada.

A hipótese assumida para este fator é de que a produção linguística de uma série de referências pronominais de segunda pessoa pelo mesmo falante tende a favorecer a repetição do primeiro da série. Acredita-se que o primeiro pronome utilizado ativará a repetição da mesma forma em frequência mais alta que seu uso em repetições não precedidas.

Foram considerados como série cada bloco de gravação em que o pronome de segunda pessoa tinha a mesma referência e não estava separada pela fala do entrevistador, excetuando-se apenas os casos em que o entrevistador concorda com o falante, sem que o fluxo de fala seja interrompido. Além disso, buscou-se analisar também em que medida o “efeito gatilho” atua na escolha do mesmo pronome por parte do informante.

⁶⁰ Nesta localidade não houve ocorrências do pronome *tu* na faixa etária II.

Destaca-se que o paralelismo foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo *GoldVarb 2001*, seu efeito pode ser visualizado na Tabela 23.

Tabela 23: Influência do fator paralelismo sobre o uso do pronome *tu*

PARALELISMO	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Isolado	178/851	20,9	0,48
Ocorrência única após gatilho idêntico	21/369	5,7	0,09
Ocorrência única após gatilho diferente	91/98	92,9	0,98
Primeiro da série sem gatilho	72/284	25,4	0,63
Primeiro da série com gatilho idêntico	8/45	17,8	0,24
Primeiro da série com gatilho diferente	16/17	94,1	0,99
Precedido de forma idêntica sem gatilho	111/499	22,2	0,59
Precedido de forma idêntica após gatilho idêntico	11/67	16,4	0,26
Precedido de forma idêntica após gatilho diferente	32/33	97	0,99
Precedido de forma diferente sem gatilho	6/12	50	0,79

Input: 0,151; *Significance:* 0,004

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados revelam que o efeito gatilho não atuou significativamente no sentido de favorecer o uso do pronome *tu*, já que os pesos relativos para as ocorrências com gatilho idêntico foram inexpressivos: os casos de *tu* nos contextos de ocorrência única após gatilho idêntico, primeiro da série com gatilho idêntico e precedido de forma idêntica após gatilho idêntico apresentaram pesos relativos de 0,09, 0,24 e 0,26, respectivamente.

As ocorrências do pronome *você*, por outro lado, foram fortemente favorecidas pelo uso do mesmo pronome por parte do inquiridor. A grande maioria dos inquiridores utilizou justamente o *você* durante toda a entrevista. Pode-se notar também que as ocorrências de *tu* foram fortemente favorecidas pelos contextos em que o gatilho foi diferente: ocorrência única após gatilho diferente (peso relativo 0,99), precedido de forma idêntica após gatilho diferente (peso relativo 0,99).

No que tange às ocorrências sem gatilho do documentador, os resultados atestam que o pronome *tu* é favorecido quando há um *tu* precedente seja sem gatilho, com peso relativo de 0,59, seja com gatilho diferente, com peso relativo de 0,99. O pronome *tu* demonstra ser

favorecido também nos contextos em que figura como o primeiro da série, com peso de 0,63. Já em construções isoladas, o *tu* exerceu efeito próximo à neutralidade (0,48).

Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Andrade (2010) em Brasília, em que o pronome *tu* é favorecido por outro *tu* antecedente, com peso relativo de 0,88 e também quando é o primeiro da série, com peso relativo de 0,52. Guimarães (2019) também observa o princípio do paralelismo em sua pesquisa na cidade de Fortaleza (CE), em que o pronome *tu* é fortemente favorecido quando antecedido por *tu*, com peso relativo de 0,861.

Observa-se, assim, que a hipótese assumida foi confirmada, os falantes da região Norte, apenas com ensino fundamental, seguem a tendência apontada por estudos em outras regiões e costumam usar o *tu* quando, inicialmente, já usaram a mesma forma. Vejam-se os exemplos:

INQ. – Você ouve rádio?

INF. – Muito.

INQ. – Você gosta de ouvir alto, baixinho, por quê?

INF. – Médio. É porque alto demais perturba e *tu* não entende, né... Assim, pode até entender, mas incomoda e ouvir baixo demais fica ruim, *tu* vai ter que tá lutando pra entender...

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Guajará Mirim – RO)

INQ. – Você conhece alguma simpatia para tirar mal olhado?

INF. – Só essa de botar o “comigo ninguém pode” atrás da porta...

INQ. – Como é que se faz?

INF. – *Tu* pega um filhote de comigo ninguém pode e põe atrás da porta... pé de arruda...

(Mulher, faixa I, nível fundamental, Natividade – TO)

INQ. – Se a senhora vê um amigo ou uma amiga na rua com uma mala, o que que a senhora pergunta pra essa pessoa?

INF. – Oi, fulana, *tu* tá viajando? *Tu* tá viajando ou *tu* tá chegando de viagem?

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Humaitá – AM)

INQ. – Agora ele tá mexendo com a tesoura e *você* não quer que ele mexa nisso. Como é que *você* diz pra ele?

INF. – Não, D., deixe a tesoura, que *você* pode se cortar.

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Oiapoque – AP)

5.2.2.2 Tipo de referência

Tipo de referência foi o quarto fator selecionado pelo *GoldVarb 2001*. Esse fator foi testado com o intuito de observar se os dados dos falantes da região Norte seguiriam a tendência de estudos em outras regiões do Brasil, como a Sudeste (MODESTO, 2006; SILVA, 2017), a Centro-Oeste (ANDRADE, 2010), a Nordeste (GUIMARÃES, 2014; 2019), a Sul (FRANCESCHINI, 2011) e a própria região Norte (MARTINS 2010), por exemplo, em que o pronome *você* é favorecido pelas referências genéricas e o *tu*, pelas referências específicas. A referência específica se refere à variante cujo referente é o seu interlocutor, seja em discurso direto ou relatado e a referência genérica faz alusão a uma segunda pessoa qualquer, não específica. Vejam-se os resultados na Tabela 24.

Tabela 24: Influência do fator tipo de referência sobre o uso do pronome *tu*

REFERÊNCIA	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Específica	422/1406	30	0,66
Genérica	124/869	14,3	0,24

Input: 0,151; *Significance:* 0,004

Fonte: Elaborada pela autora.

Evidencia-se, a partir dos resultados, que a referência específica é favorecedora do pronome *tu*, com peso relativo de 0,66, corroborando a hipótese assumida inicialmente. Observou-se que esse fator se mostrou relevante em outros estudos sobre os pronomes de segunda pessoa e que, independentemente de qual seja a predominância do pronome, o *você* tem sido mais utilizado como genérico que o *tu*. A Tabela 25 apresenta os resultados encontrados em outras pesquisas.

Tabela 25: Resultados da variável tipo de referência sobre o pronome *tu* em pesquisas sociolinguísticas

Localidade	Estudo	Referência	%	P. R.
Santos/SP	Modesto (2006)	Direta	42	0,61
Concórdia/SC	Franceschini (2011)	Sujeito determinado	74	0,70
Tefé/AM	Martins (2010)	Específica	74,7	0,55
Brasília/DF	Andrade (2010)	Específica	72,3	0,54

Fortaleza/CE	Guimarães (2014)	Específica	53,3	0,529
Ressaquinha/MG	Silva (2017)	Específica	45,4	0,602
Fortaleza/CE	Guimarães (2019)	Específica	23,9	0,601

Fonte: Elaborada pela autora.

A Tabela 25 mostra que, mesmo com nomenclaturas distintas para o fator tipo de referência, os resultados são similares ao desta pesquisa. Uma das explicações possíveis é que o pronome *você*, por derivar da forma de referência à terceira pessoa, *Vossa Mercê*, ainda mantém traço semântico desta forma de tratamento nominal, que denota maior distanciamento social. Acredita-se que este traço influencie significativamente para que o pronome *você* ocorra com maior frequência em situações de referência genérica ou de referência a um interlocutor não especificado no ato interlocutivo (menor proximidade), e a forma *tu*, em situações de referência direta/específica a um interlocutor (maior proximidade). Dessa forma, ao ser preferido em situações formais, de referência indireta ou genérica, o *você* conserva socialmente valor funcional de conotação positiva, como cortesia e polidez.

Apesar de o pronome *tu* ser favorecido pelas referências específicas e ser fortemente desfavorecido pelas referências genéricas, nota-se que este fator não exerce, contudo, efeito categórico. Vejam-se exemplos:

INQ. – E como é feito o cigarro de tabaco?

INF. – É assim: *tu* planta, vai ali pra terra, planta a semente, aí nasce o pezinho... depois dá uma lagarta, *tu* vai lá e tira a lagarta todinha, depois quando a folha tá madura, *tu* vai lá, tira a folha e pendura na casa de... de... *tu* já foi em casa de palha, não já?

INQ. – Já.

INF. – Aí pendura ela na casa de palha pra secar, quando tá seca, ela é igualzinha a droga, né, que o pessoal usa, só que *tu* bota a folha e vai arrumando, arrumando, arrumando, bota uma pra lá, outra pra cá...

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco - AC)

INQ. – Você gostou?

INF. – Ah, adorei.

INQ. – De comer cobra?

INF. – Bom demais, é uma emoção que *você* não esquece. O que *você* guarda de recordação são só as fotos que *você* tira. *Você* pode tirar umas fotos, e *você* guarda de lembrança...

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Cruzeiro do Sul – AC)

5.2.2.3 Tipo de questionário

O tipo de questionário foi o penúltimo grupo a ser selecionado pelo *GoldVarb 2001* como sendo estatisticamente relevante no que se refere ao uso do pronome *tu*.

No que tange a essa variável, as expectativas eram as seguintes: nas perguntas metalinguísticas e nos discursos semidirigidos haveria maior utilização do *tu*, pelo fato de o informante estar mais à vontade nesse momento (final da entrevista), passando a utilizar uma fala mais próxima ao seu vernáculo. Acreditava-se também que nas questões referentes ao questionário morfossintático, às questões de prosódia e às de pragmática o falante utilizasse mais o pronome *você*, por se tratar de contextos em que ele tenderia a monitorar seu discurso, pensando mais na forma de elaborá-lo. Além disso, buscou-se observar em qual tipo de questionário o pronome *tu* seria mais recorrente.

Tabela 26: Influência do fator tipo de questionário sobre o uso do pronome *tu*

QUESTIONÁRIO	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fonético-Fonológico	18/112	16,1	0,35
Questões de Prosódia	102/533	19,1	0,30
Semântico-Lexical	197/681	28,9	0,70
Morfossintático	102/560	18,2	0,43
Questões de Pragmática	3/27	11,1	0,21
Perguntas Metalinguísticas	24/71	33,8	0,65
Discursos Semidirigidos	100/291	34,4	0,54

Input: 0,151; *Significance:* 0,004

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados confirmaram a hipótese de que as perguntas metalinguísticas e os discursos semidirigidos favorecem o uso do pronome *tu*, com pesos relativos de 0,65 e 0,54, respectivamente. Além destes, destaca-se o questionário semântico-lexical, com o maior peso relativo (0,70). Tinha-se a expectativa de que nessa modalidade de questionário os falantes utilizassem mais o pronome *você* genérico, já que em muitas perguntas eles poderiam descrever ou ensinar como se faz algo, dizer o que é determinado item lexical que se

apresentou diferente do esperado no questionário, ou também informar qual a diferença entre dois ou mais itens lexicais variantes.

Os dados revelaram que no questionário semântico-lexical o *paradoxo do observador* foi, em grande medida, neutralizado e a interação com o entrevistador gerou diversas situações de menor monitoramento, muitos informantes se sentiram bem à vontade, chegando a se referir ao (à) inquiridor (a) pelo pronome *tu*, como pode ser observado nos exemplos que seguem:

INQ. – O que que é o cambito?

INF.: É esse bichinho que *tu* tá falando aí, que tem uma caudazinha, né... avermelhadinha com preto e as asinhas fininhas.

(*Mulher, faixa II, ensino fundamental, Marabá – PA*)

INQ. – Como é que chama aquele objeto de metal ou plástico que pega assim de um lado a outro pra prender o cabelo?

INF. – Tiara, presilha.

INQ. – Você chama tiara, aqui, é?

INF. – *Tu* fala grande, assim, que puxa o cabelo todo?

INQ. – É, assim.

INF. – É tiara.

(*Mulher, faixa I, ensino fundamental, Marabá – PA*)

É importante destacar que, a partir da audição dos inquiridos, pôde-se perceber que os inquiridores muito se esforçaram para promover ambientes descontraídos, a fim de captar o vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244), de cada localidade, no entanto o pronome *tu* (considerado pronome da intimidade) tem se mostrado bastante difícil de captar em contextos de entrevistas. É interessante notar que houve momentos em que os próprios falantes disseram utilizar o pronome *tu*, o que leva a crer que essa forma é mais usual do que os dados puderam demonstrar, mas na ocasião da entrevista pouco se percebeu, como se pode observar nos excertos:

DOC. – Aqui vocês chamam as pessoas de *tu*? *Tu* vai, *tu*...

INF. – É.

INQ. – É?

INF. – É mais assim: Ei, onde é que *tu* vai? *Tu* vai em tal lugar? Os pessoal daí, não, os cearense fala mais você, né... vocês, né?!

INQ. – Por que é que quando eu perguntei: quando você encontra uma amiga que tá com uma mala e vai viajar, né, como é que você pergunta... e você não usou o *tu*, por quê?

INF. – Ah, é que às vezes a gente não usa assim... todo tempo.

INQ. – Não?

INF. – Não, às vezes a gente coloca um você também.

INQ. – Não é sempre que vocês usam o *tu*...

INF. – Não.

(Mulher, faixa I, ensino fundamental, Macapá – AP)

INQ. – E se você quer saber se alguém vai sair hoje, como é que você faz essa pergunta?

INF. – Você é uma palavra pouco usada aqui.

INQ. – Ah, tá...

INF. – Aí eu falo: *tu* vai sair hoje? Que é o *tu* é que é mais falado...

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Rio Branco – AC)

Sabendo que as entrevistas nos moldes sociolinguísticos, assim como as dialetológicas, não visam à interação, mas à expressão mais natural possível do falante, a fim de neutralizar o *paradoxo do observador*, acredita-se que nos dados da região Norte o gênero do discurso tenha atuado no sentido de inibir as ocorrências do pronome *tu*. Nota-se, a partir de diversos estudos, dentre eles os de Paredes Silva (2003), Martins (2010), Babilônia e Martins (2011), que este pronome atua mais fortemente em contextos que envolvam interações espontâneas.

Em seu estudo sobre a variação *tu/você* na cidade de Tefé, no Amazonas, Martins (2010) controla a variável tipo de gravação (oculta e consciente) e observa que o pronome *tu* é fortemente favorecido pelas gravações ocultas. O autor informa que das 19 entrevistas que compõem o *corpus* de Tefé, três foram feitas em forma de conversa informal envolvendo: 1) dois amigos de mesma faixa etária; 2) duas irmãs de faixas etárias diferentes; e 3) dois conhecidos que trabalham com informática. As três foram gravadas por pessoas que se conheciam, mas sem que os envolvidos soubessem. Houve, ainda, uma quarta gravação, que envolveu uma parte oculta entre dois conhecidos, e a entrevista consentida.

Tabela 27: Uso do *tu* em gravações conscientes e ocultas em Tefé/AM

Tipo de gravação	Frequência do <i>tu</i>		Peso relativo
	N	%	
Consciente	354/623	56,8	0,41
Ocultas	166/183	90,7	0,78
TOTAL	520/806	64,5	

Fonte: Martins (2010, p. 67)

Esses resultados revelam que, apesar da diferença quantitativa de gravações, a modalidade oculta mostrou um percentual maior de ocorrências do pronome *tu*. De modo equivalente, Babilônia e Martins (2011), ao estudarem a variação *tu/você* na fala urbana manauara a partir de *corpora* diversificados (entrevistas – DID; elocuições formais – EF; e diálogos – D2), observam que o fator situação discursiva foi de extrema relevância para captar as ocorrências do pronome *tu*. Os resultados estão arrolados na Tabela 28.

Tabela 28: Distribuição dos dados em função do fator situação discursiva

Registro	Tu	Você
D2	161/228 = 70,5%	65/228 = 29,5%
DID	9/223 = 4%	214/223 = 96%
EF	4/43 = 9,3%	39/43 = 90,7%
Total	174/492 = 35%	318/492 = 65%

Fonte: Babilônia e Martins (2011, p. 54)

Os resultados encontrados confirmam o uso de *tu* mais abrangente nos diálogos, enquanto o pronome *você* foi percentualmente mais utilizado nas entrevistas (96%), muito próximo dos resultados obtidos nas elocuições formais (90,7%). As entrevistas e as elocuições formais se assemelham no que tange ao grau de monitoramento empregado pelos falantes, nesses casos, o falante tende a manter certo distanciamento de seu interlocutor. Já no que concerne aos diálogos entre dois informantes, são registradas conversas entre pessoas que possuem certo grau de intimidade (casais, amigos, colegas de trabalho), o que propicia uma elocução mais fluida, espontânea. Assim, os resultados de Babilônia e Martins (2011) evidenciam que o *tu* é, de fato, o pronome da familiaridade, nos termos de Brown e Gilman (1960).

Destaca-se, por fim, que as localidades pesquisadas por Martins (2010) – Tefé-AM – e Babilônia e Martins (2011) – Manaus-AM – também fizeram parte da pesquisa desta tese e os resultados a partir dos dados do ALiB mostraram que Tefé desfavorece o uso de *tu*, com peso relativo de 0,33, ao contrário de Manaus, que o favorece, com peso relativo de 0,59. Ao observar, no entanto, o percentual de *tu* em Manaus, nesta pesquisa, nota-se que foi baixo, correspondendo a apenas 25,2%, diferentemente dos resultados obtidos nos diálogos entre dois informantes em Babilônia e Martins (2011), que chegaram a 70,5%.

5.2.2.4 Tempo verbal

O fator tempo verbal foi o último a ser selecionado pelo programa e foi controlado a fim de testar a hipótese de que o pronome *tu* ocorreria de forma mais proeminente nas sentenças cujos verbos não estivessem no passado. Diferentemente da hipótese aqui assumida, a análise desta variável em Franceschini (2011) mostrou que o pronome *tu* se mantém principalmente nos tempos do passado.

Tabela 29: Influência do fator tempo verbal sobre o uso do pronome *tu*

TEMPO VERBAL	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Passado	68/340	20	0,37
Não passado	478/1935	24,7	0,52

Input: 0,151; *Significance:* 0,004

Fonte: Elaborado pela autora.

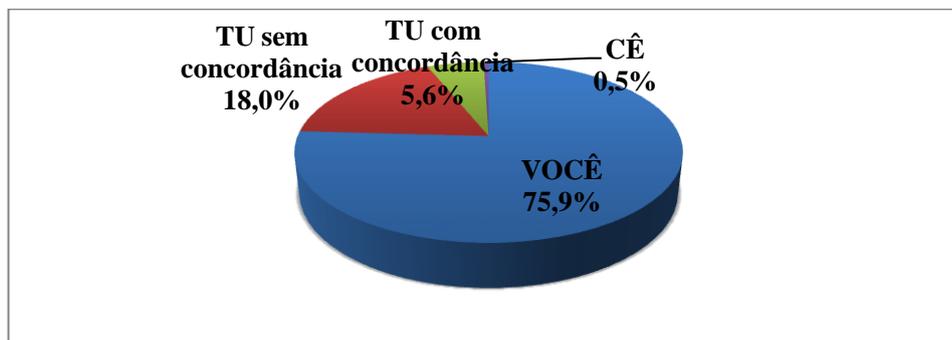
A Tabela 29 evidencia que o fator tempo verbal não passado favorece o pronome *tu*, com peso relativo de 0,52. Já as sentenças no passado inibem as ocorrências deste pronome. Apesar de não exercer influência muito expressiva, os resultados acerca desta variável assemelham-se aos de Nogueira (2013) para a cidade de Feira de Santana-BA, em que o pronome *tu* demonstrou ser favorecido quando não está no passado, ao passo que o *você* é fortemente favorecido quando as sentenças estão no passado, correspondendo a 97,9% das ocorrências.

5.3 AMOSTRA CAPITAIS

No que tange às capitais, o quantitativo encontrado foi o seguinte: 1877 ocorrências de pronomes de segunda pessoa. Dessas, 1424 equivalem aos casos de *você*, 10 à forma reduzida

cê, 106 ocorrências do pronome *tu* com a concordância de segunda pessoa do singular e 337 ocorrências do pronome *tu* sem concordância⁶¹, como se observa no Gráfico 14.

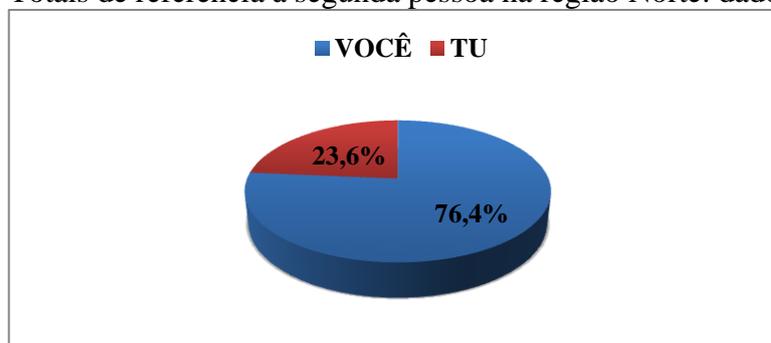
Gráfico 14: Totais de referência à segunda pessoa na região Norte: dados dos informantes das capitais



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a junção dos dados de *você* aos de *cê* e os dados de *tu* com concordância aos de *tu* sem concordância, a amostra ficou da seguinte forma:

Gráfico 15: Totais de referência à segunda pessoa na região Norte: dados das capitais



Fonte: Elaborado pela autora.

Os percentuais revelam a clara preferência dos informantes das capitais da região Norte pelo pronome *você*, correspondendo a 76,4% dos dados. Em contrapartida, o pronome *tu* corresponde ao índice de apenas 23,6% dos dados. Apesar disso, como já expresso anteriormente, as rodadas do suporte estatístico *GoldVarb 2001* foram realizadas em função

⁶¹ Houve 335 ocorrências do pronome *tu* com o verbo na terceira pessoa do singular e 02 ocorrências do pronome *tu* com o verbo na segunda pessoa do plural. Os dois únicos dados de *tu* com verbo na 2ª pessoa do plural foram de um informante de Boa Vista-AC, do sexo masculino, faixa I, com ensino universitário:

INQ. – Em que situações que usa o tu e em que situações que usa o você?

INF. – Tipo assim: você foi em algum lugar? Ou... **tu** fostes lá? Ou... **tu** fizestes...tu não sei o quê, é mais tu, tu, tu...

deste pronome, a fim de se observar os contextos em que ele ocorre. Os resultados das rodadas estatísticas são apresentados a seguir.

Como já mencionado, as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes para o uso do pronome *tu* nos dados das capitais foram: Paralelismo, Tipo de referência, Localidade, Faixa etária, Tipo de questionário, Escolaridade e Sexo, nesta ordem.

5.3.1 As variáveis extralinguísticas

5.3.1.1 Distribuição diatópica

Controlar esta variável teve por objetivo investigar a variação diatópica concernente à aplicação da regra variável em seis capitais da região Norte: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho.

Tabela 30: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo a distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB

CAPITAL	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Macapá (AP)	128/326	39,3	0,70
Boa Vista (RR)	31/203	15,3	0,32
Manaus (AM)	99/484	20,5	0,52
Belém (PA)	52/203	25,6	0,53
Rio Branco (AC)	103/417	24,7	0,54
Porto Velho (RO)	30/244	12,3	0,23

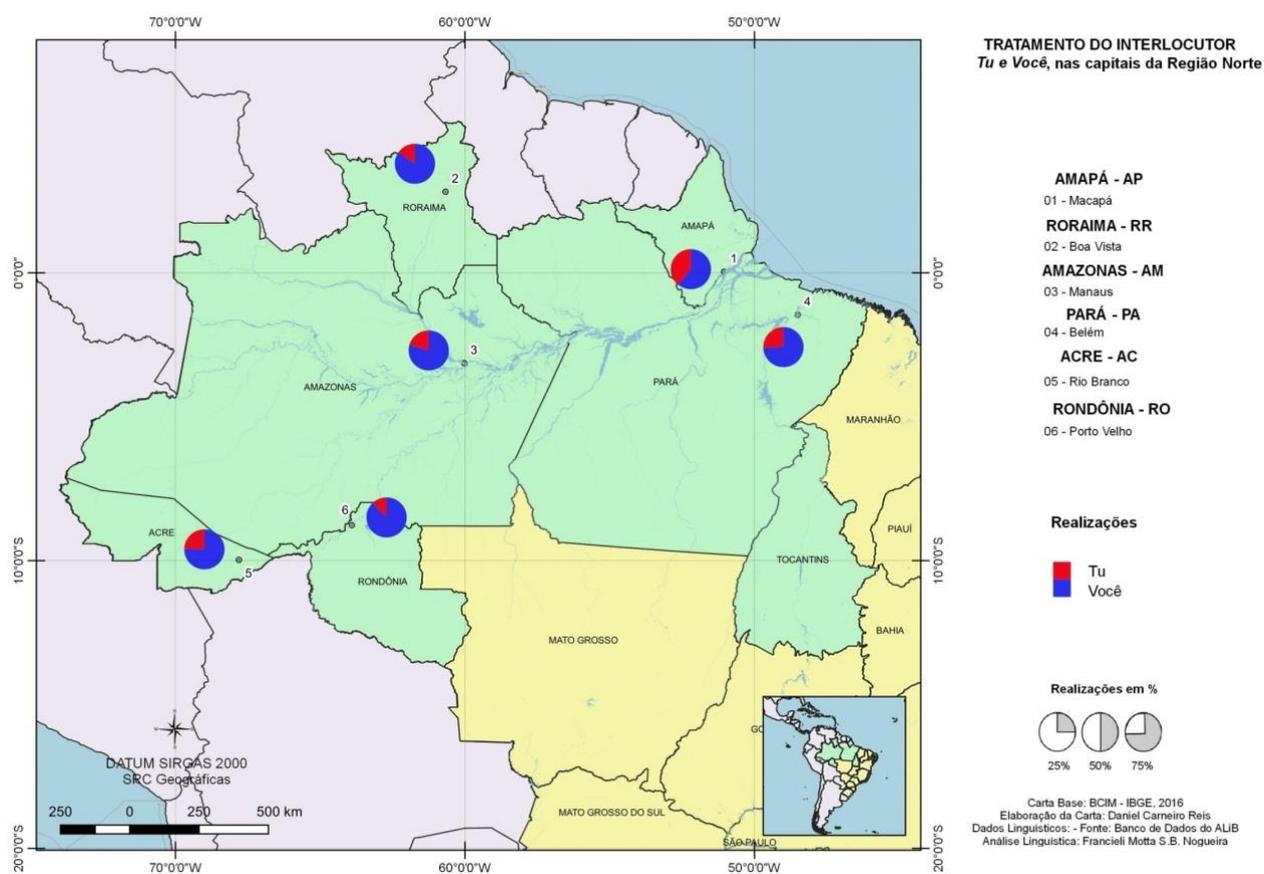
Input: 0,162; *Significance:* 0,006

Fonte: Elaborado pela autora.

Levando em consideração todos os informantes das capitais da região Norte, pode-se perceber que duas capitais inibem o uso do pronome *tu* (Boa Vista e Porto Velho), enquanto outras quatro favorecem seu uso, Macapá, Manaus, Belém e Rio Branco, com pesos relativos de 0,70, 0,52, 0,53 e 0,54, respectivamente.

A Figura 31, a seguir, apresenta a distribuição diatópica dos pronomes *tu* e *você* nas capitais da região Norte.

Figura 31: Distribuição dos pronomes *tu* e *você* nas capitais da região Norte: dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados do Projeto ALiB

A partir da leitura da figura 33, pode-se perceber que o pronome *tu* está presente em todas as capitais, mesmo que em baixa frequência. Como já expresso, favorecem o uso desse pronome as capitais Macapá-AP, Manaus-AM, Belém-PA e Rio Branco-AC e o desfavorecem as capitais Boa Vista-RR e Porto Velho-RO.

Destaca-se, mais uma vez, que o período de formação dessas localidades coincide com o momento em que o uso do pronome *você* estava em franca expansão no PB, o que, dentre outros fatores, pode explicar o predomínio do pronome *você* nessa região. Sobre o uso do pronome *tu*, os resultados relativos aos fatores sociais nas capitais, que serão vistos adiante, a exemplo do uso mais frequente por parte das mulheres, dão indícios de que o pronome *tu* seja de uso mais geral nas localidades em que ele é favorecido, seguindo o movimento apresentado por Scherre e Yacovenco (2011) para o papel dos fatores sociais na variação *tu/você*.

5.3.1.2 Faixa etária

A variável social faixa etária foi a quarta a ser selecionada pelo *GoldVarb 2001* como favorecedora do pronome *tu* nas capitais. Como já mencionado anteriormente, para a análise deste fator, foram consideradas duas faixas etárias: faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos). Os resultados encontrados podem ser conferidos na Tabela 31.

Tabela 31: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo a faixa etária dos informantes: dados do Projeto ALiB

FAIXA ETÁRIA	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Faixa I (18 a 30 anos)	233/775	30,1	0,65
Faixa II (50 a 65 anos)	210/1102	19,1	0,39

Input: 0,162; *Significance:* 0,006

Fonte: Elaborada pela autora.

Esses resultados evidenciam que, de forma geral, são os mais jovens que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,65. Assim, a hipótese assumida inicialmente foi confirmada, os dados das capitais seguem a mesma direção da pesquisa de Martins (2010) na cidade de Tefé-AM, cujos resultados foram os seguintes: a faixa etária de 7 a 10 anos apresentou peso relativo de 0,95, a faixa etária de 20 a 35 anos, 0,52 e os falantes com mais de 50 anos apresentaram peso relativo de 0,36. Embora menos polarizados, os dados de Babilônia e Martins (2011) sobre a fala culta manauara também seguem a mesma direção, o pronome *tu* é favorecido pelos mais jovens.

Além dos estudos referidos sobre a região Norte, os de Paredes Silva (2003) na região Sudeste, Loregian-Penkal (2004) na região Sul, Alves (2010) no Nordeste, e Dias (2007) na região Centro-Oeste também evidenciam esse movimento em que os falantes mais jovens são os que mais favorecem o uso do pronome *tu*, sinalizando o retorno desse pronome à fala brasileira, nos termos de Paredes Silva (2003).

Ao analisar a variação *tu/você* em seis localidades do estado do Maranhão, a partir do banco de dados do Projeto ALiMA, Alves (2010) informa que a variável faixa etária foi considerada a mais relevante pelo programa *GoldVarb*. Os resultados, no entanto, contrariaram a hipótese assumida inicialmente pela autora, no referido *corpus* são os mais jovens que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,63. O pronome *tu* foi liderado pelos mais jovens em todas as localidades pesquisadas, destacando-se a capital do estado, São Luís, com o maior percentual de ocorrências para este pronome (65%).

A fim de observar as implicações da faixa etária na compreensão dos condicionamentos sociais para o uso do pronome *tu* nas capitais, foi realizado um cruzamento entre os fatores

faixa etária e localidade. Os valores dispostos na Tabela 32 permitem que se observe a situação de cada uma das capitais, quanto a esse aspecto, em relação às demais.

Tabela 32: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo a faixa etária dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB

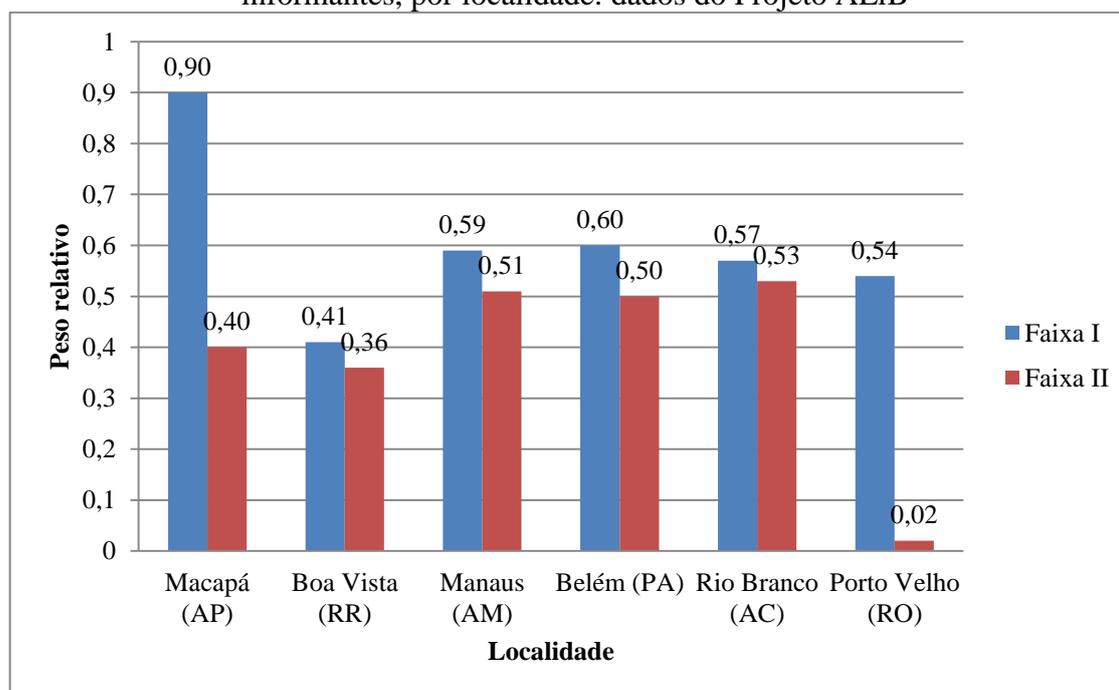
LOCALIDADE	FAIXA I			FAIXA II		
	APLIC./TOTAL	%	P.R.	APLIC./TOTAL	%	P.R.
Macapá (AP)	98/188	52,1	0,90	30/138	21,7	0,40
Boa Vista (RR)	16/108	14,8	0,41	15/95	15,8	0,36
Manaus (AM)	40/174	23	0,59	59/310	19	0,51
Belém (PA)	22/66	33,3	0,60	30/137	21,9	0,50
Rio Branco (AC)	28/130	21,5	0,57	75/287	26,1	0,53
Porto Velho (RO)	29/109	26,6	0,54	1/135	0,7	0,02

Input: 0,138; *Significance:* 0,024

Fonte: Elaborada pela autora.

Vê-se, diante dos resultados, que, à exceção da capital de Roraima, o pronome *tu* é favorecido pelos indivíduos mais jovens, da faixa etária I. O Gráfico 16 apresenta uma melhor visualização desses resultados.

Gráfico 16: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo a faixa etária dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pela autora.

O cruzamento dos fatores faixa etária e localidade revela que nas quatro capitais em que o pronome *tu* é favorecido, no que se refere ao comportamento geral, Macapá, Manaus, Belém e Rio Branco, são os mais jovens que favorecem seu uso. Destaca-se, desse grupo, a capital do Amapá, em que o pronome *tu* é fortemente favorecido pelos mais jovens, com peso relativo de 0,90, enquanto os mais velhos exercem efeito desfavorecedor, com peso de 0,40. Nas demais, os indivíduos da faixa I apresentam comportamento ligeiramente mais favorável que os mais velhos.

As capitais Boa Vista e Porto Velho desfavorecem o uso de *tu*, no que tange ao comportamento geral e, concernente à variável faixa etária, comportam-se de modo distinto. Em Boa Vista, o comportamento das duas faixas etárias é bastante semelhante, com leve liderança dos indivíduos da faixa I. Já em Porto Velho, além de o fenômeno ser favorecido pelos jovens, os mais velhos o inibem fortemente.

5.3.1.3 Escolaridade

A partir da observação dessa variável buscava-se averiguar se o pronome *tu* se encontrava estratificado entre falantes menos e mais escolarizados. Destaca-se que essa foi a sexta das sete variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes pelo *GoldVarb 2001* para o uso do pronome *tu*. Na Tabela 33, encontram-se dispostos os valores obtidos.

Tabela 33: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o nível de escolaridade dos informantes: dados do Projeto ALiB

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fundamental	245/774	31,7	0,60
Universitário	198/1103	18	0,42

Input: 0,162; *Significance:* 0,006

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir desses valores, nota-se que, de modo geral, são os informantes com ensino fundamental que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,60, enquanto os falantes mais escolarizados apresentam peso relativo de 0,42, desfavorecendo o uso da variante considerada padrão pelas gramáticas normativas. O agrupamento das variáveis distribuição diatópica e escolaridade forneceu valores que permitem observar a situação própria de cada capital, em confronto com as demais. Esses resultados podem ser visualizados na Tabela 34.

Tabela 34: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o nível de escolaridade dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB

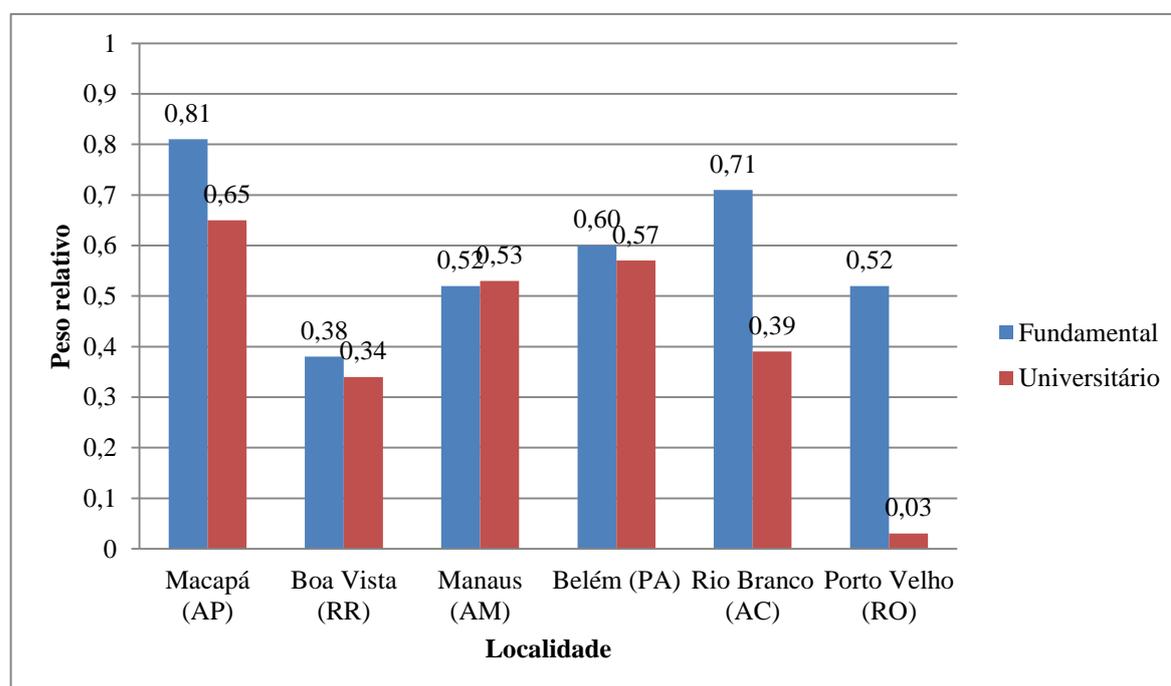
LOCALIDADE	ENSINO FUNDAMENTAL			UNIVERSITÁRIO		
	APLIC./TOTAL	%	P.R.	APLIC./TOTAL	%	P.R.
Macapá (AP)	56/131	42,7	0,81	72/195	36,9	0,65
Boa Vista (RR)	15/81	18,5	0,38	16/122	13,1	0,34
Manaus (AM)	28/111	25,2	0,52	71/373	19	0,53
Belém (PA)	31/95	32,6	0,60	21/108	19,4	0,57
Rio Branco (AC)	87/272	32	0,71	16/145	11	0,39
Porto Velho (RO)	28/84	33,3	0,52	2/160	1,2	0,03

Input: 0,144; *Significance:* 0,010

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota-se, diante dos resultados, que apenas em Boa Vista-RR essa variável não foi considerada relevante. Para melhor visualização dos dados, tem-se o gráfico 17.

Gráfico 17: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o nível de escolaridade dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se em quatro capitais a prevalência dos informantes com ensino fundamental como aqueles que lideram o uso do pronome *tu*. Macapá e Rio Branco destacam-se por apresentarem os maiores pesos relativos para a faixa etária I.

Esses resultados assemelham-se aos de Franceschini (2011), Modesto (2006) e Loregian-Penkhal (2004), que evidenciam uma forte influência da escolarização: quanto menor a escolaridade, maior o uso do pronome *tu*.

Já a capital do estado de Roraima, Boa Vista, além de não favorecer o pronome *tu* no que se refere ao comportamento geral, também o desfavorece no que tange à escolaridade. Nas capitais Manaus e Belém percebe-se que não há uma distinção significativa entre os graus de ensino, o que pode sugerir que essa variante não seja passível de estigma social.

Em sua pesquisa sobre a alternância dos pronomes *tu/você* na fala culta⁶² manauara, Babilônia e Martins (2011, p. 57) comentam justamente que “não há entre os manauaras cultos uma negativização social para o pronome *tu*, talvez por compreenderem (mesmo que inconscientemente) a existência de contextos de uso”. Isso pode explicar também a grande semelhança entre os resultados dos informantes de Manaus, que apresentam pesos relativos muito próximos para os dois graus de ensino, com uma sutil liderança dos mais escolarizados.

Já em Porto Velho, capital que desfavorece o *tu* no que tange ao comportamento geral, apenas os indivíduos com ensino fundamental favorecem o uso deste pronome, enquanto os mais escolarizados o inibem fortemente.

5.3.1.4 Sexo

A hipótese assumida inicialmente para este fator era a de que a preferência das mulheres seria o pronome *tu*, por acreditar que este pronome seja de uso mais geral nessas localidades. Segundo Scherre e Yacovenco (2011), em áreas em que o *tu* é traço natural da comunidade, como em Tefé-AM (MARTINS, 2010), Rio Grande do Sul e Santa Catarina (LOREGIAN-PENKAL, 2004), são as mulheres que tendem a favorecer o seu uso.

Salienta-se que esta foi a última variável selecionada pelo programa, os resultados estão dispostos na Tabela 35.

Tabela 35: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o sexo dos informantes: dados do Projeto ALiB

SEXO	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Homens	193/895	21,6	0,45

⁶² Os autores consideraram como português culto o português utilizado por falantes com ensino superior completo.

Mulheres 250/982 25,5 **0,54**

Input: 0,162; Significance: 0,006

Fonte: Elaborada pela autora.

Esses resultados confirmam a hipótese assumida inicialmente, de forma geral, são as mulheres que favorecem o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,54, embora os percentuais de aplicação e pesos relativos não tenham uma diferença muito significativa. A partir do cruzamento das variáveis sexo e distribuição diatópica, tornou-se possível observar as situações peculiares de cada uma, referente às demais. A Tabela 36 apresenta os resultados.

Tabela 36: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o sexo dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB

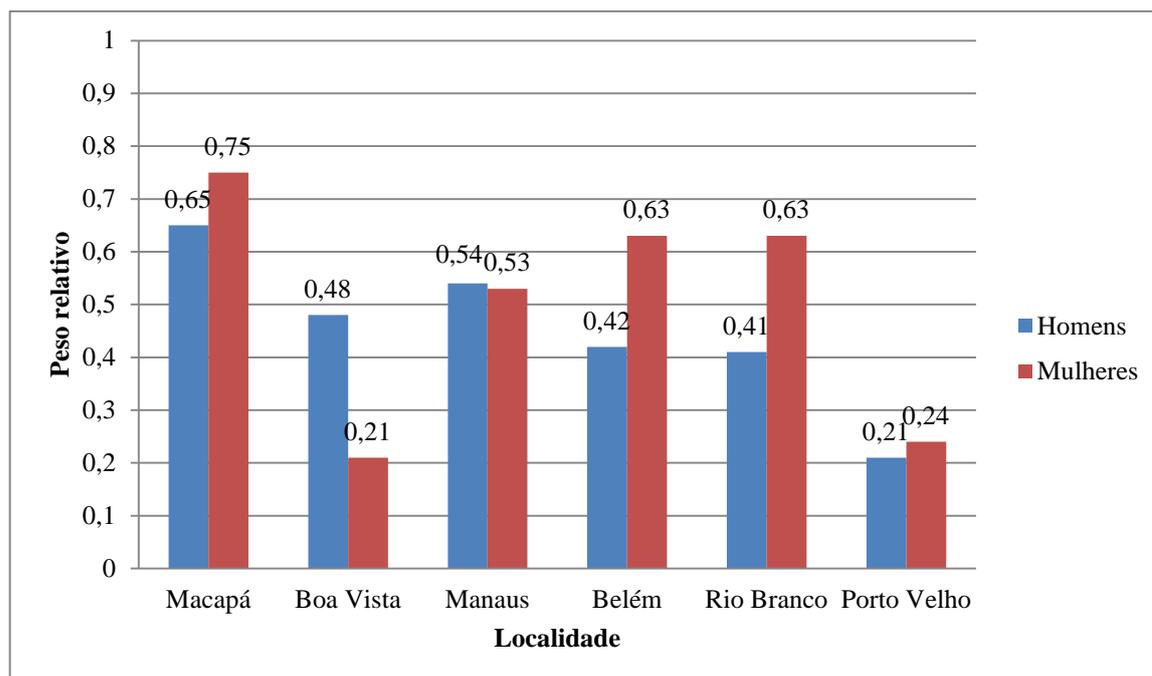
LOCALIDADE	HOMENS			MULHERES		
	APLIC./TOTAL	%	P.R.	APLIC./TOTAL	%	P.R.
Macapá	51/182	28	0,65	77/144	53,5	0,75
Boa Vista	15/82	18,3	0,48	16/121	13,2	0,21
Manaus	44/230	19,1	0,54	55/254	21,7	0,53
Belém	31/102	30,4	0,42	21/101	20,8	0,63
Rio Branco	36/165	21,8	0,41	67/252	26,6	0,63
Porto Velho	16/134	11,9	0,21	14/110	12,7	0,24

Input: 0,157; Significance: 0,000

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise do comportamento linguístico dos indivíduos de cada capital permite perceber que apenas em duas delas esta variável não se mostrou relevante. O Gráfico 18 apresenta uma melhor visualização dos resultados.

Gráfico 18: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o sexo dos informantes, por localidade: dados do Projeto ALiB



Fonte: Elaborado pela autora.

Depreende-se a partir dos resultados que as mulheres lideram o uso do pronome *tu* em três capitais: Macapá, Belém e Rio Branco. Salienta-se que as três também favorecem o uso de *tu* no que se refere ao o comportamento geral. Em Macapá, os homens também chegam a favorecer, com peso relativo de 0,65. Acredita-se que os resultados de Macapá e Manaus dão indícios de que o pronome *tu* seja a forma mais natural nessas comunidades. Os resultados dessas duas capitais assemelham-se aos de Martins (2010), como se observa na Tabela 37.

Tabela 37: Uso de *tu* por sexo/gênero do falante

Sexo/gênero	Frequência do <i>tu</i>		Peso relativo
	N	%	
Masculino	258/435	59,3	0,42
Feminino	262/371	70,6	0,58
TOTAL	520/806	64,5	

Fonte: Martins (2010, p. 71) (adaptada)

O autor destaca que esta foi a última variável selecionada pelo programa e revela que os homens inibem o uso da variante *tu*, que, por sua vez, é favorecida pelas mulheres. A hipótese assumida inicialmente para este fator era a de que Tefé seguiria a tendência de estudos das regiões Sudeste (PAREDES SILVA, 2003) e Centro-oeste (LUCCA, 2005; DIAS, 2007), o que não se confirmou.

Os homens lideram o uso do pronome *tu* apenas em duas capitais da região Norte. Em Boa Vista, o peso relativo é baixo, mas próximo à neutralidade, 0,48, já as mulheres inibem o uso desse pronome. Em Manaus, a liderança dos homens é pouco significativa. A única capital em que a variável sexo se mostrou irrelevante foi Porto Velho e, no que se refere ao comportamento geral, essa localidade desfavorece o uso de *tu*, com peso relativo de 0,23.

5.3.2 As variáveis linguísticas

5.3.2.1 Paralelismo linguístico

O fator paralelismo mede a influência de uma ocorrência precedente para a próxima ocorrência dentro de um mesmo turno de fala. Assim, a hipótese assumida foi a de que, se um determinado pronome é utilizado, dentro de um turno de fala, ele tenderá a ser utilizado nas demais ocorrências, dentro do mesmo turno. Além disso, buscou-se observar em que medida o uso de um mesmo pronome pelo inquiridor influencia a ocorrência do mesmo pronome por parte dos entrevistados.

Salienta-se que em diversas pesquisas sociolinguísticas de variação pronominal, dentre as quais estão as de Lucca (2005), Martins (2010), Alves (2015) e Silva (2019), o fator paralelismo tem se revelado como o de maior relevância e essa tendência também pôde ser observada nos dados das capitais nortistas, uma vez que foi o primeiro a ser selecionado como estatisticamente relevante pelo *GoldVarb 2001*. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 38.

Tabela 38: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o fator paralelismo: dados do Projeto ALiB

PARALELISMO	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Isolado	143/620	23,1	0,56
Ocorrência única após gatilho idêntico	17/273	6,2	0,11
Ocorrência única após gatilho diferente	61/65	93,8	0,97
Primeiro da série sem gatilho	57/256	22,3	0,61
Primeiro da série com gatilho idêntico	8/63	12,7	0,28
Primeiro da série com gatilho diferente	23/23	100	
Precedido de forma idêntica sem	66/444	19,8	0,59

gatilho			
Precedido de forma idêntica após gatilho idêntico	12/92	13	0,33
Precedido de forma idêntica após gatilho diferente	32/32	100	
Precedido de forma diferente sem gatilho	4/9	55,6	0,71

Input: 0,162; Significance: 0,006

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados revelam que, nos dados das capitais, o efeito gatilho também não atuou significativamente no sentido de favorecer o uso do pronome *tu*. Os pesos relativos para as ocorrências com gatilho idêntico foram inexpressivos: os casos de *tu* nos contextos de ocorrência única após gatilho idêntico, primeiro da série com gatilho idêntico e precedido de forma idêntica após gatilho idêntico apresentaram pesos relativos de 0,11, 0,28 e 0,33, respectivamente.

Observa-se que o “efeito gatilho” atuou fortemente nas ocorrências do pronome *você*. Pode-se notar também que as ocorrências de *tu* foram fortemente favorecidas pelos contextos em que o gatilho foi diferente: ocorrência única após gatilho diferente (peso relativo 0,97). Salienta-se que houve apenas ocorrências do pronome *tu* (nocaute) nos contextos de primeiro da série com gatilho diferente (23 ocorrências) e precedido de forma idêntica após gatilho diferente (32 ocorrências), por conta disso optou-se por retirá-las da rodada no *GoldVarb 2001*, mas mantê-los na Tabela 37 para melhor visualização dos resultados.

No que se refere às ocorrências sem gatilho do documentador, os resultados atestam que o pronome *tu* é favorecido quando há um *tu* precedente seja sem gatilho, com peso relativo de 0,59, seja com gatilho diferente (uso categórico). O pronome *tu* demonstra ser favorecido também nos contextos em que figura como o primeiro da série, com peso de 0,61, e em construções isoladas, com peso relativo de 0,56.

Diante disso, pode-se afirmar que o princípio do paralelismo atua na escolha das variantes. Resultados semelhantes foram encontrados por Martins (2010), em Tefé-AM, em que a realização do *tu* precedido por outro *tu* foi fortemente favorecida, com peso relativo de 0,75 e o fator isolado não precedido também revelou uma influência favorável sobre o uso de *tu*, com peso relativo de 0,58.

Apresentando comportamento semelhante destaca-se, também, o estudo de Silva (2019). Ao estudar a variação *tu/você* em Coité da Nóia-AL, a autora observa que o pronome

tu além de ser fortemente favorecido quando antecedido por outro *tu*, com peso relativo de 0,98, é também favorecido quando ocorre de maneira isolada, com peso relativo de 0,64.

Vejam-se exemplos de contextos favorecedores:

INQ. – Agora são questões assim de situação também. Uma chave cai do bolso de um rapaz jovem e ele não viu, como é que um outro rapaz jovem vai avisar?

INF. – Meu, *tu* deixou cair a chave...

(Homem, faixa II, ensino universitário, Boa Vista – RR)

INQ. – E se a senhora quer saber se seu amigo toma leite ou café, como é que a senhora faz essa pergunta pra ele?

INF. – Ai, agora tá complicando, né... Não sei, eu perguntaria assim: fulano, *tu* queres, ou *tu* preferes café ou leite? *Tu* tomas café, ou *tu* tomas leite?

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Belém – PA)

INQ. – Então essa pessoa que não enxerga longe, tem um nome comum que a gente fala, ela é o quê?

INF. – Diz assim, fulano, *tu* num tá enxergando direito, *tu* já és cega, né? Tem aquele negócio de dizer assim: É cega, *tu* já tá cega, *tu* num enxerga direito e tudo, é... um problema.

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Macapá – AP)

INQ. – Você podia falar um pouquinho pra mim de sua rotina no trabalho, você trabalha em três escolas, fala um pouquinho aqui dessa escola.

INF. – Essa escola eu estou começando este ano.

INQ. – Ah, então fala lá do núcleo [inint.].

INF. – É... Por exemplo... lá na escola, a gente... a gente trabalha... ai, não tô conseguindo dizer o que.. não tô conseguindo saber o que *tu* queres.

INQ. – Como que é seu trabalho, se é cansativo, se não é...

INF. – Dar aula não é cansativo, dar aula é legal, eu gosto. O que eu não gosto muito é... aquela outra parte que *tu* tens que preencher o diário, no caso, lá são as fichas, né, de frequência. Aí *tu* tens que preencher a ficha com o conteúdo, *tu* tens que preencher ficha com as médias... isso aí eu acho muito cansativo. A aula, eu gosto, eu gosto dos

meus amigos, do corpo técnico e tudo. Gosto muito dos meus alunos, não gosto das fichas.

(Mulher, faixa I, ensino universitário, Macapá – AP)

5.3.2.2 Tipo de referência

A variável tipo de referência foi testada por se acreditar na possibilidade de que ela exerce influência na escolha dos pronomes, tendência já apontada nos estudos de Modesto (2006), Alves, (2010), Nogueira (2013), Andrade (2015), Silva (2017), entre outros. Tal é a relevância desta variável, que foi a segunda a ser selecionada pelo *GoldVarb 2001* como estatisticamente relevante para o uso do pronome *tu*. Os resultados estão arrolados na Tabela 39.

Tabela 39: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o fator tipo de referência: dados do Projeto ALiB

REFERÊNCIA	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Específica	322/951	33,9	0,69
Genérica	121/926	13,1	0,30

Input: 0,162; *Significance:* 0,006

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados evidenciam que a hipótese assumida foi confirmada: o pronome *tu* é favorecido quando a referência é específica, ao passo que o pronome *você* é fortemente restringido. Eles seguem a tendência já confirmada nos estudos de Duarte (1997) de que, no que concerne à indeterminação, há nítida preferência pelo uso da forma *você*, seguido da forma *a gente* e do pronome *eles*. Vejam-se mais exemplos:

INQ. – Como faz?

INF. – **Tu** corta o cupuaçu, ou então já compra cortado, bota no liquidificador o bolinho de cupuaçu, aí bota a metade da lata de leite e a metade da lata de creme e bate... aí quando bater bem batidinho, aí **você** bota numa travessa... se **você** gostar de açúcar, **você** bota açúcar, se **você** não gostar, deixa sem açúcar mesmo que o leite condensado vai adoçar... aí, se gostar muito doce, bota uma colher de açúcar... aí **tu** faz... pega o restante do cupuaçu e bota de novo...

(Mulher, faixa II, ensino fundamental, Rio Branco – AC)

INQ. – Quando você toma conhecimento que um amigo seu casou, né, aí você vai comentar com esse amigo a novidade... porque tipo... faz tempo que você não vê ele. Aí você fala assim: oh, tudo bem? Eu... que casou.

INF. – Que casou?

INQ. – Eu... Você vai comentar que você ficou sabendo, né?

INF. – Aí como que eu falo? Eu falo: pô, mano, fiquei sabendo que *tu* casou...

(Homem, faixa I, ensino fundamental, Porto Velho - RO)

5.3.2.3 Tipo de questionário

A análise deste fator teve por objetivo observar em que medida o tipo de questionário poderia interferir na variação *tu/você*. Acreditava-se que em alguns deles os informantes poderiam se sentir mais à vontade, monitorando menos a fala (perguntas metalinguísticas e discursos semidirigidos) e em outros, os indivíduos estariam mais preocupados em como elaborar o discurso, como nas questões referentes ao questionário morfossintático, às questões de prosódia e às de pragmática.

Esta variável foi a quinta a ser selecionada pelo *GoldVarb 2001* e os resultados podem ser visualizados na Tabela 40.

Tabela 40: O uso do pronome *tu* nas capitais da região Norte, segundo o tipo de questionário: dados do Projeto ALiB

QUESTIONÁRIO	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Fonético-Fonológico	26/141	18,4	0,36
Questões de Prosódia	56/291	19,2	0,34
Semântico-Lexical	149/697	21,4	0,53
Morfossintático	110/442	24,9	0,54
Questões de Pragmática	4/17	23,5	0,31
Perguntas Metalinguísticas	23/53	43,4	0,64
Discursos Semidirigidos	75/236	31,8	0,57

Input: 0,162; *Significance:* 0,006

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados demonstram que a hipótese assumida para este fator foi parcialmente confirmada. De fato, as perguntas metalinguísticas e os discursos semidirigidos favorecem o uso do pronome *tu*, com pesos relativos de 0,64 e 0,57, respectivamente. Diferentemente da

expectativa inicial, o questionário morfossintático e o semântico-lexical também demonstraram exercer efeito favorecedor, com pesos relativos de 0,54 e 0,53, respectivamente.

Depara-se, mais uma vez, com o fato de diversos informantes terem a consciência de que fazem uso do pronome *tu*, apesar de pouco se perceber nos resultados globais. Seguem alguns exemplos.

INQ. – Alguém lhe pede uma coisa, uma tarefa pra você fazer, mas outra pessoa acha que essa tarefa é pra ela, então você diz: essa tarefa na verdade é para...

INF. – Você.

INQ. – Não. A tarefa é sua, o outro que tá querendo fazer sua tarefa. Aí você diz: essa tarefa é para...

INF. – Mim.

INQ. – Fazer?

INF. – Ah, para eu fazer.

INQ. – Nunca sai um *mim* não?

INF. – Não é pra mim fazer... Isso é pra mim.

INQ. – Não é normal essa construção?

INF. – É... pra mim... é bastante normal. Pra mim fazer. Normal.

INQ. – Você usa mais o pra mim fazer ou pra eu fazer?

INF. – Para eu fazer, mas...

INQ. – Você, no dia a dia assim...

INF. – Não, *você*... É mais *tu*, a expressão assim.

INQ. – Hã.

INF. – Aqui a gente mesmo não fala *você*. A gente pode até usar, mas o *tu* é... é... é... *tu*, pra ti, é... que mais?

INQ. – Em que situações que se usa o *tu* e em que situações que usa o *você*?

INF. – É tipo assim: *você* em algum lugar? Ou... *Tu* fostes lá? Ou *tu* fizestes... *tu* não sei o quê, é mais *tu*, *tu*, *tu*...

INQ. – E tem alguma situação específica quando utilizar o *você*?

INF. – Não.

INQ. – Em termos assim de grau de... maior ou menor grau de formalidade entre as pessoas? Digamos que você recém conheceu uma pessoa, você a chama de *tu* ou de *você*?

INF. – *Você.*

INQ. – *Você?* Quando é menos, então, não?

INF. – Deixa eu ver aqui...

INQ. – Por exemplo, se...

INF. – Não, assim... se por exemplo eu tô em casa com meus amigos assim... tipo assim, tá eu e aquele meu amigo que veio, meu irmão, aí tá um primo meu, a gente conversa aí e a gente fala é *tu, tu, tu, tu...* Entendeu?

INQ. – Agora pra falar comigo, por exemplo, que você não me conhece muito, aí é *você?*

INF. – Pode ser. (risos)

(*Homem, faixa I, ensino universitário, Boa Vista – RR*)

INQ. – Você disse que tem um irmão, não é?

INF. – Aham.

INQ. – Como que você diria pra ele que algo pertence a ele? Oh, meu irmão, isso é...?

INF. – Teu. Eu não sei por que, mas... é teu. Isso é teu.

INQ. – Você usa mais o teu ou o seu?

INF. – Eu geralmente eu uso o teu pra quem é mais próximo, e o seu pra quem eu não, não... não sou tão próximo assim, né. Eu não sei... eu geralmente faço isso.

INQ. – Por isso que você...

INF. – É. É seu e o dele é teu.

INQ. – Ah, interessante.

INF. – Eu acho que isso começou depois que eu estudei espanhol.

INQ. – É?

INF. – Porque no espanhol eles fazem bem essa diferença, né, do... do... [inint.]

INQ. – Mas as pessoas, de modo geral, fazem essa diferença aqui?

INF. – Eu acho que fazem, mas não tão rígido quanto eu, mas eu acho que faz também. Geralmente eu vejo o pessoal usando *você* pra quem não conhece, né... Geralmente falam *você*.

INQ. – E pra um amigo?

INF. – Já.. já.. aí já... geralmente fica *tu*... Mas é... mas acho que não é tão rígido quanto o meu... eu assim, acho que acaba misturando um pouco, né.. mas... é... mas acho que geralmente o *você* é pra... pra quem *você*... pra quem não... não conhece tanto... ou

quando tá numa loja... mas se bem que numa loja é um senhor, uma senhora, não é o *você*, então...

(*Homem, faixa I, ensino universitário, Manaus – AM*)

A partir desses exemplos, busca-se mostrar, mais uma vez, o quanto o gênero do discurso pode ter interferido na obtenção dos dados do pronome *tu* no *corpus* do Projeto ALiB, por se tratar de um pronome mais íntimo e mais informal. Isso ficou evidente em outras pesquisas, como a de Martins (2010), Babilônia e Martins (2011) e Paredes Silva (2003).

Em seu estudo, Paredes Silva (2003) analisou a variação pronominal na fala carioca, primeiramente a partir de 64 entrevistas sociolinguísticas do Projeto Peul/UFRJ. Essas entrevistas, gravadas na década de 1980, constituíram o *Projeto Censo da Variação Lingüística do Rio de Janeiro*. Ao analisá-las, a autora percebeu que o uso do pronome *tu* foi bem baixo, em torno de 10% da amostra. Em seguida, Paredes Silva (2003) partiu para a análise das gravações do *Banco de Dados Interacionais – BDI*, também pertencente ao PEUL, gravado em 1989-1990, com o objetivo captar a fala em situações mais naturais, com o consentimento dos informantes. Novamente as ocorrências do pronome *tu* foram bastante insignificantes, apenas cinco ocorrências, num total de seis entrevistas analisadas. A autora destaca que o fato de os participantes terem a ciência de estarem sendo gravados pode tê-los, de certa forma, inibido. Acredita-se que, de modo semelhante, isso também pode ter ocorrido nas entrevistas do ALiB.

Apesar desses resultados, as observações assistemáticas do uso dos pronomes de segunda pessoa por falantes cariocas, em diversos contextos, apontava para um uso crescente do pronome *tu*, o que levou a autora a investir na constituição de um novo *corpus*, denominado Paredes 96. A estratégia utilizada foi a gravação oculta de conversas entre duas ou três pessoas e totalizou oito gravações de cerca de 20 minutos cada. Após comparar os resultados dos três *corpora*, ficou evidente a diferença de resultados.

O percentual de ocorrências do pronome *tu* foi significativamente maior no *corpus* constituído por conversas espontâneas (cf. Tabela 11). No que se refere ao pronome *você*, o uso foi elevado e semelhante nos *corpora* constituídos por entrevistas sociolinguísticas e por gravações consentidas de fala casuais.

5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Retomando as considerações acerca da variação diatópica na região Norte, após as análises dos fatores linguísticos e sociais que atuam na variação *tu/você* nas amostras de modo separado, apresentam-se, aqui, os resultados encontrados no *corpus* completo, contemplando as amostras em conjunto. Assim, busca-se observar os subsistemas que os dados apresentam nas localidades pesquisadas.

Scherre et al. (2015) realizaram um mapeamento que abrange quase todo o país, proporcionando uma visão ampla de como a variação *tu/você* está distribuída nos estados e, por conseguinte, nas regiões. Para a realização desse mapeamento, foram analisados trabalhos que totalizaram 60 amostras diversificadas, sendo 41 amostras de entrevistas sociolinguísticas; 12 amostras de conversas naturais estimuladas e não estimuladas, ocultas e não ocultas; seis amostras de entrevistas geolinguísticas; e uma amostra de conversas estimuladas por gravuras, correspondendo a cerca de 29 mil dados. A partir da análise desses estudos já desenvolvidos e a que tiveram acesso, os autores identificaram seis subsistemas, que podem ser visualizados na Figura 32.

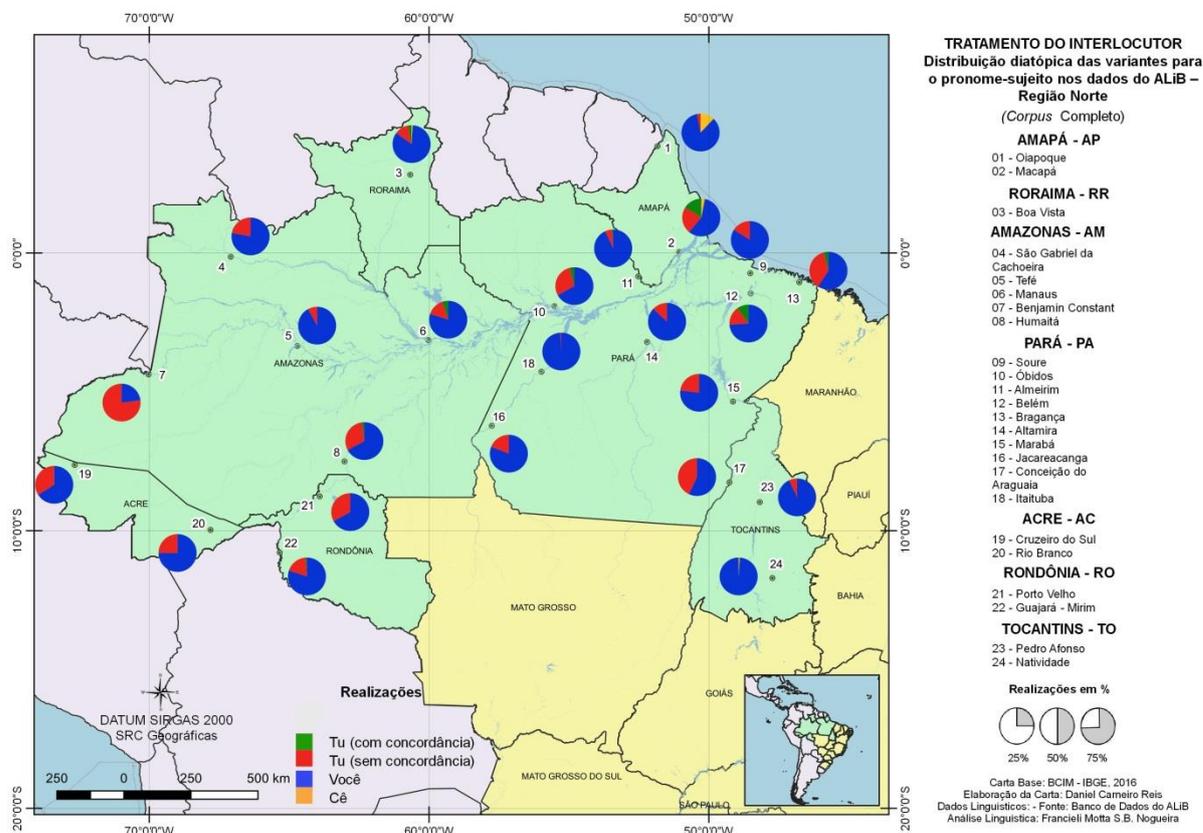
Figura 32: Seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa *você* e *tu* no português brasileiro



Fonte: Scherre et al. (2005, p. 142)

Sobre a região Norte, nota-se que há, ainda algumas áreas a serem mapeadas, como é o caso dos estados do Amapá e Rondônia, além de parte do Tocantins e do Amazonas. A Figura 33 apresenta a distribuição espacial de todos os dados obtidos nesta pesquisa.

Figura 33: Distribuição diatópica das variantes para o pronome sujeito na região Norte: dados do Projeto ALiB (*corpus* completo)



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados do Projeto ALiB

Analisando os resultados encontrados nesta pesquisa e os subsistemas propostos por Scherre et al. (2005), observa-se que os dados relativos ao estado do Acre no *corpus* do Projeto ALiB também apresentam o subsistema **você/tu sem concordância**. Sobre o estado do Amapá, observa-se que Oiapoque, situado no extremo norte, apresenta o subsistema **você/tu sem concordância**; no que se refere a Macapá, situado mais ao sul, apresenta o subsistema **tu/você** ($tu < 60\%$ ⁶³) **com concordância alta**⁶⁴. O estado de Rondônia, sobre o qual ainda não havia estudos, apresenta o subsistema **você/tu sem concordância**.

No que se refere ao estado de Tocantins, os dados do ALiB revelam que Natividade apresenta o subsistema **só você** e Pedro Afonso, o subsistema **você/tu sem concordância**. O

⁶³ Houve 39,3% de ocorrências do pronome *tu*.

⁶⁴ 40,6% das ocorrências de *tu* seguiram a concordância canônica de segunda pessoa.

estado de Roraima, por sua vez, apresenta o subsistema **você/tu sem concordância**, seguindo a tendência apontada por Scherre et al. (2015).

Os dados do ALiB revelaram que o estado do Amazonas apresenta o subsistema **você/tu sem concordância**. Apenas Manaus e Humaitá, localizadas mais ao leste do estado, apresentaram dados de *tu* com concordância, mas com percentuais bem baixos, 5,4% e 2,2%, respectivamente. Salienta-se que os dados relativos à cidade de Tefé, em Scherre et al., relativos à pesquisa de Martins (2010), exibem o subsistema **mais tu com concordância baixa**.

Diferentemente de Scherre et al. (2015), o estado do Pará apresenta dois subsistemas: 1) **você/tu sem concordância**, em Almeirim, Soure, Altamira, Marabá, Jacareacanga, Conceição do Araguaia e Itaituba; e 2) **tu/você** ($tu < 60\%$ ⁶⁵) **com concordância média**⁶⁶, nas cidades de Belém, Óbidos e Bragança, situadas mais ao norte do estado.

Diante dos resultados obtidos pelos dados do Projeto ALiB, observou-se a existência de dois subsistemas ainda não propostos, em que o pronome *tu* apresenta percentuais acima de 25%, e menor que 60%: subsistema **tu/você** ($tu < 60\%$) **com concordância média** (de 10 a 39%) e **tu/você** ($tu < 60\%$) **com concordância alta** (de 40% a 60%).

Esses resultados somam-se aos demais estudos desenvolvidos em outras regiões e visam dar conhecimento acerca da variação *tu/você* na maior região do país, a região Norte.

⁶⁵ Os percentuais de ocorrências do pronome *tu* em Belém, Óbidos e Bragança foram de 25,6%, 33,3% e 41,5%, respectivamente.

⁶⁶ Os percentuais de concordância obtidos em Belém, Óbidos e Bragança foram de 38,5%, 12% e 11,4%, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui empreendida resultou da investigação de um *corpus* de língua oral pertencente ao bando de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Tratou-se de um recorte da rede de pontos do referido Projeto, constituído pelos dados obtidos nas 24 localidades que compõem a região Norte, totalizando 120 entrevistas.

Com base no arcabouço teórico-metodológico da Dialetoologia Pluridimensional (THUN, 2000) e da Sociolinguística Variacionista (LAVOV, 2008[1972]), foi possível investigar o uso dos pronomes *tu* e *você* nos sete estados que compõem a região Norte e contribuir para o conhecimento da realidade linguística do PB do ponto de vista da sua distribuição espacial (variação diatópica) e social (variação diastrática, diageracional e diagenérica). A partir de estudos já realizados sobre a variação *tu/você*, estabeleceu-se como objetivo geral analisar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação desses pronomes no português falado na região Norte.

A análise geral dos dados demonstrou que o pronome *você* é a forma mais usual na região Norte, correspondendo a 77,3% das ocorrências, seguido pelo pronome *tu* sem a concordância canônica (18,5%), *tu* com concordância (3,5%) e *cê* (0,7%). Tendo em vista esse cenário, decidiu-se juntar os dados de *cê* aos de *você*, os de *tu* sem concordância aos de *tu* com concordância e, a fim de estabelecer uma melhor comparação dos dados e evitar possíveis enviesamentos dos resultados, optou-se por dividir o *corpus* em duas amostras, assim denominadas: 1) amostra *Ensino Fundamental*, composta pelos dados dos informantes das 24 localidades da região Norte, apenas com ensino fundamental (96 entrevistas); e 2) amostra *Capitais*, composta pelos dados dos informantes das capitais, distribuídos em dois graus de ensino: ensino fundamental e universitário (48 entrevistas). Salienta-se, mais uma vez, que para o tratamento estatístico dos dados foi estabelecido como regra de aplicação a variante *tu*, a fim de melhor averiguar os contextos de ocorrência.

A partir da amostra *Ensino Fundamental* pôde-se observar que, dos sete fatores controlados, seis foram considerados pelo *GoldVarb 2001* como estatisticamente relevantes para o uso do pronome *tu*, nesta ordem: (1) paralelismo; (2) faixa etária; (3) localidade; (4) tipo de referência; (5) tipo de questionário e (6) tempo verbal.

No que se refere ao paralelismo linguístico, os resultados encontrados demonstram que a forma pronominal anterior (*tu* ou *você*) favorece a mesma forma na(s) oração(ões) seguinte(s). Assemelhando-se aos estudos de Andrade (2010), Guimarães (2019), o pronome *tu* é fortemente favorecido quando precedido por outro *tu*, seja com gatilho diferente ou sem

gatilho do documentador, com pesos relativos de 0,99 e 0,59, respectivamente. Este pronome é favorecido, ainda, quando é o primeiro da série sem gatilho (peso relativo de 0,63), ou com gatilho diferente (peso relativo de 0,99). Esses resultados demonstram que a fala do documentador influenciou as ocorrências do pronome *você*, em detrimento do pronome *tu*.

De modo geral, a faixa etária I favorece o uso do pronome *tu*, com peso relativo de 0,68, comprovando a hipótese assumida para esse fator. Analisando a faixa etária em função da localidade, observou-se que as cidades que favorecem o *tu* apresentaram as seguintes situações distintas: 1) os falantes das duas faixas etárias favorecem seu uso - Óbidos, Belém, Jacareacanga, Conceição do Araguaia, Cruzeiro do Sul e Rio Branco; 2) apenas os falantes mais jovens favorecem seu uso - Macapá, São Gabriel da Cachoeira, Manaus e Humaitá; 3) apenas os falantes mais velhos favorecem seu uso - Benjamin Constant, Bragança e Marabá.

No que tange à variação espacial, os dados revelaram que o pronome *tu* foi favorecido por localidades dos estados do Amapá (Macapá), Amazonas (São Gabriel da Cachoeira, Manaus, Benjamin Constant e Humaitá), Pará (Óbidos, Belém, Bragança, Marabá, Jacareacanga e Conceição do Araguaia), Acre (Cruzeiro do Sul e Rio Branco) e Rondônia (Porto Velho) e desfavorecido nos estados de Roraima e Tocantins. Destaca-se o fato de os dois pontos do estado do Acre favorecerem o *tu* e as localidades pertencentes aos estados de Roraima e Tocantins o desfavorecerem.

Seguindo a tendência apontada em outros estudos (MODESTO, 2006; ANDRADE, 2010; GUIMARÃES, 2014, 2019; FRANCESCHINI, 2011; MARTINS, 2010), o pronome *tu* foi favorecido pelas referências específicas, com peso relativo de 0,66 e fortemente inibido pelas referências genéricas.

Quanto à variável tipo de questionário, os resultados atestaram a hipótese de que as perguntas metalinguísticas e os discursos semidirigidos favorecem o uso do pronome *tu*, com pesos relativos de 0,65 e 0,54, respectivamente. Aventou-se essa hipótese por acreditar que seriam esses os contextos em que os informantes estariam mais à vontade e utilizariam a fala de modo mais espontâneo, contexto favorável para as ocorrências do pronome *tu*. Além desses contextos, e com maior peso relativo (0,70), o questionário semântico-lexical também exerceu efeito favorecedor para a ocorrência do pronome *tu*.

O último fator selecionado, tempo verbal, apresentou peso relativo próximo à neutralidade, 0,52, em contextos em que os verbos não estão no passado.

Na amostra denominada *Capitais*, chegou-se aos seguintes resultados: dos oito fatores controlados, sete foram considerados pelo *GoldVarb2001* como estatisticamente relevantes

para o uso do pronome *tu*, nesta ordem: (1) paralelismo; (2) tipo de referência; (3) localidade; (4) faixa etária; (5) tipo de questionário; (6) escolaridade e (7) sexo.

O fator paralelismo também foi o primeiro a ser selecionado nesta amostra, o pronome *tu* foi categórico quando precedido de forma idêntica após gatilho diferente, e favorecido por outro precedente sem gatilho, com peso relativo de 0,59. Outros contextos também favorecedores foram: isolado, ocorrência única após gatilho diferente e primeiro da série sem gatilho, com pesos relativos de 0,56, 0,97 e 0,61, respectivamente. Nota-se que, de modo geral, os dados da região Norte seguem a tendência dos estudos das regiões Centro-Oeste (LUCCA, 2005; ANDRADE, 2010) e Nordeste (GUIMARÃES, 2019; SILVA, 2019).

O tipo de referência, segundo fator selecionado, também seguiu a tendência apontada por outros estudos sobre a variação *tu/você* (MODESTO, 2006; NOGUEIRA, 2013; ANDRADE, 2010; SILVA, 2017), demonstrando que este pronome nas capitais da região Norte é favorecido pelas referências específicas, com peso relativo de 0,69.

Já no que diz respeito à variação diatópica, observou-se que das seis capitais analisadas, quatro delas favorecem o uso do pronome *tu*: Macapá, Manaus, Belém e Rio Branco, com pesos relativos de 0,70, 0,52, 0,53 e 0,54, respectivamente. As outras duas – Boa Vista e Porto Velho – exercem efeito desfavorecedor, com pesos relativos de 0,32 e 0,23, respectivamente.

No que concerne à faixa etária dos informantes, à exceção de Boa Vista, nas demais capitais da região Norte são os informantes mais jovens, da faixa etária I, que favorecem o uso do pronome *tu*. Destaca-se, nesse contexto, a capital Macapá, com maior peso relativo para os mais jovens, 0,90.

O tipo de questionário também demonstrou ser relevante para o uso do pronome *tu* na amostra das capitais e a hipótese assumida foi confirmada: as perguntas metalinguísticas e os discursos semidirigidos exercem efeito favorecedor, com pesos relativos de 0,64 e 0,57, respectivamente. Além desses contextos, o questionário semântico-lexical e o morfossintático figuraram, também, como favorecedores, com peso relativo de 0,53 e 0,54, respectivamente.

De modo geral, nas capitais da região Norte são os falantes com ensino fundamental que favorecem o pronome *tu*. A partir do cruzamento entre os fatores localidade e escolaridade, notou-se que o *tu* foi favorecido pelos falantes dos dois graus de ensino nas capitais Macapá, Manaus e Belém. Já nas capitais Rio Branco e Porto Velho, apenas os falantes com ensino fundamental favoreceram seu uso, com pesos relativos de 0,71 e 0,52, respectivamente. Boa Vista, por sua vez, foi a única capital em que os dois graus de ensino desfavoreceram o uso do pronome *tu*.

De referência à variável sexo, último fator selecionado na amostra *Capitais*, de modo geral, o pronome *tu* é favorecido pelas mulheres. Nas capitais em que este pronome é favorecido (Macapá, Manaus, Belém e Rio Branco), as mulheres favorecem seu uso, apenas em Manaus os homens lideram ligeiramente.

Observaram-se, também, os resultados de maneira conjunta (*corpus* completo), a fim de verificar os subsistemas que cada estado apresenta, e os resultados revelaram o seguinte: os estados do Acre, Rondônia, Manaus e Roraima apresentam o subsistema *você/tu* sem concordância, segundo a proposta de Scherre et al. O estado do Pará apresenta dois subsistemas: 1) *você/tu* sem concordância, nas cidades de Almeirim, Soure, Altamira, Marabá, Jacareacanga, Conceição do Araguaia e Itaituba, situadas mais ao sul do estado; e 2) *tu/você* ($tu < 60\%$) com concordância média, nas cidades de Belém, Óbidos e Bragança, mais ao norte do estado. Sobre o estado do Amapá, observou-se que Oiapoque, extremo norte, apresenta o subsistema *você/tu* sem concordância e Macapá, situado mais ao sul, apresenta o subsistema *tu/você* ($tu < 60\%$) com concordância alta.

Embora o pronome *você* tenha apresentado uso majoritário nos dados das duas amostras analisadas, acredita-se que o pronome *tu* seja mais usual nas localidades que o favorecem, que os números puderam revelar. Vários fatores contribuíram para que se tivesse essa percepção. Acredita-se que o gênero do discurso – entrevista – tenha influenciado o baixo número de ocorrências do pronome *tu*, associado ao fato de os inquiridores, em sua maioria, terem utilizado o pronome *você* nas entrevistas. Soma-se a isso o fato de alguns informantes terem relatado a percepção pessoal acerca do uso do pronome *tu* em algumas localidades pesquisadas e a influência dos fatores sociais faixa etária e sexo nas localidades em que o *tu* é favorecido. Nessas localidades, observa-se o movimento de retorno do pronome *tu* por meio da faixa etária mais jovem.

Sabendo-se que o pronome *tu* demonstrou ser de uso mais íntimo que o *você* nas localidades estudadas, estudos futuros sobre a variação *tu/você* na região Norte poderão utilizar como estratégia a gravação de diálogos entre dois informantes, tal como realizado por Babilônia e Martins (2011). Dadas as dificuldades de se captar o uso de *tu* em contextos mais íntimos, acredita-se que essa modalidade de *corpus* possa contribuir melhor para o aprofundamento acerca dessa variação pronominal.

Salienta-se, por fim, que, mesmo sabendo das limitações da modalidade entrevista para obtenção de dados de pronomes de segunda pessoa, sobretudo da variante *tu*, fazia-se necessária a pesquisa a partir dos dados do Projeto ALiB, uma vez que sua base de dados cobre todos os estados do país, sendo possível observar um panorama mais geral para

posterior aprofundamento. Ratifica-se, também, a importância de um projeto com tal envergadura, por poder proporcionar fotografias sociolinguísticas e geolinguísticas do português brasileiro em suas diversas áreas. Inclusive, traça-se, aqui, uma fotografia da variação entre os pronomes *tu/você* na região Norte, o que ainda não havia sido feito, considerando todos os estados constituintes da amostra.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ALMEIDA, C. S.; RAUBER, A. L. Oiapoque, aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do Desenvolvimento Regional. **Revista Redes – Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul**, v. 22, n. 1, janeiro-abril, 2017. p. 474-493.
- ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2010.
- ALVES, C. C. B. “Por onde tá ‘o Tu’?” no português falado no Maranhão. **Signum: Estudos da Linguagem**. n. 15/1. Londrina, 2012.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos?** A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- ANDRADE, C. Q. “**A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu**”. 2015. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ARAGÃO, M. S. S.; BEZERRA DE MENEZES, C. P. **Atlas lingüístico da Paraíba**. Brasília: CNPq; João Pessoa: Ed. UFPB, 1984.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes “tu/você” na fala manauara. **Guavira Letras**. Três Lagoas, v.13. n. 1, ago./dez. 2011. p. 49-60.
- BARBADINHO NETO, R. (org.). **Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- BESSA, J. R. F. (Coord.). **Atlas Lingüístico do Ceará**. v. 1 – Introdução. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BIDERMAN, M. T. C. Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, n. 18, p. 339-381, 1972-1973.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia lingüística no Brasil**. São Paulo, Ática: 1991.
- BRASIL, M. C. Os fluxos migratórios na região Norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 13, p. 51-70, 1997.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). **Style in Language**. New York/Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276.

CALLOU, D. Quando Dialectologia e Sociolinguística se encontram. **Estudos linguísticos e literários**. Salvador, n. 41, p. 29-48, janeiro-junho 2010.

CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CAMPOY, J. M. H.; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.

CARDOSO, S. A. M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. Especial, 1999.

CARDOSO, S. A. M. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 25-44, 2001.

CARDOSO, S. A. M. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, Fortaleza, ano 4, n. 2, p. 1-16, 2002.

CARDOSO, S. A. M. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A; CARDOSO, S. A. M. (org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto 2006. p. 15-26.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**. São Paulo, n. 56, p. 855-870, 2012.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da Geolinguística no Brasil. In: **Lingüística**, Montevideo, v. 29, n. 1, jun. 2013.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.

CARDOSO, S. A. Dialectologia. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F. (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 13-22.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de lingüística**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 141-156.

CHAMBERS, J. E.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

COELHO, M. S. V. **Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas**. 1999. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

COMITÊ NACIONAL DO ALiB. **Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil**. Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.

CONTINI, M. Un projet européen de géolinguistique: l'Atlas Linguistique Roman. *In*: MOUTON, P. G. (org.) **Geolinguística**. Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994, p. 97-110.

COSERIU, E. **La geografía lingüística**. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, 1965.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado**. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DUARTE, M. E. L. Aspectos do sistema pronominal do português falado nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DO GT de SOCIOLINGÜÍSTICA DA ANPOLL, 1996, João Pessoa. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL**. Campinas: ANPOLL, 1997, p. 509-541.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, C. A. **The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion**. 1982. 248f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Salford, Salford, 1982.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**. Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 3, n. 2, p. 108-113, 2017.

FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. *In*: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (trad. de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola, 2006.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo, Cortez: 2011. v. 3. p. 27-52.

FERREIRA, C. et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: EDUFBA; Aracaju: Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. **A Dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FRANCESCHINI, L. O uso dos pronomes pessoais tu/você em Concórdia – SC. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba, 2011.
- GALDINO, L. K.; SILVA, E.V.; GORAYEB, A. Espaço e tempo na Amazônia Setentrional: a gênese da formação territorial do Estado de Roraima. **Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas**. Macapá, n. 9, 2017, p. 133-146.
- GOMES, S. F. **Línguas em extinção: estudo de um patois franco-provençal**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística das formas você, ocê e cê no português**. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós Graduação em Semiótica e Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUIMARÃES, T. A. A. S. **Tu é doido, macho!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.
- GUIMARÃES, T. A. A. S. **Tu e você no falar de Fortaleza: variação e avaliações linguísticas**. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.
- GUY, G. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 19-46.
- GUY, G. Varbrul: análise avançada. In: GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 47-70.
- GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- HERÊNIO, K. K. P. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística**. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- ISQUERDO, A. N; TELES, A. R. A rede de pontos. In: CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas Linguístico do Brasil: v. I. Introdução**. Londrina: EDUEL, 2014. p. 37-78.
- KOCH, W.; KLASSMANN, M.; ALTENHOFEN, C. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2002. 2 v.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Oxford/Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, C.; TUCKER, G. R. (org.). **Sociolinguistics: the essential reading**. Oxford: Blackwell, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. **Journal of social issues**, v. 23, n. 2, 1967, p. 91-109.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De *Vossa Mercê a você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (org.). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 61-76.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**. Lisboa: Colibri, 1998.

LUCCHESI, D. Norma Lingüística e realidade social. *In*: BAGNO, M. (org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 63-90.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996[1934].

MARTINS, G. F. **A alternância tu/você/senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas**. 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**. Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância “tu/você” na cidade de Santos-SP**. 2006. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

- MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NASCENTES, A. O tratamento de “você” no Brasil. **Letras**. Curitiba, n. 5/6, p. 114-122, 1956.
- NOGUEIRA, F. M. S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- OLIVEIRA, D. P. (org.) **Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, Josane Moreira. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 254. Tese (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PAIM, M. M. T. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019.
- PAIVA B. M. **Introdução ao estudo da filologia portuguesa**. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). 3. ed. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-42.
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 160-169.
- PEREIRA, I. S. O.; LIMA, P. C.. Reurbanização e localização – Projetos que contribuem para a valorização das baixadas de Belém. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12/2007 – Belém. **Anais**. Belém: Campus Universitário do Guamá, 2007.
- POPLACK, S. The Notion of the Plural in Puerto Rican Spanish: Competing Constraints on /s/ Deletion. In: LABOV, W (Ed.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.
- RAZKY, A. **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (ALISPA)**. v. 1. Belém: CAPES/UFPA/UTM, 2004. 1 CD-ROM.
- RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. R.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Nova York: University of York, 2001.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. *In: MOTA, J.; OLIVEIRA, J.; PAIM, M.; RIBEIRO, S. (org.). Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 11-40.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo lingüístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você” *In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. *In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 147-177.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da Abralin*. Curitiba, v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146, 1ª parte, 2011.

SILVA, S. C. *A variação dos pronomes tu e você na fala mineira de Ressaquinha (MG)*. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

SILVA, S. O. P. *A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité da Nóia/AL*. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Georgetown University Press, Washington, D. C., United States of América, 2001.

SOARES, I. C.; LEAL, M. G. F. *Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança*. *Revista do curso de Mestrado*. n. 1. p. 27-64, mar./set. Belém, 1993.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2011.

THUN, H. Introduction à la table ronde. *In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES*, 22, 1998, Bruxelles. *Actes...* Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 407-409.

TRUDGILL, P. Sexo e prestígio lingüístico. *In*: AEBISCHER, V.; FOREL, C. (org.). **Falas masculinas, falas femininas?** Trad. de Celene M. Cruz et al. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 77-101.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação tu e você em Maceió, Alagoas. **Todas as Letras**. São Paulo, v. 20, n. 2, p. 85-99, maio/ago. 2018.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). 3. ed. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, V. A. (org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. UEL, 1998.